

A virgem da Hungria

**Étienne-Léon Lamothe-
Langon**

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

A virgem da Hungria

**Étienne-Léon Lamothe-
Langon**



A VIRGEM DA HUNGRIA (a mulher vampiro)

romance de
Étienne-Léon Lamothe-Langon

(zero papel)

**A virgem da Hungria, ou a mulher
vampiro**

Romance de
Étienne Léon de Lamothe-Langon

(zero papel)

EDIÇÕES DIGITAIS

2012

Regarde, Edmond, c'est moi, dit elle:

Moi qui t'aimai, que tu trompas;

Moi dont la tendresse fidèle

Vit encore après le trèpas.

Romance de Margarita, par M. de Jouy.

Introdução

O quadro das muitas superstições, que ainda se toleram em diversas partes da Europa, não deixará por certo de dar vasto assunto à pública curiosidade. É

principalmente na Hungria, na Morávia, no Épiro, e nas ilhas da Grécia, onde se acham mais arreigadas estas crenças ridículas: ali se acredita com cegueira obstinada nos *vampiros*, nesses entes misteriosos, que, não pertencendo, nem à morte, nem à vida, se acham contudo ligados a uma e a outra; a esses canibais do sepulcro, que possuídos dum infernal apetite, que antes não tinham, se deleitam em sorver o sangue humano, para contentar a horrível sede que os devora, e para trazer mesmo ao seio de suas próprias famílias o terror e a desolação!

Os *vampiros*, segundo aquelas crenças, são conhecidos desde a mais remota antiguidade: não foi decerto nas épocas modernas que se inventaram.

Os antigos, para satisfazerem o apetite dos mortos, colocavam nos cemitérios quantidade de mesas, cobertas de diversos manjares, e de vinhos esquisitos: grande número de autores gregos e latinos o confirma. Os primeiros cristãos ainda conservaram por muito tempo esta ridícula usança, que Santa Mónica, mãe do célebre bispo de Hipona, ainda quis (depois da morte de seu filho) propagar pela Itália. Tertuliano, no seu tratado de *Resurrectio. Initio*, censura asperamente os pagãos por acreditarem, que os mortos tinham precisão de comer. É

indubitável, que ainda hoje se encontram nas escavações dos antigos jazigos, onde descansavam os idólatras, e os mesmos cristãos da antiga igreja, diversos vasos de porcelana, ou de vidro, contendo as ossadas de alguns quadrúpedes e de diferentes aves, que sem dúvida tinham sido oferecidas aos finados, para seu regalo!

Essa opinião supersticiosa, de que muitos cadáveres conservavam ainda alguma porção da sua existência, data por consequência de tempos muito

remotos: ainda hoje, em quase todos os povos do mundo, se acha ela mais ou menos inveterada; contou, e ainda conta entre elevados personagens, numerosos partidários, que pretendem apoiar-se em quantidade de ótimos documentos, que (dizem eles) se acham revestidos de todos os caracteres de autenticidade!

Permita-se-lhes muito embora que assim o acreditem; mas o certo é, que o número dos incrédulos é muito mais considerável.

Entre os mais célebres *vampiros*, que apareceram nos primeiros tempos da religião revelada, o mais conhecido, ou para dizer melhor, a mais conhecida, porque era uma mulher, foi aquele de quem Flégon nos oferece a extravagante história no seu tratado das *Coisas maravilhosas*.

Pretende ele que em Trallés, na Ásia, abandonara uma rapariga a sua derradeira morada, para vir passar todas as noites com Machates, seu amante; que este trato continuara até ao momento em que sua mãe a surpreendera: foi então que caindo por terra, havendo-lhe reprochado a ventura que perdia por causa da sua aparição, soltou definitivamente o último suspiro! Correram logo ao mausoléu, onde a tinham encerrado; estava vazio; mas acharam dentro uma taça de ouro e um anel de ferro, que Machates tinha dado a Filinniun na véspera do seu trespassse! Flégon pretende ter sido testemunha ocular dum tão extraordinário acontecimento; e ainda que depois o escrevesse para oferecer ao imperador Adriano, nós não podemos admiti-lo sem o mais profundo exame.

Em tempos mais modernos, também se pretendeu certificar a existência dos *vampiros*. Eis aqui alguns exemplos que D. Calmet nos oferece, a este respeito, no seu tratado das *Aparições e Duendes*, que tanto têm assolado a supersticiosa Hungria.

«No princípio do mês de setembro de 1737, faleceu na vila de Kilílova, a três léguas de Gradiska, um velho de sessenta e dois anos de idade. Três dias, depois de ser enterrado, apareceu uma noite a seu filho,

pedindo-lhe de comer; e obedecendo-lhe este, ainda que horrorizado, viu-o desaparecer logo que concluiu a sua comida! No seguinte dia contou o filho aos vizinhos, o que lhe acontecera: nessa noite não tornou o pai a aparecer; mas na seguinte, apresentou-se-lhe de novo, pedindo-lhe satisfizesse outra vez o seu apetite! Ignora-se se o filho lhe obedeceu ou não; mas o certo é, que no dia seguinte foram encontrar o infeliz morto na sua cama, caindo ao mesmo tempo mais cinco ou seis pessoas gravemente enfermas, que todas morreram pouco tempo depois! O oficial ou

balio do lugar, sendo informado deste desastroso sucesso, o comunicou imediatamente ao tribunal de Belgrado, que lhe mandou logo dois oficiais e um carrasco para investigarem sobre o facto. Procederam à abertura dos túmulos, daquelas pessoas, que neles tinham sido recentemente enterradas. Quando chegaram ao do velho, encontraram-no com os olhos abertos, avermelhado, com a respiração natural, mas, sem movimento algum; o que lhes fez acreditar que era um assinalado *vampiro*! O carrasco enterrou-lhe aguda estaca no coração; fez-se uma fogueira, e nela reduziram a cinzas o hediondo cadáver...»

«Em 1729 ou 1730, um certo soldado húngaro, habitante de Medreiga, foi esmagado por uma carrada de feno. Trinta dias depois da sua morte, faleceram de súbito quatro pessoas, com todos os sinais (segundo pretendiam os moradores daquele lugar) de haverem sido cruelmente molestadas pelos *vampiros*!

Lembraram-se então, que Arnold Paul (o mesmo de quem acima falámos), contava muitas vezes, que nos subúrbios da Cassoura, sobre as fronteiras da Sérvia turca, fora também atormentado por um *vampiro* turco (acreditam igualmente aqueles povos, que as pessoas, que durante a vida são *vampiros* pacíficos, se tornam em ativos depois da morte; isto é, que aqueles que chuparam alguma coisa enquanto vivos, ainda pretendem chupar depois de mortos!); mas, dizia o tal Arnold, que achara um remédio infalível para se curar, que consistia em comer uma porção de terra, pertencente ao sepulcro onde o *vampiro* fora enterrado, untando-se, ao mesmo tempo, com o sangue do monstro; todavia esta precaução não pôde livrá-lo de que, sendo exumado, quarenta dias depois da sua morte, se descobrissem sobre seu cadáver todos os sintomas dum *arquivampiro*! O seu corpo estava purpurino; seus cabelos, unhas e barba tinham-se renovado; e suas veias estavam prenhes de um sangue fluido, que gotejava de todos os seus membros sobre o lençol em que estava amortalhado! O

hadnagy ou balio do lugar, na presença do qual se fazia a exumação, e

que era experimentado na arte do *vampirismo*, mandou se cravasse no coração do defunto Arnold Paul, como era costume, uma aguçada estaca, que o trespassou de lado a lado, e que (segundo dizia aquela pobre gente) o fizera soltar espantoso grito, como se realmente tivesse vida... Concluída esta operação, deceparam-lhe a cabeça, e reduziram tudo a cinzas!...»

«Em 1813, um soldado que se achava aquartelado em casa de um paisano *haldamaque*, na fronteira da Hungria, pretende que vira entrar, na ocasião em que se achava à mesa com o patrão, um desconhecido, o qual se assentou junto a ele, principiando também a comer sem a menor cerimónia! O dono da casa ficou aterrado, assim como as mais pessoas que se achavam presentes. O soldado

estava como interdito, ignorando a causa de tanta confusão; mas, havendo falecido no seguinte dia o mesmo dono da casa, soube o soldado que o desconhecido, que se assentara ao lado deste, era seu pai, que tinha sido enterrado havia dez anos, sendo ele quem causara a morte de seu filho!

O soldado espalhou logo esta notícia pelo regimento, a qual chegou pouco depois aos ouvidos do general, que ordenou ao conde de Cabrerias, capitão do regimento de infantaria de Alandetti, para o informar circunstanciadamente sobre o facto. Transportando-se pois este oficial sobre o sítio indicado, em companhia de outros camaradas, de um cirurgião, e de um auditor, trataram logo de colher o depoimento de todas as pessoas da família, que unânimes atestaram, que o *ressuscitado* era com efeito pai do dono da casa, e que tudo quanto dissera o soldado era verdade!

Em consequência fizeram desenterrar o corpo deste espectro; encontraram-no como um homem que acabava de expirar, e seu sangue como se ainda estivesse vivo! O conde de Cabrerias fez-lhe cortar a cabeça, e ordenou que assim tornasse a ser enterrado! Fez depois o seu relatório ao general: este o transmitiu à corte do imperador, o qual ordenou que se enviassem logo àquele lugar oficiais de guerra, de justiça, médicos, cirurgiões, e alguns sábios, a fim de examinarem com toda a atenção as causas de tão extraordinários acontecimentos.»

Porém todos esses *vampiros* de quem temos falado, devem ceder a palma a outro, de quem o venerável D. Calmet, nos transmitiu os malefícios, e sobretudo a insolência. Terminaremos pois narrando a sua história.

«Um pastor da aldeia de Blou junto à vila de Shadan, na Boémia, apareceu durante algum tempo depois da sua morte: falou com diversas pessoas, que nenhuma delas viveu mais de oito dias! Os camponeses de Blou desenterraram o corpo deste pastor, e por meio de uma estaca com que o passaram de lado a lado, o cravaram sobre a terra; mas ele zombava daqueles que assim o tratavam, dizendo-lhes, que muita mercê lhe faziam em lhe dar uma estaca para com ela se defender dos animais que o perseguissem! Nessa mesma noite tornou a levantar-se; atemorizou muitas pessoas, sufocando ainda muito maior número delas, do que até ali havia feito! Entregaram-no depois ao carrasco, que o colocou sobre um carro para ser conduzido fora do lugar, onde deveria ser queimado. O

cadáver berrava com fúria infernal; estrebuchava com pés e mãos, como se ainda estivesse vivo!... Quando de novo o trespassaram com agudas estacas, soltou terrível grito, derramando abundância de denegrido sangue!... As chamas o

consumiram finalmente, e esta terrível execução pôs termo às aparições do medonho espectro!»

Eis aqui mais do que seria necessário para instruir os leitores de que os *vampiros*, a que também chamam *excomungados*, *lobisomens*, *duendes*, etc., têm representado, e continuam talvez a representar, entre os povos supersticiosos, importantes cenas. Desgraçadamente os séculos mais esclarecidos ainda não puderam banir de todo o fanatismo e a superstição. O espírito humano é sempre o mesmo; umas vezes nega a existência de um objeto, outras o acredita e reverencia; cético, a respeito dos principais dogmas da religião, acredita cegamente nas extravagâncias da astrologia, nas peloticas dos charlatães, e na infalibilidade da *buena-dicha*. Tudo se confunde dentro de nossos cérebros, admirável recetáculo de quanto existe de mais contraditório, assim como das concepções as mais extravagantes!

É sobretudo nos campos, onde se depara grande número de crédulos, sempre dispostos a abraçar quanto lhes parece sair das verdadeiras regras da natureza. A simplicidade da rústica existência dos aldeões parece suscitar-lhes a necessidade de lançar a sua imaginação no meio desse oceano sem limites, de quanto há de mais fantástico e maravilhoso. Deleitam-se em simples quimeras, ouvindo a narração de contos terríveis e fabulosos!

Ostentam grande soma de práticas supersticiosas, nas quais encontram a sua consolação e o seu apoio! Povoam os velhos castelos, as fundas cavernas, as florestas solitárias, os escarpados rochedos, duma

multidão de fantasmas, de génios, de fadas, de feiticeiros, e de mágicos, que fazem mover a seu bel-prazer, e pelos quais sabem explicar, todos os acontecimentos, e todas as coisas, que eles mesmos não são capazes de definir. É por isso, que entre eles se acolhem com mais avidez as narrações em que figuram as almas do outro mundo, e outras inteligências superiores à humanidade! Os *vampiros*, por exemplo, nunca quiseram habitar as grandes cidades, ou outros lugares em que resida a alta sociedade; isto é, aqueles que possuem maior instrução e mais vastos conhecimentos; buscam pelo contrário os países mais selvagens e ignorantes, ou as aldeias mais remotas e miseráveis. É só ali, onde podem fazer afoitamente as suas excursões, sem receio de serem desmascarados; é ali que sabem intimidar os espíritos fracos e pusilânimes; e é por este modo que conseguem iludir os homens, que se fossem mais instruídos, repeliriam com indignação suas ridículas imposturas; mas, desgraçadamente, para satisfazer certos interesses, convém que estes prejuízos ainda se tolerem!...

E porque não acreditaremos nós também na existência dos *vampiros*?

Porventura não foram eles acreditados por tantos personagens distintos? D.

Calmet, por exemplo, não se comprazia em comprovar a sua existência?... É

verdade que Voltaire o escarneceu; e nós, costumados a imitar as macaquices dos estrangeiros, adotámos cegamente a opinião deste famoso escritor! Rimo-nos dos *vampiros*; e o mesmo lord Byron não pôde mudar a nossa opinião a este respeito!... Pois bem, caro leitor, não receamos dizê-lo, o autor de *Mérope* não tinha razão; o frade beneditino havia profundado mais esta matéria; nós nos lisonjeamos de assim o provar, chamando unicamente a vossa atenção para o que na época atual se passa entre nós.

Não são porventura *vampiros* puritanos, insaciáveis do nosso sangue, esses famosos conquistadores, ruína das nações, flagelo da humanidade? Não deparamos a cada passo com homens ávidos de nossas fadigas e suor, que ainda acham muito ligeiro o peso enorme com que nos esmagam?

Julgais vós, que esses miseráveis, que correm pelas vilas e aldeias, vexando os desgraçados habitantes, com suas injustiças e maus tratos, não sejam verdadeiros *vampiros*? E aquele que se acha colocado em lugar eminente, e que deparando no meio da sua carreira com a virtude oprimida, com a inocência abandonada, as esmaga debaixo de

seus corcéis, as sufoca com o peso do ouro que o adorna, não será também um *vampiro*... um infame?...

Julgais acaso, que o banqueiro, que alimenta uma casa de jogo, onde se absorvem tantas fortunas, onde se perdem tão meritórias reputações, não figura na lista dos principais *vampiros*?

No centro das mais opulentas capitais, nos lugares mais obscuros, quer de noite, quer de dia, não encontramos nós muitos *vampiros* que, cobertos com a máscara sedutora da hipocrisia, ocultam um coração perverso, palpitante dos vícios e das inclinações mais abjetas?... Serão estes outra coisa mais do que *vampiros*, verdadeira escória da sociedade?

Finalmente por toda a parte não vemos mais do que *vampiros*: encontram-se adornados com as vestes venerandas do sacerdócio, com a toga do magistrado, com a brilhante farda do militar, e com a charpa respeitável do comando!... O

seu maior número avulta entre os fornecedores, e os grandes empresários; entre os agentes da justiça, entre os agiotas, e até mesmo entre os facultativos!...

A virgem da Hungria ou a mulher

vampiro

Capítulo I

Iméritas e imprevistas calamidades, obrigaram o coronel Eduardo Delmont a abandonar, em 1815, a terra do seu nascimento. Esta terra era a opulenta cidade de Paris, a capital do mundo inteiro, onde ele vivamente desejava passar o resto de seus dias; mas a fortuna, que tudo move a seu bel-prazer, não quis permitir-lhe esta ventura. Eduardo, depois da segunda entrada dos Bourbons, pediu precipitadamente a sua demissão, e com os olhos inundados de lágrimas, que a custo podia conter, anunciou a sua mulher, que uma imperiosa necessidade os obrigava a buscar longe de Paris, e mesmo de Lyon, onde ela nascera, um canto de terra isolado, onde pudessem viver no pacífico remanso da solidão.

Esta notícia aterrou *madame* Delmont, sem contudo lhe causar vivas inquietações. Amava seu marido; ele a amava igualmente; seus filhos faziam as delícias do seu coração; as ocupações domésticas, as belas artes que cultivava; tudo isto era suficiente, para ocupar, em qualquer parte onde se achasse, os momentos que pudessem restar-lhe dos

doces e sagrados deveres da maternidade: não fez portanto, a seu marido a mais pequena reflexão sobre o discurso que acabava de lhe dirigir; limitou-se unicamente a fazer-lhe algumas perguntas, assaz naturais, a respeito da súbita resolução que tomava; nascidas todas elas do receio que tinha, de que alguma falta política houvesse comprometido o coronel.

Sossegada completamente sobre este objeto, e instruída, de que algumas especulações particulares eram o único motivo, que tornava necessário um retiro de alguns anos, abraçou ternamente seu esposo, jurando-lhe, que de bom grado preferiria o descanso da solidão, ao tumulto de Paris.

O empenho que Delmont mostrava em precipitar o momento da sua partida, era na verdade extraordinário: nem sequer quis assistir à venda da sua rica mobília. Encarregou um amigo para o representar neste negócio; e no imediato dia àquele em que comunicou a sua mulher o seu projeto, partiu na companhia dela e de seus filhos, levando apenas um único doméstico, e sem se haver

despedido das poucas pessoas que formavam o pequeno círculo das suas relações!

Depois de haver saído das barreiras de Paris, parecia Eduardo mais desafogado, e como se um enorme peso o tivesse aliviado. Seus olhares, que vagueavam com uma espécie de inquietação, enquanto atravessava Paris, tomaram certa expressão mais tranquila, logo que puderam contemplar a amenidade dos campos. Parecia que respirava mais livremente, e apertando com extremo a mão de sua mulher, assim lhe dizia:

— Eis-nos finalmente livres dessa cidade tumultuosa, onde se reúnem alternativamente todos os povos do universo: quanto me tardava o momento de franquear seus muros, e de lhe dizer de longe um eterno adeus!

— Por que motivo, meu amigo — lhe disse ela, — vos explicais por semelhante modo? Não é porventura Paris o berço que vos viu nascer? Acaso perderia para vós, esta soberba capital, os atrativos que outrora vos oferecia?

Com que entusiasmo não exaltáveis vós as suas belezas! Não é ela porventura a mesma cidade? E ainda que as nossas circunstâncias tivessem mudado, seria isso motivo para vos desgostardes tão singularmente duma terra, que ainda há pouco fazia as vossas maiores

delícias?

— Sim, é verdade — replicou o coronel; — confesso não poder hoje suportar a presença desse lugar, que tanto me encantava. Os acontecimentos que se têm sucedido com tanta rapidez; a profanação desta cidade pela presença de inimigos, tantas vezes vencidos; o furor dos partidos que tão velozmente se tem ateado; as diversas opiniões desunindo corações tão perfeitamente de acordo; tudo isto me tem inspirado a mais entranhável aversão pelo solo natal!... Essa magia de Paris desapareceu para mim: não a considero hoje senão como cidade ordinária, onde me fora impossível, principalmente neste momento, continuar a residir.

— Tranquilizai-vos, pois, meu amigo: os vossos desejos acham-se satisfeitos; que o céu vos depare na cidade, onde vamos habitar, o sossego e a satisfação, que Paris não podia oferecer-vos!...

— De que cidade falais vós?...

— Falo daquela, onde provavelmente nos fixaremos... Eis-nos aqui sobre a estrada do meio-dia: qual será o termo da nossa viagem? Será em Bordéus, em

Tolosa, em Tarbes, ou em Pó?

— Ai! minha cara Helena (assim se chamava sua esposa) — replicou o coronel com algum desconcerto: — receio constranger-vos a consumir completamente o sacrifício!... Julgais porventura que sairia de Paris, para ir habitar outra cidade, no meio do ruído da multidão, sempre importuna? Que me resolva a estabelecer em grandes povoações, onde passa todos os dias considerável número de estrangeiros, que seus negócios, ou curiosidade obrigam a viajar pelo interior da França? Não, jamais: conheço que na situação em que me acho, só a solidão me pode convir. Tende a incomparável bondade de vos não queixardes da minha resolução tirânica: quero buscar uma quinta isolada, onde ninguém possa recordar-me o passado, e sobretudo...

Corou de repente, suspendendo a frase que ia continuar, e lançando sobre Helena um indefinível olhar que, com efeito, inculcava as mais íntimas e dolorosas recordações.

Helena talvez se assustasse, se acaso pudesse acreditar, que motivos secretos poderiam produzir os profundos pesares que Delmont parecia inculcar: sabia que as desgraças da França magoavam, não pouco, seu coração; conhecia também as mortificações que o ralavam, vendo-se privado de várias propriedades que lhe pertenciam, e por

consequência de dar a seus filhos a brilhante educação que lhes havia destinado. Sabia do mesmo modo avaliar a ternura que lhe consagrava; ocultava-lhe portanto o pesar que sentia de se ver privada da sociedade, e dos prazeres do mundo, que na sua idade não podiam deixar de lhe ser gratos: portanto, sem profundar mais esta matéria, tomando carinhosamente a mão de seu marido, assim lhe disse:

— Sossegai, meu amigo: as saudades de Paris não me mortificam. Será para mim indiferente qualquer pequeno torrão que pisarmos: tenho-vos a meu lado, nossos filhos nos acompanham, transporto a minha harpa, os meus pincéis... que mais posso desejar? Onde me será vedada a verdadeira felicidade?

— Como! querida minha. Pois a solidão de uma quinta não vos assusta?

— Assustar-me-ia, se porventura me achasse separada dos entes que neste mundo me são mais caros; na companhia deles, a vida me será sempre agradável e deleitosa!

— Oh! de que cruel tormento me não sinto aliviado! Creio-vos sincera, minha amiga; não duvido de que as vossas palavras não sejam as expressões dos puros sentimentos do vosso coração. Pois bem! não vo-lo ocultarei; preciso evitar o tumulto que nos rodeia. É a solidão de um deserto, o que mais convém ao meu espírito: preciso portanto, para me tranquilizar, de um abrigo que me ponha a coberto da tempestade que me ameaçava; não convém que seja nem próximo de uma cidade, para que aí nos não venham atormentar, nem tão pouco muito distante dela, para que nos privemos de alguns socorros, que possa reclamar a nossa saúde, a de Eugénio e Julieta (eram os nomes de seus filhos, ainda muito jovens).

— E onde julgas poder encontrar esse retiro, Eduardo?

— Pouco distante de Tolosa.

— Parece-me que durante as vossas campanhas, nunca habitastes essa cidade? Tendes aí algumas relações? Já fixastes definitivamente o lugar que devemos habitar?

— Ainda não. Ignoro qual ele seja; o acaso há de proporcionar-mo: dirijo-me para perto de Tolosa, pela única razão de ser inteiramente desconhecido nesta cidade, e por isso que perdendo-se de mim o rasto, ninguém irá ali surpreender-me... a vista dos homens me é odiosa neste momento!... Oh! quanto não quisera eu haver perdido a

memória do passado!... Quanto não desejara, minha cara Helena, haver só vivido para vós!...

Estas amorosas palavras, que por certo deviam lisonjear *madame* Delmont, produziram em seu coração um sentimento inteiramente contrário. O modo com que seu esposo as pronunciara, parecia uma acre repreensão que a si mesmo fazia: a sua fisionomia manifestava naquele momento sinais evidentes dessa agitação da alma, que aos olhos de perspicaz observador é muito mais expressiva do que os mais eloquentes discursos. Helena, ainda que esposa, amava seu marido, como nos primeiros dias do seu himeneu. Nenhum sentimento de ciúme havia ainda torturado seu coração, porque os desvelos e carinhos de Delmont lhe haviam provado, que só ela ocupava toda a sua imaginação; mas esta placidez podia ser de um a outro momento alterada! Helena jamais quis indagar a vida de seu marido, antes do dia, que pela primeira vez se conheceram: sabia perfeitamente que um jovem e agradável militar não podia estar isento dessas aventuras de galanteio, em cuja ciência não são pouco profundos; mas ao mesmo tempo comprazia-se em acreditar, que a velocidade com que os exércitos

franceses tinham percorrido a Europa inteira, não havia permitido aos bravos, que os compunham, de alimentar por muito tempo essas intrigas de amor, e de se abandonarem a esses sentimentos de alma, que só podem ser perigosos, quando se cultivam por muito tempo. Helena vivia, portanto, sobre este objeto, isenta de cuidados; contudo, no momento em que o coronel lhe falava, uma fatal ideia lhe fazia acreditar, que alguma dessas intrigas, ainda que remota, não deixava de ter grande parte em uma viagem, que mais se assemelhava a uma fuga!

Quaisquer que fossem as ideias de *madame* Delmont a este respeito, julgou conveniente não expendê-las: diligenciava mesmo repeli-las, encetando uma conversação sobre a história do país que deviam habitar, e cuja celebridade ecoava na Europa inteira.

— Não devemos recluir — dizia o coronel, — a exaltação dos partidos, nesta província da França: não vimos aqui para tomar parte nas suas criminosas intrigas, ou vinganças injustas; vimos procurar a paz e o descanso; satisfaremos a todos os deveres do cidadão probo, obedeceremos fielmente às leis, sem jamais nos queixarmos das autoridades: seria para deplorar, que vigiando com tanto esmero sobre a nossa conduta, servisse ela de pretexto aos furores dos inquisidores do nosso pensamento. Além disso, no meio dos campos, isolados em uma quinta solitária, quem se atrevera a acusar as nossas ações? Nada

receeis a este respeito, minha boa amiga, a prudência há de preservá-
nos de qualquer perigo.

Os filhinhos, enjoados de ouvirem uma conversação que não podiam
partilhar, interromperam-na, neste lugar, fazendo a seus caros pais
algumas observações, relativas ao país que atravessavam. Delmont,
querendo satisfazer à sua engraçada e inocente loquacidade, voltou
para eles sua paternal atenção, enquanto sua esposa buscava, com
perspicácia, descobrir em suas feições, os sentimentos que se
albergavam em sua alma, sem que lhe fosse possível adivinhar o
motivos dos risos sardônicos, das contrações de músculos, que
imprimiam alternativamente um singular caráter sobre a bela e
distinta fisionomia do coronel. Ela possuía a necessária perspicácia
para atribuir aquelas emoções de alma, a simples projetos de fortuna:
a do coronel era assaz suficiente para que a perda de uma pequena
fração pudesse afetá-lo por semelhante modo.

Quanto mais Helena procurava penetrar este mistério, tanto maior era
o labirinto em que se achava embrenhada, e seu rosto encantador
parecia obscurecer-se, mau grado seu, com a mais cruel melancolia.
Delmont facilmente

o conheceu; e atribuindo esta espécie de mortificação à sua partida de
Paris, procurou logo, por meio dos mais assíduos desvelos, dissipar os
negros pesares que oprimiam a amargurada esposa: não lhe custou
muito em satisfazer o seu desejo. Helena, penhorada pelos cuidados e
terna solicitude de seu marido, querendo evitar os terríveis efeitos de
suas melancólicas conjeturas, resolveu-se a esquecer o passado; e
entregando-se toda à situação em que existia, só cogitava em saborear
a doce satisfação de se ver no meio de seus queridos filhos e de seu
marido.

Nesta tão agradável consideração, facilmente desaparecem os
cuidados e aflições que tantas vezes nos oprimem!...

Que bálsamo tão salutar não derrama ela sobre o coração de uma
mãe!

Quanto se não tornam suaves as penas que momentaneamente
sentimos, quando o amor conjugal, abraçado com o amor paternal, o
ajuda a banir para longe do coração as inquietações que o maltratam!

Capítulo II

Tão depressa chegou a Tolosa, principiou logo o coronel Delmont a
diligenciar o retiro que desejava. Para esse fim dirigiu-se a um notário,

pedindo-lhe esclarecimentos sobre alguma propriedade, que se achasse mais isolada, longe das estradas principais, mas que não fosse demasiadamente desviada da cidade. O acaso lhe facilitou essa aquisição. O dono do castelo de R *** situado num dos mais férteis distritos do Languedoc, e pouco distante de Tolosa, não habitava, havia muitos anos, este antigo edifício: tinha procurado em vão alguns amadores da vida campesina, que quisessem habitá-lo; mas ainda até ali se lhe não tinha apresentado algum. Foi por isso que facilmente anuiu a todas as proposições, que lhe fez Delmont, o qual, instruído de que aquela mansão se achava para alugar, tinha ido visitá-la, e ficara encantado da sua situação, e mais comodidades que lhe oferecia.

Concluído o arrendamento, saiu o coronel imediatamente de Tolosa, com a sua família, para ir ocupar o castelo de R ***, mandando transportar, após ele, os móveis necessários para seu serviço: eram simples, mas cómodos; a sua elegância substituía o luxo, que se acha em pouca harmonia com as belezas da natureza, Acompanhava-os um velho sargento do regimento de Delmont, chamado Raul, bravo militar, que devia a vida ao seu coronel, e que havendo obtido a sua baixa, se determinara a partilhar a sua sorte, e o servia mais como amigo do que como doméstico. Uma cozinheira, que tomaram em Tolosa, e uma aia para a *madame*, completavam a família de Delmont. Helena e seu esposo, tinham renunciado inteiramente ao fausto e às grandezas, nada disto já podia oferecer-lhes o mais pequeno atrativo.

Os primeiros dias da sua estada no castelo, foram empregados nos exercícios necessários aos arranjos de uma nova habitação: era mister que todos trabalhassem, por isso que os domésticos eram poucos; e o arranjo do interior da casa ficou ao cuidado do coronel, e do intrépido Raul. Foram eles, que colocaram os papéis, que dispuseram os espelhos e os móveis, e armaram os leitos: suas mãos costumadas a manejar as armas, serviam-se habilmente dos

instrumentos apropriados àqueles trabalhos.

Helena, da sua parte, não ficava em ociosidade: ocupava-se de tudo que dizia respeito às roupas e outros objetos domésticos; nada negligenciava; e ambos os esposos trabalhavam, sem se esquecerem de derramar em seus corações a grata efusão da sua ternura, e da mais recíproca confiança.

Todavia, no meio de tão suaves tarefas, um estremecimento involuntário se apoderava do coronel: sinistra melancolia parecia inculcar em sua alma a existência de algum pesar secreto; e muitas vezes, Helena se via obrigada a voltar os olhos, para evitar a seu

marido o desgosto de lhe dar a conhecer que ela também sentia as penas que o agitavam.

Outras vezes, ele parecia sossegado e satisfeito. A presença de seus filhos encantava-o; gostava de os ver brincar, e ele mesmo se misturava algumas vezes a seus jogos folgazões e infantis! Ora se entretinha com a sua flauta, em que era eminente; ora, acompanhado de seus cães, percorria as numerosas colinas, de que aquele país tanto abunda. Era então, que embrenhando-se em sombrio bosque, se assentava junto de um carvalho, cruzava os braços sobre o peito, abandonando-se a profundas meditações, que duravam às vezes muitas horas. Só ao declinar do sol, é que a passagem de alguns cultivadores o despertava do seu letargo: batia fortemente sobre a fronte, e tomava, pensativo, o caminho da sua residência.

Achava-se ela situada sobre uma altura, de onde se avistavam as imensas quintas que havia em redor. Ao norte, alongando-se a vista sobre vastos outeiros, lá se divisavam para o horizonte as vilas de Mervilla e de Vigoulet, observando-se ao mesmo tempo no fundo dos vales abundantes searas, campos cultivados com todo o esmero, prados artificiais, e alguns pequenos bosques; restos das imensas florestas, que noutro tempo cobriam aquele distrito.

Ao nascente avistava-se em flanco uma multidão de colinas, que em doces declives iam descendo para a parte de oeste: estavam cobertas de pequenas aldeias e de casas de campo, entre as quais, e a pequena distância do castelo, se distinguia o antigo feudo de Souterrène, ainda guarnecido de suas torres quadradas, construídas nos dois ângulos opostos, e de seus bastiões, colocados nas extremidades contrárias. Apenas existia o edifício do centro, que se conservava intacto, depois de tantos séculos decorridos, enquanto os dos lados, inteiramente arruinados, haviam cedido o lugar às riquezas da agricultura, e a

uma vegetação abundante, que anunciava a fertilidade do solo. De um lado lá se avistava um grupo de cabanas que pareciam formar o âmaguço do concelho; do outro, sobre um pequeno outeiro, também a simples igrejinha, e a casa paroquial, ainda mais modesta. Para a parte do meio-dia, uma cordilheira de pequenas alturas, encobria o curso de Arriège: muitas aldeias, vários estabelecimentos rurais, bosques de vastíssima extensão, ofereciam por toda a parte a perspectiva mais variada e pitoresca; mas tudo isto não podia chegar às belezas que se apresentavam pela parte do poente.

No meio duma vasta planície, via-se o Gerona, plácido e majestoso, passear sua límpida corrente por entre as agradáveis margens que o

guarnecem: os campos, enriquecidos pelo trabalho do lavrador incansável, ofereciam ao longe o aspeto de um jardim interminável, semeado de numerosas fábricas, de lagares, de aldeias, e até de diversas vilas, assaz importantes. O céu, sempre sereno e puro, repercutia suas cores azuladas sobre as cristalinas águas do Gueyenna, ligeiros vapores surgiam de espaço a espaço do seio das águas, desenhando nos ares diversos arabescos; dir-se-ia que era o perfume do aromático incenso, que os habitantes daquele belo país queimavam em honra do Ente Supremo!

O castelo de R ***, construído no reinado de Luís XIII, já tinha perdido a sua magnificência interior. Formava um quadrado, composto de diferentes e vastos edifícios, em cujo centro havia espaçoso pátio. Já não existia dentro das salas e quartos um único móvel; tinham desaparecido as tapeçarias; as portas totalmente arruinadas, as janelas sem vidraças nem contraventos, quase de todo arruinadas, anunciavam, que desde longo tempo se achava esta habitação em completo abandono. Os jardins também já não existiam; estavam reduzidos a campos, semeados de trigo e de cevada, e os fossos que outrora defendiam as muralhas, viam-se inteiramente entulhados: apenas num vizinho bosque se divisavam os restos de algumas compridas alamedas. A vigorosa vegetação, que já não era comprimida pela tesoura do jardineiro, tinha invadido por toda a parte aquele terreno: estendia-se pelos multiplicados canteiros, que com tanto esmero tinham sido traçados; e troncos de árvores, meios quebrados, espinheiros trepadores, opunham multiplicados obstáculos às pessoas que pretendiam percorrer aqueles caminhos, que a natureza ia tornando intransitáveis!

Foi nesta habitação solitária, que a família Delmont veio estabelecer a sua residência. Foi-lhe mister grandes fadigas, para estabelecer nela alguma pequena comodidade: algumas salas foram a custo reparadas; pareciam um acampamento entrincheirado no meio das ruínas duma cidade!

Se *madame* Delmont não possuísse mais do que os gostos fúteis da sociedade, seria sem dúvida muito desgraçada neste asilo. Não tinha sociedade alguma: as pessoas que possuíam algumas quintas, vizinhas do castelo, só vinham habitá-las durante a bela estação do ano; todas residiam em Tolosa, e nenhuma se exporia, durante o mau tempo, a sofrer os rigores de um clima desabrido, e a visitar as campinas do Lauraguais, inteiramente intransitáveis pelo inverno. Mas Helena, como já dissemos, encontrava em si mesma os mais preciosos recursos. A música, a pintura, a excelente escolha das melhores obras, com que o abalizado génio de tantos autores tem enriquecido a humanidade,

eram suficientes meios para se deleitar nesses momentos, que suas tarefas domésticas lhe deixavam livres. Uma vez reproduzia sobre o pano as diversas paisagens, e o sereno céu, que a rodeava; outras, cantava ao som da harpa as composições mais modernas de Alvimare, de Blangini, e de Dugazon, famosos cantores daquela época; ela derramava doces lágrimas com Racine, contemplava as maravilhas da criação do universo com Milton, e vagueava finalmente num mundo imaginário com o célebre Ariosto. Também cultivava outros autores mais graves e mais profundos. Pascal lhe representava ou as misérias do homem, ou a loucura dos diversos partidos: admirava em Bossuet a grandeza da religião, que aprendia a reverenciar nas eloquentes páginas do Cygne de Cambrai.

Um ano decorreu, sem que algum extraordinário acontecimento viesse alterar o sossego em que vivia a família Delmont. Quanto mais se deslizava o tempo, tanto mais descanso e placidez recuperava o coronel; não era acometido por esse mau humor que ainda há pouco o devorava; vivia pois em perfeita tranquilidade; nenhuma recordação dolorosa parecia agitá-lo. Helena considerava-se ditosa com a mudança de seu marido. As suas excursões já não eram tão frequentes; não buscava com tanta tenacidade, como no princípio, a solidão dos bosques, ou a agitação da caça: estava sempre na companhia de sua esposa e de seus filhos, em cuja educação se esmerava; e para se distrair destas doces tarefas, cultivava ele mesmo algumas plantas raras, que tinha trazido de Tolosa.

O inverno, que nestes sítios era assaz rigoroso, não podia inspirar a Helena e a Delmont, o desejo de sair do castelo; e quando as águas do céu haviam alagado as pingues terras que compõem o solo daquele quinhão da França; quando se tornava impossível sair a passeio, era então que o vasto salão do castelo se transformava num círculo ginástico, onde o pai e os filhos se entregavam a saudáveis divertimentos. Grandes e sinceras risadas retumbavam debaixo daqueles tetos, que por tanto tempo se tinham conservado silenciosos: as

horas deslizavam com tanto prazer e utilidade, que facilmente faziam olvidar as torrentes da grossa chuva, que açoitada por fortes furacões, caía sem cessar, fazendo retinir as vidraças e os telhados!

Os serões se passavam em examinar várias coleções de preciosos e instrutivos desenhos; algumas vezes uma história referida por Helena reunia em torno a si um círculo de atenciosos ouvintes, que de olhos fixos e de boca aberta, escutavam avidamente tão interessante narração. Delmont contemplava, cheio de satisfação, este quadro tão

interessante; e mais que nunca ele exclamava:

— Oh! quanto não devem ser lastimados aqueles, que não podem desfrutar completa ventura, sem que amargas recordações os dilacerem!...

Ele decerto não desejava outra mais sublime: o seu coração sentia-se satisfeito, e para cúmulo de felicidade, o passado, ainda algumas vezes doloroso, parecia desaparecer inteiramente da sua lembrança.

Muitos meses se passaram ainda no meio desta grata convivência. Pelo meado de agosto, uma carta recebida por Delmont, veio lançá-lo na mais extraordinária perplexidade! Tinha uma irmã casada com um magistrado de Nantes. Culpas recíprocas entre os esposos, ainda jovens, e talvez ainda escravos das paixões da mocidade, haviam alterado a paz em que viviam, e ocasionado cenas desagradáveis, que todos os dias se reproduziam. Um verdadeiro amigo destes desgraçados, querendo evitar o fatal resultado que parecia ameaçá-los, julgou conveniente prevenir Delmont de quanto se passava, pedindo-lhe que não perdesse um só momento em se apresentar em Nantes: só a sua presença, lhe dizia ele, poderia restituir a harmonia entre cônjuges, quase desunidos.

Esta desagradável confidência contrariava bastante Delmont. Era-lhe muito doloroso separar-se da ventura que gozava, para voltar outra vez ao meio da grande sociedade, que pretendia evitar. Mas ao mesmo tempo seu coração sensível o repreendia severamente, pela indiferença que mostrava para com sua jovem irmã, para com a qual devia preencher os deveres de pai. Sabia quão necessários lhe seriam seus conselhos, que decerto suspenderiam a carreira, que a precipitava num medonho abismo. Por outra parte via-se obrigado a separar-se de sua mulher e de seus filhos, por um tempo indeterminado: este sacrifício era na verdade penoso; ele o fazia vacilar sobre o partido que deveria seguir. Antes de decidir-se, procurou, por meio de correspondência, despertar no coração de *madame* Lemorin (era o nome de sua irmã) os sentimentos de conciliação, que

nele pareciam dormir; mas as representações desta natureza não podiam ser escutadas em um lugar, onde as paixões tumultuosas se haviam arreigado. Os dois esposos, nas respostas que lhe dirigiram, acusavam-se reciprocamente, e não testemunhavam o menor desejo de se conciliarem. Enfim suas querelas tomaram tal incremento, que a irmã de Delmont se resolveu a deixar a companhia de seu marido, para se retirar a certa quinta, que pertencia a uma sua amiga.

Capítulo III

Ao saber esta desagradável nova, o coronel não hesitou um só momento.

Repreendia-se a si mesmo por se haver demorado tanto tempo; julgava-se cúmplice nos erros de sua irmã! Era pois necessário aplicar-lhe pronto remédio; e havendo consultado a opinião de Helena, que em tudo se conformava com a sua, tomou o caminho de Tolosa, certo de que nesta cidade encontraria logo os meios necessários para se transportar a Nantes. Partiu sozinho, deixando na companhia de sua mulher e filhos o probo e valoroso Raul, a quem considerava como verdadeiro irmão, como sincero amigo. Helena custou-lhe muito esta cruel e primeira separação; mas reprimindo corajosamente a sua dor, apenas testemunhava aquele sentimento de saudade, que lhe era impossível ocultar...

— Oh meu amigo! — lhe disse ela, derramando copiosas lágrimas; — não vos demorareis muito tempo; apressai-vos em voltar aos meus braços. E agora que esta habitação se tornará para mim a mais cruel e negra solidão; considerar-me-ei sozinha desde o momento em que nela vos não veja!...

Delmont procurou derramar algumas gotas de bálsamo consolador no aflito e amargurado coração de sua esposa; achavam-se no fim de setembro; prometeu-lhe, que o de dezembro seria a época mais distante do seu regresso, e que ela devia confiar na sua ternura, para se persuadir que ele voltaria o mais breve que lhe fosse possível. Mas no momento da despedida, no instante de pronunciar o último adeus, todas as consolações se tornam inúteis, e não fazem mais do que agravar a dor de dois corações amantes que se desprendem! O mal presente nos aterra; o futuro não pode seduzir-nos; a esperança perde toda a sua magia; não sentimos, não conhecemos senão as torturas do momento!...

Os primeiros dias que se seguiram à partida de Delmont deixaram Helena na mais completa apatia. Seu espírito, impressionado por mil sinistras ideias, tornou-se suscetível dos receios mais supersticiosos. Já não subia de noite as escadas do castelo, nem se atrevia a atravessar o grande salão, sem que se sentisse acometida de terror secreto, e da mais viva comoção. A nossa

imaginação, sempre solícita em reproduzir-nos quanto possa assustar-nos, duplicava seus esforços, para encher de terror a alma inconsolável da infeliz Helena. Pouco bastava para fazê-la estremecer; parava

muitas vezes, toda convulsa, julgando ouvir algum ruído medonho, ou extraordinário; outras, ela fechava os olhos, como quem queria evitar alguma sinistra aparição! A companhia de seus filhinhos não era suficiente, para sossegá-la, durante os serões, que principiavam já a ser muito longos e enfadonhos. Chamava então Raul; fazia assentar junto a si Germana (sua cozinheira); mas esta pobre rapariga era muito suscetível em acreditar quanto podem imaginar espíritos fracos e sem nenhuma instrução. Helena os demorava junto a si horas inteiras, com o pretexto de lhes dar alguns esclarecimentos, relativamente às suas obrigações, ou para lhes pedir contas das comissões, de que eram encarregados.

Ainda que os campos se achem desertos, e as habitações muito separadas, nem por isso a investigação da baixa classe deixa de ser mais curiosa e solícita.

Existe para ela mil circunstâncias, cujos detalhes muito a divertem; registam os acontecimentos mais ordinários; a mais fútil ação lhe parece demasiado importante; a mais leve palavra é cuidadosamente comentada; tudo se sabe logo: o campo das conjecturas toma a maior consistência, e as murmurações mais perigosas, saem muitas vezes de bocas, às quais o observador superficial apenas concederia o dom da simples palavra.

A chegada de *madame* Delmont a R^{***}, havia intrigado, sobremaneira, aqueles aldeões. Quantas narrações exageradas não faziam eles a seu respeito!

Quantas fábulas ridículas não foram inventadas! Mas o tempo havia decorrido; o mesmo objeto nem sempre pode ocupar a malignidade pública. A família Delmont, ao cabo de quinze meses, parecia já naturalizada no país: já dela se não ocupavam mais, do que a respeito de alguns trabalhos domésticos de que ela precisava. Os homens comunicavam a Raul, e as mulheres a Germana, as novidades que tinham ouvido, no domingo, à porta da igreja.

Os dois domésticos, quando tinham ocasião, repetiam a *madame* Delmont, quanto ouviam. Ela se envergonhava interiormente pela extravagante satisfação que sentia em os ouvir; mas na ausência de seu esposo, era-lhe mister a distração; e fosse qual fosse a matéria que se tratasse diante dela, não deixava de apreciá-la mais, do que a isolação a que se via condenada.

Já tinha decorrido uma semana que Delmont se ausentara do castelo, quando Germana se apresentou uma noite com tal modo de

importância, que deu

logo a conhecer, que alguma notícia extraordinária tinha que anunciar. Assim aconteceu: a boa da rapariga, logo que se assentou, junto do candeeiro que alumia o serão, assim se explicou:

— Então, senhora — disse ela a Helena; — já sabeis que nos não achamos sozinhas neste lugar? Já o país se povoa, já os estrangeiros abundam; e se isto continuar, será necessário, segundo dizem, pedir licença ao sr. prefeito, para estabelecer um mercado, todas as segundas-feiras, na praça de R ***.

— Oh! meu Deus — exclamou *madame* Delmont, toda admirada; — e quais são esses numerosos habitantes que aqui vêm estabelecer-se?

— Para vos dizer a verdade, senhora, ainda se não veem muitos; mas eles aparecerão. Já contámos o sr. coronel Delmont e sua família; e agora mais uma dama, cuja história todos ignoram, e que acaba de fazer a aquisição daquela linda propriedade, que se acha no fundo do próximo outeiro, situada no meio do bosque.

— Escolheu com efeito uma casa bem isolada; deve por certo ser assaz corajosa, ou trazer consigo grande comitiva, para escolher, sem receio, semelhante habitação.

— É o que todos dizem; e contudo, vive só, por isso que se não deve contar um velho criado que tem, tão débil, tão pálido, e tão cadavérico, que parece mais um habitante do outro mundo, do que um vivente! Enquanto à dama, dizem que é formosa, ainda que o seu modo pareça algum tanto extraordinário. Não posso contudo assegurá-lo, porque ainda a não vi; mas domingo que vem, será necessário que me ache bastante doente, para faltar à missa: é impossível que ela se não apresente na igreja; e então observá-la-ei de modo, que possa dar-vos exata informação, se porventura, vós mesma não tiverdes ocasião de a ver.

— Não duvido, Germana, do cuidado que haveis de ter para a examinar o melhor que vos for possível; mas enquanto não chega esse momento, digei-me o que se diz a seu respeito: sabe-se porventura o motivo que a obrigou a vir habitar em um lugar tão pouco agradável, no inverno? É de Tolosa? É viúva, ou é casada?

— Todas essas questões já se fizeram ao seu doméstico, sem que fosse possível obter dele uma única resposta satisfatória: diz-se que é um cabeçudo, um grosseiro, um malcriado!... Sabeis vós quais são as suas réplicas? — Sim;

não; talvez; não vos importe, etc; e com estas únicas palavras compra e paga os objetos de que carece, e retira-se logo, mudo e silencioso como se fosse uma estátua. O mais que se tem podido conjecturar, é que tanto ele como a ama não nasceram em França; têm uma pronúncia singular, e entre eles servem-se de uma linguagem estrangeira. Talvez sejam alguns hereges ingleses, que vêm fugindo de um país amaldiçoado por Deus, onde, segundo dizem, não pode o sol brilhar um dia inteiro; onde a vinha não vegeta, e onde os figos jamais são cultivados!...

— Então, se essa dama for inglesa, não podereis vê-la domingo na igreja.

— Isso será possível? Oh! que maldita gente, que nem sequer ouvem a santa missa; deveriam queimá-los vivos. Talvez sejam huguenotes mas não, não é possível; a dama deve ser boa cristã, e não há de fugir da igreja, como se fosse uma excomungada.

— E há já muito tempo, que ela reside no país? — continuou Helena, que sentia já o maior desejo de encontrar na pessoa da estrangeira uma sociedade, que pudesse inspirar alguma distração à insípida monotonia em que vivia.

— Chegou aqui no mesmo dia em que partiu o sr. coronel: apeou-se na cabana do pastor Paulo, a quem perguntou, se haveria na aldeia alguma casa para comprar ou arrendar. Paulo, que não tem malícia alguma, respondeu-lhe: que os irmãos Gerlot queriam vender a sua casinha do bosque; mandou chamá-los sem demora, ajustou-se com eles, e naquela mesma noite foi dormir à sua nova aquisição. Como Paulo e os irmãos Gerlot são todos cabisbaixos, fizeram desde logo um mistério deste negócio, receando, que alguém lhe censurasse a considerável soma de dinheiro, que talvez apanharam a esta pobre dama. Mas tudo vem a saber-se; e não fui eu a derradeira que ouvi a sua história. Haverá uma hora, que a mulher do sineiro da freguesia veio referir-ma, e por isso vim correndo, para transmiti-la à minha senhora e ama.

Helena, com uma pequena inclinação de cabeça, agradeceu a Germana as boas intenções que manifestava a seu respeito, resolvendo-se logo a nada negligenciar para ligar conhecimento com a estrangeira recém-chegada.

Enquanto as duas interlocutoras praticavam sobre esta matéria, guardava Raul profundo silêncio, meneando a cabeça de espaço a espaço. Este movimento, e a sua taciturnidade, surpreenderam

vivamente *madame* Delmont, que lhe perguntou, se ele concebia algumas desconfianças a respeito da

desconhecida.

— À fé, senhora minha — lhe disse ele; — a aparição desta desconhecida não me parece muito satisfatória. Uma mulher, ainda moça e formosa, segundo dizem, encerrar-se em uma casa isolada, com um velho criado! Será isto decente? E o seu marido?... A sua família?... Não será acaso uma miserável aventureira? Conheci tantas, que seguiam o nosso regimento, dessas misteriosas *princesas*, que evitam todas as vistas, e que cuidadosamente se ocultam, até ao momento de pilharem em suas redes algum incauto: só então é que se apresentam em pleno dia, alardeando seu desmedido luxo e sua conduta criminosas; e quando conhecem que a sua vítima está totalmente depenada, desaparecem logo, à maneira dessas fátuas luzes, que algumas vezes se veem vaguear por entre os bosques, e no fundo dos fossos que cercam os castelos.

— Acredito, como vós — respondeu Helena, — que nas grandes cidades facilmente se encontram dessas desgraçadas criaturas, que para traficar seus encantos com mais facilidade, se ocultam misteriosamente entre trevas, para melhor estimular a curiosidade dos amadores; porém em R ***, meu pobre Raul, que viria buscar uma dessas miseráveis? Qual é o rico proprietário que aqui se acha para seduzirem? Não vejo em torno de nós, mais do que algumas famílias, que dentro em poucos dias deixarão o campo até ao próximo verão. Não estamos nós numa época desastrosa, em que grandes infortúnios podem conduzir a resoluções desesperadas? Esta dama não fugiria talvez da grande sociedade, por não ter os meios necessários de se apresentar no meio dela, com aquele esplendor, que a sua elevada jerarquia demandava? O lugar que escolheu para seu retiro, parece justificá-la. Seria, porventura, no meio de um bosque, desviada das principais estradas, que uma mulher sedutora viesse estabelecer o seu domicílio? Não quereria ela antes aproximar-se dos lugares mais frequentados pelos viajantes? Vamos, Raul, não sejais tão desconfiado; não julgueis tão ligeiramente o vosso próximo...

Raul nada mais replicou; mas nem por isso se mostrava convencido. O

passado servia-lhe de livro; e nele lhe parecia ler com evidência os acontecimentos do futuro.

O seguinte dia ofereceu-se um dos mais belos da estação. Os meninos, acompanhados de Raul, saíram a passeio ao pôr do sol, dirigindo-se

pelas ruas do bosque, que se estendiam desde o castelo, até às próximas colinas e vales que as rodeavam. *Madame Delmont*, um pouco incomodada, não pôde acompanhá-

los a tanta distância: demorou-se na pequena aldeia, onde se entreteve com alguns de seus habitantes, que voltavam das vindimas. Por toda a parte ouvia falar da misteriosa estrangeira; a sua presença excitava a curiosidade de todos; observavam com avidez os seus movimentos; sabiam que no fim da tarde saía da sua habitação para passear pelos arredores; mas enquanto brilhava o sol, ela se mostrava raras vezes; passava os dias num quarto isolado, onde ninguém entrava. O seu velho criado era encarregado de todos os detalhes da casa; mas sempre taciturno e melancólico, evitava qualquer conversação, e guardava constantemente um silêncio, que não convinha à ávida curiosidade dos faladores do lugar. Todas estas particularidades não faziam mais do que aumentar o desejo que Helena tinha de conhecer a estrangeira. *Madame Delmont*, possuindo as mais belas qualidades, era contudo filha de nossa mãe comum: era mulher!...

Porém sabia ocultar debaixo de uma completa indiferença, a secreta curiosidade que a devorava; e quando a noite principiava a desenrolar seu manto sobre a natureza, voltou ao castelo, acompanhada de Germana, que tinha saído ao seu encontro.

Assim que seus filhos voltaram, correram para ela com a maior vivacidade.

— Oh! mamã, minha cara mamã — exclamaram ambos ao mesmo tempo;

— já vimos a bela e misteriosa dama; falámos-lhe; e foi ela que nos deu estas coroas de flores. Oh! quanto é amável; quanto é bela!...

Estes discursos infantis, este encontro imprevisto, ainda mais excitaram a curiosidade de *madame Delmont*.

— Vamos, meus filhos — lhes disse ela; — não faleis ambos ao mesmo tempo: basta que um de vós me conte quanto se passou; e se acaso se enganar, o outro lhe lembrará alguma circunstância, de que se esqueça.

Esta proposição era na verdade muito judiciosa, se outras dificuldades se não oferecessem para obstar-lhe. Julieta, cheia de vivacidade e gentileza, não parecia disposta a ceder a palavra a seu irmão, que também pela sua parte reclamava o direito de mais velho, para ser o narrador de tão grande aventura.

Helena tentou primeiro os meios de conciliação; mas seus esforços não produziram nenhum resultado: Julieta queria falar, e Eugénio não queria estar calado por modo algum. Viu-se pois obrigada a carinhosa mãe, a fazer intervir sua autoridade; e uma ordem absoluta impôs rigoroso silêncio à desconsolada

menina, a qual se retirou logo, um pouco amuada, para um canto, protestando, que ainda que seu irmão se enganasse, não seria ela decerto quem o advertisse.

Eugénio, cheio de orgulho, pela preferência que sua mãe lhe concedia, testemunhou-lhe por um gracioso sorriso o seu reconhecimento; e de pé, diante dela, principiou a sua narração por este modo:

— Eu desejei, minha cara mamã, descer ao vizinho vale, e pedi a Raul que ali nos conduzisse, a fim de colhermos alguns jacintos selvagens, que abundam naquele prado. Ele consentiu; e havia alguns momentos que ali saltávamos, quando Julieta, que é mais travessa do que eu, correu para o lado do bosque...

— Isso não é verdade, senhor — clamou Julieta, toda estimulada pela acusação de Eugénio: — eu corria atrás de uma borboleta azul e verde; e tu, mentiroso, fazias outro tanto. Olhai, mamã, continuou a jovem traquinas, nada sabereis exatamente de Eugénio; eu vos conto tudo quanto se passou, por isso mesmo que foi a mim a quem a dama falou primeiro.

— Já vos disse que vos calasses, todas as vezes que Eugénio se não enganar

— replicou com doçura e gravidade *madame* Delmont: — persisto na minha primeira determinação; que não seja necessário que eu a repita pela terceira vez.

A severidade desta observação, tão pouco em harmonia com a viva ternura que Helena consagrava à sua amável filha, causou à pobre menina tão penetrante dor, que uma torrente de lágrimas se precipitou de seus olhos; e lançando seus bracinhos ao pescoço de sua mãe, ela soluçava amargamente, misturando mil beijos aos fundos suspiros que seu coração soltava. Helena reconheceu então, que se havia mostrado assaz severa; e sem proferir uma só palavra, afagava com suas mãos os louros cabelos de sua filha, pousando sobre sua fronte de jaspe um terno e carinhoso beijo, que em breve recuperou à pobre menina toda a sua tranquilidade e placidez.

Todavia, Eugénio ia continuando a sua narração, referindo como a

estrangeira se havia oferecido a seus olhos, no momento em que ele corria em busca de sua irmã, que se tinha perdido no meio das giestas; como a foi encontrar dando a mão à mesma dama, e como esta tomou parte nos seus jogos, ainda que parecia não ser demasiadamente alegre e galhofeira: conservava-se séria, ainda mesmo quando brincava; e as risadas que Julieta soltava, pareciam sobressaltá-la e afligi-la!

— Tratou-nos com extraordinária bondade. Era em vão que Raul se impacientava, para nos conduzir a casa; ela nos fazia demorar, procurando novas flores para juntar às coroas que enastrava para nos oferecer. Asseguro-vos, cara mamã, que tudo quanto faz, é com a melhor graça, apesar de nunca tirar a luva da mão esquerda, o que decerto a deve constranger. Julieta, que em tudo mexe, quis tirar-lha, mas ela se opôs a esse movimento com a maior vivacidade, lançando-lhe ao mesmo tempo um olhar tão severo, que a ambos nos fez estremecer!

Esta narração foi confirmada pela menina, que a seu turno se apressou de tomar a palavra. Ajuntou uma multidão de detalhes; disse a sua mãe, que no momento em que se havia embrenhado pelo mato, vira de repente a bela dama junto a si, como se tivesse sido desencantada do tronco de alguma árvore.

— Tive — continuou Julieta, — um momento de susto involuntário: ela o conheceu, e mostrou-se vivamente magoada; correu para mim com amável sorriso, e suas graciosas palavras me sossegaram imediatamente. Não me fez pergunta alguma, como costumam fazer de ordinário as pessoas que me veem pela primeira vez. Falou-me dos prazeres do campo, do desejo que tinha de ser minha amiga; e, nem de vós, nem do papá, me disse coisa alguma.

Raul, interrogado a seu turno, confirmou tudo quanto os meninos haviam dito. Mas uma profunda perturbação parecia espalhada sobre seu rosto: em vão buscava dissimulá-la; patenteava-se, mau grado seu; e *madame* Delmont não podia deixar de observar com surpresa tão viva comoção!

— Que é isso, Raul — lhe disse ela; — vós não pareceis tão encantado da dama estrangeira, como Eugénio e sua irmã! Conservais ainda a mesma desconfiança a seu respeito, ou acaso a reconhecestes?

— Eu, reconheçê-la, *madame*! — exclamou ele desmaiando sensivelmente:

— não sei por que motivo me fazeis semelhante pergunta. Juro-vos que não conheço tal criatura; mas nem por isso deixo de persistir em acreditar, que a sua vinda a este lugar é muito misteriosa. Se os meus conselhos não são para desprezar, não permitireis que os meninos se liguem intimamente com ela; e enquanto à sua entrada neste castelo, vós fareis o que mais conveniente vos parecer. Mas se eu estivesse no vosso lugar, nunca consentiria que ela atravessasse, nem sequer o primeiro pátio.

— Para usar de tanto rigor a seu respeito — replicou Helena, — seria necessário ter a certeza de que a sua sociedade me não convinha: talvez em breve me desengane. Mas não a tendo vós visto senão hoje, não possuindo razões algumas para fundamentar a vossa antipatia, não poderei deixar de obrar a seu respeito, conforme as circunstâncias se oferecerem. Se porém soubésseis alguns detalhes, relativamente à sua conduta, que vos provassem, que eu correria o menor risco recebendo-a em minha casa, se porventura se decidisse, a visitar-me; oh! nesse caso, Raul, não duvideis que deixasse de seguir fielmente os vossos conselhos!...

Ouvindo, que *madame* Delmont se explicava com tão extrema bondade, ficou Raul indeciso por alguns instantes sobre o que deveria dizer; mas esta indecisão acabou subitamente; e, com voz firme e resoluta, certificou, que apenas meras prevenções suscitavam os seus receios; que a dama lhe era absolutamente desconhecida; e que sua ama tinha todo o direito de obrar conforme a sua vontade e fantasia.

Helena conhecia a nobre franqueza do velho soldado; e quando ele se exprimiu por este modo, não pôde deixar de acreditá-lo: atribuía suas insinuações à desconfiança natural naquelas pessoas que têm grande prática do mundo, que têm encarado o mal debaixo de todas as formas, e por isso receam sempre de o encontrar nesses mesmos lugares onde as aparências menos o inculcam. É unicamente na vida retirada, que a alma se abandona a uma confiança, que ainda ninguém pôde iludir: só a frequência e a prática dos homens pode ensinar-nos a temê-los, e a fugir deles!

Capítulo IV

Raul, havendo certificado a *madame* Delmont, que a estrangeira lhe era desconhecida, tinha mentido à sua consciência. Não era possível que se tivesse esquecido de suas feições: sabia quanto aquela que as possuía, era digna de inspirar a mais ardente paixão, e receava muito de um encontro, que parecia oferecer no futuro as mais terríveis tempestades. Mas em tais circunstâncias deveria ele empenhar a

tranquilidade que desfrutava sua virtuosa e digna ama?

Deveria ele acender em seu coração as chamas devoradoras do infernal ciúme?

Desgraçadamente há ocorrências na vida, em que é indispensável ocultar a verdade; em que é necessário fazer um pacto com a mentira, a fim de evitar maiores calamidades. Uma dessas ocorrências era aquela que então se oferecia; e Raul, ainda que despeitoso, lhe sacrificou, de bom grado, a sua natural franqueza: resolveu-se pois a calar aquilo que sabia! Mas quanto não desejava ele ver terminado o serão, para poder retirar-se ao seu quarto, a fim de refletir profundamente sobre o que devia fazer em tão apertada situação! Ao mesmo tempo, a prudência lhe ditava quanto era importante ocultar a *madame* Delmont as comoções que agitavam sua alma. Chamou portanto em seu auxílio toda a sua energia e sangue frio, e conseguiu por este modo domar todos os gestos da sua fisionomia, onde Helena não pôde divisar mais, do que a mesma indiferença que ordinariamente o caracterizava.

Tão depressa bateram as onze horas no relógio da escada, retirou-se Raul imediatamente ao seu quarto; e sentando-se junto de uma secretária, que ali havia, principiou a escrever a seu amo, referindo-lhe quanto se passava.

«Quão grande não será a vossa surpresa, meu coronel, lhe dizia ele, quando souberdes que Alinska habita neste momento em R ***, e que é a mais próxima vizinha que tendes do vosso castelo! Que virá fazer neste país depois de haver decorrido tanto tempo que dela vos separastes? Qual será o seu projeto?... Nada posso dizer-vos: não me reconheceu; ao menos quando me viu, não deu demonstração alguma de que assim acontecesse. Dai-me as vossas ordens; executá-las-ei sem demora. Quereríeis antes tornar a vê-la, e ter com ela uma

entrevista, para vos instruírdes de seus desígnios, ou então preferireis, que *madame*, e vossas filhas, saiam imediatamente deste lugar? Este partido talvez fosse o mais razoável: nunca sereis feliz, nem vivereis sossegado, enquanto existir esta infeliz húngara, ou ao menos enquanto ela puder perseguir-vos com a sua presença e com seus reproches!»

Acabando de escrever estas últimas palavras, estremeceu Raul, julgando sentir junto a si o rumorejar de um vestido, e a respiração de uma pessoa, que se inclinava sobre sua cabeça, como quem pretendia ler o que ele escrevia.

A ilusão era tão perfeita, que não duvidou que *madame* Delmont se não achasse junto a ele; e desesperado por tal incidente, que verdadeiramente o aterrava, não se atreveu logo a levantar os olhos, nem a voltar o rosto; mas depois de haverem decorrido alguns minutos nesta constrangida situação, sentindo reinar o mais profundo silêncio, lançou, espavorido, os olhos em torno a si, e conheceu que se havia iludido: ninguém se achava no seu quarto; tudo estava silencioso e mudo; apenas de espaço a espaço se ouviam os gritos de um solitário xofrango, pousado sobre o pináculo de uma das torres do castelo.

Esta certeza causou-lhe inexplicável alegria: apressou-se em lacrar a sua carta, e depois de haver fechado cuidadosamente a porta do quarto, deitou-se, procurando entregar-se às doçuras do sono, de que tanto precisava. Mas por muito tempo não lhe foi possível esse gozo; a misteriosa Alinska não podia sair da sua imaginação; e no meio do seu despeito, praguejava o bravo soldado, como se estivesse comandando um pelotão de recrutas! Todavia, esforçando-se por se esquecer a si mesmo, ele o conseguiu enfim: suas pálpebras, cansadas de tão longa vigília, se fecharam pouco a pouco; e o homem, em si mesmo, não existia mais senão para se ocupar das celestiais inteligências.

O primeiro alvor do dia quase sempre vinha encontrar Raul, já acordado; mas desta vez faltou ele ao seu costume ordinário: o mesmo sol dardejava já sobre as sumidades de Coronsac, quando o velho sargento despertou sobressaltado, ficando surpreendido do profundo entorpecimento em que jazera.

Os trabalhos do campo já deviam ter principiado, sem que ele presidisse ao seu começo. Corrido, por haver cometido esta falta, de que só ele era culpado, deu-se pressa em levantar-se, e correu velozmente para a granja, a fim de se informar se todos os trabalhadores se achavam presentes. Apenas deu alguns passos, fora do castelo, que a ideia lhe ocorreu de haver olvidado, sobre a secretária, a importante carta que escrevera a seu amo. Refletiu que a prudência lhe não

permitia de a negligenciar por semelhante modo; e, sem mais preâmbulos voltou ao seu domicílio para buscá-la, e para depois a entregar a um dos jornaleiros, para que a lançasse no correio de Tolosa.

A carta já não estava no lugar onde Raul a tinha deixado; mas, rasgada em mil pedaços, ela se via espalhada sobre o sobrado!... Este aspeto tão espantoso, quanto sinistro, arrancou do coração de Raul a

mais veemente exclamação, deixando-o ao mesmo tempo abismado nas mais penosas reflexões. Quem teria rasgado aquela carta? Quem teria entrado tão inopinadamente no seu quarto, para perpetrar tão audacioso atentado? Seria porventura *madame* Delmont, Germana, ou a criada do pátio? Só estes indivíduos poderiam estar levantados àquela hora; mas ele se recordou, que a criada tinha saído antes dele para ir dar de comer à criação; que Germana, ocupada na cozinha, não teria abandonado o seu trabalho; e que as janelas do quarto de sua ama, estando fechadas, lhe anunciavam que ela ainda descansava. Vivamente perturbado por tão inaudito acontecimento, nem sequer pôde resolver-se a escrever nova missiva; juntou escrupulosamente os fragmentos da primeira, e depois de os reduzir a cinzas no primeiro fogão que encontrou, tornou a sair, cheio de confusão, não podendo descobrir motivo plausível, que justificasse o que acabava de acontecer-lhe.

Deslizou o dia, sem que Raul tranquilizasse seu agitado espírito. Ainda que persuadido, de que *madame* Delmont não fora autora do atentado, cometido no seu quarto, não pôde deixar de sentir-se todo desconcertado, no momento em que se achou na sua presença: diligenciando constranger-se, observava os movimentos da fisionomia de Helena; mas nada encontrava de extraordinário que pudesse inspirar-lhe o menor receio. Estava sossegada; e nada podia inculcar, que uma descoberta imprevista tivesse perturbado o seu espírito. Raul, muito mais admirado, à vista deste desengano, perdia-se em novas conjeturas e receios: ouviu com mágoa a proposição que os meninos lhe faziam, de os conduzir de novo ao mesmo passeio, onde os levara no dia antecedente, e onde encontraram (diziam eles) a sua nova amiguinha!

Bem quisera Raul recusar-lhes este pedido; mas *madame* Delmont estava presente; e antes que ele falasse, já ela tinha anuído ao desejo de seus filhos.

Enquanto a ele, não lhe era permitido declarar-se explicitamente sobre tão melindroso objeto: a prudência lhe ordenava, que não viesse perturbar a vida pacífica, de que gozava a esposa do seu coronel. Pôde portanto conter um movimento de impaciência que lhe ia escapando, e tomando pela mão os dois meninos, com eles se encaminhou para o lugar que lhes tinham indicado.

Apenas chegaram ao pequeno prado, onde na véspera tinham brincado, logo viram sair do vizinho bosque a misteriosa dama: trazia nas mãos um joguinho de bola, e uma linda boneca, que destinava para os meninos. Assim que estes a avistaram, correram para ela; e

Julieta, como mais travessa, lançou-se logo em seus braços. Este movimento inocente pareceu comovê-la: recuou um passo, e lançou sobre a estouvadinha tão sombrio olhar, que o intrépido Raul ficou de todo confundido. Mas aquele movimento não durou por muito tempo: um ligeiro sorriso veio animar Alinska, e com graça encantadora, distribuiu aos meninos os presentes que lhes destinava.

Eugénio, enfeitado com o seu jogo, correu logo a uma vizinha planície para o experimentar; e Julieta, louca de amores pela sua boneca, pediu licença para ir colher algumas florinhas, que pudesse oferecer à dama do bosque: a estrangeira consentiu de bom grado; e quando viu que os meninos se entretinham, em alguma distância, aproximou-se ao velho Raul, como para o interrogar. Este, encostado ao tronco de uma árvore, meditava profundamente sobre o tempo passado; receava que novas tempestades não viessem perturbar a serena paz, em que vivia o seu coronel: não estava satisfeito; mas, não sabia os meios que devia empregar, para prevenir o futuro que tanto o atormentava.

Embevecido pois nestas meditações, não tinha visto aproximar-se a dama; mas uma voz, que lhe era assaz conhecida, e que naquela ocasião se tornava um pouco rouquenha, veio arrancá-lo da espécie de torpor em que se achava.

— Então, Raul — lhe disse ela, — que mal vos fiz eu, para me contrariastes sempre? A injusta aversão que me tendes, não deixará um dia de perseguir-me?

Espantado Raul com semelhante interpelação, levantou os olhos; e desviando-se do tronco onde descansava, parecia pouco disposto a responder.

Todavia, fazendo um esforço sobre si mesmo:

— Alinska, — disse ele, — que pretendeis de mim? Por que motivo abandonastes a vossa pátria? Que vindes buscar aos confins da França? Acaso pensareis ainda do mesmo modo que pensáveis nos primeiros dias da vossa mocidade?... Se assim é, eu vos lastimo, ou para melhor dizer, eu deploro a loucura que vos arrasta.

— O tempo — respondeu a estrangeira com solenidade, — já não tem poder sobre mim: há uma época na nossa vida em que o seu império falece, em que os nossos sentimentos se tornam inalteráveis, como a mesma eternidade, de

onde dimanam. Não vos atemorizeis com a minha presença; porque

não é já a minha vontade quem me dirige: já não pertenço a mim mesma, mas sim a um senhor cruel, imperioso, único móvel de todas as minhas ações e movimentos. A minha ferida ainda sangra, e esse tempo, como dizeis, já não tem poder de cicatrizá-la!

— E como podeis — replicou Raul, — conservar ainda quiméricas esperanças?... Tudo se acabou entre vós e o coronel!... Talvez fosse culpado...

não o duvido... mas já lhe não é possível remediá-lo! Há muitos anos que se acha casado com uma mulher que merece toda a sua ternura: acaso pretenderíeis perturbar a paz de tão venturoso casal? A vingança vos induzirá acaso a retalhar o coração daquela, que lhe deu a sua mão?

— E podia ele fazê-lo, Raul? Acaso lhe pertencia seu coração para dispor dele livremente? Não foi com o sangue de suas veias, que assinou a obrigação de não levar aos altares outra mulher que não fosse eu? Tu, que falas do passado, ignoras porventura o pacto que existe entre nós? Não sabes, que esse mesmo passado seria capaz de se reanimar para esmagar o pérfido que defendes? Acaso seria eu menos formosa do que tua nova ama? Possuía eu menos virtudes do que ela? Pôde o crime jamais desatar o branco véu que adornava a minha frente?

Quais foram os erros que cometi? Consistirão eles em haver pago amor com amor, em me haver abandonado cegamente a um sentimento que julgava sincero? Reclamei acaso a promessa, que também assinei com meu próprio sangue de nunca pertencer a outro? Não se acha ainda essa fatal obrigação em poder de Eduardo? Será ele esposo legítimo, segundo as leis do céu? Quais os meus erros? outra vez o repito: que os busque; ser-lhe-ia impossível encontrar um só, ao mesmo tempo que poderia ser esmagado com o peso daqueles que cometeu contra mim!...

Falando tão energicamente, parecia que a bela estrangeira não pertencia a este mundo: seu talhe gracioso, e ao mesmo tempo esbelto, a vaga incerteza, que se divisava em seus olhares, os sinais de indignação estampados em suas feições, e que inspiravam a seus lábios uma expressão terrível; tudo isto parecia inculcá-

la como uma dessas inteligências temíveis, intermediárias entre o homem e a divindade, e que esta investe muitas vezes duma porção do seu elevado poder, para punir a perversidade humana. Raul não podia suportar a fixidade de seus olhares escrutadores, que pareciam querer

esquadrinhar os mais fundos recônditos de sua alma! Convinha interiormente nas culpas de seu amo; mas, segundo a sua opinião, essas culpas eram irreparáveis. Os anos decorridos

pareciam havê-las sancionado; o himeneu do coronel era indissolúvel; e Alinska, apesar da justiça de seus direitos, devia renunciar à pretensão de que esses direitos fossem reconhecidos. Assim lho deu a entender na sua resposta.

A estrangeira escutava-o com desdenhoso sorriso; mas, sem o interromper, sem testemunhar nem surpresa, nem descontentamento.

Raul lisonjeava-se já de a ter talvez convencido da inutilidade de suas tentativas: dispunha-se a concluir o seu propósito, quando ela o suspendeu subitamente, pousando-lhe a mão direita sobre o ombro!

Este gesto, feito com uma espécie de negligência, produziu contudo, sobre o velho militar, um terrível efeito. No lugar em que Alinska o tocara, tinha ressentido uma extraordinária comoção: figurou-se-lhe haver passado rapidamente do meio de uma fornalha abrasadora, a um oceano de gelo! Mas este sentimento se desvaneceu, logo que a mão, que o engendrara se havia retirado!

— E a sua promessa — disse Alinska tranquilamente, sem se fazer cargo dos argumentos que lhe eram dirigidos — acaso lha restituí eu? Seria ele capaz de ma mostrar?

— E de que vale essa promessa, ainda que se ache em vosso poder? Esse documento já nada pode influir sobre o seu destino; os tribunais não lhe dariam a menor consideração...

— É possível, temerário francês, que as leis humanas nada possam no teu país contra tais perjúrios; mas outros juízes existem, que não pertencem a este mundo: esses, que são incorruptíveis, já a receberam; já a registaram em letras de bronze; é a eles que me dirijo para alcançar justiça; e julgo poder esperá-la da sua equidade e benevolência.

— À fé, Alinska, — replicou Raul, que pouco cuidadoso das coisas da religião, só curava das deste mundo: — entregastes a vossa causa em excelentes mãos; mas parece-me que tendes de esperar longos anos, antes de ver executar a sua sentença. Acreditai-me; voltai em paz à vossa pátria, e ide viver na doce companhia da vossa família. Persuadi-vos que o coronel, em troco dessa promessa, não hesitará em vos dar quanto possa ajudar-vos para passar uma existência pacífica e abastada.

— Isso não poderá ele fazer — respondeu gravemente a estrangeira.
— Já não tenho parentes; toda a terra é hoje a minha nova pátria: Foi ao seu seio que confiei a promessa de Eduardo; e enquanto às vantagens, que me ofereces em seu nome, não careço delas: o ouro é a meus olhos uma simples variedade de lodo; tenho à minha disposição uma grande porção desse mesmo lodo; e se tu quiseses obrigar-te a não declarar a teu amo, que me acho neste lugar, eu te ofereço, a meu turno, maior quantidade desse mesmo ouro, do que aquela que tua ambição possa desejar. Toma — continuou ela, tirando do seu cinto uma bolsa assaz recheada; — toma esta porção por conta daquele que depois te darei...

As extraordinárias palavras de Alinska acabaram de confundir o velho soldado. Ele sabia perfeitamente, que a húngara, pobre filha dum camponês, não devia ser muito rica, dando-lhe contudo, naquela ocasião, evidentes provas da sua opulência. Esta circunstância não podia inspirar-lhe algum sossego; mas a estrangeira também a seu turno, não podia lisonjear-se de o seduzir. A mão de Raul não se avançou para colher a bolsa; seus olhares, nem sequer se dirigiram sobre o rico presente que ela lhe ofertava.

— E eu também, Alinska, — lhe respondeu ele, — de nada careço; sou superior a todas as minhas precisões. Agradeço-vos pois a vossa generosidade, ficando persuadida, que nada seria capaz de me desviar do desígnio de comunicar ao coronel a vossa atual residência, se porventura o houvesse concebido.

— Tu concebeste, mentiroso, esse desígnio — lhe replicou ela arrebatadamente; — até já tentaste executá-lo.

Este ataque direto, a injúria que lhe era dirigida, e que qualquer ente de diferente sexo houvera pago logo com o seu sangue, lançou Raul num abismo de perplexidades. Hesitou se deveria ou não dar largas à sua cólera, ou se pelo contrário deveria dissimular; mas a força do seu caráter o desorientou, exclamando com o maior despeito:

— Dai graças a esse traje, que vos cobre, mulher louca e temerária, que não receais de vos introduzir furtivamente na casa alheia, para nela surpreender as ações daqueles, que pacificamente nela residem. Madrugais muito, segundo me parece! Mas tende a certeza, de que tarde tornareis a penetrar no castelo de R

***.

Um novo sorriso, cuja significação era inexplicável, foi a única

resposta de Alinska: afetou desprezar o virulento ataque do militar; mas tomando depois um ar de dignidade, que contrastava com a simplicidade de suas maneiras, e do seu vestuário:

— Raul — lhe disse ela, — recorda-te que tomaste ativa parte em minhas desventuras: hoje que elas se tornam irremediáveis, não queiras lançar-te cegamente no medonho abismo que te ameaça. Faz o que te digo; conserva-te neutral no meio da terrível luta que pode facilmente engajar-se: é este o único meio de evitares o raio que as medonhas nuvens, que se aglomeram sobre ti, não deixarão de vomitar!...

Acabou de falar; um fogo extraordinário inflamou seus olhos! Fez um gesto, cuja significação era terrível, e precipitadamente se retirou, seguindo um tortuoso atalho, que bem depressa a ocultou aos espavoridos olhos de Raul: nem sequer quis escutar os reclamos dos meninos que, cansados de brincar, voltavam de novo em busca dela! O sargento, confundido e aterrado, à vista da cena que acaba de se passar, refletindo seriamente nas desgraças que podiam sobrevir no futuro, conservou-se por muito tempo, como embevecido, no mesmo lugar: foi Eugénio, que o arrancou finalmente da espécie de torpor em que se achava!

— Não ouves os trovões, Raul? Olha como são belos aqueles relâmpagos!...

certamente alguma grande trovoada se prepara.

— Uma trovoada!... — exclamou Raul — acaso realizar-se-á já a terrível predição dessa desgraçada!...

Ao pronunciar estas palavras, olhava para o céu, e observava para a parte de oeste, por cima do Garona, uma massa enorme de densos vapores, onde, de espaço a espaço, rebentavam sulfúricos relâmpagos, ribombando ao mesmo tempo o medonho e sinistro trovão, que de montanha em montanha ia ecoando...

A prudência não lhe consentia que prolongasse por mais tempo o seu passeio: tomou pois pela mão os seus amiguinhos; e buscando a mais curta vereda, mas ao mesmo tempo a menos solitária, conseguiu entrar no castelo, antes que a chuva começasse a cair.

Capítulo V

Madame Delmont, que das janelas do grande salão, observava desde muito tempo o começo da trovoada, principiava a conceber vivos

receios pela demora de seus caros filhos. Não pôde conter a sua impaciência; e saindo do castelo, foi caminhando na direção do bosque, a fim de mais breve os encontrar. Assim o conseguiu, porque antes de decorrerem dez minutos, ouviu as risadas da travessa Julieta, vendo correr para ela os objetos do seu amor, que de novo principiaram a elogiar a desconhecida dama, apresentando-lhe os presentes, que lhes tinha feito.

O jogo da bola, a engraçada boneca, ricamente vestida, tudo era exaltado com o maior entusiasmo! *Madame* Delmont era mãe, e não podia deixar de julgar favoravelmente aquela, que parecia tanto amar os entes que tão caros eram ao seu coração. Questionou-os, pois, sobre o que a estrangeira lhes dissera.

— Oh! desta vez, — disse a menina — não se entretive muito em falar-nos: não cessou de conversar com Raul, e parece-me que se retirou muito encolerizada contra ele.

Esta inoportuna revelação destruiu de todo os projetos que o ex-sargento havia formado. Ofereceram-se-lhe logo os inconvenientes de uma denegação, que, sem dúvida, *madame* Delmont não acreditaria. À vista deste incidente, tomou desde logo o partido que lhe parecia mais acertado; embora tivesse que se embrenhar num dédalo de mentiras e imposturas; não esperou portanto que o interrogassem; e tão depressa Helena mandou retirar os meninos:

— Bastante razão tinha eu, *madame*, — disse ele — de desconfiar desta desconhecida. Tende a certeza de que não veio a R *** sem algum desígnio sinistro e oculto. Ela me interrogou por mais de uma hora, a respeito da vossa família, e de todos os nossos vizinhos: queria saber tudo; conhecer a idade, a classe, as ocupações de cada um. Parecia não se cansar com as suas perguntas.

Oh! confesso-vos que a sua investigação era na verdade muito fatigante e aborrecível. Procurei a princípio, iludir com civilidade, suas indiscretas interrogações; mas ela não se deu por vencida; repetiu de novo os seus ataques.

Redobrava as suas perguntas; parecia um fogo rolante; já me faltava a paciência para tolerar tanta curiosidade. Reuni então a minha esquadra, e por meio de uma carga vigorosa, pus o inimigo em completa derrota. Esta resistência a indignou; e empreendeu logo a sua retirada, fazendo transluzir o seu mau humor e desconcerto.

Este discurso, misturado de termos militares, não pôde deixar de fazer

sonrir *madame* Delmont. As interrogações da estrangeira não lhe pareciam tão repreensíveis quanto Raul pretendia. Parecia-lhe bem natural, que, disposta a habitar aquele país, procurasse conhecer as famílias que nele residiam.

— Espero, meu bom Raul, — disse ela — que as vossas respostas não fossem ofensivas, ou desagradáveis. É necessário empregar o maior respeito para com as damas; e um militar, sobretudo, não deve jamais deslizar do trilho da civilidade, e das conveniências.

— Isso é bom para os nossos oficiais — replicou Raul; — mas cá para os inferiores, que não gozamos dos seus privilégios, não julgamos a propósito imitá-los em seus galanteios.

Depois destas palavras, ditas de um modo bastante rude, despediu-se o velho militar de sua ama, que também se lhe não deu de terminar uma prática, cujo fim havia falhado: voltou para junto de seus filhos, enquanto um terrível vento se elevava, acompanhado de grossas bagas de chuva. Nem *madame* Delmont, nem os meninos, tinham medo do estampido do trovão; porém Germana e Janeta (era o nome da outra criada) assustavam-se extraordinariamente. Correram para junto de sua ama, em busca de um asilo, que ela de bom grado lhes concedeu. Raul, vendo-se então de todo livre, dirigiu-se ao seu quarto; e tendo a certeza de que ninguém viria perturbá-lo naquela ocasião, pôs-se de novo a escrever ao seu coronel, apesar de certa inquietação involuntária que, de momento a momento, assaltava seu coração.

Contudo, a trovoada aumentava de violência; os ventos combatiam-se com fúria insana nas vastas planícies dos ares; pareciam apostados a abalar os sólidos e decrépitos alicerces do castelo; e no meio do estampido dos raios, do espantoso sibilar da tempestade, ouvia Raul de espaço a espaço, misturarem-se àquele horroroso eco, como gemidos queixosos, articulações, que lhe pareciam formadas por uma voz não pouco familiar a seus ouvidos!... Muitas vezes ficava como suspenso e interdito; mas bem depressa, envergonhado de sua

pusilanimidade, tornava a seguir o fio de suas ideias, e quando soou a hora da ceia, já a sua carta se achava concluída. Não querendo porém correr o risco de a deixar exposta segunda vez às tentativas de Alinska; desconfiando também das duas domésticas de *madame* Delmont, a fechou cuidadosamente dentro de um pequeno cofre que possuía, o qual foi também encerrar no fundo de um armário.

Tomando as chaves, tanto de um como do outro, saiu do quarto mais sossegado, bem convencido de que o seu depósito ficava em perfeita

segurança. A trovoadas continuava com horrível bramido; a chuva tinha diminuído, e Germana e Janeta, ainda tremiam, trespassadas pelo susto, que delas se apoderara: as crianças, cansadas de esperar pela ceia, dormiam ambas sobre um sofá, e Helena entretinha-se a ler a *viagem a Itália* do abade Richard. A chegada de Raul reanimou as duas criadas, decidindo-as a retirarem-se aos seus respectivos postos; e a ceia, que já tardava, foi enfim servida.

Pela meia-noite purificou-se a atmosfera; as nuvens se aglomeraram sobre os outeiros de Lauraguais, e a bonança foi-se gradualmente espalhando sobre a natureza. Raul tinha visto com alguma satisfação o desarranjo do tempo: sabia que quando a terra se achava molhada, ficava o passeio interdito por muitos dias, e esperava portanto, que neste intervalo sobreviesse tal acontecimento, que rompesse completamente as relações formadas entre os filhos de seu amo, e a estrangeira: lisonjeava-se até, que uma resposta do coronel destinasse talvez uma nova residência à sua família.

Preocupado com estas ideias, que assaz o torturavam, pouco tempo dormiu o bravo soldado. Ainda o novo dia não brilhava, já ele se tinha levantado; e procurando as suas chaves, abriu o armário e o cofre, para se apoderar da carta, que sem demora desejava enviar a Tolosa. Encontrou-a às apalpadelas, mas sem poder vê-la, porquanto ainda reinava completa escuridão, meteu-a no bolso do seu gibão, e desceu as escadas do castelo, com o desígnio de chamar o camponês, que tinha designado para seu mensageiro.

Alguns segundos decorreram, antes de o encontrar: a alva matutina ia desaparecendo para dar lugar à aurora muito mais rosada; seus vivos fulgores principiaram a iluminar os espaços da natureza, a qual, refrescada pela tempestade da véspera, se ostentava risonha, com seus adornos radiosos e variados. Foi neste momento que o jornalista Mateus se apresentou diante de Raul: este lhe recomendou de se pôr imediatamente a caminho para a cidade, para lançar no correio uma carta da maior urgência. Ao dar-lhe esta ordem, tirou a carta do asilo que lhe havia destinado; olhou para ela, para examinar o fecho;

mas, oh! surpresa sem igual!... o papel estava todo manchado de sangue, que mal deixava enxergar o sobrescrito!!!...

Este singular acontecimento arrancou do peito do desconcertado militar um penetrante grito; apenas podia acreditar o que seus olhos viam; ficou imóvel, voltando por mil modos a carta, sem poder habituar-se a tão estranha novidade.

Voltou então o bolso do seu gibão; mas nada o manchava, nenhum sinal ensanguentado se divisava! Tomando então súbita resolução, voltou ao castelo; e entrando no seu quarto, correu a visitar o cofre, que tinha guardado o escrito fatal; mas nem ali mesmo pôde descobrir vestígio algum que indicasse a existência das provas, que tantas dúvidas causavam ao corajoso Raul!

Todavia, sem perder um momento, apressou-se a escrever uma terceira carta; resumiu-se quanto lhe foi possível, mas nem por isso deixou de ser mais expressivo; e tão depressa a concluiu, entregou-a ao mensageiro, a quem, para mais cautela, quis acompanhar até ultrapassar os limites do distrito de Castanet.

Raul era bravo; mas não podia defender-se de um certo receio supersticioso.

Recordava-se com susto das narrações, ainda que exageradas, que ouvira na Hungria, quando ali esteve com o seu regimento, relativamente ao poderio dos homens perversos, que sacrificando sua alma, não se pejavam de fazer um pacto com o inimigo perpétuo da nossa salvação eterna. Lembrava-se, com terror supersticioso, de quanto lhe contavam a este respeito; e os dois incidentes, que acabava de presenciar, o induziam a reear, que Alinska não tivesse partilhado alguma parte dessa varinha de condão, que, segundo se diz, fora repartida pelo diabo com os habitantes da Hungria!...

Mas estas ridículas ideias pouco tardaram em sair da alma do soldado.

— Ora vamos! Como sou louco — dizia ele consigo mesmo, — em acreditar em semelhantes chocarrices! Que os húngaros as acreditem, não admira, porque são uns bárbaros; mas em França, onde o diabo perdeu todos os seus direitos, é na verdade o maior dos absurdos, a mais completa loucura.

Aqueles trabalham para ele, e quem me assegura que *mademoiselle* Alinska não seja também uma hábil feiticeira?... Que tenha contudo cautela comigo: se a colho a compor seus diabólicos ingredientes, eu a ajudarei a remexer a caldeira!...

Acabando este solilóquio, foi visitar uma velha garrafa de rum, que tinha a

um canto da chaminé, a qual o restituiu de todo ao seu estado normal. Protestou que havia de duplicar a sua vigilância, a fim de descobrir as inteligências, que tanto pareciam favorecer a misteriosa húngara; e na esperança de receber com brevidade a resposta do coronel; entregou-

se de novo às suas tarefas ordinárias.

A profunda solidão em que vivia a família Delmont, não era tão restrita, que de tempos a tempos não fosse interrompida por algumas visitas, que lhe faziam os habitantes das casas de campo, que em torno existiam, e que eram sempre recebidos com aquela afabilidade e cortesia, que tanto caracterizavam Helena: ela os via com prazer, sobretudo, desde que seu marido se ausentara; tinha precisão de se distrair, e por isso muito apreciava a convivência dos estrangeiros. Não foi por consequência com surpresa, que naquele mesmo dia, pelas duas horas da tarde, ela vira entrar no seu salão um gentil-homem do distrito, antigo senhor das águas e florestas dos arredores, e que tinha emigrado, unicamente para imitar os outros, mas que chegando a dez léguas da fronteira, e lembrando-se que tinha trabalhado quanto lhe era necessário pela glória do seu país, voltara com brevidade, a fim de desfrutar em França aquelas comodidades, de que era tão devoto, e que a Alemanha lhe não oferecia. Graças à sua docilidade, em se resignar com todos os sistemas governativos, ele soube passar vinte anos de revolução, em uma quase perfeita tranquilidade. É verdade, que lhe foi mister usar também do barrete vermelho, conjuntamente com os jacobinos; aplaudir os atentados de 18 do *fructidor*, os acontecimentos de 18 *brumaire*, dado seu voto para o consulado vitalício, assim como para a elevação ao império de Napoleão Bonaparte; reunir aos aliados em 16 de abril de 1814; assinar em garatujas o célebre ato adicional, e levar a tal ponto seu heroísmo, que até chegou a fazer a mala para a enviar a Gand, quando a notícia do desastre de Waterloo chegou aos seus ouvidos!

Apesar de todas estas oscilações, o bom gentil-homem não deixava de falar da devoção que tinha à dinastia de seus legítimos reis, do ódio que a carta consagrava, da pureza de suas afeições cavalheirescas; e se algum melancólico espírito lhe recordava o fatal barrete, que o adornara, pretendia, com orgulho, que havendo tido o maior cuidado em escolher uma cor, menos vermelha, não podia ser arguido com justiça de haver usado absolutamente da libré dos jacobinos.

Este personagem, cuja índole era a melhor possível, habitava uma bela casa de campo no concelho de Mervilla. Passava sua vida pelos campos, que lavrava com o seu bordão; era ele mesmo, o seu próprio monteiro, mostrando-se sempre

encarniçado inimigo das aves, que perseguia continuamente às pedradas, com indizível pertinácia! Tinha jantado uma vez, em Tolosa, com o *prefeito*, e desde então havia-se declarado oposicionista do seu *maire*: tinha-se tornado o verdugo deste último, com suas queixas

repetidas, e denúncias sem fundamento.

Pretendia que as suas propriedades fossem sagradas; e sob o império do código civil, viam-no sem tréguas, reclamar a execução das leis do feudalismo. De resto, era um acérrimo visitador, intrépido gastrónomo, bebedor sem igual, não se recusando nunca nem às visitas do castelo, nem às patuscadas do campo: lia o *Eco do meio-dia*, sem se eximir de lançar um golpe de vista sobre o *Constitucional*, quando encontrava algum de seus números em casa dos assinantes dos arredores.

M. Bernevel, cumprimenteiro fastidioso, assim que se apresentou em casa de *madame* Delmont, esgotou todas as frases a que chamava protocolo da antiga corte. Elogiava também a amenidade do castelo de R ***; a pureza do céu, a fertilidade do solo; deixou escapar algumas insignificantes palavras, relativamente à negligência das autoridades locais, que não multiplicavam as demandas; queixou-se também das perdas que lhe causavam as malfazejas pegas, e os daninhos pardais; e depois de haver esgotado todos estes objetos:

— Então, senhora — continuou ele; — já sabeis que tendes uma amável vizinha? digo amável sem saber o motivo porquê; porquanto ela me tem tratado com o mais inaudito rigor. Tendo sabido, terça-feira passada, pela primeira vez, de que neste distrito residia uma bela estrangeira, cujos encantos eram já apregoados pela voz do público, julguei do meu dever, como cavalheiro francês, e para lhe dar uma alta ideia da nossa civilidade, fazer-lhe uma visita, que pudesse provar-lhe a viva satisfação que sentia de a ter por vizinha. Ontem pois, negligenciando uma vistoria, que mando fazer, a fim de calcular a quantidade de ameixas, que os javalis domésticos de um meu vizinho têm comido, na minha tapada, me resolvi a dirigir-me à casa do bosque, levando sempre debaixo do braço o meu guarda-chuva, por isso que não podemos já confiar nem do tempo, nem dos homens. Chego finalmente; a porta estava fechada; isso não me surpreende; cada qual é senhor em sua casa: bato de manso; abre-se a porta; ia já para entrar, quando um verdadeiro fantasma se me apresenta, para me tolher o passo. Figurai vós, o mais alto dos homens, e ao mesmo tempo o mais magro que até aqui tendes visto: uma fisionomia de um verdadeiro trapista, olhos de coruja, um aspeto mais dum habitante do outro mundo, do que um cidadão deste em que vivemos! A voz áspera e rouquenha, os gestos rudes, o hálito pestilento!...

«Que pretendeis?» me perguntou ele, sem me tratar por senhor, como é costume.

— Esta brusca e inesperada questão me surpreendeu algum tanto; todavia, como não é fácil que um nobre soldado do exército de Condé se perturbe facilmente: «Sou», lhe disse eu, «um gentil-homem da vizinhança, que vem apresentar os seus respeitos a vossa ama, e que pede a honra de falar-lhe».

Esta resposta, cheia de civilidade, dava-me todo o direito de esperar, que fosse logo introduzido; mas não aconteceu assim. Este cêrbero de nova espécie, sem consideração ao modo delicado como lhe havia falado, ostentando a maior rudeza e grosseria, assim me disse:

«Não me é possível dar-vos entrada nesta casa, como acabais de solicitar: minha ama, sempre solitária, não tem sequer um momento, que possa consagrar à sociedade. Não veio aqui para ser visitada, e não colheríeis melhor resultado, se porventura vos apresentásseis segunda vez a esta porta.»

Assim falou o grosseiro personagem; e sem esperar a minha réplica, recuou um passo, pondo ante mim e ele a barreira da porta, que me fechou na cara, com a maior insolência! Não tenho expressões com que possa descrever-vos a minha indignação; retirei-me despeitado, e tenciono visitar todos os meus vizinhos, para os prevenir da sorte que os aguarda, se porventura se lembrarem de querer desempenhar, como eu quis, os deveres da civilidade e da delicadeza.

Esta narração divertiu muito *madame* Delmont, que protestava de se não expor a uma semelhante receção, ainda que muito desejo tinha de conhecer a misteriosa estrangeira. Ela se lisonjeava de ter a felicidade de a encontrar em algum dos passeios, que costumava dar com seus filhos, sem contudo deixar de censurar a grosseria do criado, ajuntando, com graça, que M. Bérneval lhe era, provavelmente, desconhecido; porquanto, não podia persuadir-se, que se assim não fosse, não deixaria ele de tributar-lhe os respeitos e atenções que lhe são devidas.

Este gracioso cumprimento, quase que consolou o antigo senhor das águas e florestas: para esquecer de algum modo o contratempo que tivera, ele passou logo a entreter-se de notícias políticas, que naquele tempo eram assaz transcendentales para ocupar seriamente o espírito dos franceses. *Madame* Delmont sabia muito bem, que a este respeito bastava dar largas à sua

verbosidade, para o lisonjear. De tudo tinha perfeito conhecimento; os segredos das cortes lhe eram conhecidos; era ele quem dirigia as intrigas diplomáticas; era ele quem, a seu grado, organizava os

ministérios; o que naquela época era fácil, sem que para isso se fosse taxado de feiticeiro, ou visionário...

Havendo esgotado tão vasto assunto, ocupou-se das notícias locais; referiu a tabela dos últimos preços correntes do mercado de Tolosa; assegurou, que se lhe não dessem com brevidade um curato, ia sair do distrito; queixou-se da insolência dos caçadores clandestinos que lhe matavam as suas lebres, sem lhe esquecer as vantagens que esperava colher da cultura de um campo que mandara arrotear. Toda esta narração foi escutada com uma aparência de interesse, que muito o deleitava. Despediu-se de *madame* Delmont, encantado de suas maneiras, correndo dali a casa de um visconde, seu vizinho, para fazer o devido elogio daquela dama.

— Muito bem — lhe respondeu o fidalgo; — mas a que família pertence?

Naturalmente, tanto ela, como seu marido hão de ser dessa gente da revolução!...

desse que ainda não entraram nas carruagens do rei, e que por consequência não passam de honrados plebeus; o que para falar a verdade, pouco vale entre nós!...

Capítulo VI

Chegou enfim o desejado domingo, em que todos os habitantes do distrito esperavam encontrar na igreja a bela desconhecida. *Madame* Delmont, exata em cumprir os deveres de cristã, não deixou de concorrer ao augusto sacrifício da missa: foi uma das primeiras que ocupou um lugar conveniente, do qual pudesse satisfazer a sua curiosidade, relativamente à estrangeira. Decorreu o tempo, sem que ela se apresentasse: fez-se a procissão; cantou-se a missa, com grande pompa; e nenhuma das pessoas, que habitavam a casa isolada, compareceu. Isto causava a todos grande admiração! As conjecturas mais extravagantes se puseram em jogo; e entre os mais faladores, foi decidido, ou que a dama estava doente, ou que pertencia à seita dos calvinistas: desde logo um sentimento malévolo se levantou contra ela; censuravam-na altamente, por se recusar com obstinação a satisfazer a pública curiosidade.

Raul era o único que exultava com esta nova circunstância. A continuação dos atoleiros havia interrompido os passeios dos filhos do coronel; não podiam sair do castelo, e iam perdendo gradualmente as lembranças da sua nova amiga.

Mas, se a sua tenra idade lhes fazia riscar da imaginação suas primeiras impressões, não acontecia outro tanto para com *madame* Delmont. Esta queria absolutamente ver a desconhecida, e esperava com impaciência o momento, em que a terra se consolidasse, para lhe facilitar o gozo de alguns passeios. Na terça-feira seguinte realizou-se o seu desejo: o calor do sol havia secado inteiramente a humidade; o dia ostentava o mais vivo esplendor. Raul, ocupado dos preparativos da vindima, tinha-se ausentado para Aureville, onde o aguardava um tanoeiro, com quem precisava conferenciar. Helena aproveitou-se desta circunstância, para sair com Eugénio e Julieta, e foi para o lado do pequeno prado, que dirigiu seus passos.

Um sentimento particular, cuja causa lhe era desconhecida, produzia dentro de sua alma comoções inexplicáveis; seu coração parecia oprimido por um peso enorme; respirava com suma dificuldade, e uma indisposição geral se deslizava

em seus membros. Em consequência deste desfalecimento, não gozava seu espírito daquela vivacidade e energia que lhe eram naturais; entregava-se a melancólicas meditações, que debalde se esforçava por banir: a alegria de seus filhos não era bastante para despertar a sua; e por duas vezes sentiu desprender de seus olhos uma lágrima, sem que fosse ali mandada já por alguma pena secreta, ou por algum sofrimento motivado.

Foi em tal situação, que desceu mansamente a colina, atribuindo a sua perturbação a esse vago receio, que sempre nos agita, quando buscamos averiguar aquilo que não conhecemos, e quando nossas ideias se perdem num espaço, aliás muito perigoso para a nossa razão.

Chegando ao prado, receosa de lançar em torno a si vistas curiosas, assentou-se *madame* Delmont, junto de um salgueiro, aquele mesmo onde poucos dias antes se havia encostado Raul: um banco natural, formado de verde relva, que bruscamente crescia naquele sítio, a convidava a descansar sobre ele.

Helena, tirando do seu saquinho uma obra de bordado, se pôs a trabalhar, enquanto deu sinal aos dois traquinas para brincarem. Imediatamente se entregaram a este grato exercício, o qual durava já depois de um quarto de hora, quando, a pequena distância, ligeiros e argentinos sons de uma harpa, se deixaram ouvir...

Madame Delmont, surpreendida com este novo incidente, apressou-se, por meio de um mudo sinal, a chamar seus filhos junto a si, antes que eles mesmos pudessem cometer alguma indiscrição. Impôs-lhes o mais

escrupuloso silêncio, fê-los assentar a seu lado, e escutou, com a maior avidez, as sonoras árias, que desempenhava o escondido professor.

Depois de alguns simples, e quase monótonos prelúdios, passou insensivelmente a mais solenes melodias; mas em breve, um retornado, cheio de pressão e de veemência, se lhe seguiu, e a mais doce voz, ainda que um pouco sumida, entoou o singular romance que passamos a descrever: Este dia tão belo, e tão brilhante,

Desta onda, destes vales a beleza,

Meus olhos não atraem, nesse instante

Em que minha alma é só da natureza?...

Mostra-se-me a ventura vacilante.

Quando mais a esperava com certeza;

E perdendo da vida o doce engano,

Falaz esp'rança e meu algoz tirano.

Suave sono que conforta a vida.

Meigo recobro que nos dá alento,

Em dura se converte acerba lida.

Em novo, ingrato, mais cruel tormento.

Rápido foge o tempo, e sem guarida,

Debalde espero um feliz momento.

Renova-se-me a dor, e na amargura,

Perco o prazer, a paz, perco a ventura.

Exânime tentei desventurosa

Lançar-me na mansão da sepultura;

Mas uma nova pena tormentosa

Veio roubar-me à sua sombra escura:

Eu vivo, e não existo, pois saudosa

Triste me envolve eterna quadra dura;

Na fria estância aonde habita a morte

Não tenho esp'rança de mudar de sorte!

Não poderemos descrever, senão de um modo muito imperfeito, os sentimentos, que agitaram Helena, enquanto durou o misterioso romance. Ela o escutava com profundo estremecimento; não podia duvidar, que aquela que o cantava, não fosse alguma desgraçada; porquanto, todos sabem, que o infortúnio, quando fala, tem em sua voz inflexões particulares, que decerto se não semelham com aquelas que exprime o dileto da prosperidade: mas esta circunstância, longe de intimidar *madame* Delmont, pelo contrário mais a estimulou a aproximar-se da estrangeira. Um meio se lhe ofereceu inopinadamente para o conseguir: não pôde conter a vivacidade natural de Eugénio e de Julieta, que havendo reconhecido a voz da sua amiga, ardiam de impaciência de correr junto a ela.

Assim o fizeram, logo que lhes foi possível; e com efeito a encontraram a pequena distância, assentada no tronco de uma velha árvore, que pouco havia fora cortada. Tinha em suas mãos uma pequena harpa, simplesmente adornada, que continuava a tocar, apesar de ter uma de suas mãos constantemente calçada de uma luva!

Mostrou-se assaz encantada de ver os meninos, chamando ao mesmo tempo o seu criado, que se conservava em alguma distância dela. Aproximou-se para tomar conta do instrumento; e havendo-se desviado novamente, perguntou a húngara a Julieta, qual sorte de jogo deveria entretê-las. A pequena maliciosa já tinha formado o projeto de conduzir a estrangeira ao lugar onde estava sua mãe: ocultou-lhe que ela se achasse tão perto; só lhe disse que sabia correr muito, e que estava certa, que a sua amiga não poderia apanhá-la, se quisesse dar-lhe três

ou quatro passos de dianteira.

Alinska aceitou a proposição. Julieta fugiu; era vivamente perseguida; mas, dirigindo a carreira para o sítio onde estava *madame* Delmont, que se achava encoberta pela espessura da árvore, e por uma pequena moita de roseiras selvagens, em breves momentos pôs na presença, uma da outra, as duas damas, que talvez tanto desejavam conhecer-se: a menina lançou-se, sem demora, nos braços maternos; e a húngara, confusa e surpreendida, parou no mesmo momento em que ia apoderar-se da sua pequena contendora, conservando-se imóvel no

mesmo sítio de onde avistara Helena. Esta última, muito satisfeita pelo serviço, que o acaso acabava de prestar-lhe, se levantou apressadamente, dando alguns passos para se aproximar da estrangeira, procurando ao mesmo tempo, com vistas escrutadoras, penetrar, se tanto lhe fosse possível, no interior da sua pessoa.

Alinska era esbelta, e de talhe majestoso: suas formas, ao mesmo tempo que graciosas, apenas tinham a disposição necessária para conservar a sua beleza: seu rosto oferecia um perfeito ovado; sua boca era pequena; seu nariz um pouco aquilino; seus olhos grandes; sua fronte majestosa, era ornada de belos cabelos, cujo ébano luzidio, através de uma redezinha de ouro, segurava grande número de madeixas, das quais algumas, que se escapavam, caíam graciosas sobre seus ombros. Finalmente, Alinska era bela, e contudo não eram os seus encantos que inspiravam a mais viva impressão; havia em suas feições, um não sei quê de incompreensível, uma analogia tão indefinível, que ninguém podia cansar-se de examinar, sem contudo poder averiguar, se era prazer que ela inspirava, ou o mais incompreensível terror! A alvura da sua cútis era sem igual, rosadas cores a matizavam; contudo divisava-se no meio deste misto certas sombras sepulcrais, certos sinais cadavéricos, que pareciam destruir de espaço a espaço a harmonia daquele todo. A frescura de seus lábios só podia comparar-se à do primeiro botão de rosa, que desabrocha sobre as margens do Eridão, em serena e calorosa manhã de abril: desejaríeis contemplá-los sem cessar; mas um movimento convulsivo, um sorriso impregnado de infernal malícia, algumas contrações nos músculos de suas faces, davam bem a demonstrar que a alma da estrangeira se não achava em perfeito remanso; e que, apesar de seus esforços, não podia domar a violência de suas paixões, ou o azedume de suas lembranças. Mas que poderia dizer-se de positivo, quando se examinavam seus olhos? Qual seria a expressão de que nos poderíamos servir, para explicar a mistura odiosa, da mais celeste doçura, com a mais terrível vivacidade? Uma vez era o fogo da vida que os afogueava; outras, carregados e sombrios, conservavam-se inanimados e

na mais completa estagnação! Não era possível examiná-los, sem se observar, que eles passavam alternativamente da atividade da vida, à completa inércia da morte!... não inculcavam nada de quanto existe; tão pouco patenteavam o completo triunfo da morte; mas sim um misto, sem igual, destes dois objetos reunidos, um amalgama de contrastes os mais opostos; e que, aquele que os encarava, não podia jamais lisonjear-se de os haver visto semelhantes. Um vestido de lãzinha branca, guarnecido de fitas pretas, e de um feitio desconhecido em França; um negro xaile de caxemira, eram apenas os seus adornos: este vestuário era por certo muito simples; mas achava-

se em perfeita harmonia, com aquela que o trajava.

Madame Delmont, depois de um rápido exame, que não pôde deixar de lhe inspirar a perplexidade que acabámos de descrever, e que por mais tempo não quis prolongar; vendo que Alinska se não resolvia a falar-lhe, sem contudo sair do lugar onde se achava, julgou conveniente encetar a conversação, dirigindo-lhe seus agradecimentos, pela bondade com que tinha contribuído para o divertimento de seus filhos.

Ao ouvir pronunciar suas últimas palavras, a macilenta fronte de Alinska se corou ligeiramente; seus olhos lançaram de si um certo fulgor, que veio repercutir sobre os de Helena, e a seu turno ela lhe dirigiu a palavra.

— É com efeito *madame Delmont*, a quem tenho a honra de falar? Ela me perdoará, se ainda me não apresentei em sua casa; mas buscando uma completa solidão; não vindo a este país, senão para me entregar, com todo o ardor, à execução de um projeto, cuja única importância pôde arrancar-me da minha derradeira morada, não julguei procurar outras distrações, ainda que muito apreciáveis a meus olhos. Não me demorarei neste sítio senão por um tempo determinado: apenas o terei para desempenhar os meus deveres; as minhas horas são contadas, senhora; e os minutos, que posso dar aos meus prazeres, não são por certo muito numerosos.

— Sinto muito, senhora — respondeu Helena, — não poder gozar da vossa sociedade; julgo que ela me seria muito grata e agradável.

— Guardai-vos bem de o acreditarde — exclamou a húngara, como se fosse arrastada por um movimento superior as suas forças; — não desejeis a minha presença: é a desesperação... as lágrimas... a mesma morte... que ela roja após de si!...

Um golpe de vista, que *madame Delmont* lançou sobre o vestido da desconhecida, foi bastante para lhe explicar esta espécie de enigma. Não duvidou que a morte tivesse arrebatado à infeliz dama algum dos entes que lhe fossem mais caros, e que suas palavras não fossem suscitadas pelas saudades que deviam despedaçar seu coração. Apressou-se pois em lhe responder que, não era no meio de uma solidão, que podíamos deparar com o lenitivo de nossas mágoas; mas que era necessário buscar, no seio da sociedade, as consolações de que carecemos.

— Estais enganada — replicou a estrangeira: — existem épocas na

vida, em cujos limites uma poderosa mão costuma levantar barreiras de bronze, que ninguém pode demolir; muralhas onde param todas as carreiras humanas, e além das quais se não encontra mais, do que uma sorte definitivamente determinada.

Já não espero alívio algum: daqui avante, o meu destino será tão permanente e infalível, como a mesma eternidade, da qual é uma verdadeira porção.

A exaltação destas frases, tão pouco comuns na vida ordinária, acabaram de confirmar as primeiras ideias de *madame* Delmont. Estava convencida, que fundos pesares perturbavam a existência desta jovem criatura, e quiçá a sua mesma razão. Compadecia-se do seu infortúnio; e desejando ligar intimidade com ela, estendeu-lhe a mão para lhe tomar a sua; justamente aquela que se achava calçada com uma luva. Alinska preveniu este movimento; recuou um passo para o evitar!

— Que fazeis, senhora? — disse ela com impetuosidade — Não queirais, frágil criatura, precipitar a sorte que vos aguarda. Sabeis vós, que se me tocásseis, celebraríeis um pacto com a matéria; que vos engajaríeis com as mesmas parcas?...

Madame Delmont, desde este momento, não pôde duvidar da enfermidade mental da estrangeira: procurou então distraí-la, entretendo-a com outro objeto.

— Se a companhia de pessoas razoáveis vos desagrada por tal modo; ao menos, estas crianças, que nos escutam, parecem haver merecido as vossas complacências.

— As minhas complacências, dizeis vós! — respondeu Alinska, com voz assaz sinistra — Oh!... certamente lhes não aconselharei de tal acreditarem!

Direi antes, que essas complacências não são mais do que a moratória, que o

carrasco concede ao infeliz condenado, enquanto prepara o laço com que deve estrangulá-lo...

Estas palavras eram por tal modo tão extraordinárias e terríveis, que *madame* Delmont, possuída de súbito receio, fez um movimento involuntário, como quem queria desviar seus filhos: então um sorriso, cheio de inocência, se via errar sobre os lábios de Alinska; os seus olhos tomaram aquele ar de doçura, que às vezes neles se divisava.

— Oh! perdoai-me, senhora — disse ela, — perdoai-me o susto que vos causei; mas tenho momentos, em que toda embevecida no passado e no porvir, me não considero do presente; meus discursos insensatos escapam de minha boca, apesar dos meus esforços; e o meu coração inanimado, não pode conter, sem se indignar, o único sentimento que lhe é dado conservar.

— Respeito, senhora, a pungente dor que vos dilacera; limitar-me-ei em fazer ardentes votos, para que ela se minore; e se a vista de meus filhos vos inquieta, vedar-lhes-ei a frequência dos lugares onde vos acheis.

— Acreditai-me; guardai bem estes meninos, de que pareceis tão orgulhosa: uma doença cruel um veneno... quem sabe?... mil causas sinistras podem roubar-vo-los!... Vigiai, vigiai sobre eles; não os percais de vista; sua idade é ainda tão tenra; a sua existência ainda tão frágil, que pode ser que antes de pouco tempo, vos custem as mais cruéis e acerbas mágoas...

Disse, e de novo assomou a seus olhos um desvario extraordinário; sua boca, aliás tão engraçada, se contraía horivelmente; suas feições se alteravam, e era menos uma mulher do que um cadáver que Helena contemplava! Bem quisera esta terminar tão penosa cena; mas um sentimento de compaixão continuava a dominá-la: receava abandonar sem socorros uma criatura, cuja triste alienação lhe parecia completa.

— Acaso não sofreis demasiadamente neste momento? — lhe perguntou ela

— Não vos será possível continuar o vosso passeio? Quereis permitir-me que vos acompanhe até à vossa habitação?

— Eu, sofrer! oh! não o acrediteis: ignoro até o que seja sofrimento, porquanto agora mesmo me acho no meu estado habitual. Ele deve parecer-vos talvez desagradável; ignoro se me apraz, ou se me é odioso; mas vejo que ele vos aflige; procuremos portanto esquecê-lo. Vejamos qual será o objeto de que

trataremos? Não nasci para profundar as altas ciências; mas hoje posso falar de todas elas; arranquei de meus olhos o véu da humana ignorância; explicar-vos-ei aquilo que os mesmos homens não são capazes de compreender.

Este discurso anunciava a continuação de formal demência. Helena buscou de novo despertar no espírito da estrangeira ideias mais razoáveis, e menos vagas: insensivelmente o conseguiu. Alinska,

afetou mais placidez e maior raciocínio, principiando a tratar, com aparente ingenuidade, doutros objetos mais vulgares. Helena persuadiu-se que a desconhecida não era, com efeito, destituída de instrução, ainda que contudo houvesse em suas maneiras, alguma coisa de rude, de meio selvagem, que manifestava o característico de uma educação pouco cultivada: nada disse, porém, que desse a conhecer o que na realidade era; apenas se podia conjecturar de sua pronúncia estrangeirada, que não nascera em França, e que Alemanha era a sua pátria.

Madame Delmont conjecturou então, que, vítima de um amor apaixonado e menos feliz, havia perdido uma porção dessa inteligência celestial, que constitui aquilo a que chamamos a nossa razão: em consequência achou que era natural, que o ancião, a quem talvez fora confiada, a fizesse permanecer na solidão, desviada, inteiramente, da sociedade dos homens. Assim se explicava esse mistério, que a princípio tanto tinha suscitado a pública curiosidade.

A conversação se voltou depois a respeito da música. *Madame Delmont*, que era também eminente na harpa, tratou de dar à sua nova conhecida aqueles elogios que ela merecia, ainda que todos eram repelidos com modéstia; mas, no meio desta pudica reserva, divisava-se um certo sentimento de indiferença, que não fora fácil definir. Falava do seu talento, como de outra qualquer pessoa; nada lhe causava admiração, ou orgulho: havia nela uma abnegação completa, de tudo quanto nos encanta; não era decerto egoísmo; mas sim uma ligeireza enregelada, um enjoo tão completo de tudo, que, sem o partilhar, ninguém podia deixar de a lastimar. Será isto uma mulher, ou uma estátua? perguntava Helena a si mesma.

Não será senão para sofrer que ela se acha ligada a humanidade?...

Finalmente, o sol que principiava a esconder-se por detrás dos pináculos das contíguas montanhas, ia mergulhando os vales nessa vaporosa obscuridade, sempre precursora das trevas da noite. Os meninos, cansados de brincar, sem que ninguém houvesse partilhado seus jogos, foram os primeiros que pediram para voltar ao castelo.

— Sim, meus meninos — lhes disse Alinska, — a hora de nos separarmos se aproxima; tudo quanto é corporal, deve buscar o repouso; não tardará que o espaço seja inteiramente habitado por inteligências superiores. Adeus, senhora; quisera não vos ter conhecido; a nossa entrevista me inspirará por muito tempo bem cruéis pesares!...

Acabando de falar, retirou-se precipitadamente, como arrastada pela mais entranhável comoção.

Madame Delmont, sempre disposta a julgar bem a inocência, se comprazia em ver nas palavras da desconhecida um testemunho não equívoco de sua benevolência; sentia não poder engajá-la, a também viver, alguns momentos, para os outros; e acompanhada de seus filhos, tomou, silenciosa, o caminho da sua habitação.

Muito satisfeita, dali em diante, de ter visto livremente a estrangeira; lisonjeando-se também de ter, talvez, adivinhado o motivo de suas penas e do seu retiro, contou ligeiramente a Raul quanto passara no seu encontro. O fiel servo, que tinha tomado o seu partido, sobre o que se passasse, até à próxima chegada da resposta que esperava do coronel, não mostrou a menor surpresa, ouvindo a narração de sua ama; só desejava instruir-se, se *Alinska* despertaria no espírito de *madame Delmont* algumas conjecturas ou receios; mas não lhe foi possível conhecê-lo, e conjecturou então que a húngara tinha sabido dissimular; por isso que no rosto de Helena se não divisava a mais ligeira perturbação.

Capítulo VII

No seguinte dia tornaram a falar os meninos em voltar ao seu prado favorito; Raul, designado para os acompanhar, obedeceu com violência. Todavia, *Alinska* não lhes apareceu, o que causou no velho militar um vivo contentamento, repetindo-se no seguinte dia a mesma ausência: era neste mesmo, que Raul devia receber notícias do seu coronel; esperava com ânsia a volta do mensageiro, que contudo não chegava. Já era noite escura, quando ele bateu finalmente à porta do castelo.

— As cartas!... depressa; as cartas — lhe bradou Raul, — com mil bombas!

julgava que tivesses por lá ficado!...

— As cartas! — respondeu o mensageiro; — estais iludido, sr. Raul: não trago mais do que uma; ei-la aqui, desejo que seja aquela que tão ansiosamente aguardais.

Raul se apoderou dela com a maior avidez; e aproximando-a da lanterna que trazia, examinou o sobrescrito: era com efeito do coronel; mas dirigia-se a *madame Delmont*!... Uma punhalada não houvera penetrado tanto no fundo do coração do soldado, como a falta da carta que ansioso esperava; não sabia o que devia fazer!... A

negligência do seu coronel em lhe escrever, parecia-lhe incompreensível; dava mil voltas à missiva, que tinha em suas mãos; chegando-se até a persuadir, que o coronel se havia enganado com o sobrescrito, e que a carta era efetivamente para ele: todavia não se atreveu a verificá-lo; mas não pôde deixar de tremer convulsamente quando a entregou a sua ama.

Madame Delmont, conhecedora da devoção, que o bom sargento consagrava a seu marido, tinha por costume ler-lhe alguns artigos das cartas que recebia, se porventura não continham objetos de íntima particularidade: assim o praticou também naquela ocasião, comunicando ao seu ouvinte, que o coronel passava excelentemente; mas que ainda não podia fixar a época da sua vinda. Os esposos, que diligenciava reunir, continuavam a existir na mesma discórdia e

desinteligência; não era possível reconciliá-los, sem grandes precauções; e Eduardo empregava toda a sua habilidade para o conseguir. Terminava a sua carta, pedindo a sua esposa, que o recomendasse ao seu bom Raul, de cujo silêncio se queixava, apesar da promessa que lhe tinha feito de lhe dar circunstanciados detalhes, de quanto se passasse nos campos, cuja cultura ficara ao seu cuidado.

Esta última parte era um golpe muito sensível, para que o militar se não ressentisse.

— Pelos bigodes de Roldão! — exclamou ele — Eis aqui uma repreensão, que decerto não mereço. Sou porventura culpado que meu coronel não tenha recebido as minhas cartas? Esses detalhes que ele desejava, enviei-lhos circunstanciadamente, no mesmo dia em que *madame* lhe escreveu, e de cuja carta acaba de ter resposta. Ah! sr. mensageiro do inferno, eu vos regalarei o espinhaço como mereceis!...

Madame Delmont, penalizada à vista da cólera, que divisava no rosto de Raul, ia empregar todos os meios para o sossegar, quando este, retraindo-se de súbito, assim dizia:

— Oh! como sou desgraçado! Se a minha carta se desencaminhou, não foi esse pobre diabo, que teve culpa: não tenho motivos para desconfiar dele; até lhe recomendei, que me trouxesse um recibo do empregado no correio de Tolosa, que provavelmente é quem se permite o arrojo de desvairar as cartas que nos são dirigidas; e esse recibo foi-me fielmente apresentado. Vamos vamos; neste negócio há caveira de burro; aqui há mãozinha diabólica que o enreda a seu bel-prazer!

Helena, que não duvidava a importância que dava Raul, e com muita razão, ao descaminho da sua epístola, não quis dar seguimento a este incidente: satisfeita com as notícias que acabava de receber de seu marido, não sentia outros pesares além daqueles, que lhe causava a forçada prolongação da ausência do coronel. Ela voltou ao seu quarto, e o ex-militar retirou-se ao seu aposento. A intenção deste último era de principiar uma terceira carta, de sair do castelo, antes do despontar da aurora, e de ser ele o próprio mensageiro que a conduzisse a Tolosa; por isso que no meio de seu despeito, desconfiava até da probidade dos empregados do correio.

Determinado a seguir este partido, único que poderia tranquilizá-lo, abriu o seu armário, e o pequeno cofre, para tirar o papel, e mais objetos necessários para escrever, quando à claridade de sua lanterna, que frouxamente o alumia, pôde descobrir um objeto, que lhe pareceu reconhecer... era a sua carta, tal como a tinha escrito; alguns pingos de sangue a manchavam, e uma mão trémula e incerta, tinha traçado, sobre o sobrescrito, as seguintes palavras: *A tua correspondência será sempre infrutuosa: Eduardo não receberá jamais uma só regra da tua mão, que não seja para lhe falar restritamente de seus negócios domésticos.*

Raul tinha-se visto mais de vinte vezes em face de centenares de bocas de fogo, que vomitavam a morte por diversos modos; muitas vezes o

sabre de um hussardo inimigo tinha voltejado sobre sua cabeça; e contudo em nenhum desses recontros tinha ele experimentado um terror, igual àquele que neste momento gelava seu coração, e que parecia assassinar todas as suas faculdades! Lançou maquinalmente, em torno a si um tímido relancear de olhos, como se aguardasse ver surgir diante dele algum fantasma hediondo, algum espectro infernal! Muitas vezes levou a mão sobre sua fronte, para enxugar o frio suor que dela gotejava; mas contudo ele se conservava imóvel, como se uma maga fascinação o deslumbrasse.

Quanto mais refletia sobre o que se passava, mais ele se perdia em fantásticas conjecturas. Pretendia por momentos duvidar da evidência, julgar-se iludido por algum pesadelo horrível; mas a carta estava diante de seus olhos, e em seu poder o recibo do respetivo empregado do correio, que Raul podia ler e reler mil vezes, se tanto lhe aprouvesse: parecia-lhe portanto que aquele empregado era o único culpado neste negócio; mas assim mesmo uma nova dificuldade se lhe apresentava. Como era possível, que a carta voltasse a R ***

com tanta brevidade? Quem podia possuir as tríplices chaves do seu quarto, do seu armário, e do seu cofre? Qual seria o traidor que se ocultava no meio da família? Achar-se-ia ele entre os trabalhadores, ou entre as duas criadas de serviço? Raul perdia-se por entre o caos de suas reflexões: por todos os lados não via mais do que dificuldades invencíveis; e todavia enxergava, através de tudo isto, uma realidade incontestável, que desorganizava todos os cálculos da prudência humana. Era então, que o velho soldado, que até ali apenas acreditava na existência da vida eterna (tal era a desgraça da educação que recebera!), se via quase obrigado a reconhecer a existência desses entes, intermediários entre a criatura e o Criador. Nesses momentos de fraqueza, amaldiçoava e temia ao

mesmo tempo o poder dos mágicos da Hungria, de quem tanto ouvira falar, quando percorreu aquele país. Nem mesmo os terríveis *vampiros* deixavam, naquela ocasião, de vir cruelmente torturar seu espírito abatido. Esses duendes que, segundo as narrações de uma nação inteira, abandonam o sepulcro, de onde os finados não devem surgir jamais, para vagar sobre a terra; e que no meio da escuridão da noite vão buscar nas veias dum desgraçado o fundamento duma horrível existência, que sem ser uma perfeita vida, não deixa contudo de se desviar do verdadeiro trespasse. Mas, muitas vezes, desprezava Raul essas ridículas superstições, esses grosseiros erros; abraçava outras conjecturas mais naturais, mais plausíveis. Era a intriga, a traição que ele receava, e protestou vigiar com a maior atenção, a fim de surpreender aquele, ou aquela que provavelmente auxiliava

Alinska, em seus infernais projetos.

Todavia, antes de principiar este novo género de guerra, pouco em harmonia, com seu carácter franco e sincero, formou o desígnio de se avistar de novo com o chefe principal das tropas ligeiras que devia combater. Resolveu-se portanto, que na manhã do seguinte dia iria procurá-la na sua casa de bosque; e esta ideia apenas lhe deixou algumas horas de repouso, durante o remanso da noite. Levantou-se, cada vez mais convencido da necessidade de uma entrevista com a estrangeira; e assim que julgou poder ser admitido na sua presença, tomou o caminho da pequena mansão que ela habitava. Quando chegou, ainda a porta estava fechada: bateu, mas ninguém lhe respondia; bateu segunda vez com maior força, sem que o silêncio do interior fosse interrompido! Quanto mais esperava, mais a sua paciência se agravava: fez retinir pela terceira vez o martelo, sem obter melhor resultado. Que deveria pois fazer? Estaria a casa abandonada, ou então não quereriam de propósito abrir a porta? Seria mais conveniente continuar o assédio, ou voltar no seguinte dia?

Enquanto hesitava sobre o partido que deveria tomar, sentiu pouco distante de si um ruído assaz ligeiro; voltou-se prontamente, achando-se face a face com o decrepito servo de Alinska. Este personagem era de talhe colossal; desde muito que o seu crânio, inteiramente desguarnecido de cabelos, se achava exposto às intempéries do ar; uma espantosa placidez se via espalhada sobre seu rosto cadavérico; seus olhos amortecidos pareciam imóveis, e não rolavam debaixo de suas pálpebras enregeladas; o som da sua voz era ao mesmo tempo rouquenho e prolongado, e um hálito empestado se exalava de sua boca, na qual apenas se enxergavam cinco ou seis dentes. Um gibão de pano grosso cobria este gigantesco personagem: tudo anunciava nele o cansaço de uma existência demasiadamente prolongada, e o desprezo de tudo quanto pode agradar ao

comum dos homens.

— Olá, nosso amigo! — lhe bradou Raul, assim que o avistou, sem se assustar pelo seu desagradável exterior — Acaso vossa ama já tomaria o seu voo? Andará já pairando sobre os campos, para desaninhar os implumes passarinhos?

— E quem vos dá o direito — respondeu o velho doméstico — de me dirigir semelhante questão? Conhecer-nos-emos nós, para me falardes com tanta familiaridade?

O tom severo com que foi dirigida esta réplica, não era decerto muito

lisonjeiro. Raul, apesar da confiança que tinha em si mesmo, ficou por algum tempo em perfeita confusão: contudo, não querendo dar-se por vencido, logo ao romper das hostilidades, tomou a seu turno a palavra:

— Vamos, meu velho compadre, não vos agonieis; venho aqui para falar a vossa ama; já bati à porta como se fosse um surdo, e ainda não senti dentro sinal de vida; chegastes muito a propósito; interroguei-vos; e pareceu-me não haver em tudo isto coisa alguma que não seja muito natural; portanto não tendes que respingar, como acabais de fazer. Acaso sereis vós como certos figurões, que acham mais fácil de despropositar do que de responder razoavelmente? A vossa querela intempestiva quase me dá lugar de o acreditar.

— Se vós me conhecêsseis, *meu amigo* — replicou o velho, — veríeis facilmente que nada pode existir de comum entre nós. Vós seguis ainda o vosso caminho, e o meu há muito tempo que acabou. Isto não é dizer-vos, que sofreria injúrias ou ameaças; mas espero que não chegaremos a esse extremo, porquanto a nossa conversação não será demasiadamente longa. Que pretendeis a minha ama, como lhe chamais? Eu me encarrego de lhe transmitir o vosso recado, com tanta fidelidade, como se propriamente lho désseis.

— Pois não!... Muito obrigado, *meu amigo* — respondeu Raul, bastante estimulado da maneira um pouco livre com que o tratava um indivíduo, que não julgava de uma condição superior à sua, — o negócio que tenho a tratar com Alinska, não pode ter intermediário. É contudo provável que tenhais algum conhecimento dele; que mesmo tomásseis uma viva parte no jogo de peloticas, que aqui me conduz; mas não me apraz, de vos comunicar os meus desígnios. O

que pretendo é falar com a húngara: tendes percebido?

— Sim, percebo; mas nem por isso farei o que pretendeis. A húngara, como também lhe chamas, nada tem a tratar convosco, portanto tomai o vosso partido; e como julgo que fostes militar, aconselho-vos de fazer aquilo, a que chamais meia-volta à direita; e voltaí outra vez por onde viestes.

— Sabeis vós, meu velho, que para me obrigar a uma retirada, seria mister uma artilharia mais numerosa?

— Pois bem, nós a encontraremos — lhe respondeu o doméstico, sem se alterar.

Ao mesmo tempo, antes que Raul pudesse adivinhar o seu projeto,

lançou-se furioso sobre ele; agarrou-o apenas com uma mão; mas com tão extraordinária força que, apesar dos esforços do ex-sargento, o levantou do solo, e o conduziu a uma vereda, vizinha do lugar onde se achavam.

Oh! quanto Raul não lastimava naquele momento não ter trazido o seu sabre, que lhe teria servido a tirar pronta vingança de uma ação, que, a seus olhos, tanto o desonrava! Mas esse ferro, arma da sua coragem, já o não adornava, e o seu rude adversário tinha-lhe arrancado até o bordão, de que poderia servir-se!... Nenhum outro meio de defesa se oferecia a seus inquietos olhares! O terreno daquele distrito, e do Lauraguais, em geral, é de tal natureza, que facilmente pode percorrer-se por mais de uma légua, sem encontrar um único calhau: por toda a parte é composto de uma terra argilosa e compacta, extraordinariamente fértil e produtiva.

Mas como era possível que ele deixasse impune uma tal afronta? A raiva não deslumbrava o intrépido guerreiro: conhecia que lhe era impossível lutar, corpo a corpo, com um velho, que só o era na aparência, por isso que sua força muscular era superior à dos homens os mais vigorosos que Raul havia encontrado! Chamá-lo a um duelo, era unicamente o que lhe restava para fazer; e portanto, com uma voz, meia sufocada pela cólera, propôs ao seu adversário um combate mortal.

O estrangeiro, que em todo este tempo não tinha perdido a imperturbável tranquilidade, que em seu rosto reinava, olhava para ele sem nova comoção.

— Que pretendeis de mim? — lhe disse ele — Deverei eu servir-me de outras armas, além daquelas que já empreguei, para esmagar o vosso atrevimento e orgulho! Não vos lisonjeeis: não quero bater-me; sei só defender-

me, e exterminar imediatamente aquele que se atrever a ultrajar-me. Já tivestes ocasião de o experimentar; aconselho-vos, criança fraca e vaidosa, de seguir vosso caminho, e de não voltardes a um lugar de onde talvez vos não deixasse sair de novo.

O tom feroz com que foram pronunciadas estas palavras, o gesto de morte que as acompanhava, a homicida chama que brilhava nos olhos do misterioso velho, tudo isto havia uma significação, tão fácil a penetrar, que Raul, apesar da sua bravura, se achava confuso, interdito, e totalmente desalentado! Até vacilava, se deveria, ou não, repetir o seu desafio! Foi neste comenos, que a porta da casa se abriu,

e Alinska, ornada com um vestido preto, que dava singular expressão à sua fisionomia, se apresentou de repente.

— Então, Ladislau — disse ela ao seu doméstico, — esqueceis-vos sempre, que vos proibi de vos entregardes à violência do vosso caráter! Será possível que ainda conserveis alguns restos das loucuras humanas? Acaso vos será permitido insultar as pessoas que me procuram?

O velho, ouvindo este discurso, estremeceu subitamente; mas sobre seu rosto, sempre pacífico e sereno, não se divisava, nem respeito, nem confusão: apenas um sorriso atroz agitava seus lívidos lábios; nada replicou, mas retirou-se prontamente, e a lentos passos foi-se dirigindo à misteriosa mansão.

A presença de Alinska era neste momento, o que Raul mais desejava. Foi, para lhe falar, que tinha saído do castelo, e as brutais maneiras do seu doméstico não lhe davam esperança alguma de o realizar. Ficou portanto muito satisfeito com a aparição da húngara, que parecia disposta a ouvi-lo; e foi por isso que ele não balançou a se aproximar a ela, sem contudo poder ocultar as expressões de dissabor, que o tratamento insultuoso do velho lhe havia despertado.

— Com efeito, Alinska — disse ele, — o vosso carcereiro (é este o nome que merece) deve dar graças à Providência, por ter suscitado a ideia ao rei de França de me haver esbulhado de um certo pedaço de ferro, que, durante o tempo que persisti na Hungria, nunca me abandonou. Se nessa época me houvera insultado, como há pouco fez, ter-lhe-ia introduzido, com a maior doçura, através de seu peito infame, algumas polegadas desse ferro, que devidamente o puniria de sua insolência e audácia: mas, paciência; nem sempre me achará desprevenido, e eu vos protesto de saldar com ele, um destes dias, as contas, que há pouco contraímos.

— Ora vamos, Raul; não vos lembreis desse desagradável incidente.

Ladislau seria talvez culpado: mas vós não deixais de o ser igualmente: vós o haveis provocado com a vossa insistência: não o julgando senão pela aparência da sua idade, acreditastes que seria fácil submetê-lo aos vossos desejos; mas o vosso erro em breve se dissipou. Acreditai-me; esquecei o que entre ambos se passou: é o que mais convém ao vosso descanso. Tudo quanto compreendêsseis, cairia sobre vossa cabeça, e a vossa mesma vingança vos esmagaria.

— Isso é ótimo de dizer! mas um soldado não se deixa iludir como

simples recruta: já passei o tempo da conscrição, e não sofrerei jamais um ultraje. Além de que, terei eu razão de estar mais satisfeito da ama, do que do seu criado? Não temos nós igualmente um importante negócio para terminar? Não pretendeis porventura fascinar-me com vossos feitiços e peloticas? Será isso conveniente?

E consentirei acaso que viésseis a este país, para me ultrajar e para alterar o sossego da família do meu coronel?

— Raul — respondeu Alinska, com fereza, — ignoro qual seja a inteligência superior, que vos arrasta à vossa completa destruição. Com que audácia vos atreveis a queixar-vos de mim? Qual de nós será mais culpado? Não fostes vós, miserável, que em casa de meu pai, vos constituístes o principal agente da minha ruína? Não vos recordais dessa época desastrosa, em que, para auxiliar os criminosos projetos do coronel, não cessáveis de me exaltar sua pérfida ternura? Não estáveis sempre a meu lado, procurando desvairar minha razão, diligenciando fascinar minha virtude? Desgraçado tentador! Origem do meu infortúnio! Cabe-vos porventura elevar, na minha presença, uma voz audaciosa, dizendo-me que sou culpada? Retirai-vos imediatamente, se porventura a vida vos é cara... infame bicho da terra, que há muito deveria esmagar com meus pés, fugi... retirai-vos...

— Com mil diabos, como sois arrogante, Alinska! não reflexionais decerto nas expressões que me dirigis; e se acaso tivesse a mania de me considerar algum gentil-homem, vós mesma me faríeis recordar, bem a meu pesar, que sou filho de um honrado camponês. Contudo, o vosso nascimento não é por certo mais ilustre, do que o meu: vosso pai era na verdade um excelente vinhateiro; mas nunca ouvi dizer, que descendesse das magnatas famílias de Estherasy ou de Palfy.

— Enganaste, Raul, ou então é uma desforra que pretendes tirar de mim.

Não é para te disputar o acaso de um nascimento, que pretendo desprezar-te. Tu

atreves-te a queixar-te de mim; não quis mais do que fazer-te recordar do passado, para te constituir a ti mesmo juiz de qual de nós é o verdadeiro criminoso.

— Isso para mim é indiferente; já me não recordo daquilo que se passou há tantos anos: além disso, se acaso fostes tão crédula, queixai-vos de vós mesma: o que unicamente me importa, é que se atrevam a surpreender os meus segredos, a intercetar a minha correspondência, e

que finalmente se valham de diabólicas inteligências, para desarmonizar a família de meus benfeitores.

Alinska nada respondeu: contentou-se em lançar sobre Raul um despeitoso olhar, no qual se divisava o mais terrível e depravado triunfo.

— Repito-vos — continuou o sargento, — que já estou cansado de vossas intrigas e de vossos enredos. Já me intercetastes duas cartas, que dirigia ao meu coronel: ignoro quais os meios que empregais para me contrariar; mas eu vos advirto, que se Deus me depara sob a mão um de vossos cúmplices em flagrante delito, o seu processo não durará muito tempo; saldar-lhe-ei sobre o espinhaço o capital e juros de nossa dívida pretérita.

— Como!... Ainda mesmo que fosse o velho Ladislau! — exclamou Alinska, com um sorriso de desdém e ironia.

— Oh! com mil trovões!... Que se apresente esse carunchoso esqueleto: ainda conservo uma espingarda de munição, com a qual o obrigarei a fazer íntimo conhecimento; e contra a qual, assim o espero, de nada servirá a força de seus punhos!

— Raul, pela última vez te repito, tu marchas a longos passos para o abismo da tua completa destruição.

— -E vós, Alinska, também caminhais ao termo de vossos criminosos enredos... Não os sofrerei por mais tempo: se acaso a terceira carta não chegar às mãos do coronel, nós veremos se os magistrados nos não fazem a ambos a devida justiça.

— Insensato!... De quem te queixarás tu? Sobre que fundamento plausível poderás estabelecer a tua acusação? Quererás fazer-me responsável pela tua loucura? A quem farás acreditar, que posso pôr obstáculos entre ti e teu amo?

Tornar-te-ias o escárnio de toda a gente, e isso servir-me-ia, em parte, de

consolação! Frágil joguete daquela que te fala; não levarás muito longe a insolente audácia de teus discursos.

— Alinska: vós podeis dizer-me quanto vos agradar. Conheço que alguns erros cometi a vosso respeito; se com efeito podem considerar-se erros, a cooperação que prestei aos vossos amores; mas, por Deus! esquecei-vos do passado, e não continueis a incomodar-me.

— Assim to prometi; ofereci-te até avultadas recompensas, se te obrigasses a não participar ao coronel a minha existência. Para que te obstinas em me recusar tão insignificante serviço? Deixa que ele volte; consente que, pela última vez, lhe fale; a sua tranquilidade, a sua existência mesmo; tudo, enfim, depende duma entrevista. Além de que, seria de balde que lutasses comigo; pois que empregaria meios para te vencer, que não serias capaz de prevenir. Treme, sobretudo, se soltares uma só palavra, que me dê a conhecer a essa rival ditosa, que ocupa ao lado de Eduardo o lugar que me era devido: a tua indiscrição te custaria a vida!... Sim, Raul, eu te sacrificaria imediatamente!...

Alinska, ao pronunciar estas últimas palavras, fez um gesto tão imperioso e arrebatado, que rasgou um pedaço de seu vestido; o que deu lugar a Raul para descobrir em seu peito esquerdo uma ferida, que ainda gotejava algum sangue. O

estremecimento involuntário, que nesta ocasião agitava o corpo do velho soldado, não escapou às penetrantes vistas da interlocutora; fácil lhe foi compreender o motivo, tratando logo de reparar a desordem do seu vestuário.

Raul, pela sua parte, ficou aterrado, sentindo despertar no fundo de sua alma um sentimento de compaixão, que ainda até ali não tinha experimentado.

— Oh desgraçada rapariga! — exclamou ele — Que fizestes vós? E podeis ocupar-vos, no estado em que vos achais, de uma paixão tão perigosa? Entrai, entrai depressa na vossa habitação: a vossa ferida abriu-se de novo; vós ignorais, sem dúvida, o perigo que correis.

— De que perigo pretendes falar-me? Não conheço já nenhum sobre a terra.

— Mas vosso sangue corre; as ligaduras certamente se desataram; não percais tempo em ir de novo arranjá-las. Se o meu auxílio vos é necessário, não receeis aceitá-lo.

— Não te incomodes com aquilo, que não deve importar-te: o meu sangue

não pode correr, porque já o não tenho: há muito tempo que se esgotou completamente; aquele que me anima, não me há de faltar; conheço as fontes onde poderei libá-lo; deixa-o portanto correr à sua vontade; não faças caso.

Ao ouvir tão extravagantes palavras, não deixou Raul de acreditar, à

semelhança de *madame* Delmont, que a húngara tivesse perdido o uso da razão: a raiva, que em seu coração reservava contra ela, desde logo se acalmou; buscou então, com doçura, inspirar-lhe mais pacíficas ideias, chegando até a aproximar-se dela para socorrê-la, por isso que observava a terrível palidez que a cobria.

— Não te aproximes de mim — bradou ela com rouca e desfalecida voz, —

não me toques, ou antes fuge de mim; não te é permitido observares o que vai passar-se... Ladislau!... Ladislau; vem a meu socorro, aliás não poderei desempenhar, cabalmente a missão que me foi confiada.

Ladislau ouviu a sua voz, e chegou a tempo para receber Alinska em seus braços, que se achava quase desmaiada. O velho, tendo-a examinado por algum momento, lançou em redor de si um terrível olhar; e, sem nada dizer, fez um gesto com a mão, para que Raul se retirasse. Este não parecia muito resolvido a obedecer-lhe; mas uma súbita reflexão o determinou a retirar-se: receou causar, com sua obstinação, os últimos momentos da estrangeira; e impellido por este motivo, tomou o caminho que havia pouco trouxera, subindo a próxima colina, que devia conduzi-lo ao castelo.

Numa volta do caminho, que o obrigava a passar de novo junto do sítio, onde Alinska jazia deitada sobre a relva, julgou poder examinar, a seu grado, o que ali se passava. Viu então, ou pareceu-lhe ver, o velho Ladislau, inclinado junto a ela, que lhe fazia tomar uma beberagem vermelha; mas ao mesmo tempo, uma violenta pancada, que recebeu sobre a cabeça, o estendeu subitamente por terra. Levantou-se furioso para fazer frente ao inimigo, que o atacara; mas ninguém se achava junto dele! Atribuiu aquele acidente ao imprevisto choque de algum ramo de árvore, por isso que naquela ocasião caminhava já pelo meio do bosque.

A sua curiosidade o instigou a se guardar segunda vez para a parte do prado, a fim de examinar o grupo que ali deixara; mas tal grupo já tinha desaparecido. Esta súbita desapareição causou-lhe a mais viva surpresa; e todo embevecido nas mais variadas e penosas reflexões, entrou no castelo, dizendo consigo mesmo:

— Praza a Deus, que tudo isto tome um aspeto mais natural! Não me sinto satisfeito com o que tenho observado, e bem desejava poder penetrar o profundo mistério que nos rodeia.

Capítulo VIII

A profunda solidão em que a estrangeira continuava a viver, ia diminuindo cada vez mais a pública curiosidade: nem sempre podemos ocupar-nos dum só objeto, e tanto em R ***, como na cidade mais populosa, a marcha do espírito humano é sempre a mesma; nunca muda de direção. Apenas se falava já dos habitantes da casa isolada, quando um novo acontecimento, atraindo com mais força, a atenção dos camponeses, acabou de riscar inteiramente da sua imaginação a lembrança de Alinska e do seu doméstico.

Havia naquele distrito uma menina, robusta e saudável, que tanto por sua beleza, como por sua fortuna, se tornava o ponto de mira de todos os moços abastados, que a conheciam.

Todas as vezes que Páscoa (era o seu nome) se apresentava numa festa, em breve se formava, em torno a ela, um círculo de rústicos admiradores, que a seu modo lhe prodigalizavam essas adorações, que os amantes em geral costumam tributar à formosura. Páscoa conservou-se por muito tempo indiferente àqueles galanteios: aceitava, é verdade, as homenagens que lhe dirigiam, sem contudo fazer a mais leve distinção entre os seus amantes. Enfim, um rendeiro do distrito de Montbrum conseguiu enternecer o coração da bela indiferente.

A escolha de Páscoa irritou o amor próprio daqueles, que deviam perder a esperança de a possuir. Furiosas ameaças retumbavam por toda a parte contra o feliz sedutor; e, segundo se dizia, muitos conluíes se formaram, para pôr obstáculo a uma união, que punha em completo desespero tantos amantes desprezados. Tranquilo, no meio da tempestade que se preparava, dispunha-se o venturoso casal a apertar para sempre os laços da mais terna união: esperavam unicamente que o seu *maire* voltasse a R ***, donde se achava ausente, a fim de efetuar o desejado consórcio. O seu ajudante também se não achava presente naquela ocasião; e esta demora mergulhava Merlet (era o nome do noivo) na mais viva impaciência. Todavia, como não é possível que os empregados civis de um distrito se conservem ausentes por longo tempo, não podiam aqueles

deixar de voltar antes de pouco: deviam chegar no próximo sábado à noite; e no dia seguinte, antes da missa, haviam as formalidades civis preceder as cerimónias da religião, para santificar os laços conjugais. Era nesse mesmo sábado, que Raul se resolvera fazer à húngara a visita, cujo resultado fora para ele tão pouco satisfatório. Tinha sido convidado para o casamento de Páscoa, e no seguinte dia devia reunir-se aos amigos do noivo, para partilhar os seus folgares, ou para se opor, com eles, às furiosas tentativas, que pudessem empreender os

rivais e mal intencionados invejosos dos dois amantes.

Concluída a ceia, retirou-se Raul ao seu quarto, ainda todo preocupado pelo que lhe havia acontecido. Tinha sempre presente a força colossal do velho criado, e figurava-se-lhe ainda o sangue, que gotejava da ferida, que Alinska casualmente lhe patenteara. Enquanto engolfado numa série de confusas ideias, que cruelmente ocupavam seu espírito, lançava em volta do quarto seus olhos distraídos, estes se fixaram de súbito sobre um objeto, que arrancara do fundo do coração de Raul a mais dolorosa exclamação. A sua espingarda de munição estava despedaçada; o mesmo cano achava-se partido em várias partes!...

Este novo incidente, que lhe parecia superior às forças humanas, cobriu seus membros de um suor glacial; um mortal calafrio o fazia tremer convulsamente; e com os olhos espavoridos, com a mão estendida, com o corpo meio curvado, ficou Raul, por muito tempo, como petrificado de horror. Este acontecimento era muito sobranceiro à sua compreensão e perspicácia: não podia ligar a eles um motivo natural, que o justificasse; e no meio de seu involuntário susto, quase que fez o juramento de se não embarçar mais com os negócios de Alinska, bem convencido de que para lutar com vantagem contra ela, carecia de um poder superior aos insuficientes meios que possuía.

Bastos minutos decorreram antes que o tímido sargento pudesse deparar com algum conselho. Estremecia ao sentir o mais leve ruído; prostrado inteiramente, nada lhe restava de sua natural energia; e esta pusilanimidade aliava-o, naquele momento, à classe dos homens fracos e covardes, que tantas vezes escarnecera. O cansaço enfim, o lançou num desfalecimento, que foi seguido de uma espécie de letargo; porquanto já eram sete horas da manhã, quando despertou ao estrondo que alguém fazia à porta do seu quarto. Recordou-se então do noivado para que fora convidado; e julgando que o vinham chamar para esse fim, levantou-se todo envergonhado da sua preguiça. Ao abrir a porta, deparou com um camponês seu amigo, ficando de novo assustado à vista do sobressalto e consternação que divisava sobre o rosto do aldeão. Ia interrogá-lo;

mas ele o preveniu por este modo:

— Ah! sr. Raul — lhe disse ele, com voz entrecortada de fundos ais, — que horrível catástrofe nos sobreveio esta noite! A infeliz Páscoa foi desumanamente assassinada!

— Que dizeis, desgraçado!... E quem cometeu um crime tão atroz? Vós

me fazeis estremecer!...

— Ai!... Já não podemos duvidar da sua morte; mas ignora-se absolutamente o nome do assassino: introduziu-se furtivamente no quarto da infeliz, sangrou-a em quatro veias; e por uma particularidade, que a todos espanta, acha-se o corpo da vítima de todo esgotado; apenas algumas ligeiras manchas se divisam sobre os lençóis!

— Esgotada por esse modo! — exclamou o consternado Raul —

Inteira e vazia de sangue!... Oh! santo Deus, acaso se repetirão em França os horrores que tanto assolam a desgraçada Hungria?!...

Depois destas palavras, ficou como suspenso e arrependido de as haver pronunciado; mas o mal que quisera evitar, já não tinha remédio. O camponês Mathurin, picado em sua curiosidade, reclamou com instância a explicação de um discurso que não podia compreender. Em vão procurava Raul mudar de conversação, pedindo novos detalhes sobre o assassinato; mas o seu camarada, depois de haver satisfeito a sua curiosidade, novamente o instava para que lhe explicasse o que na Hungria se passava a este respeito. Tais foram as suas instâncias, que foi mister ao sargento contentá-lo, a fim de evitar alguma querela com o seu amigo.

— À fé, meu caro — lhe disse Raul, — vós dais-me menos tempo para resfolegar, do que os hussardos negros, em uma carga que nos deram, e que corajosamente repelimos na célebre batalha de Iena. Mas, como insistis em querer saber o que teve lugar longe daqui, ouvi-me com atenção; e se acaso tiverdes medo esta noite, não vos queixeis de mim, mas sim da vossa curiosidade. Sabei pois, que a Hungria é um vasto país, que se acha na extremidade da Alemanha, sobre a fronteira da Turquia. Os seus camponeses são quase selvagens, semelham-se mais a brutos, do que a racionais; passam a vida em uma espécie de escravidão, à qual seria impossível que nós os franceses, nos resignássemos: mas, se porventura se humilham, enquanto vivos, a seus

senhores, desforram-se com demasiada usura, depois que os cobrem com seis pés de terra: muitos destes miseráveis, depois de terem sido enterrados, surgem de seus túmulos no meio das enregeladas noites de inverno, inspirados talvez pelo diabo, voltam sobre a terra para tormento e flagelo dos vivos! Esses entes, que não são, nem mortos nem vivos, introduzem-se, envolvidos nas trevas da noite, em casa de seus parentes, ou de seus amigos; deitam-se ao lado deles, e rasgando

subtilmente as veias de suas desgraçadas vítimas, lhes sorvem o sangue necessário, para sustentar sua odiosa existência! Desde a meia-noite, até à uma hora da madrugada, continuam esses monstros suas abomináveis excursões, até que concluem o trespasse de suas vítimas. Muitas vezes, eles se dirigem, ao mesmo tempo, a diversas casas, levando a consternação e o luto a várias famílias. Quando um destes demónios, a que chamam *vampiros*, aparece no meio de uma aldeia, não se ouve falar senão de terríveis acontecimentos, de mortes prematuras! A destruição e o luto os acompanham; cada um dos habitantes receia por ele, e pela sua família, a visita destes inimigos da humanidade. Chamam-se os padres; os seus exorcismos não têm vigor; o *vampiro* não deixa por isso de continuar seus terríveis estragos! Resta um único meio para o aniquilar: consiste em desenterrá-lo do seu jazigo; o seu corpo parece à primeira vista inanimado; mas suas faces singularmente coradas, seus lábios vermelhos, e ainda ensanguentados, em breve manifestam a terrível existência do monstro. Então, arrastam-no do sepulcro, decepam-lhe as mãos, os pés, e a cabeça; mas nada disto seria ainda suficiente a extingui-lo de todo, se por meio de pontiaguda estaca, lhe não trespassassem o infame coração, do qual se vê rojar, de mistura com um grito espantoso, uma torrente de ensanguentada matéria, que então anuncia a total extinção de vida naquele corpo homicida. Depois termina-se a cerimónia, lançando ao fogo os nojentos restos do miserável: restabelece-se então o sossego no país, até que um novo *vampiro* venha de novo perturbá-lo. O

que acabo de referir-vos, meu caro Mathurin, pode ser-vos confirmado por uma nação inteira, a qual se acha há longos séculos debaixo do peso de tão cruel flagelo, que desgraçadamente parece propagar-se. Um homem, imolado por estes demónios, torna-se muitas vezes noutro *vampiro*: as mulheres são também sujeitas a esta calamidade; e seria difícil narrar-vos, quanto ouvi na Hungria a este respeito, e o que li em um livro, que o meu coronel comprou em Tolosa, quando ali esteve.

Raul poderia pregar ainda por mais tempo, sem que o seu ouvinte o interrompesse: escutava-o com a mais profunda atenção; não perdia uma só palavra, abraçava-as em sua memória, e atribuía já a morte da desventurada Páscoa, ao detestável e horrível *vampirismo*!

— Virgem puríssima! — exclamou ele — Será verdade quanto acabo de ouvir? Olhai, Raul; estou arrependido de vos haver interrogado, ainda que a vossa narração me deu esclarecimentos, que até aqui ignorava. Graças a Deus, ainda até agora não tínhamos visto no nosso país, mais do que algumas fadas ou pelotiqueiros: de tempos a tempos

também tem aparecido alguns duendes; mas tudo isto não passa de causar-nos algum medo, em desarranjar os trastes da casa, em atormentar os pastores e os rebanhos nos seus apriscos; mas nutrir-se de sangue humano!... Oh! basta pensá-lo para morrer de susto!... Pobre Páscoa! Foi decerto um *vampiro* que te arrebatou deste mundo. Vamos, vamos, não é possível duvidá-lo...

Raul, apesar de sua íntima crença, engajou Mathurin, para que atribuisse o passamento da triste noiva a outro motivo mais plausível; mas o rústico estava bastante desejoso de espalhar as luzes, que acabava de receber, para que riscasse de sua imaginação essa ideia.

— Tudo quanto disserdes — continuou ele, — será excelente, até razoável; mas o que é incontestável, é que neste negócio anda obra de *vampirismo*. Quero anunciá-lo na igreja, na ocasião da missa do dia; e talvez seja ainda mais conveniente fazê-lo quanto antes, a fim de solicitar algumas preces, para que o Senhor nos livre de tão terrível flagelo. Mas qual será o nosso patrício, que possa representar tão infame papel? É necessário esclarecer este negócio; corro em busca dos veteranos da paróquia, a fim de consultar a sua opinião.

Os esforços de Raul, para o dissuadir deste projeto, foram de todo infrutuosos. Mathurin retirou-se precipitadamente, quase consolado da desgraça que acontecera, por isso que julgava ter descoberto a verdadeira causa que a produzira. Assim que chegou à grande árvore, que frondosa se eleva defronte da porta da igreja, principiou logo a divulgar aos primeiros camponeses, que encontrava, quanto Raul lhe havia contado. O maravilhoso duma tal narração não podia deixar de aterrar aquelas almas pusilânimes, supersticiosas, e ignorantes. Em breve se formaram diversos grupos: cada um fazia as conjecturas que lhe parecia a tal respeito; já ninguém duvidava da existência desses demónios corpóreos, cuja história se ouvia pela primeira vez; e todos concordes resolveram, ainda que com sinais de fundo pavor, que algum *vampiro* se achava na povoação de R ***: divagavam sobre o nome do defunto, a quem poderiam atribuir tão grande abominação. As conversações tornavam-se cada vez mais misteriosas; receavam nomear o indivíduo de quem se lembravam, temendo atrair sobre si o ódio de sua família; examinavam escrupulosamente a vida de

todos os finados; citavam-se as malícias que haviam praticado; as más qualidades de que eram dotados! Houve um entusiasta que pretendia, que o *vampiro* devia encontrar-se entre aqueles que se haviam apoderado dos bens do clero, principalmente daqueles, que eram destinados para sufrágios das almas do purgatório; e esta terrível ideia não achou no auditório a mais leve oposição.

Todavia, uma velha mulher, abanando a cabeça, não receava dizer:

— Então não vos recordais vós daquele bufarinheiro, que tanto enamorado só mostrava pela mísera Páscoa? Sabeis que ela recusou, com desprezo, a sua mão, e que o pobre rapaz se ausentou para Tarbes, sua pátria, protestando que ali havia de terminar a sua malfadada existência. Pois bem! desde então, nunca mais houveram notícias dele, e provavelmente foi ele que veio do outro mundo, para se vingar daquela que o desdenhava.

Este discurso, cheio de franqueza e de ingenuidade, pareceu aos camponeses a explicação genuína de um prodígio tão assombroso. Decidiram unanimemente, que o tal bufarinheiro era decerto o verdadeiro assassino de Páscoa; e quando se separaram, todos prometeram de rezar alguns padres-nossos por sua alma, e de se comunicarem mutuamente quaisquer esclarecimentos, que pudessem haver a este respeito. Mas, dali em diante ninguém se ocupou mais com a estrangeira, nem com seu procedimento extravagante. Não se falava senão no *vampiro*, do qual se referiam as empresas mais singulares e absurdas. Todas as manhãs se espalhava um novo acontecimento: pretendiam uns haver enxergado, à claridade da lua, surgir do cemitério uma figura branca, e dirigir-se rapidamente à aldeia de Pechabou; outros afirmavam, que antes de despontar a aurora, tinham observado, por entre as árvores que guarnecem os bosques de Souterrène, um fantasma hediondo, que sem tocar o solo, se balanceava no ar; e que depois de haver espargido de si um clarão fosfórico, que alumiará os vizinhos montes, tinha subitamente desaparecido! Outro havia, que afirmava não se ter deitado, e ter ouvido um surdo motim à porta da sua habitação, como se alguém pretendesse arrombá-la; outro, tinha sentido abraçar-se, na sua própria cama, por um corpo frio e glutinoso, do qual se havia desembaraçado por meio de fervorosa oração, acompanhada da promessa, que tinha cumprido de dar duas dúzias de ovos, e um par de frangos, ao milagroso S. Lázaro, patrono do país!...

Estas narrações, exageradas por aqueles que as repetiam; espalharam ao longe universal terror; e por muito tempo, depois que a noite enlutava o hemisfério, consultavam-se os camponeses, entre si, antes de se aventurarem sozinhos a percorrer os sinuosos caminhos do distrito.

Raul, primeiro móvel deste novo receio, nem por isso o partilhava. Outro cuidado ocupava as suas ideias; desejava conhecer, de um modo positivo, os meios empregados pela húngara, para se introduzir clandestinamente no castelo.

Vigiava pois, com escrúpulo inquisitorial, não só as duas domésticas de *madame* Delmont, mas ainda todos os trabalhadores, ocupados no serviço da granja; espreitava seus passos e ações as mais inocentes; conservava-se horas inteiras num esconderijo obscuro do seu quarto, para melhor surpreender o temerário que ali se atrevesse a penetrar. Seus esforços não foram coroados do resultado que tanto desejava; não podia, com justiça, lançar suas suspeitas sobre pessoa alguma, ocupada no castelo: a sua conduta era tão regular, e tão pouco suspeita, que se viu obrigado a proclamar, a seu pesar, a inocência daquela boa gente.

Mas, longe de suspender suas indagações, apenas se limitou a dirigi-las para outro lado. Sabia que os antigos castelos possuíam quase todos desconhecidos subterrâneos, corredores, secretos, onde se podiam ocultar tenebrosos conluíus. Com o pretexto de se assegurar da solidez dos muros e alicerces, e para, enfim, se enganar sobre esta nova descoberta, procedeu desde logo a uma rigorosa vistoria, para cujo fim se fez acompanhar de um hábil pedreiro, que de propósito foi buscar a Castanet, lugar principal daquele distrito: gastaram dois dias a examinar os tetos, os sobrados, as grossas paredes; e por toda a parte, em que um som vazio anunciava a existência de alguma cavidade, não passavam avante sem indagar escrupulosamente o motivo do seu reparo.

A severidade de suas pesquisas lhes descobriu finalmente um pequeno corredor, que tendo sua origem no ângulo de um quarto ao rés do chão, ia descendo por apertada escada, até se perder no centro da terra, na direção do noroeste. Com esta descoberta, e mais ainda com o misterioso caminho, que o subterrâneo parecia seguir, persuadiu-se Raul haver encontrado a vereda, por onde aí poderia penetrar no castelo. Em companhia do pedreiro, e levando cada um sua lanterna, determinaram-se a percorrê-lo em toda a sua extensão; mas tendo caminhado uns cem passos, pouco mais ou menos, viram-se obrigados a suspender a sua marcha por causa de um grande rochedo, que lhes não oferecia a mais pequena saída. Depois de empregados os maiores esforços para destruir este rude obstáculo, a resistência que ele ofereceu às suas alavancas e picaretas, os convenceu da inutilidade de suas fadigas. Voltaram ao castelo, e Raul só ficou satisfeito depois de fazer tapar, com pedra e cal, a entrada do misterioso corredor, que ele reputava muito perigoso, por se persuadir, que devia comunicar com a casa isolada do bosque; a qual, antes da revolução, pertencia também ao senhor de R ***, e que só tinha sido desanexada do principal edifício, na

desgraçada época das últimas oscilações políticas. Raul, mais

satisfeito, ainda que nada tivesse descoberto de positivo, lisonjeava-se de haver destruído os planos da cruel inimiga do seu repouso; e sem a menor contestação satisfez pontualmente ao pedreiro, quanto ele lhe exigira pelo seu trabalho.

Capítulo IX

O tempo das vindimas já tinha passado; Raul havia conseguido interromper de todo as relações estabelecidas entre os filhos do coronel e a desgraçada Alinska. O movimento e alegria, que se havia espalhado pelos campos e vizinhas quintas, em consequência da bela colheita de vinho, entretinha da mesma forma as duas crianças. Acompanhavam alegres, os vinhateiros nos seus trabalhos: armados igualmente de uma tesoura e de um cestinho, proporcionado às suas forças, ajudavam também a despojar as vinhas dos doces cachos, que as ornavam.

Madame Delmont, satisfeita da ventura de que seus filhos pareciam gozar, esperando ao mesmo tempo a próxima vinda de seu marido, seguia prazenteira os passos de Eugénio e de Julieta. Ela havia também perdido o interesse ou curiosidade, que a loucura da sua vizinha lhe tinha inspirado; apenas de tempos a tempos se sorria com os transportes de cólera, que M. Bérneval não deixava de exalar, sempre que se recordava da grosseira receção que tivera na casa isolada.

Este pobre gentil-homem nunca perdia ocasião de falar a este respeito; e a sua narração, acompanhada sempre de expressões burlescas e extravagantes, não deixava de divertir a pequena sociedade que às vezes se reunia, ora em casa de *madame Delmont*, ora na de outra família, residente a pequena distância do castelo, aonde em quase todos os domingos concorriam em grande número as pessoas de Tolosa, a fim de ali se divertirem. Naquela casa tudo era satisfação, tudo alegria: umas vezes esta se aumentava pelas cómicas e divertidas cenas, inventadas e dirigidas por um jovem advogado, o qual se entretinha mais em fazer rir os outros, do que em advogar a causa dos seus clientes; outras vezes era um militar impetuoso, que referia a história de suas aventurosas campanhas, ou que se dispunha a fazer várias habilidades, que jamais tinham feliz resultado. A música, a que presidia o dono da casa, dava um novo realce àqueles serões; a melodiosa voz de sua esposa, o talento de vários curiosos, que ali concorriam, tornavam na verdade muito deleitosa aquela reunião; ao passo, que a um dos lados da sala se sustentava espirituosa conversação, por um célebre médico, tão amável na sociedade, quanto discreto para com os seus doentes; e por uma

jovem dama, cujo espírito e preciosas qualidades, lhe atraíam a estima e admiração de todos.

Algumas vezes redobrava o prazer do círculo, pelas pretensões um pouco exageradas de algumas belas, que se excediam em fazer realçar a sua beleza; referiam-se galantes provérbios e chistosos enigmas; ouviam-se os enfados de tal jogador de *boston*, que aproveitava o seu tempo a galantear as damas, e a ralhar com os parceiros; faziam recitar alguns versos, a um célebre autor, cujas obras dramáticas dormiam há muito tempo no arquivo do teatro francês; ao passo que os espetadores que o escutavam, principiavam também a dormir; finalmente, buscava-se por todos os modos entreter o tempo, que na verdade parecia deslizar para todos, alegre e prazenteiro.

Madame Delmont, apesar do muito amor que tinha ao seu retiro, não deixava de concorrer gostosa a estas reuniões; partilhava os divertimentos que ali se desfrutavam; e como ela cantava peregrinamente, acompanhando-se com a sua harpa, não podia dizer-se que fosse um ente nulo em tão grata companhia.

Tinha findado o mês de outubro: ia raiar o segundo dia de novembro, consagrado aos finados; o ar estava sereno, e o sino da igreja fazia ouvir distintamente seus lúgubres e melancólicos dobres, que convidavam os fieis à oração: já no salão se principiava a falar da misteriosa estrangeira; já todos se dispunham a separar-se para ir gozar de algum descanso, quando, surgindo, quase ao mesmo tempo, do fundo de um vale uma viva claridade, que de súbito repercutiu nos arredores, o sino que até ali solicitava algumas preces pelos mortos, deixando seu som sinistro, fez ouvir de repente o terrível sinal de alarme. Um profundo silêncio veio substituir os risos e os folgaes dos circunstantes. Todos prestaram ansiosos seus ouvidos; em breve se ouve o medonho grito:

— Fogo!... fogo!... Ou é em alguma meda de palha, ou em alguma casa!...

Todos correm às janelas; dilatam seus olhares sobre o campo, para o lado onde se divisava o clarão. *Madame Delmont* foi a primeira que conheceu a verdade.

— Julgo não me enganar — disse ela, — mas parece-me, que o fogo é na casa onde reside a estrangeira!...

Não se havia enganado; esta asserção, foi logo confirmada pelo geral clamor. Os homens corriam com velocidade, para prestar socorro ao

lugar incendiado; ao passo que as tímidas senhoras vacilavam sobre o partido que deviam tomar. No meio desta desordem, saiu Helena sozinha; e acompanhada de Raul, que por ela esperava, e que no caminho não cessava de lhe repetir, que não devia ir pessoalmente ao sítio do desastre, nem por isso deixava de precipitar seus passos, sem querer escutar as importunas observações do sargento; tal era o nobre sentimento que dentro da alma lhe pululava, para ir socorrer a infeliz estrangeira! Quando chegou ao teatro do incêndio, foi com a mais entranhável dor, que contemplava o desastroso progresso das furiosas chamas; já não havia a mais pequena esperança de salvar a casa! As embravecidas labaredas a cercavam por todos os lados; nutridas pelo vigamento e madeiras, precipitavam-se pelas janelas, elevando-se já acima do telhado! Era em vão que alguns camponeses benfazejos empregavam seus desvelos e vontade; faltavam-lhes os meios de socorro; ninguém podia presenciar tão horrível catástrofe sem que sentisse estorcer-se-lhe de mágoa o coração!

Assim que *madame* Delmont ali chegou, o seu primeiro cuidado foi, de perguntar pela estrangeira. Designaram-lha, um pouco desviada, sobre um pequeno cabeço, embrulhada num lençol, que a semelhava ao hediondo aspeto duma sombra, indignada contra os homens: seu rosto estava pálido, seus olhos espantados; nem a mais pequena expressão de vida os animava! Ninguém podia interpretar aquele modo indiferente, aquela insensibilidade incompreensível.

Vagueavam junto dela, aproximavam-se para lastimá-la, para a consolar; ela nada respondia, continuava sempre a guardar o mais profundo silêncio. Só a chegada de *madame* Delmont pôde arrancá-la de tão letárgico entorpecimento: reconheceu-a logo, por isso que um singular sorriso se via brincar sobre seus lábios; mas esse sorriso desapareceu mais rápido do que o relâmpago, e Alinska tornou de novo a embevecer-se em suas misteriosas meditações.

— *Madame* — lhe disse Helena, de um modo consternado, — tenho sabido respeitar até este fatal momento vossas vontades, abandonando-vos à vossa solidão; mas agora que a desventura desfecha sobre vós golpes mais penetrantes, consenti que vos suplique me acompanheis ao castelo. Não vos resta a menor esperança de continuar a viver nesta morada, que em breves momentos não será mais, do que um montão de ruínas. Aceitai pois um asilo, que de bom grado, e com a mais sincera estima, vos ofereço.

Alinska, ouvindo *madame* Delmont, pareceu tornar a si completamente;

procurou dissipar as sombras melancólicas, que cobriam seu rosto; e aceitou, sem constrangimento ou violência, o oferecimento generoso que se lhe fazia.

Disse a Helena, que pela volta da meia-noite, ficando talvez mal extinto o fogo da chaminé, ele se acendera de novo; que algumas fagulhas, segundo julgava, tinham inflamado um pouco de linho, que se achava por baixo de um armário, e que logo depois o incêndio se manifestara: Apenas (continuou ela) pude lançar pela janela do meu quarto, alguns vestidos, a minha bolsa e joias; e precipitando-me pela escada, já quase abrasada, corri a buscar um asilo, onde não pudesse sentir a ação das chamas; mas não vejo o meu pobre criado! Que será feito dele?

— Vi-o correr na direção da aldeia — replicou *madame Delmont*, desejosa de ocultar à estrangeira a triste verdade que conjecturava, — mas vós, senhora, é mister sair deste lugar; a noite vai fria, estais quase nua, e esse lençol não poderá preservar-vos da impressão do ar. Segui-me portanto; encontrareis em minha casa um asilo, que muito me lisonjeio de poder oferecer-vos.

Alinska repetiu ainda os seus agradecimentos. As pessoas, que tinham seguido *madame Delmont*, quiseram, cada uma, tomar uma porção da ligeira bagagem; e juntas com ela, aliás muito satisfeitas de poderem enfim conhecê-la, todas subiram a próxima colina, e chegaram ao castelo.

Raul, de quem nos não temos ocupado até este momento, achava-se submerso na mais completa confusão. Não podia familiarizar-se com a ideia de ver Alinska habitar o mesmo teto onde sua ama residia; já previa a terrível cena que haveria, quando chegasse o coronel. Um pressentimento particular lhe fazia temer as mais cruéis catástrofes; e, cedendo a um primeiro movimento, esteve por duas vezes a abrir a boca, a fim de revelar a *madame Delmont* a terrível verdade, e dar-lhe a conhecer a empoçonhada serpente, que em seu seio ia afagar e aquecer; mas, receando as consequências duma confidência, que só ele sabia avaliar, pôde reprimir o segredo, que seu coração parecia disposto a expulsar. Um severo golpe de vista, que lhe lançou sua cruel inimiga, completou o seu desespero; mas não obstante, ele protestava no fundo de sua alma de a vigiar de tal modo, que lhe não ficasse ampla liberdade, para poder agitar as diversas molas de seus infames desígnios.

Para a não perder de vista, tinha ele seguido em silêncio o grupo, que a acompanhava.

Os aldeões, que tinham ficado em torno da incendiada habitação,

descobriram, debaixo de abrasadas ruínas, os restos de um cadáver, horripelantemente mutilado, cicatrizado pelo fogo, e que já principiava a decompor-se pela putrefacção: exalava um cheiro infecto; a cabeça tinha perdido a sua primeira forma, ninguém podia reconhecê-lo! Todavia, como este cadáver foi descoberto junto dos destroços de um leito, ninguém duvidava, que fosse o do desgraçado doméstico da estrangeira; tanto mais que, desde que o incêndio se declarara, ninguém tinha visto aquele miserável. Todos ficaram surpreendidos pela rapidez com que o cadáver se havia decomposto; e concordaram, entre si, de voltar de dia, para o sepultarem. Mas este piedoso projeto não pôde realizar-se: um pedaço de parede, que algumas vigas ainda sustinham, desabou sobre o lugar onde jaziam as tostadas carnes, e ossadas do finado; as chamas tornaram a acender-se com violência; tudo consumiram, não deixando deste indivíduo mais de que uma fraca lembrança, que em breve de todo desapareceu da memória dos homens.

O préstito, que acompanhava Alinska, tinha chegado, como dissemos, ao castelo. *Madame* Delmont resolveu a sua hóspede a deitar-se sem demora; e querendo Germana aproximar-se a ela, para a desembaraçar de algumas roupas que a cobriam, Alinska a repeliu rudemente, pedindo a deixassem só por alguns momentos, no quarto que lhe era destinado: a expressão de severa vivacidade, com que fez esta súplica, não deu lugar às mais pequenas objeções da parte daqueles que a escutavam. Deixaram-na, pois, segundo os seus desejos, em plena liberdade; e quando se persuadiram que já estaria deitada, entraram no quarto, para lhe oferecer um caldo, e alguns refrescos. Recusou tudo com obstinação inaudita, declarando, que no estado em que se achava, lhe não era possível tomar coisa alguma; e insistindo uma das damas para que bebesse ao menos um cálice de vinho quente, ela desviou esta bebida por um gesto, que fez com a mão esquerda; a qual *madame* Delmont observou, com surpresa, que ainda se achava calçada. Esta descoberta admirou-a sobremodo; mas outro motivo, muito mais grave, veio aumentar o seu pasmo, quando Germana, levantando casualmente os lençóis, que cobriam a estrangeira, observou que eles estavam manchados de sangue!

— Vós estais ferida, senhora — lhe disse Helena, com íntima emoção,

—

porque não quereis que vos prestem os serviços que o vosso estado exige? Para que vos recusais a uma coisa tão natural? O acaso favorável quis deparar-vos, entre os cavalheiros que aqui se acham,

um famoso facultativo, cujo merecimento é assaz reconhecido em Tolosa. Consenti que ele vos preste os seus serviços; a palidez, que cobre o vosso rosto, manifesta a precisão que deles

tendes.

— Não, senhora, não! — exclamou a estrangeira com certa aparência de desconcerto, que não era fácil definir — Não preciso, nem exijo o mais pequeno socorro. É verdade, que me acho ferida; mas há muito tempo que o estou; o mal que me fez, já terminou; doravante nada tenho que recluir; e ao preço de uma vida, quando me fosse possível de novo encetar-la, não quisera expor aos olhos dos profanos minha ensanguentada cicatriz. Eu mesmo cuidarei nela; deixai-me, eu vos suplico, entregue por alguns instantes às minhas reflexões: sossegai os vossos receios; não é para mim que o perigo se torna mais ameaçador.

Havia nestas palavras um tal misto de sensibilidade, de negligência, e até de ironia, que aqueles que as escutavam, não podiam deixar de estremecer. Todavia não julgaram oportuno opor-se por mais tempo a uma vontade tão expressa: e depois de lhe acenderem uma pequena lâmpada, e posto a seu lado uma campainha, todos se retiraram em silêncio, para irem meditar longe do sítio, sobre o mistério que parecia envolver esta jovem criatura.

Madame Delmont ofereceu aos circunstantes novos refrescos, os quais foram aceites com reconhecimento; e a conversação, que depois teve lugar, só terminou com o nascimento do dia. Cada qual se retirou depois à sua habitação; e aqueles que moravam mais perto, voltaram dentro de poucas horas para se informarem do estado da infeliz enferma. Ela se levantou bastante tarde, e ninguém se atreveu a entrar no seu quarto antes de lhe sentir os passos. Então, *madame* Delmont, batendo de manso à porta do quarto, recebeu o grato convite de entrar. Viu que a estrangeira, tendo-se já levantado, se achava vestida de preto; o que dava novo realce à extraordinária palidez de seu rosto.

A notícia da morte do velho Ladislau, já no castelo se sabia. *Madame* Delmont julgou ser impossível ocultá-la à estrangeira, receando ao mesmo tempo causar-lhe demasiada emoção, persuadida, como estava, de que um sentimento recíproco de afeição devia ligar estes dois entes misteriosos. Em consequência, e para não precipitar demasiadamente a infausta nova, julgou mais prudente preparar primeiro Alinska para a ouvir; porém, os seus projetos foram baldados: a primeira palavra foi logo adivinhada; e a mais plácida indiferença se divisou, tanto no rosto da húngara, como na sua resposta: pareceu de todo insensível a esta narração, não demonstrando sequer essa

compaixão ordinária, que sente qualquer pessoa, quando ouve narrar tão dolorosos acontecimentos.

Um procedimento tão singular causou a maior surpresa a *madame* Delmont; seu rosto e suas maneiras não podiam ocultar o seu assombro; e Alinska, que facilmente o conheceu, apressou-se logo em reparar sua indiscrição.

— Causo-vos admiração, *madame*. — lhe disse ela — Formais talvez a meu respeito uma desagradável opinião, não é verdade?... Deveria mostrar talvez mais sensibilidade, com a morte do meu pobre Ladislau; mas sabei que pouco lhe importam a ele essas estéreis demonstrações de interesse; nenhuma relações nos ligavam: tendo saído ambos do mesmo asilo, vivíamos juntos, porque assim nos era mister. A vontade do Ente Supremo, que tudo governa, quis separar-nos; pois bem, essa mesma vontade não tardará muito em reunir-nos de novo, e essa reunião não há de ser momentânea; mas sim por toda a eternidade! Por que motivo derramarei pois as minhas lágrimas? Já nenhuma conservo nas minhas pálpebras; secaram-se todas pela dor mais pungente e dilacerante; derramei abundância delas durante a minha vida mortal; agora, que só existo porque me não é possível reclinar sobre o túmulo, como tanto desejara, irei porventura ocupar-me de um objeto, que nada me interessa? Oh! não; certamente não. Um único objeto me anima; só me dirige um único alvo; e quando se achar cumprida a minha missão, abandonarei, indiferente, este invólucro mortal, que já não posso tolerar!...

Alinska poderia continuar a falar por muito tempo, sem que *madame* Delmont a interrompesse. Havia um não sei quê de tão incompreensível, de tão inconsequente, em tudo quanto dizia, que não era fácil decidir, se deveriam temê-la ou lastimá-la. As palavras escapavam de sua boca, com tão monótona expressão, que quase sempre destruíam o efeito que poderiam produzir; a imobilidade de seus olhares tornavam-na como estranha ao que dizia; tudo, finalmente que dela dimanava, era fora das regras ordinárias; e o seu modelo, ou a sua cópia não podia encontrar-se em parte alguma. Este extravagante discurso admirou de tal modo Helena, que não pôde achar expressões para lhe responder.

Mudou portanto de conversação, perguntando depois à sua hóspede, se porventura quereria tomar algum sustento. Alinska fez um gesto afirmativo, e a nossa castelã saiu logo para dar as suas ordens, a fim de trazerem o almoço, que de antemão tinha sido preparado.

Os meninos esperavam com impaciência o momento de poderem ser

admitidos na presença daquela, que lhes havia manifestado tanta amizade; e por muitas vezes, através da porta que se conservava entreaberta, já a travessa Julieta tinha mostrado sua engraçada fisionomia. Como ninguém parecia observá-los,

conservavam-se quietos e mudos; mas quando viram entrar o almoço, reanimaram seus brios, e penetraram, quase em tumulto, dentro do quarto!

Alinska recebeu-os com sorriso, que muito se esforçava para inculcar benigno; súbito rubor veio corar suas feições, que ao mesmo tempo se contraíam, como se o coração fosse trespassado naquele momento por terrível golpe! Nem Eugénio, nem sua irmã o perceberam; falavam, quase ao mesmo tempo, do desastre da noite antecedente; e o mocinho Eugénio mostrava já uma prematura sensibilidade, que poderia talvez perturbar seus dias, se a Providência lhe houvera reservado uma existência prolongada.

Madame Delmont, ufana com a presença de seus caros filhos, prodigalizava-lhes as mais vivas carícias; não podia separá-los de seus braços, ao passo que a húngara vivamente agitada, sem dúvida por alguma dolorosa recordação, lançava, como a furto, sobre este ditoso grupo, um olhar cheio de desdém, e no qual o observador sagaz não deixaria de divisar a mais concentrada cólera. Muitas vezes, para dissimular os sentimentos que dentro de alma lhe referviam, escondia o rosto com suas mãos, uma das quais se conservava sempre com luva, e por bastos momentos pareceu embebida nas mais fundas meditações!

Capítulo X

Em uma época ainda recente tinham arvorado os exércitos franceses, sobre as terras de Viena, suas águias vencedoras. Aquela residência dos Césares, defendida corajosamente contra os turcos, não pôde resistir ao ímpeto das nossas armas; não foi necessário, para conquistá-la, que o sangue humano salpicasse as suas muralhas. O chefe, que comandava uma multidão de bravos, prosseguiu em 1805 a vereda de sua gloriosa empresa, e conseguiu penetrar à força de fadigas na Hungria. Muitos esquadrões se apoderaram sucessivamente de diversas vilas, depois de haverem sustentado terríveis combates contra uma população belicosa.

Entre os oficiais, que faziam parte desta expedição, não era por certo o capitão Eduardo Delmont, nem o menos bravo, nem o menos temerário. Sua ardente coragem conduzia-o quase sempre a partilhar

as empresas mais perigosas e arriscadas; mas esses perigos, ele os desconhecia, sempre que divisava uma reputação de glória, um nome ilustre no resultado dessas empresas.

A fortuna, que parece comprazer-se em premiar a bravura, quase sempre o favorecia; mas, por fim, a inconstante, sem o abandonar completamente, não quis por mais tempo auxiliá-lo; e Delmont caiu sobre o campo de um combate, varado de uma bala, no mesmo instante em que os inimigos se retiravam!

Nessa ocasião, vigiava Raul junto a ele; era um bravo soldado, que lhe era muito afeiçoado por princípios de gratidão e de reconhecimento. Viu cair o seu capitão no campo da batalha; mas longe de o abandonar, correu para ele, e ajudado por alguns de seus camaradas, o transportou a uma casa vizinha, que era habitada pela família de um rendeiro assaz abastado. A chegada de um oficial ferido foi considerada pelos húngaros, que o acolheram, como uma salvaguarda, que os livrasse do furor da soldadesca desenfreada. O dono da casa, respeitável ancião, se apressou a oferecer-lhe o melhor quarto que possuía, e a ministrar todos os socorros, de que podia dispor. Chamou-se logo um cirurgião, que declarou que a ferida não era mortal, mas que o seu curativo seria muito demorado.

Delmont passou perto de quinze dias em um estado de insensibilidade, quase completo; apenas sentia o ruído que junto ao seu leito se fazia; e seus olhos, constantemente fechados, não lhe permitiam observar o desvelo, com que era tratado. Entre as pessoas, que vigiavam pela conservação da sua existência, houvera ele distinguido facilmente, se suas forças lho permitissem, uma interessante moça, filha do rendeiro, que se fazia notável, não só por sua rara beleza, como por suas maneiras castas e inocentes. Tocada de um sentimento de compaixão, que nem ela mesma poderia definir, passava dias inteiros junto ao doente, que apesar duma extraordinária palidez, não deixava de inculcar esses dons, que atraem e encantam ao mesmo tempo, quer por sua extrema perfeição, quer por uma vivacidade, que o sofrimento pôde modificar, mas que não pôde extinguir de todo.

Alinska, a cada passo deparava com um pretexto, que lhe facilitasse o ingresso na câmara de Delmont, de onde algumas vezes era banida; ali passava longas horas, que sempre empregava numa certa contemplação, cujas consequências lhe podiam ser muito fatais. Mas quando alguns oficiais, amigos de Delmont, ou os seus soldados, vinham saber notícias dele; então, a tímida húngara, envergonhada de a terem ali encontrado, fugia mais veloz do que a corça dos montes Crapakcienos, e aguardava, para voltar ao seu posto, que os

importunos visitantes se retirassem.

O primeiro relancear de olhos de Delmont, dirigiu-se por acaso sobre aquele anjo terreal. E que poderia ele fazer, para o contemplar por muito tempo sem o admirar? Não conhecia o meio; e por isso achou que era mais simples entregar-se ao sentimento, que, a seu grado, parecia enlevá-lo. Em breve careceu de um confidente, com quem pudesse falar livremente a respeito daquela, que já enchia todo o seu coração. Raul foi o escolhido; e ufano com esta distinção, esmerou-se desde logo em se tornar digno dela, aproveitando todas as ocasiões, em que pudesse entreter Alinska com a narração das brilhantes qualidades do seu comandante; sem contudo lhe declarar, de um modo positivo, quanto este belo militar pensava a seu respeito.

As histórias, que o sargento lhe fazia, prendiam singularmente a sua atenção: ouvia com o maior interesse a história dessas batalhas gigantescas, em que tanto se havia distinguido a bravura francesa; sua imaginação acompanhava Delmont no meio de perigos, sempre multiplicados; estremecia, todas as vezes que seus dias eram ameaçados. Então os seus cuidados se duplicavam; ora desmaiava, ora se cobria do mais vivo rubor; a sua respiração tornava-se mais

penosa; e, quando a narração de uma batalha lhe não dava conhecimento de algum desastre, levantava para o céu seus olhos expressivos, agradecendo mil vezes à Providência, por haver salvado a vida do seu amante.

Entre o silêncio da noite, no meio dos trabalhos do dia, apenas se ocupava de uma única ideia: o gentil, o valente capitão não saía um só instante, nem do seu pensamento, nem do seu coração. Quanto mais o tempo corria, tanto mais o ervado farpão a trespassava. Já sentia todos os delírios de um amor cego e violento; e ainda o objeto da sua ternura lhe não tinha feito ouvir uma só palavra desse mesmo amor!

Delmont não conservou por muito tempo um silêncio, que nem se compadecia com a sua profissão cavaleirosa, nem com o seu caráter franco e ousado. Explicou-se finalmente, e as suas declarações foram ouvidas com o maior entusiasmo; Alinska estava então nessa idade feliz, em que a desconfiança não perturba os nossos desejos; amava com toda a energia de sua alma; parecia-lhe muito natural que fosse reciprocamente correspondida. Não conhecia, nem a diferença de classes, nem a desigualdade de fortuna: o seu amante era jovem e amável; ela era também jovem e bela; tudo portanto lhe parecia igual; ambos tinham nascido um para o outro; o futuro não lhe parecia mais, do que a prolongação do presente!

Mas no meio dos transportes mais veementes, ela se conservava tão pura, como a mesma virtude; um só pensamento criminoso não manchava sua candura; e Delmont, absorto de haver encontrado tanto excesso de amor, reunido a uma acrisolada inocência, nunca se atreveu a profanar tão belos, tão nobres, tão virtuosos sentimentos. Quanto mais via a interessante Alinska, tanto mais sua ternura se aumentava para com ela. Chegou ao seu maior auge; e uma noite, depois de haver passado com ela os mais gratos momentos, picou, com agudo ferro, um de seus braços, e com o sangue que tirara deste ligeiro golpe, escreveu e assinou uma promessa de casamento, que confiou à lealdade da sua amante.

Enlevada, por esta ação tão romanesca, apressou-se em imitá-la. Este pacto duplicado e recíproco, segundo o antigo uso do país, foi depositado, pelo espaço de cinco noites, debaixo da pedra de um sepulcro: e cumprida esta formalidade, ficava sancionado, por Deus, este solene engajamento: pelo menos era esta a crença daqueles povos!

Ninguém duvida na Hungria, que dois amantes ligados por este modo, deixem de considerar-se eternamente unidos: outra qualquer aliança por eles

contratada, jamais poderia ser venturosa e abençoada por Deus! Qualquer donzela desposada por este modo singular, se porventura vem a ser traída, pode, depois de morta, surgir do seu jazigo, para atormentar, na qualidade de *vampiro*, o pérfido que assim a abandonara!... Desconhecedor de semelhantes usos, estrangeiro naquele país, ignorava Delmont aquelas particularidades tão absurdas e supersticiosas. Nada receava do futuro; porquanto julgava impossível que pudesse jamais esquecer-se da sua adorada Alinska.

Passaram-se dias, semanas, e alguns meses; a paz tinha-se assinado; novos rumores de guerra se espalharam e o regimento, onde Delmont servia, já tinha partido na direção da Alemanha setentrional. A ferida do capitão, apesar de cicatrizada, ainda lhe serviu de pretexto para se demorar mais algum tempo em convalescença; o seu amor deslumbrava-o de tal modo, que até o fazia esquecer de seus mais sagrados deveres; mas uma terminante ordem, que recebeu do seu coronel, veio quebrar de todo o encantamento deste novo Renaud. Era pois necessário, ou aviltar-se aos olhos da sua pátria, ou separar-se de Alinska!

Terrível era por certo este combate; mas a glória saiu vencedora.

Delmont, depois de haver triunfado da sua fraqueza, ainda teve que

combater a de sua amante. Procurava consolá-la por meio das mais solenes promessas; obrigava-se a voltar antes de pouco, para ratificar, junto ao altar, o pacto sagrado, que ambos haviam jurado: o único prazo que pedia, era a conclusão da nova guerra que ia começar; isto é, um ano, pouco mais ou menos.

Finalmente, a pobre Alinska, ainda que desconsolada, não teve outro remédio senão resignar-se com tão funesta separação.

— Eduardo — exclamava ela, no cruel momento da despedida, — lembra-te, que eu sou tanto tua, como tu serás sempre meu; não posso desligar-me do meu juramento senão por meio de nossas núpcias; e tu deves efetuá-las, antes que o fúnebre lençol para sempre nos envolva!...

Delmont, satisfeito por haver encontrado ocasião de a tranquilizar, repetiu as mesmas palavras que ela lhe dirigia: abraçou-a ternamente, e partiu para nunca mais a tornar a ver!...

Por muito tempo lhe guardou a mais severa fidelidade; mas a ausência fatal produziu nele os seus terríveis efeitos. A húngara ia desaparecendo insensivelmente da sua imaginação; já se não recordava das solenes promessas que lhe fizera; e o seu himeneu com Helena acabou de apagar em sua alma a

grata lembrança de seus primeiros amores! Contudo, ela nunca deixava de lhe escrever; impacientava-se com uma demora, que nunca parecia terminar; mas nem por isso deixava de conservar lisonjeira esperança... Bem via, que o capricho de Napoleão obrigava as suas legiões a percorrerem as diversas partes da Europa; conhecia, ainda que com pesar, que Delmont não podia concluir o seu casamento, enquanto se achasse no interior da Espanha, como em suas cartas lhe assegurava. Mas enfim, quis a Providência despedaçar o instrumento de bronze, de que se havia servido, para subjugar tantos povos; e a paz, que por tanto tempo fora perturbada, foi de novo restabelecida sobre a terra. Este feliz sucesso ofereceu a Alinska essa ventura, que tão vivamente desejava; as suas cartas tornavam-se cada vez mais urgentes; nelas anunciava a Delmont, que se acaso não viesse buscá-la, quanto antes, ela mesma iria procurá-lo a Paris.

Eduardo, elevado ao posto de coronel, e esposo de Helena, estremeceu com a leitura daquela carta, que parecia vaticinar-lhe uma interminável série de desventuras. Tomou uma resolução desesperada, não receando declarar a verdade à sua infeliz amante; essa fatal verdade, que tão cara lhe devia custar!...

Com inexplicável ansiedade, esperava ele a sua resposta. Não decorreu muito tempo sem que a recebesse; e foi então, que ele procurou sua mulher; e que, simulando uma perda na sua fortuna, lhe declarou, que era mister deixar Paris, e buscar um asilo mais desviado do tumulto das cidades. Depois não se atreveu mais a lançar seus olhos sobre a fatal missiva; e num momento de terror, tomou o partido de reduzi-la a cinzas, para evitar que sua consorte pudesse descobrir o verdadeiro motivo de sua precipitada resolução.

Capítulo XI

Passemos agora a uma época mais aproximada àquela, onde deixámos os nossos leitores, a fim de lhes oferecer alguns detalhes, que não deixarão de satisfazer a sua curiosidade.

Lembrar-se-ão, que deixámos a misteriosa húngara no castelo de R***, e que a sua presença naquela habitação, não podia deixar de ser um terrível agouro para a família Delmont. Raul, que se achava assaz instruído dos detalhes, de que apenas acabámos de dar um pequeno extrato, tinha bastos motivos de receio, e sofria cruelmente, por não poder comunicá-los a pessoa alguma, nem tão pouco transmiti-los ao conhecimento do coronel. Se Alinska, longe do castelo tinha podido intercetar a sua correspondência, quanto mais fácil lhe não seria fazê-lo, residindo no mesmo castelo?

Atormentado com estas ideias, formava ele os mais ardentes votos, para que o seu coronel voltasse quanto antes, esperando que a sua presença, quando não pudesse evitar inteiramente alguma cena desagradável, decidiria ao menos Alinska a buscar fora do castelo outro asilo. Agitado por mil diversos sentimentos, julgou conveniente procurá-la, a fim de penetrar, se tanto lhe fosse possível, seus segretos pensamentos.

Muitos proprietários do distrito tinham-se apressado já a oferecer à estrangeira seus serviços, talvez mais instigados pelo desejo e curiosidade de conhecê-la de perto, do que por verdadeiro impulso de obsequiá-la. Todos se acharam completamente iludidos: ela se obstinava a relacionar-se com a sociedade, suplicando a *madame* Delmont, que não permitisse, que a sua solidão fosse perturbada por pessoa alguma. Manifestou a sua vontade com tal perseverança, que Helena julgaria faltar às leis da hospitalidade, se porventura violentasse os seus desejos. Anunciou portanto às pessoas, que se achavam reunidas na sua sala, que era inútil persistirem na ideia de ligar as mais pequenas relações com a estrangeira, porquanto ela se recusava pertinazmente a apresentar-se diante de qualquer delas,

ainda que fosse a mais qualificada do

distrito. Foi portanto necessário renunciar a uma entrevista, da qual todos aguardavam os mais curiosos resultados. Apenas o adjunto do *maire* declarou, gracejando, que só ele teria o direito de obrigar a comparecer a bela desconhecida, a fim de lhe exigir o competente passaporte; porém, como que ela se não achava inscrita em nenhuma lista de pessoas suspeitas, nem lhe era indigitada pelos agentes de polícia, não ultrapassaria para com ela aqueles deveres que a civilidade prescreve para com uma dama. M. Bérneval foi menos razoável do que ele, certificando que se tivesse a honra de ser *maire*, ou ainda o seu adjunto, não deixaria de obrigar essa dama a uma rigorosa interrogação.

Então um geral clamor se levantou de todos os lados, contra uma exigência, que não podiam deixar de considerar como curiosidade incivil, como atroz violência feita a uma senhora. Algumas que se achavam presentes, declararam, que se M.

Bérneval continuasse a falar por semelhante modo, elas se veriam obrigadas a esbulhá-lo do honroso título de cavalheiro francês, o qual sem dúvida lhe era devido, pelo seu nascimento, e por suas maneiras delicadas.

Mas, enquanto na sala se gracejava a respeito de Alinska; enquanto se dava uma prova de que a sensibilidade neste mundo é filha unicamente de conveniências pessoais; o nosso Raul, aproveitando o momento em que sua ama se achava entretida, dirigiu-se denodadamente ao aposento da húngara.

Encontrou-a assentada ao pé de uma janela: o menino Eugénio, sobre seus joelhos, examinava um livro, ornado de estampas; e a estrangeira, embebida na mais grave meditação, parecia lançar sobre ele um olhar, que decerto não era o da benevolência. Poder-se-lhe-ia notar ao mesmo tempo uma certa indecisão, que parecia contrastar com a ferocidade de uma resolução fortemente determinada.

O ruído de passos, despertando-a de sua distração, seu aspeto recuperou desde logo aquele ar de indiferença que lhe era ordinário. O intrépido sargento apresentou-se diante dela, fazendo-lhe apenas uma pequena vénia, à qual se não dignou corresponder; mas esta incivilidade não foi capaz de o intimidar, nem de suspender o ataque, que havia premeditado.

— Então Alinska — lhe disse ele, — conseguistes finalmente

introduzir-vos numa casa, onde a prudência deveria banir-vos, e que vós mesma deveríeis evitar, para sossego vosso e de uma família tão respeitável. Quais são pois os vossos projetos? Acaso pretendereis trazer convosco a desordem, a intriga, e a desunião? Recompensareis por este modo o asilo hospitaleiro, que tão generosamente vos concederam? Não vos seria mais conveniente, uma vez que

persistis em ver de novo o coronel, de o ir esperar a Tolosa?...

— Parece-me, Raul, que nas circunstâncias em que nos achamos, não seria decerto aos meus inimigos a quem pediria conselhos; e vós sois com efeito bem infeliz naqueles que acabais de dar-me. Não fostes vós mesmo, que outrora me ensinastes a amar o mais pérfido dos homens? E contudo vós já o conhecíeis!...

Sabíeis quanto era excessiva a sua ligeireza; mas isso não vos conteve no propósito de completar a minha ruína! Quem me assegura, pois, que os conselhos, que há pouco me destes, se achem também envolvidos na mais infame perfídia?...

— Se alguns erros cometi, foram nascidos unicamente da minha idade, e não do meu coração; mas hoje, guiado unicamente...

— Já não acredito nas palavras dos homens; não me desviarei da vereda que me foi traçada. Consegui entrar nesta casa, nela ficarei até que tudo se ache para mim concluído, até ir sofrer os tormentos eternos, que me aguardam.

— Se não tendes feito mal a ninguém, porque receais esses tormentos?

— Não será contigo — replicou a húngara, com voz terrível, — que pretendo discutir esse objeto. Já estou cansada de te ouvir; cansada de responder; a tua presença me importuna; deixa-me, fuge, cessa de me incomodar...

— Sinto muito desagradar-vos; porém se a minha presença vos incomoda, não vos lisonjáveis que ela vos abandone, enquanto existirdes neste castelo. Antes de aqui entrardes, já as vossas inteligências eram de tal modo, que desde logo protestei de as surpreender, vigiando noite e dia, sem cessar, para que o remanso, que esta boa família gozava, antes de apparecerdes em R ***, não fosse alterado.

— Oh! certamente, Raul; a tua vigilância te será muito necessária; asseguro-te que dela hás de tirar grande proveito: mas não receias tu, que esse teu procedimento venha a esgotar a minha paciência?

Deverei suportar a afronta de que na minha presença fales por semelhante modo? Fraco e miserável obstáculo aos meus desejos, em breve cessarás de os contrariar, se porventura me resolver a punir-te. Não o duvides, imbecil; tu, que me falas com tanta audácia, hás de ser banido do castelo, antes do que eu...

— Não duvido que a minha presença vos fatigue; mas ser-vos-á mais fácil corromper esses pobres camponeses, do que arrancar-me a confiança, que meus

amos em mim depositaram. Nenhum deles prestará ouvidos às vossas lamúrias; e, se eu quisesse, não decorreria uma hora sem que recebesseis terminante ordem para buscardes outro abrigo. Bastava pronunciar uma palavra...

— Que não serias capaz de proferir... ninguém, melhor do que tu, soube avaliar as consequências. Acredita-me, Raul; se a ventura de *madame* Delmont te é cara, deixa que ainda goze desses dias, que lhe foram designados. Só em último extremo poderá ser por mim esclarecida; e se acaso a sua existência for envenenada, que se queixe unicamente de ti; tu serias o seu próprio algoz!

— Mas acabemos de uma vez: que é o que pretendeis? Sobre que fundais as vossas esperanças?

— As minhas esperanças!... Já as não tenho; já as não posso ter; sei que a minha sorte foi decretada; mas não importa, ainda me resta cumprir um dever; algumas ordens a executar. Se há pouco se atrevessem a retalhar minha alma, não deixaria ela de se revoltar contra esse rigor; mas hoje, que tudo para ela se acabou; hoje que suas vistas podem penetrar o espaço infinito do porvir; hoje finalmente, que se acham rotos os laços que ao mundo a prendiam, não pode ela ser agitada por esses mesmos sentimentos, que noutro tempo a deleitavam.

— Juro-vos pela catana de meu bisavô, Alinska, que vos escuto com todos os meus cinco sentidos, e nem sequer uma palavra ainda pude compreender.

Certo, quando estáveis no vosso país, não carecia eu de tanta circunspecção para vos compreender; mas hoje sois tão obscura em vossos discursos, que os diabos me levem se posso adivinhar o que pretendeis dizer. Vamos, falai sem refolhos; isto é, falai claro e sem preâmbulos. Dir-se-ia, que desde que nos não vemos, vos tendes ocupado em ler as produções de certos autores de nossos dias, que

para serem facilmente compreendidas, seria mister, que publicassem ao mesmo tempo novos dicionários, onde achássemos a explicação daquilo que pretendem dizer; mas talvez eu vos não compreenda, porque sou um pedaço de asno, porque não cultivei as ciências; enfim porque nunca pude subir acima do patamar onde me acho. O que vos falta, é empregar também em vossos discursos os pontinhos e as reticências, para eu ficar cabalmente convencido que, com efeito, aprendesteis com tão sublimes mestres.

Raul, explicando-se por este modo, não fazia mais do que repetir o que seu amo dizia; desejando ao mesmo tempo, por meio de tão extravagante linguagem, tornar menos severa a conversação de Alinska, que certamente não era das mais

agradáveis e divertidas. Ele mesmo se sentia dominado de um sentimento de melancolia, cuja origem não podia conhecer; não estava satisfeito com as palavras, ainda que confusas, da húngara; enxergava através dessas mesmas palavras, o mistério com que ela pretendia envolver-se; alguma coisa de tenebroso, de sinistro, que lhe inspirava inexplicável terror. Semelhava-se naquele momento ao lavrador, que observa nos ares uma carregada nuvem, incerto se ela seguirá avante, ou se derramará seus estragos sobre os campos em que ele depositara toda a sua fortuna.

Raul afetava não recear a ameaça, que lhe fora dirigida, ao mesmo passo que ela tinha trespassado seu coração de lado a lado.

Melhor do que ninguém, conhecia ele a fraqueza de caráter do coronel; sabia, que cheio de bravura e de energia, sobre o campo dos combates, facilmente se abandonava, no meio da vida doméstica, às impressões que quisessem inspirar-lhe: como tantos homens, só numa única circunstância sabia desenvolver a maior firmeza.

Alinska adivinhava talvez os pensamentos de Raul; ela o observava com extrema malignidade; o sorriso do triunfo agitava seus lábios, e brincava com o livro, que Eugénio lhe havia deixado, quando, no momento em que o militar entrou, se tinha retirado. Ela não parecia ansiosa de lhe responder; um silêncio assaz prolongado sucedeu ao virulento ataque que lhe fora dirigido. Ainda foi Raul, que interrompeu esse silêncio.

— Vejo finalmente — disse ele, sem poder disfarçar o vivo despeito que o agitava, — vejo, Alinska, que seria em vão que me lisonjeasse de vos tornar razoável, ou de suplantar a sagacidade, que é natural ao vosso sexo; mas se acaso persistis a levar avante o cumprimento de um

projeto, cujos fins não posso penetrar, ao menos não vos esqueçais da benevolência e cortesia com que fostes recebida no castelo de R ***; não nos obrigueis a arrepender da hospitalidade, que nele tendes achado.

Estas poucas palavras, pronunciadas com singeleza, atraíram por um pouco, às macilentas faces da húngara, um vivo carmim; mas elas tornaram de novo a descorar, e com o maior sangue-frio assim lhe respondeu:

— Que censura poderia fazer-me (fosse qual fosse o meu subsequente procedimento) aquele que, acolhido com tanta afabilidade na humilde morada de

meu pai, se atreveu a levar consigo a exasperação, a aleivosia, e a morte?...

Uma réplica tão vigorosa, e ao mesmo tempo tão justa e razoável, cobriu subitamente Raul da maior confusão e desconcerto. Sentiu quanto era bem merecida esta severa exprobração; e incapaz de conter sua consciência, que naquele instante lhe desenrolava o quadro de sua passada conduta; comovido ao mesmo tempo do modo solene com que Alinska se havia explicado, não pôde deixar de estremecer, como agitado por cruel remorso; e esforçando-se por ocultar a sua perturbação:

— Vamos, Alinska — lhe disse ele, — o que vai longe já não existe; os erros dos outros não devem recair sobre os nossos; e o mal que a estes se fizesse, não poderia sanar o que aqueles perpetraram.

Alinska nada respondeu; contentou-se de fazer um gesto, no qual exprimia o desejo de ficar sozinha; e Raul, que receava que *madame* Delmont ali o encontrasse, tomou o partido de retirar-se, bem decidido a vigiar de perto aquela que não podia deixar de considerar como implacável inimiga da família.

Quando todos se convenceram, de que a estrangeira se recusava pertinazmente a receber as visitas, que a curiosidade atraía ao castelo de R ***, este veio a ficar de todo solitário. Raras vezes se falava da misteriosa beleza, que nele se hospedava; e o mesmo incêndio foi olvidado, desde que o seu resultado deixou de ministrar alimento à conversação. *Madame* Delmont, que, depois da ausência de seus vizinhos, ficava reduzida ao mais completo abandono, não deixava de estimar que Alinska continuasse a residir na sua companhia. Não era decerto porque ela lhe oferecesse uma sociedade agradável: a sua

habitual tristura; o silêncio que guardava, quando não era interrogada; a frivolidade e insignificância de suas respostas; e sobretudo o ar indefinível da sua fisionomia; nada disto podia oferecer-lhe, nem deleite, nem atrativos. É verdade que cantava com muito gosto; acompanhava-se perfeitamente com a harpa; mas só se dava a este recreio, quando se achava fechada no seu quarto: uma invencível timidez, dizia ela, não lhe permitia que tocasse diante de pessoa alguma. Foi mister as mais vivas solicitações, para que *madame* Delmont conseguisse que ela lhe franqueasse um pequeno vislumbre de seu elevado talento.

Uma noite, depois das súplicas mais reiteradas, resolveu-se enfim a tocar o sonoro instrumento; mas para isso foram necessários os preliminares mais extravagantes. Pediu que se ocultasse a luz da lâmpada; retirou-se depois a um

dos cantos mais sombrios da sala; e foi então que principiou um cântico, cujas extraordinárias palavras se achavam em perfeito acordo com a melancólica música que as acompanhava.

O viajante.

Noturno.

O astro da noite, da carreira em meio,

Com seu fulgor aclara as vítreas águas;

Sobre as margens dum rio, que serpeia,

Triste se arrasta peregrino enfermo.

Seus olhos buscam um seguro asilo,

Onde descansem seus cansados membros;

Princípio impuro gira dele em torno,

Tu serás, oh peregrino, sua presa!

Para ele corre o espírito maligno,

Levado sobre as asas que aligeira:

Sob as feições se mostra ao penitente

De ingênua, simples, cândida pastora!

«Bom viajante, lhe diz, com meigo riso,
Vem onde meu velho pai habita,
Esp'rar em doce paz que o claro oriente
Nosso hemisfério doure com seus fogos.»
O tom ingénuo da inocência agreste
Fascina o estrangeiro que, imprudente,
Risonho ao laço sem saber se avança:
Sob seus pés um abismo se abre inteiro,
Nele cai, é cruel a sua morte:
Fracos mortais não vos fieis incautos
Na beleza que ilude, quando chama.

Se *madame* Delmont julgou procurar-se essa pura satisfação, que a melodia quase sempre nos oferece, ela foi completamente iludida! A música, que Alinska havia escolhido, era de tal modo austera, derramava no coração tão pungentes emoções, que, longe de deleitar, ela infundia nele a mais profunda melancolia.

Duas vezes sentiu Helena deslizar-se uma lágrima ao longo de suas faces; e toda embebida em suas reflexões, nem pôde sequer cumprimentar Alinska, pelo talento que acabava de patentear.

— Ah! senhora — lhe disse ela, — vós deveis achar-me bem singular; mas ser-me-ia impossível ocultar-vos o mal que acabava de infundir em meu pobre

coração: era esse talvez o triunfo que neste momento ambicionáveis; obrigar-me-

íeis, sobremodo, se, mudando de tom, quisésseis, com alguma linda *barcarola*, acalmar a agitação em que meu espírito se acha.

A estrangeira nada respondeu; tornou a assentar-se sobre a cadeira; e tomando novamente a harpa, tocou as mais brilhantes variações sobre o motivo da mesma ária, que acabava de produzir tão desagradável efeito. Não era isso decerto quanto Helena desejava; mas forçoso lhe foi resignar-se aos caprichos de Alinska. Protestou desde logo, de

nunca mais lhe pedir, nem música, nem outro qualquer objeto, que a obrigasse a desenvolver um talento, cujo efeito era por certo tão singular.

O modo bisonho, e quase selvagem daquela misteriosa personagem, parecia tomar cada vez maior consistência: não saía do seu quarto, senão às horas de comida; assentava-se à mesa, silenciosa, onde apenas tomava o necessário alimento para sustentar a sua existência. Em vão instavam com ela para que comesse mais alguma coisa; recusava obstinadamente os mais esquisitos manjares, contentando-se apenas em mastigar um bocado de carne, inculcando aborrecer os vegetais. O descanso, que desfrutava no seu aposento, só era interrompido pelas visitas diárias, que os meninos lhe faziam. Mostrava-se sempre benévola para com eles; afagava-os, falava-lhes com ternura, apesar de lançar às vezes sobre eles indefiníveis olhares...

Havia já duas semanas que habitava o castelo, sem que seu modo de viver fosse alterado. Raul, que um só momento a não perdia de vista, nada podia descobrir, que lhe parecesse suspeito. Debalde se levantava a toda a hora da noite; nada via de extraordinário; e por isso, a seu pesar, principiava ele a persuadir-se que a tinha julgado com demasiado rigor; e pouco a pouco ia abandonando sua constante vigilância.

A este tempo, principiou Eugénio a sentir algum incómodo em sua saúde, que não pequeno cuidado causava a sua mãe. O menino não se queixava precisamente; contudo a cor de suas faces ia desaparecendo, e seu corpo emagrecia consideravelmente. Suas forças iam-se definhando; marchava com grande custo, e era-lhe insuportável a claridade do dia. Ao mesmo tempo aumentava-se a afeição que ele consagrava à estrangeira; não podia separar-se dela; encolerizava-se quando alguém pretendia arrancá-lo dos braços de sua amiga; vagueava continuamente em torno dela, de um modo inquieto, e ao mesmo tempo satisfeito, e passava longas horas reclinado em seus braços.

Estas demonstrações de amizade eram vistas com a maior indiferença por Alinska. Era para com este menino, o mesmo que era para com todas as pessoas do castelo; isto é, indiferente, e pouco extremosa. Não o repelia, conservava-o junto a si, mas mostrava-se sempre pouco sensível aos seus carinhos; evitava mesmo encará-lo; ou se o fazia, era com certo relancear de olhos, onde se não divisava, nem interesse, nem expressão. Todavia, ela se prestava a tratar dele; animava-o a tomar os ligeiros remédios que lhe eram ordenados; e nessa ocasião, se

alguém a não observava, seus olhos se agitavam com um sorriso sardônico, que não exprimia, nem compaixão, nem interesse.

Madame Delmont escrevia quase todos os dias a seu marido, para lhe participar o estado de marasmo, em que seu filho se achava. Comunicava-lhe os sustos e receios que a atormentavam, suplicando-lhe terminasse uma ausência que tão penosa se tornava. Já lhe havia comunicado o desastroso incêndio da casa isolada, e que era no castelo onde a infeliz estrangeira achara um asilo. Em suas respostas, partilhava Delmont as aflições de sua esposa: prometia-lhe, que em breve voltaria; esperava concluir uma feliz conciliação entre sua irmã e seu marido; e logo que eles se reunissem definitivamente, não se demoraria um só momento em deixá-los. Pouca atenção havia prestado à história da estrangeira; e por isso, apenas lhe dizia as palavras necessárias para aprovar plenamente o procedimento, que sua mulher tivera em tais circunstâncias. Terminava as suas cartas, dirigindo ao céu ardentes votos, para que o seu Eugénio recuperasse, quanto antes, sua deteriorada saúde.

Mas o céu não parecia propício aos votos do desditoso pai. O menino ia-se definhando progressivamente; suas rosadas cores já de todo tinham desaparecido; a sua respiração já era demasiado difícil, e sua cabeça vacilante, pendia de contínuo sobre seus ombros, apesar dos repetidos esforços que ele fazia, para a conservar no seu equilíbrio natural. Esta fatal mudança consternava *madame* Delmont, que contudo parecia nutrir lisonjeira esperança sobre a perícia de um famoso médico, que vivia no vizinho distrito, e que vinha todos os dias observar os movimentos de tão singular enfermidade. Não tinha podido ainda fixar o seu juízo: o menino ia sucumbindo visivelmente debaixo da influência de um marasmo, cuja causa ninguém podia conhecer. A pobre criaturinha parecia sofrer pungentes dores; mas no meio do seu progressivo desfalecimento conservava um apetite devorador, que aumentava, à medida que o mal também crescia; queixava-se, sem cessar, de sentir uma fome, que com dificuldade podia saciar: era sobretudo pela manhã, antes de se levantar, que essa excessiva vontade de comer se fazia sentir com a maior vivacidade. Pedia então que lhe

dessem os manjares mais nutrientes, e devorava-os, como se houvera passado muitos dias sem comer!

O médico, à vista destes sintomas, julgava reconhecer às vezes os efeitos da solitária, que muito se conformavam com essa fome voraz, que consumia o infeliz menino.

Mas outras observações mais perspicazes, lhe manifestavam novas aparências, em tudo contrárias à sua primeira opinião. Ocultava a perplexidade em que se achava, para não aterrar de todo sua mãe, que se achava já tão cruelmente ralada. Quis antes afetar, que só a solitária poderia causar o padecimento de Eugénio, mostrando-se ao mesmo passo possuído das mais lisonjeiras esperanças do o salvar; mas, por desgraça, bem via ele a dificuldade em que se achava de o fazer!...

Alinska, raras vezes abandonava o seu pobre amigo. Ouvia as questões do facultativo, os queixumes de *madame* Delmont, sem nunca partilhar da conversação de ambos: só parecia animar-se, quando era mister dar algum remédio ao menino: então empregava para com ele toda a sua influência, a fim de o tornar mais condescendente. Eugénio sorria-se para ela com a maior graça; tomava-lhe a mão, que não estava calçada, e prometia tomar os remédios, se porventura ela o não deixasse.

— Não, meu amiguinho — lhe dizia ela, — nada receies a esse respeito: acho-me assaz identificada com o teu ser, para que de ti me separe. Só te abandonarei nesse termo fatal, em que também me veja obrigada a abandonar tudo quanto existe sobre a terra.

Estas palavras afetuosas tornavam-se sem valor, aos olhos daqueles que as escutavam, pela sequidão e indiferença com que eram proferidas. A húngara, raras vezes misturava ao que dizia, e mesmo ao que fazia, essa expressão, que sabe manifestar o verdadeiro sentimento de um coração sincero e sem doblez.

Dir-se-ia, ao examiná-la com atenção, que ela se semelhava menos a um vivente, do que a um autómato animado, que se move uniformemente pelas notas, que lhe dão impulso. Tanta indiferença excitava por momentos, dentro de alma de Helena, um pequeno movimento de cólera; mas esse movimento em breve se desvanecia, quando se recordava, que a razão desta infeliz criatura se achava muito enfraquecida, por causa de algum grande infortúnio que lhe sobreviera. Só este motivo a dissuadia a fazer-lhe questões, que naturalmente costumam dirigir-

se a quem, sem conhecermos, prestamos benigno gasalhado. Sabia por ela mesma, que a sua demora no meio-dia da França, devia ser limitada. Alinska lhe havia feito uma meia confidência, de tal modo, que *madame* Delmont se achava resolvida a esperar a volta da primavera, para tomar a seu respeito uma resolução decisiva.

Neste momento, toda entregue aos cuidados de seu filho, só via com prazer o quanto este era predileto pela estrangeira. Era para ele uma doce distração, quando seu habitual desfalecimento lhe não permitia partilhar os galhofeiros jogos de sua irmã, achar-se reclinado nos braços da sua *amiga*. Quanto mais se prolongava a sua existência, mais seus membros se descarnavam. Em breve, nem mesmo lhe foi possível sair do seu quarto, e só com dificuldade extrema, é que raras vezes podia dar ainda algumas pequenas passadas.

O bom Raul, que também amava com o maior extremo o infeliz Eugénio, parecia inconsolável à vista da cruel moléstia que o devorava. Daria do melhor grado metade da sua existência, para o ver restabelecido. Frequentes vezes, sem nada dizer a sua ama, dirigia-se a Tolosa, e trazia consigo um médico, em quem confiava mais, do que naquele que o tratava; mas debalde se lisonjeava ele de obter por este meio, o que não era possível conseguir. A resposta que deu este novo facultativo, depois de várias visitas, lançaram na aflita alma do ex-militar um novo desalento, uma nova desolação!

O tratamento ia de perfeito acordo com uma moléstia, cuja causa se ignorava: a estas palavras podia juntar-se ainda uma receita, carregada de diferentes drogas, sem que por isso fossem diferentes os resultados: eram sempre os mesmos; e aos olhos que se não achassem deslumbrados, era da última evidência, que o pobre Eugénio caminhava, pouco a pouco, para o sepulcro.

Esta cruel certeza apoderou-se finalmente do coração de Raul. Não duvidava que a Providência quisesse arrebatá-lo aquele anjo de doçura, e a sua exasperação não tinha limites. Num de seus momentos de delírio, em que a alma se abandona às mais extraordinárias concepções, imaginava o desconsolado ex-militar, que o pobre Eugénio perecia envenenado, e que só a húngara poderia perpetrar tão abominável crime. Uma tal ideia parecia gelar-lhe o sangue nas veias; em breve ele se envergonhava de a ter concebido; mas dali a pouco, ela vinha de novo torturar cruelmente a sua imaginação: acompanhava-o para toda a parte, perturbava-lhe o sono; era, numa palavra, o seu verdugo! Era em vão que ele lutava com a inverosimilhança, que tão horrível ideia lhe oferecia: observava

a extremosa maneira que Alinska empregava para com Eugénio, e o desvelo com que o tratava, não o deixando um só momento; e horrorizava-se portanto de imaginar, que ela empregasse tanta assiduidade e carinho, só com o desígnio de observar o progresso do veneno, e para evitar que ele tomasse algum corretivo que pudesse martirizar o seu terrível efeito. Vacilante, entre mil conjeturas,

buscava por todos os modos o meio mais eficaz de descobrir a verdade, e de sair da confusão em que se achava.

Capítulo XII

A profunda dor, que despedaçava o amargurado coração de *madame* Delmont, obrigava-a muitas vezes a implorar a proteção divina. Ia quase todos os dias à igreja da paróquia assistir, com a mais fervorosa devoção, aos ofícios que ali se celebravam. Suplicava à Mãe dos aflitos, com as veras de um coração verdadeiramente maternal, aquele socorro e auxílio, que já dos homens não podia esperar. Quando se empregava neste piedoso exercício, não podia deixar de fazer o natural reparo, de que a impassível estrangeira nem sequer uma só vez a acompanhasse em suas fervorosas súplicas. Já se tinham passado alguns domingos, sem que em nenhum deles cumprisse os deveres religiosos. Esta indiferença, tão pouco natural em uma pessoa, que aliás parecia bem educada, causava profunda mágoa a *madame* Delmont. Um dia, em que o sino chamava os fieis ao templo do Senhor, perguntou Helena à estrangeira, se não queria acompanhá-la à igreja, a fim de orarem juntas, e pedirem a Deus, restituísse ao pobre Eugénio sua perdida saúde.

— À igreja! — exclamou Alinska — Eu ir à igreja!... Não, senhora, não me é possível fazê-lo; não posso acompanhar-vos.

— E então por que motivo quereis banir-vos do lugar onde são admitidos, sem distinção, os verdadeiros crentes? Tereis acaso cometido algum erro, que atraísse sobre vós os raios da excomunhão?... Outro motivo não poderia vedar-vos a entrada do santuário!...

— Nem sou herege, nem fui excomungada — replicou a estrangeira com gravidade. — Fui eu mesma que me coloquei numa situação excecional: ela me veda a entrada no santuário da Divindade; os esforços que fizesse para aí voltar, seriam decerto baldados; e se acaso tivesse o arrojo de me apresentar, os mesmos anjos me repeliriam com indignação!...

Havia nesta frase um tal mistério, que *madame* Delmont, confusa e pasmada, não pôde deixar de conceber a única conjetura que se lhe oferecia.

Julgou pois, que Alinska contratara, junto ao altar sagrado, ou um casamento que ela mesma profanara, ou talvez alguns votos de reclusão, que ela mesma atraídoara. Não querendo pois instá-la mais

sobre este particular, receando que a sua enfraquecida razão mais se alucinasse, julgou mais acertado terminar esta conversação, dirigindo-se à igreja, sem fazer novas instâncias à húngara, para acompanhá-la.

Todavia o pobre Raul, entregue todo à funesta ideia que dele se havia apoderado, mortificava-se, sobremodo, por não poder apoiá-la sobre algumas bases sólidas e infalíveis. A sua vigilância era infrutuosa; e o infeliz Eugénio definhava-se, sem que forças humanas pudessem salvá-lo. Já se achava tão débil, que não podia levantar-se da cama: sendo necessário, que sua mãe, Raul, ou Germana o vigiassem, por turno, todas as noites. O momento, que se receava fosse o mais crítico, foi aquele, em que uma melhora, assaz sensível, veio trazer alguma esperança de o verem restituído à existência. Os assíduos desvelos, que lhe prodigalizavam durante a noite, davam-lhe com efeito algumas forças: seus olhos reanimavam-se, e um ligeiro carmin se divisava já em suas faces cadavéricas. A alegria brilhava nos olhos de todos; só Alinska se mostrava insensível àquela aparência de melhoras! As vistas escrutadoras de Raul, que a não deixavam um só momento, julgaram descobrir-lhe uma mudança contrária à do menino: ela ia perdendo gradualmente a boa disposição que até ali ostentava; uma inquietação sinistra se divisava sobre seu rosto, que cada vez se tornava mais macilento; seus passos eram bruscos, e como vacilantes; levava a mão frequentes vezes sobre a cicatriz, que existia em seu peito; comprimia-a com violência, como quem pretendia conter o princípio vital, que parecia prestes a escapar-se por aquela rotura.

Duas vezes a surpreendeu Raul, contemplando a tenra vítima com impaciência feroz e ameaçadora; um gesto, impossível a compreender, exprimia talvez suas ideias de tigre!... Raul não pôde adivinhá-la; mas viu o que lhe era necessário para se convencer, de que era absolutamente indispensável ou que a húngara saísse do castelo, no seguinte dia; ou então resignar-se a perder o seu querido Eugénio. A escolha não era duvidosa. Assentou que era preciso obrar com a maior prudência; mas de se explicar de tal modo com *madame* Delmont, que fosse ela a primeira, que engajassem Alinska a ir buscar outro asilo fora do castelo; não convinha por modo algum, que ela continuasse a residir ali.

Neste comenos chegou a noite. *Madame* Delmont, oprimida pelo cansaço das vigílias, sentia imperiosa necessidade de tomar algum descanso. Ia para

designar uma de suas criadas, para a substituir junto do doente, quando a húngara, instruída dos seus desejos, lhe pediu a preferência,

testemunhando-lhe, quanto lhe seria agradável prodigalizar seus benévolos cuidados ao seu jovem amigo. Empregou os termos mais expressivos; patenteou tão grande desejo de desempenhar esta doce tarefa, que *madame* Delmont não pôde recusar-lhe o que tão ardentemente lhe pedia. Além disso era esta a primeira vez que ela ia passar a noite junto do doente; até ali, nem ela se tinha oferecido para o fazer, nem tão pouco se atreviam a pedir-lho.

Decidiu-se pois, que ela vigiasse aquela noite; e Germana, talvez por esquecimento, não preveniu Raul desta circunstância. À hora pois em que este se deitava, ignorava o que se havia determinado a este respeito; meteu-se na cama, bem convencido de que o filho do seu coronel devia repousar sob a vigilância da mais terna das mães; mas em breve, as mais terríveis ideias vieram assaltá-lo de tropel. Por um momento se apoderou o sono de seus sentidos, sem contudo lhe oferecer profundo descanso. Os mais terríveis sonhos o agitavam! Ora lhe parecia vaguear por entre os bosques, que guarnecem os jardins do castelo de R

***; ora deparava com um bando de salteadores, que depois de encarniçado combate, o abandonavam exangue sobre a terra: outras vezes uma recordação do tempo antigo o transportava à Hungria; à habitação de Alinska! Divisava sobre o limiar da porta um esquife, coberto de um pano mortuário, sobre o qual haviam colocado uma coroa de lírios e cravos brancos: uma multidão de donzelas cercava aquela fúnebre representação; aparecia um ministro do altar, e o cortejo tomava logo o caminho do cemitério! Ali depositaram em uma cova, aberta para esse fim, o caixão, que primeiro despojaram de seus tristes adornos. O povo retirava-se depois maldizendo, em altos brados, os franceses, e seus perversos galanteios; mas, Raul, guiado por uma potência superior, era o único que, apesar de seus esforços, não podia desviar-se daquele campo, último asilo da humanidade. Suspenso sobre o solo, que pisava, mau grado seu, viu desaparecer diante de si a claridade do dia, que em breve foi substituída pela tenebrosa escuridão, que o manto da noite espalhava sobre aquela mansão da morte. Via surgir a lua mansamente por detrás dos limites do horizonte, enquanto ele se esforçava por se subtrair ao poder irresistível, que parecia dominá-lo. O astro macilento, chegou enfim ao seu zénite; profundou então seus raios sobre a terra que encerrava o caixão, que proximamente fora nela depositado. De repente, essa mesma terra se espalha para todos os lados, impelida por um vento impetuoso; do centro do fúnebre asilo sai manso e manso uma figura velada, com o mesmo lençol que lhe servia de mortalha; lança-se, em rápido voo, sobre a região dos ares; e esse poder sobrenatural, que ali retinha Raul, obriga-o

igualmente a seguir a misteriosa fantasma! Atravessa com a mais incompreensível ligeireza espaços incalculáveis, sempre acompanhada do militar sobressaltado; a sua carreira toca finalmente o termo designado. O cadáver, que se reanima, aproxima-se de uma habitação campestre. Raul reconhece o castelo de R ***, e estremece de horror!! O seu misterioso companheiro, de quem não tinha podido ver o rosto, desenvolve do sudário que o cobria, uma mão descarnada, e bate com violência à porta dessa mesma habitação, que em breves momentos lhe foi franqueada. Ao mesmo tempo ele se volta para o militar, e oferece a seus olhos espavoridos a raivosa figura de Alinska!...

Um pesadelo tão medonho não podia durar por mais tempo. Raul acorda, todo inundado de suor; e tal era o pavor que o dominava, que mal podia abrir os olhos no meio da profunda obscuridade que o cercava.

Todas estas comoções não podiam deixar de imprimir na alma do sargento um terror, do qual a sua bravura natural não podia preservá-lo. Figurava-se-lhe que o céu acabava de lhe vaticinava mais espantosa desgraça. Os prestígios, que tanto o admiravam, pareciam-lhe suficientemente esclarecidos: já não duvidava de que esse poder, com que Alinska tanto o surpreendera, tinha a sua origem no meio dos túmulos. Julgava que era simplesmente com uma mulher louca e desorientada, que tinha a combater; mas já estava desenganado, que o seu inimigo era dotado duma inteligência infernal, e talvez muito superior às suas forças. Cede finalmente a esta superstição, e acredita mais as instigações de um sonho, do que quanto a razão pôde inspirar-lhe para o sossegar. Enquanto se abandonava ao delírio da sua imaginação, recorda-se de repente, que naquela mesma noite se ocupava *madame* Delmont em vigiar seu pobre filho. Podia portanto, sem ser importunada pelo demónio, a quem deu gasalhado, ouvir as importantes revelações de Raul. Talvez que Alinska, mergulhada em mortal sonolência, não pudesse interpor-se entre ele e a desconsolada mãe da primeira vítima desse monstro sacrílego. Esta ideia lhe sorri; salta de súbito fora da cama; veste-se à pressa, e ia já abrir a porta do seu quarto, quando uma nova ideia o suspende. Receia atravessar desarmado as vastas salas do castelo, nas quais algum hediondo *vampiro* poderia errar naquele momento! Esquece-se de que o homem é impotente contra tudo que se não acha submetido às leis da natureza; e ajudado pela claridade da lua, que no seu quarto penetrava, ele procura as suas pistolas, que carregadas conservava sempre à cabeceira da sua cama. Munido com este meio de defesa, confiado na pureza de suas intenções, sai finalmente do quarto, dirigindo-se ao do enfermo, onde julgava encontrar a mulher do seu coronel.

Receando sempre que o mais pequeno ruído não despertasse Alinska de seu sono letárgico, caminhava com a maior precaução; nem sequer se atrevia a resfolegar! Já tinha subido a escada principal; já se achava na grande sala, sem que objeto algum se houvesse oposto ao seu desígnio. Chega ao salão de companhia, que atravessa do mesmo modo, e estava já prestes a abrir a porta do quarto, onde *madame* Delmont devia vigiar seu filho; quando se recordou que talvez ela se achasse dormitando, e que, oferecendo-se inopinadamente a seus olhos, poderia causar-lhe um momento de involuntário susto. Para se assegurar se com efeito ela dormia, aplica os olhos sobre a fechadura, e busca penetrar com eles no interior do quarto.

Oh surpresa inaudita!... Não é Helena que ele vê, mas sim a incompreensível Alinska!... Passeava a lentos passos de um para outro lado; parecendo contudo agitar-se com impaciência: ora olhava para o leito onde o menino descansava, ora para o astro da noite, que continuava pacificamente a sua carreira por meio de um céu puro e sem nuvens... O relógio do castelo soava uma hora sobre a meia-noite... Então o rosto de Alinska se decompôs; uma terrível alegria alterava suas feições; tira precipitadamente a luva que calçava a sua dextra, e como veloz relâmpago se precipita sobre a cama!... Sua fétida boca une-se aos puros lábios da inocente criaturinha, parecendo sorver a longos tragos o sangue que aspirava do peito do desgraçadinho!...

Já era demasiado para Raul. Ainda que perdesse a vida, não podia ele suportar tão horrível espetáculo. Engatilha uma de suas pistolas; abre precipitadamente a porta, e corre furioso sobre o monstro, cujos crimes pretende punir.

— Cheguei finalmente a conhecer-te! — exclamou ele — Vai-te, volta ao inferno donde dimanaste; não aviltes a terra com tua execrável presença!...

Disse, e sem mais calcular os resultados desta ação, disparou a arma fatal!

O tiro feriu a vítima; mas esta, mais veloz do que a águia, surpreendida no seu ninho por atrevido caçador, salta furiosa do leito que profanava.

— A mim! — grita ela— Um tiro a mim! Oh! não te iludas, miserável; serás tu ao contrário que vais sepultar o meu segredo no termo da tua existência!...

Um agudo punhal brilha na sua dextra. Em vão dispara Raul segundo tiro;

sua mão vacilante só pôde dirigir a bala contra a parede. O assassino ferro, dirigido contra seu peito, lhe trespassa o coração; e o infeliz Raul não tendo sequer o necessário tempo de exalar um derradeiro ai, cai sem vida sobre o sobrado!...

Capítulo XIII

O Estrondo repetido de dois tiros, retumbando no interior do castelo, nele espalhou subitamente o maior terror e sobressalto. Os trabalhadores da granja (parte dos quais dormia no castelo), não se tinham entregado ainda ao descanso; porque devendo ir no seguinte dia a Tolosa, se ocupavam nos preparativos necessários para a jornada. Espalharam-se logo pelas diversas salas e quartos do edifício, enquanto uma das criadas, abrindo a porta principal, corria desorientada em busca de socorro.

Madame Delmont que, apesar dos pungentes cuidados que a devoravam, dormitava naquele momento, acordou espavorida ao estrondo do primeiro tiro de pistola, que lhe pareceu um desses motins noturnos, que no meio do sono a fantasia nos oferece mais assustadores do que realmente são. Mas tendo ouvido, após ao primeiro, um segundo tiro, a ideia lhe ocorreu, de que os ladrões se tinham introduzido no castelo, e de que o bravo Raul os combatia. Depois, lembrou-se também de seu filho; tomou a resolução de se levantar de pronto; e sem reparar no perigo que poderia correr, voa ao quarto onde devia encontrar o objeto de seus mais ternos cuidados.

Que terrível espetáculo se não oferece a seus olhos, quando ao clarão da lua, que brilhava através de uma janela, e da pálida claridade duma pequena lâmpada, descobriu dois corpos ensanguentados, estendidos sobre o chão, e que logo reconheceu serem os de Raul e da estrangeira!...

Soltando então um grito de horror, correu à cama do menino, que tomou em seus trémulos e convulsos braços: foi debalde que procurava arrancá-lo ao profundo sono que parecia oprimi-lo... Não o poderia fazer, porquanto o infeliz Eugénio tinha adormecido, para somente despertar lá nessa época tão incerta, em que a universal trombeta nos há de acordar a todos!...

Pouco depois deste fatal acontecimento, apresentaram-se as criadas e os trabalhadores, armados com vários instrumentos de lavoura, que o

acaso lhes

havia deparado. Viram uma escada de corda, presa fortemente à janela; encontraram Raul e Alinska, banhados em seu sangue, e sem darem o menor sinal de vida! Um pouco mais distante descobriram também *madame* Delmont, que apenas respirava junto dos tristes restos de seu querido filho!... Esta horrível cena infundiu na alma daqueles, que a contemplavam, um terror, uma consternação, bem difíceis de descrever.

Os assassinos não podiam achar-se longe; mas talvez ajudados pela escada, se tivessem evadido. Por um lado, apressaram-se em prodigalizar a *madame* Delmont os socorros que a sua triste situação reclamava; e por outro a continuar no castelo as investigações já começadas.

O número dos auxiliares não tardou em aumentar-se; os vizinhos corriam em tropel, trazendo consigo as autoridades locais; mas as diligências mais minuciosas não produziram resultado algum; não se descobriu o mais pequeno vestígio, que indicasse a existência dos salteadores. Todos se convenceram de que esses miseráveis, assustados naturalmente pelos tiros de pistola, que sobre eles se dispararam, haviam logo fugido. Correram pois em seu seguimento, investigaram-se os vizinhos campos, ainda antes de romper a aurora; porém nada se descobriu, que justificasse a persuasão em que todos se achavam. Imaginava-se então, que eles se haviam subtraído ao castigo que a sua atrocidade lhes granjeara.

Helena, ao primeiro alvor do dia, pareceu recuperar algum alento: seus sentidos inteiramente abatidos, se reanimavam pouco a pouco; e o primeiro brado que soltou, foi para chamar seu filho, o querido Eugénio.

Uma dama, que se achava ao lado dela, procurou derramar algumas gotas de bálsamo consolador no dilacerado coração da consternada mãe; mas naquele doloroso momento todos estes desvelos eram inúteis: ela continuava a chamar o filhinho, que já não existia, sem atender aos discursos de consolação que lhe dirigiam. Ai!... o infeliz menino já não podia ouvi-la; o pobrezinho também tinha sido uma das vítimas daquela espantosa tragédia!... Havia sucumbido inopinadamente, quando o seu restabelecimento parecia quase infalível!

Helena tinha presenciado o seu passamento, e contudo não podia decidir-se a acreditá-lo: a dúvida parecia-lhe mais preferível a uma

realidade, que lhe arrebatava a mais lisonjeira esperança!

Neste comenos, dois novos personagens, se apresentaram no castelo: o médico que tratava do infeliz Eduardo, e o coronel Delmont. O primeiro tinha sido chamado pelas autoridades, para formar o processo verbal, que a justiça reclamava; o segundo, tendo conseguido conciliar seu cunhado e sua irmã, vinha receber, nos carinhosos braços de sua esposa, a recompensa que uma tão bela ação lhe granjeara. Quanto não estava longe este desgraçado pai de presenciar tão terrível catástrofe! Julgava, que a sua chegada restabeleceria outra vez a alegria no castelo; e ele mesmo recebeu o mais profundo golpe, quando um dos circunstantes, chamando-o de parte, lhe participou as desgraças que acabavam de enlutar sua família!

Delmont era pai; amava extremosamente seu filho! Oprimido pela funesta narração, que acabava de ouvir, não pôde dissimular a pungente dor, que tanto o atormentava; mas ao mesmo tempo quis ver sua desconsolada consorte, a fim de misturar suas lágrimas àquelas que a mesquinha derramava. Não seremos nós, que descreveremos a aflitiva cena desta cruel entrevinda; as dolorosas exclamações, os repetidos soluços destes desditosos pais!...

Com grande susto os separaram do cadaverzinho, que regavam de suas lágrimas; a vista de Julieta, longe de os tranquilizar, veio aumentar a explosão da sua natural sensibilidade; e naquele primeiro momento todos julgaram, que valia mais deixá-los entregues à sua dor, por se lembrarem que estas feridas só o tempo pode cicatrizar.

No meio da saudade, que o coronel sentia pela perda de seu filho, nem por isso deixava de lastimar o seu fiel Raul. Vivendo juntos tantos anos, partilhando os mesmos perigos e as mesmas fadigas; socorrendo-se tantas vezes um ao outro; tudo isto despertava na dilacerada alma do coronel a mais triste recordação. Recomendou ao cirurgião, que fora chamado para o socorrer, que empregasse todos os meios imagináveis para restituir a vida, se tanto fosse possível, a este bravo militar: mas desgraçadamente tudo era inútil: o ferro homicida tinha-lhe chegado ao fundo do coração; toda a esperança de o salvar era sem fundamento; não podia realizar-se! O mesmo acontecia com a jovem dama, que da mesma forma tinha sido vítima dos salteadores: a bala havia-lhe varado o corpo de lado a lado; outra ferida que se lhe encontrou, indicava que a sua morte era infalível: nada restava mais, do que render-lhe os últimos deveres do sepulcro!

Delmont, consternado com esta notícia, não quis ver seus restos

inanimados. Encerrou-se no quarto de sua mulher, depois de haver encarregado a respetiva autoridade de fazer as suas vezes, recomendando contudo que o corpo de Eugénio, que parecia não ter expirado de morte violenta, se conservasse até ao seguinte dia. Assim lho prometeram, ocupando-se desde logo em transportar dali os outros dois cadáveres: o de Raul foi conduzido ao quarto que antes ocupava; o da estrangeira foi levado a uma sala ao rés do chão, que foi logo guarnecida convenientemente para a fúnebre cerimónia...

Os dois enterros deviam fazer-se às quatro horas da tarde. Já o digno pastor principiava a vestir suas vestes sacerdotais, para acompanhar o funeral; já o sino da paróquia vibrava seus doubles melancólicos, quando as densas nuvens, que sobre o castelo se haviam aglomerado, rompendo-se, de súbito principiaram a despejar sobre a terra caudais torrentes, acompanhadas de medonhos trovões e relâmpagos, que pareciam incendiar a natureza inteira! O mais terrível combate se engajou no imenso espaço dos ares; os ventos furiosos se entrechocavam com fúria insana; um turbilhão de ramos e outros despojos mais pesados, impelidos por todos os lados, vinham despedaçar-se contra os tetos do castelo, que mal podiam resistir ao ímpeto da tempestade; e no meio de tão medonho cataclismo dir-se-ia, que um novo dilúvio vinha derramar seus furores, a desolação, sobre aquela porção da França, que até ali fora abençoada.

No meio do bramido da tempestade pretendiam vários camponeses ouvir distintamente algumas rouquenhas vozes; soltar sinistros clamores! Não duvidavam, que os espíritos malfazejos, espalhados pelas nuvens, se não regozijassem da cruel calamidade, de que era vítima aquele distrito! Talvez mesmo, diziam os próprios camponeses, que as pessoas assassinadas se não achassem em graça, e que suas almas, repelidas do céu, errassem em torno de seus envoltórios, dentro dos quais pretendiam, debalde, tornar de novo a alojar-se!

A comoção que agitava a natureza, só se desvaneceu depois da noite.

Enquanto ela durou, impossível fora proceder à fúnebre cerimónia do enterro: correria perigo de morte o imprudente, que se atrevesse a deixar o asilo, onde se abrigara do furor da tormenta. Foi pois necessário esperar pelo seguinte dia, o que decerto não foi pouco sensível para os habitantes do castelo. Só *madame* Delmont parecia indiferente a este novo revés; seu filhinho que nunca mais veria, absorvia todas as faculdades de sua alma; ela mesma parecia desejosa de terminar uma existência tão cruel e amargurada. Seu esposo não se afastava de seu lado, procurando consolá-la; e para o conseguir, lhe apresentava muitas

vezes sua filha, cuja beleza, naquele solene momento, oferecia novos atrativos, pelas lágrimas que derramava. Conjurava-a a que se resignasse à vontade da Providência... Vãos esforços!... Helena ouvia-o muito bem; mas não o escutava; só uma única ideia a ocupava; era que seu filho lhe fora para sempre arrebatado!...

Enquanto se prolongava esta cena de desolação, e que a escuridão da noite se tornava mais opaca, pelas negras nuvens que ainda pesavam sobre a atmosfera, os camponeses de R ***, de ambos os sexos, que tinham sido escolhidos para guardar os finados, entretinham-se na cozinha do castelo, onde se entregavam, folgazões, aos prazeres da ceia, que lhes ministraram. O vinho circulava em grandes vasos de louça, e todos bebiam à saúde da *ilustre* sociedade. De espaço a espaço, a insensibilidade desta classe de gente deixava escapar alguns gracejos, assaz ridículos: suscitavam um riso involuntário sobre os lábios dos circunstantes, que em breve reprimiam as gargalhadas, cuja causa contrastava demasiadamente com o pesado luto, que trajava a desventurada família Delmont.

Contudo, a conversação não parecia esgotar-se: mudava muitas vezes de objeto; mas quase sempre voltava aos acontecimentos da passada noite.

— Vede — dizia Germana, — o que nós somos! Aquele pobre Raul, ainda ontem tão robusto, e hoje reduzido a um cadáver!...

— E a sua alma — dizia uma velha já decrepita, cujos sinistros olhares faziam estremecer os rapazes e raparigas, que se achavam presentes; — julgais, digo, que sua alma se ache atualmente em bom lugar? Que tal! morrer sem confissão, como um herege! E deixar-nos-á ela em sossego? Não virá talvez, antes da noite de natal, atormentar-nos, raivosa pelos tratos que ela mesma sofrerá?

— Eis aí como vós sois, tia Pernot — respondeu um jovem lavrador, —

nunca haveis de perder esse mofino costume de meter medo à gente... Apre!... E

por que motivo quereis vós que o bravo Raul, que, durante a sua vida, nunca nos fez senão bem, viesse maltratar-nos depois de morto?

— E porque se não confessou ele?...

— E podereis afirmar que o não fez?... Todos sabem que era um bom católico; ainda domingo passado ouviu missa a meu lado.

— Muito bem, Nicolau; porém essa jovem dama, que jaz perto de nós, ia ela porventura à missa? Deu-nos jamais a conhecer qual era a sua religião? Foi por isso que Deus já se tinha conspirado contra ela. O incêndio da casa, onde habitava o seu criado reduzido a cinzas... Oh! ela não quis atender a tão severas advertências, pereceu miseravelmente, no mesmo instante em que talvez julgava, que seus dias se prolongassem; queria certamente lutar com a morte!... Que loucura!... Ei-la para sempre desfalecida, ao passo que nós outros ainda aqui nos achamos com vida.

— Nesse caso, beberemos à sua saúde — replicou um moleiro, que ali se achava, cuja estatura colossal, e extraordinária força, eram objetos da pública admiração. — Confiamos em que se há de achar perfeitamente dentro do sepulcro, e que de lá não tornará a levantar-se...

Neste comenos todos ouviram um comprimido gemido!... Levantaram-se surpreendidos; o susto se manifestava em quase todos os semblantes; e aquele mesmo que acabava de falar, não era por certo o que menos pusilânime se mostrava... Dava meia-noite no relógio da escada, e todos escutavam em silêncio o retumbante som da campainha.

— De quem seria este gemido? — perguntou então um dos comensais.

— Talvez da jovem defunta — respondeu a velha —. Provavelmente foi um agradecimento que dirigiu ao moleiro, pelo interesse que parecia tomar por ela.

— Vamos, tia Pernot — lhe replicou ele mesmo, — nada de gracejos; deixemos o negócio no estado em que se acha, e não nos ocupemos do passado...

Um segundo gemido se fez ouvir, e todos ao mesmo tempo soltaram um grito de espanto e de confusão.

— Santa Virgem, nossa protetora! — exclamou Germana. — Este gemido saiu da sala onde se acha depositado o corpo da defunta!... Ó meu Deus! quem terá a coragem necessária para ir observar tão estranho acontecimento?

Nenhum dos circunstantes se prestou a este convite: pela terceira vez outro gemido veio ecoar a seus ouvidos; mas tão distintamente, que impossível fora duvidar da evidência! O terror se apoderou então de todos, que à porfia saíram precipitados em busca da porta do castelo: alguns tomaram o partido de ir chamar o cirurgião, que ainda se não

havia retirado, por causa de *madame*

Delmont, e contaram-lhe o que acabavam de presenciar. Atribuiu primeiro aquele incidente à sua imaginação ainda impressionada; mas à vista de reiteradas protestações, resolveu levantar-se da cama, onde se havia reclinado, sem se despir, e a descer à sala de onde tinham partido os gemidos, que causavam tão grande alarme. Delmont, que também não dormia, tendo ouvido tão extraordinário tumulto, se mostrou curioso de conhecer o motivo: vendo que sua mulher, sucumbindo ao excesso do desfalecimento em que se achava, havia adormecido naquele momento, tomou o caminho da escada, onde encontrou o facultativo, que descendo conjuntamente com ele, lhe ia dizendo, que talvez um pânico terror era o único motivo que tinha assustado aquela pobre gente.

Sentindo ambos a tempestade que ainda durava, não duvidaram que esses gemidos, que os supersticiosos camponeses pretendiam ter ouvido, não fossem atribuídos ao sibilar dos ventos desenfreados. Continuaram a descer; e seguidos pela multidão, ainda timorata, chegaram à sala, onde se tinha depositado o corpo da estrangeira, e que muitas lâmpadas alumiaavam.

Ao passar o limiar da porta, ouviram outro gemido; e foi então, que se convenceram, que só do ataúde poderia sair aquela voz! O bando campezino quase todo desapareceu; mas os mais resolutos acompanharam o coronel e o cirurgião, que ao mesmo tempo exclamaram:

— A desgraçada ainda vive!... Corramos a salvá-la da horrível situação em que se acha!...

Aproximaram-se com desvelo do caixão onde Alinska estava depositada; levantaram-na docemente, e sem a desenvolverem de sua mortalha, a transportaram com a maior precaução ao quarto que antes ocupava. O

facultativo, durante o trânsito, pondo a mão sobre o coração da ressuscitada, reconheceu que tornava de novo a palpar, ainda que frouxamente. Pasmado à vista de tão grande fenómeno, decidiu-se a empregar toda a sua assiduidade, para restituir a vida àquela que parecia arrancar-se dos braços da furibunda morte.

Pedi ao coronel que descobrisse a cabeça da moribunda; Delmont obedeceu, examinando com a maior avidez aquelas feições pálidas e já quase decompostas; mas qual não seria o seu espanto, quando aquele

rosto ainda belo lhe patenteou a extremosa e desgraçada Alinska!... Um grito escapou de seu seio, e o observador perspicaz não deixaria logo de conhecer o estado em que sua alma se achava. O

cirurgião, todo embebido em suas reflexões, não pôde fazê-lo; atribuiu esse grito ao estado de sensibilidade em que era o coronel; estava muito longe de conhecer

a verdadeira causa, e Delmont empenhava-se em ocultá-la aos circunstantes: Reconcentrou pois dentro em si todas as emoções, que de tropel o acometiam, sem contudo deixar de empregar as mais sérias meditações sobre os extraordinários acontecimentos que presencava.

O cirurgião, mandando retirar os camponeses, quis ficar só com as mulheres, que, restabelecidas do susto que a princípio as assaltara, se ofereciam do melhor grado para prestar seus serviços a uma criatura do seu sexo. O mesmo coronel saiu do quarto; mas antes de o fazer, aproximou-se do facultativo; e no meio de um transporte, que não pôde reprimir, o conjurou de empregar todos os recursos da sua arte, para arrancar do fundo do sepulcro a infeliz, que nele jazia.

— Ficai descansado, coronel — replicou ele. — Sou eu o único interessado em colher os louros de tão maravilhosa cura; a arte poderá sem dúvida auxiliar-me; mas acreditai que este prodígio pertence antes à natureza: só ela pôde conduzir-nos a um feliz resultado. Juraria que o tiro de pistola houvera arrancado subitamente a existência desta jovem criatura; todos os sinais de vida tinham desaparecido; e se acaso se reanimar, atribuí-lo-ei antes a uma misteriosa ressurreição, do que a uma simples cura.

Depois destas palavras, que inspiraram no coração do coronel alguns vislumbres de esperança, este se retirou pausadamente, lutando num abismo de perplexidades, e sem poder fixar-se numa só ideia que fosse plausível ou verosímil, voltou ao quarto de sua mulher, que ainda desfrutava o descanso de um sono malfazejo e letárgico. Quanto não devia ser doloroso o momento em que despertou! Que novo golpe não ia descarregar em seu coração a notícia da ressurreição da estrangeira, ao passo que seu pobre filhinho lhe não era restituído por igual prodígio!

Capítulo XIV

Entre as ocorrências que haviam agitado a vida do coronel Delmont, a aparição da húngara no castelo de R ***, era sobre todas a que mais o surpreendia. O enérgico caráter desta jovem, que tão mal julgara; esse

amor extremoso, do qual, naquele momento, lhe dava ainda a mais evidente prova; tudo isto lançava em seu coração comoções tão extraordinárias, que ele mesmo não sabia explicar. Não era só para lhe lançar em rosto o seu perjúrio, que ela tinha atravessado tão vastos países; suas exigências deviam ir mais longe, e o pobre coronel estremecia, antevendo as terríveis cenas que ela lhe preparava. Por outro lado (tal é a extravagância do espírito humano!) ainda que seus mais ardentes desejos fossem de a não tornar a ver, não podia ele sufocar o íntimo receio, que sentia de a perder de novo: ele daria de bom grado a maior porção da sua fortuna, a quem lhe desse a certeza de a salvar! Desejava praticá-la uma só vez, dizia ele; precisava ouvir de sua própria boca a narração da sua viagem até R ***: deste modo, debaixo do exterior de uma simples curiosidade, ocultava Delmont a si mesmo a existência de outro sentimento mais cruel, e quiçá mais criminoso!... Mas enquanto assim discorria, protestava também sufocar em seu seio esse sentimento, e de afastar do coração da virtuosa Helena a infernal paixão do ciúme, que tantas vítimas arrasta consigo no medonho abismo, que a vomitara. Resolveu-se portanto a tratar Alinska, enquanto lhe fosse possível, como simples estrangeira, salvo se ela mesma, por alguma imprudência, o obrigasse a declarar a verdade.

Todavia, a inquietação que o devorava, não lhe permitia gozar o menor descanso. A morte de seu querido filho, a do seu pobre Raul, a quem tanto amava, despedaçavam continuamente seu amargurado coração. No primeiro, via desaparecer o objeto de suas paternas afeições, e das mais lisonjeiras esperanças: no segundo, perdia um amigo, de cuja lealdade não podia duvidar; e que nas críticas circunstâncias em que se achava, lhe podia servir da maior utilidade. Era portanto muito natural, que o infeliz coronel misturasse suas lágrimas às de sua malfadada consorte, e que junto a ela receasse novos acontecimentos, que o próximo dia parecia vaticinar-lhe. Outro cuidado, não

menos cruel, ainda o perseguia: desejava sobretudo, que sua esposa ignorasse o triste momento que devia para sempre separá-la dos restos mortais de seu caro filho. Estremecia ao mais pequeno murmúrio que sentia; apertava Helena em seus braços, como se quisesse anunciar-lhe a consumação da sua desventura.

Graças a um vizinho officioso, e ao digno pastor da paróquia, o mais profundo silêncio presidiu à fúnebre cerimónia, que teve lugar ao despontar do primeiro alvor do dia: os tristes cânticos dos levitas só principiaram a grande distância do castelo, e o vento que soprava com violência, ainda levava para mais longe esses mesmos cânticos e os

ecos melancólicos do sino da paróquia.

Madame Delmont tinha formado o doloroso projeto de ver ainda seu filho: chamava por ele, quando já descansava debaixo da fria terra, que devia consumi-lo; e a desesperação aumentou muito mais, quando lhe deram a certeza, que do seu caro Eugénio só lhe restava a mais dolorosa recordação e saudade.

O coronel, dedicado em extremo a minorar, com suas reflexões consoladoras, a pungente dor que ele mesmo partilhava, quase se ia esquecendo de que Alinska se achava tão perto dele. Só no decurso do dia se lembrou de perguntar notícias dela a M. Mélérvant (era o nome do cirurgião), quando este veio procurá-lo.

— Já vos disse — lhe replicou ele, — que em tudo que respeita a esta criatura, existe um não sei quê de inexplicável, e que debalde procuro penetrar.

Ninguém poderia esperar um tão extraordinário milagre; todavia ainda não posso afirmar se ela viverá. A sua ferida é assaz perigosa; e outra que anteriormente havia recebido, e que quase profundara até ao coração, são grandes motivos para muito duvidar da sua existência.

— Outra ferida, dizeis vós! Explicai-vos: pareceu-me ouvir dizer, ontem quando cheguei, que um só tiro de pistola acertara nessa infeliz criatura.

— Eu não vos disse, que essa segunda ferida era recente. Há muito tempo, que foi causada por um instrumento cortante: longe de se achar de todo cicatrizada, ainda hoje goteja sangue! Oferece um aspeto particular que, confesso, não possuir os necessários conhecimentos para o caracterizar. Noutro qualquer indivíduo, ela me apresentaria um perigo iminente; e contudo, parece, que há muito tempo que existe esta mulher, exercendo livremente todas as funções da vida, sem que essa ferida, que deveria lançá-la no sepulcro, lhe cause o menor obstáculo! Certo, ela não pode queixar-se da natureza, que sem dúvida a

dotou do mais salutar e vigoroso temperamento. Ainda se observa nela uma circunstância mais particular: a sua mão esquerda existe continuamente encerrada dentro de uma luva de grossa pelica; quis arrancar-lha, para dar a esta desgraçada toda a liberdade em seus movimentos; mas quando lhe toquei no braço, senti que ele se agitava extraordinariamente; e a mão, que naquele momento se achava aberta, fechou-se com tal força, que não me foi possível realizar o meu

desígnio.

— Tudo quanto me dizeis, doutor, causa-me na verdade a mais extraordinária surpresa. Não vos desanimeis, eu vos conjuro; bem vedes os deveres que a humanidade nos prescreve para com esta desafortunada; além de que, só ela pode ministrar-nos os detalhes dos acontecimentos desta desastrosa noite; talvez possamos obter dela interessantes esclarecimentos, para descobrir os miseráveis, cuja tentativa, sem proveito para eles, tão fatal se tornou para nós.

— Sr. coronel, as vossas instâncias não são necessárias: além dos deveres aos quais me resignei, adotando a profissão que exerço, não vos ocultarei, que esta mulher me inspira o mais vivo interesse. A rara perfeição de suas formas, a beleza de seu rosto, lançaram em todos os meus sentidos uma inquietação que jamais havia experimentado. Se for tão feliz, que possa restabelecê-la, oh! eu vo-lo confesso, não duvidarei solicitar a posse da sua mão, como recompensa de meus desvelos... mas por que motivo pareceis comovido com esta confidência que vos faço? Acaso vos parecerá condenável este meu procedimento?

— Quem? eu!... enganais-vos: e com que direito poderia censurar-vos?
O

que me parece, contudo, é que quanto se passa em torno a nós é extraordinário e incompreensível. Enamoraís-vos de uma pessoa que ainda ontem não conhecíeis; e quando ela pertence ainda mais ao outro mundo do que a este, é que vos lembrais de a esposar! Que acontecerá, quando a esses dotes físicos, que já vos encantam, descobrires em seu espírito as apreciáveis qualidades, que provavelmente deve possuir?

— Coronel, permiti-me que vos diga que o modo com que vos explicaís, a este respeito, me surpreende: parece que vos esqueceis da dolorosa situação em que vos achais...

— Oh! desculpai, meu caro doutor, a agitação em que me vedes; nem sei o que digo, nem o que faço: tal é a entranhável dor, que me oprime! Vós me recordais, que as minhas palavras se acham em perfeito acordo com a desordem

de minhas faculdades. Ai!... na minha situação, cujo suplício não podeis apreciar, devo ser desculpado se falto porventura às conveniências, que noutra qualquer ocasião não deixaria de respeitar.

Este discurso, longe de desmentir o que talvez pretendesse inculcar,

dava ao doutor, pelo mal alinhavado de suas frases, a prova evidente de que o coronel, todo entregue à sua justa mágoa, não tinha ainda recuperado inteiramente o uso da sua razão. Não supôs portanto, que algum motivo secreto, um rápido movimento de ciúme, houvessem influído no espírito do coronel. Este, envergonhado de se haver esquecido um momento da resolução em que se achava, e de dar a Mélérvant o direito de ler em sua alma, preferiu antes deixar-lhe acreditar, que o excesso da sua dor era o único motivo da preocupação de suas ideias. Mais tranquilo a este respeito, mudou de conversação, instando de novo com o facultativo, para que se não ausentasse do castelo, enquanto a estrangeira e *madame* Delmont carecessem da sua presença.

— Este lugar — replicou Mélérvant, — será de hoje em diante o meu quartel general, salvo se a isso vos opuserdes. Não o abandonarei senão por momentos, e só no único caso, em que algum imprevisto acidente reclame os meus serviços fora dele.

Delmont perguntou-lhe depois se lhe seria permitido ver a enferma, a quem, segundo prescreve a civilidade, desejava fazer uma visita.

— Podeis fazer o que for da vossa vontade; mas seria o mesmo que dirigir os vossos cumprimentos a um cadáver. Esta dama, ainda pelo espaço de quinze dias não poderá sair do estado de insensibilidade em que se acha. O muito sangue que perdeu, é a causa principal do seu desfalecimento; e nós seríamos muito felizes, se no fim de um mês ela pudesse responder às nossas questões.

— Será necessário revestirmo-nos de paciência até esse tempo; — replicou o coronel, afetando a maior indiferença — vós sereis o guia de nossas ações; não preciso dizer-vos, que ficais investido do mais absoluto poder a este respeito.

Mélérvant respondeu a esta civilidade com uma simples inclinação de cabeça: de repente abre-se a porta do quarto de *madame* Delmont; Germana, toda desconcertada, vem anunciar que sua ama acabava de desmaiar. Os dois personagens, ao ouvir esta triste nova, terminaram a sua conversação, para correr aonde seus deveres e ternura os chamavam.

Por muitos dias se repetiram os delíquios de *madame* Delmont, que só tinham origem na cruel aflição, que não cessava de atormentá-la. Nada podia distraí-la; absorvida numa só ideia, nela reconcentrava ainda as coisas mais opostas ao seu mesmo sofrimento.

Alinska iludiu completamente o doutor em todos os seus cálculos. A sua saúde restabeleceu-se em muito menos tempo do que aquele que lhe fora prognosticado; e ele mesmo nem sequer teve a dita de ser o primeiro, que ouviu as primeiras palavras que a *bela* estrangeira pronunciara.

Ao oitavo dia, depois do fatal acontecimento, vindo Delmont ao quarto da húngara, para se informar do progresso de suas melhoras, como tinha por costume fazer todos os dias, achou a enfermeira assaz impacientada pela demora do seu almoço. O coronel propôs-lhe, que fosse ela mesma reclamá-lo, enquanto ele ficava vigiando a doente, que prometia não abandonar enquanto ela não voltasse. A enfermeira, muito satisfeita com esta condescendência, correu sem demora aonde

o seu apetite a chamava.

Delmont, sozinho na presença do importante objeto de seus primeiros amores, ficou por muito tempo imóvel e contemplativo em frente do leito onde Alinska repousava; abandonando-se bem depressa à mais severa e dolorosa meditação, observando aquele macilento rosto, aquelas faces descarnadas, aqueles olhos totalmente fechados. A sua imobilidade era completa; apenas uma ligeira respiração testemunhava, que o fio de existência a considerava ainda na classe dos vivos.

— Pobre criatura!... — exclamou Delmont — e era neste estado que devia tornar a ver-te?... Era a este lugar, onde a tua fatal ternura devia arrastar-te?...

Um suspiro que dos lábios de Alinska se evaporou, veio retumbar nos ouvidos do coronel, promovendo-lhe ao mesmo tempo uma penosa sensação.

Aproximou-se mais, e viu então que as pálpebras daquela, que tão atencioso examinava, se agitavam brandamente por um movimento convulsivo; abriu enfim seus olhos, que de súbito se fixaram sobre o coronel; suas faces se coraram, e seus lábios articularam o nome de — Eduardo!...

— Alinska!... acaso me reconheces?... — lhe disse Delmont, quase sufocado pela sensação que sentia — Oh! quanto não deves odiar a minha presença!

— Eduardo, ainda me amas?...

A esta questão inesperada, e a qual não era fácil responder, ficou Delmont como petrificado. Seus lábios iam quase pronunciar uma resposta afirmativa; mas a sua razão, talvez mesmo a verdade, reprimiram essas palavras criminosas.

Apenas escondeu o rosto em suas mãos, continuando a guardar o mais profundo silêncio.

— Eduardo, cruel e caro amigo; acaso queres dar-me a morte, à qual, por um prodígio, acabo de subtrair-me?...

Oh! quanto não era sensível àquele a quem se dirigia esta exprobração, de não poder consolar a infeliz, que parecia só renascer, para encontrar no primeiro momento, em que a existência lhe era outra vez restituída, toda a realidade das penas e desgostos, que há

tanto tempo torturavam seu pobre coração! Por outro lado, poderia Delmont alimentar uma funesta esperança, mentir contra a sua consciência? Não era ele o esposo de Helena? Não lhe consagrava ternura e amor, fundados sobre a estima e a virtude mais acrisoladas? Deveria trair tantos anos de fidelidade?... Todos estes pensamentos, e mil outras ideias, combatiam seu atribulado espírito. Estava pois vacilante, quando um sufocado suspiro atraiu sua atenção. Não balançou em lançar seus olhares sobre Alinska, e reconheceu assustado que a infeliz caía em novo delíquio: o passageiro rubor havia desaparecido de suas faces, e suas pálpebras tinham-se cerrado outra vez.

Receando ter descarregado o golpe fatal sobre esta miserável criatura, saiu como desorientado do quarto, bradando em altos gritos pelo cirurgião, e pelos domésticos do castelo. Todos correram assustados; contou-lhes que a estrangeira, que por um momento pareceu tornar a si, e que tinha pronunciado até algumas palavras, tornara a cair numa espécie de desfalecimento letárgico... que talvez se tornasse muito fatal.

— Pois ela falou! — exclamou o cirurgião. — Assegurais-me que articulou algumas palavras! Não vos iludis? Ah! senhor, permiti que duvide de semelhante prodígio! Se contudo me não enganais, então nada posso vaticinar a respeito deste ente tão extraordinário e incompreensível.

Delmont, tornando a si de seu primeiro sobressalto, assegurou ao cirurgião, que a doente havia pronunciado, ainda que pouco inteligível, as seguintes palavras: *Onde estou eu? Quem se acha junto a mim?*

Certo não era deste modo que ela se havia explicado; mas o coronel não queria por modo algum declarar o que realmente lhe ouvira.

Mélervant achou Alinska com um movimento febril assaz pronunciado.

Não dissimulou que o perigo se apresentava com um aparato assustador, e que era necessário que a estrangeira tivesse experimentado alguma comoção terrível, para se achar no estado em que a via. Este discurso foi um raio fulminante que feriu o coração de Delmont. Receando não poder domar as pungentes emoções de sua alma, apressou-se em retirar-se ao salão, onde por mais de uma hora passeou aceleradamente, sem se atrever a voltar ao quarto de sua mulher, nem tão pouco ao aposento de Alinska, receando presenciar o

seu derradeiro suspiro.

Oh! quanto se não arrependia ele neste instante dos desvarios da sua mocidade, do erro imperdoável que havia cometido! procurando acender no coração franco e sensível da desventurada Alinska uma chama, que devia ter tão funestos resultados! Então não se lembrava ele do futuro; julgava que o amor desaparecia com a mesma rapidez, com que nos subjuga; não conhecia, que esta paixão, de ordinário tão frágil, se torna robusta e vigorosa, quando domina sobre certos caracteres. A constância de Alinska assim o confirmava; nada fora capaz de abalar sua ternura. A distância, a ausência, mil outras vicissitudes, tinham resvalado sobre seu coração sem o esfriar; e esse mesmo coração ainda hoje conservava todo o delírio da paixão cruel, que outrora o embriagava. Quantos tormentos, quantos combates não sofria Delmont com esta febre que o devorava!

Através de medonha nuvem enxergava um porvir cheio de calamidades; e penetrado de horror abandonava-se o desgraçado ao destino fatal que o aguardava. Mas, acaso não sentiria ele também o ervado farpão, de uma espécie de ciúme, que parecia suscitar-se entre ele e o enamorado facultativo? Este, ainda moço, podia inspirar, por suas qualidades físicas e morais, um sentimento de ternura; declarar-se-ia com Alinska, talvez que até mesmo lhe suplicasse, de orar em seu favor; e Delmont não seria capaz de fazer tão grande sacrifício.

Como já dissemos, a húngara, iludindo todas as probabilidades, continuava a restabelecer-se: apenas vinte dias tinham decorrido, e já ela podia assentar-se sobre a cama, pronunciar algumas frases, e responder às insignificantes questões que lhe dirigiam; mas ainda se não achava em estado de empreender exata narração dos acontecimentos dessa noite terrível, que a despojara da sua habitação. *Madame* Delmont apenas se atrevia nesse tempo a vir visitá-la. A sua presença lhe recordava tanto ao vivo a morte do seu Eugénio, que ao entrar no quarto de Alinska, suas faculdades a abandonavam, sendo-lhe necessário muito tempo para se restabelecer. Abundantes lágrimas vieram por um momento aliviar

a sua dor; e depois duma visita silenciosa, se retirou de novo ao seu aposento.

Ainda que privada da sociedade da castelã, nem por isso Alinska ficava só.

Mélervant comprazia-se em acompanhá-la, tanto quanto suas ocupações lho permitiam. Delmont, arrastado por um sentimento

irresistível, também vinha vê-

la muitas vezes, ainda que no fundo de seu coração protestasse de tornar menos frequentes suas visitas. Todavia, empregava todo o desvelo em evitar encontrar-se a sós com Alinska: receava nova explicação, que poderia trazer resultados mais terríveis, do que a primeira.

Era debalde, que a húngara cogitava o meio de desviar do quarto as testemunhas importunas; seus esforços não tinham o resultado, que ela desejava.

Delmont estava sempre vigilante; e quando se via exposto a ficar sozinho com a vítima de um amor tão funesto e desgraçado, não perdia um só momento em retirar-se.

Nesses críticos momentos, um profundo despeito se divisava sobre o rosto da impacientada Alinska. Buscava, por meio de um gesto, de um expressivo relancear de olhos, prender ao pé de si aquele que receava os raios de suas justas repreensões; e quando o via retirar, ela se abandonava aos mais vivos transportes de cólera, que quase sempre se empregavam sobre a enfermeira que constantemente a vigiava, e muitas vezes sobre o mesmo facultativo. Este, cada vez mais enamorado da estrangeira, suportava com rara paciência as vivacidades, cuja causa ignorava, e que só atribuía à violência do estado físico da enferma. Empregava então todos os meios de restabelecer a paz e o sossego naquela alma tão agitada; declarava-lhe que a exaltação ou a cólera lhe podiam ser bastante funestas; e que só poderia restabelecer-se, procurando reprimir quaisquer afeições morais, que porventura oprimissem seu espírito. Um sorriso de escárnio era quase sempre a única resposta que dava às observações do solícito doutor: então, ela parecia tratá-lo com essa superioridade desdenhosa que arroga a si aquele, que se julga sempre mais superior aos outros.

Mélervant sofria todos estes caprichos com resignação admirável; aguardava uma recompensa, que na sua opinião seria muito superior a todos os dissabores que suportava.

Alinska, ao cabo de duas semanas, e na época em que o inverno desfechava todo o seu rigor sobre a natureza, declarou que podia levantar-se. O doutor quase chegou a impacientar-se com esta exigência; ponderou que o desfalecimento da

enferma ainda era considerável, para que pudesse satisfazer o seu

desejo; que devia ainda pacientar-se pelo menos até à volta da primavera; que embora fosse assaz vigoroso o seu temperamento, nem por isso deixaria ele de vaticinar-lhe uma recaída, se porventura se não resignasse ao que ele lhe ordenava. Ela nada mais replicou: era esse o seu costume todas as vezes que a contrariavam; mas tão depressa se retirou o facultativo, pediu à enfermeira que lhe fosse buscar um pomo doce, que desejava comer; e assim que se viu sozinha, apressou-se logo em vestir-se!

Grande foi a surpresa da enfermeira quando voltou; lamentou que Alinska desprezasse as ordens de Mélerant: ameaçou-a com a severa indignação do facultativo, quando a encontrasse levantada. Esta ameaça não assustou a pertinaz Alinska: depois de haver dado alguns passos no quarto, mandou perguntar a *madame* Delmont, se poderia receber a sua visita.

Capítulo XV

Madame Delmont, e seu marido principalmente, estavam bem longe que Alinska viesse visitá-los. Receando que ela por impaciente não abusasse do seu estado, em lugar de responderem à sua pergunta, ambos se dirigiram ao seu quarto.

— Que fazeis, senhora? — lhe perguntou Helena — É deste modo que mostrais docilidade aos preceitos do vosso facultativo? Ele vos tinha ordenado maior resguardo, e vós pretendeis subtrair-vos a este mesmo resguardo?

— Tenho — respondeu Alinska — a maior consideração pelos talentos do doutor; mas também creio que a medicina tem seus limites, além dos quais, nada vê, nada conhece, nada compreende. O nosso amigo (permiti-me que lhe dê este sagrado nome), julga do meu estado por outras circunstâncias, que talvez lhe pareçam iguais às minhas; mas ele se engana completamente! A minha existência é extraordinária; não me é dado morrer; e vós mesmos já vistes a prova. Deverei pois, quando sinto minhas forças vigoradas, sujeitar-me a preceitos que não fariam mais do que prolongar a minha convalescença? Sinto-me melhor, quase restabelecida; devo portanto agitar-me?...

Madame Delmont, desde que recebera a estrangeira no castelo, havia reconhecido que era inútil contrariá-la: não quis fazê-lo portanto nesta ocasião.

Contentou-se apenas, de lhe replicar, que ninguém melhor do que ela devia saber o que lhe convinha, e que confiava que a prudência a

guiasse constantemente. O

coronel guardava o mais profundo silêncio. Podia dizer-se que era aquela a primeira vez que tornava a ver Alinska; contemplava com grave comoção os estragos que a desgraça e sofrimentos tinham operado sobre aquele interessante rosto.

A jovem húngara tinha perdido o brilhante colorido, que tanto aformoseava seus encantos; seus olhos pareciam inanimados, e contudo ainda atraíam sobre si os olhares das pessoas que os admiravam; ainda assim mesmo amortecidos,

inspiravam um vislumbre desse amor que dentro em si ocultavam. Seu talhe elegante, a regularidade de suas feições, as graças que adornavam aquele todo, tudo nela se divisava ainda, apesar dos terríveis estragos, que seus infortúnios lhe haviam causado: sobretudo, o que mais interessava era aquela doce melancolia, que continuamente ofuscava sua bela fisionomia; patenteava claramente as mortificações de sua alma; inspirava contínuo desejo de as acalmar, e de lhe restituir a ventura por que tanto anelava.

Alinska, a seu turno, tratava o coronel com essa indiferente civilidade, que anuncia que, aquele a quem se endereça, nos é absolutamente estranho: sufocava seus íntimos sentimentos, a fim de que, mau grado seu, eles se patenteassem.

Mas se acaso conhecia, que alguma testemunha não podia surpreendê-la, então ela se animava; seus olhos se incendiavam, lançando sobre Delmont terríveis exprobrações, que pareciam dizer-lhe: *restitui-me novamente o teu amor, e tudo será perdoado*. Delmont interpretava, sem custo, suas mudas e misteriosas expressões; contudo julgava poder afrontá-las, sem se lembrar que para vencer os perigos de tal guisa, era necessário, não só arrostá-los, mas também fugir deles.

Amantes, que vos lisonjeais de não travar de novo a cadeia despedaçada, vós vos iludis completamente: dois corações que uma vez se amaram e que tornam a encontrar-se depois de longa separação, eles se reúnem de novo, e quiçá com mais ardor, com uma paixão mais veemente!

Enquanto todos praticavam benignamente, chegou o doutor, de volta do giro ordinário que costumava fazer pelo distrito de Falgarde. Já lhe tinham dito o pouco caso que a estrangeira fizera de seus conselhos salutares; vinha disposto a admoestá-la; mas toda a sua cólera se cobrou vendo-a num estado que lhe provava, de um modo positivo,

seu completo restabelecimento.

— Vejo, senhora — lhe disse ele, — que já não careceis de meus serviços; daqui avante, vós mesma podereis dirigir-vos a vosso bel-prazer; subtraístes-vos à minha autoridade; que o céu permita, que vos não arrependais!

— Por que motivo, senhor, me quereis privar dos vossos desvelos e raro talento? Quando a natureza me abandonar, sempre eles me serão necessários e proveitosos. Acreditai, que neste momento sinto renascer todas as minhas forças e vigor. O meu coração, que respira mais livremente, recuperando sua energia, cada vez se sente mais possuído da gratidão que sinceramente vos consagra.

Permiti-lhe pois que vos tribute uma pequena demonstração do seu reconhecimento; não lhe façais a afronta de recusar esta graça.

Acabando de proferir estas palavras, Alinska tomou de cima da mesa um magnífico anel de diamantes, de um valor assaz considerável. Ofereceu-o ao doutor, o qual, todo confuso, não sabia o que devia fazer. Desejava recusar um dom, que julgava superior aos seus serviços; desejava que a jovem deidade reconhecesse de outro modo esses mesmos serviços; mas Alinska era tão imperiosa, quando desviava de si a menor aparência de familiaridade, que o doutor se não atreveu a recusar aquele precioso dom, senão por mera formalidade. Ela insistiu de novo, com tanta graça e perseverança, que ele se viu obrigado a aceitá-lo. Recebeu-o pois suspirando; meteu-o no dedo, não podendo deixar de dar a conhecer ao coronel, por meio de expressivo gesto, que não era por aquele modo, que ele desejava que Alinska lhe testemunhasse a sua gratidão.

Madame Delmont estava impaciente por ouvir a narração circunstanciada, de quanto se havia passado nessa noite terrível, cuja lembrança existiria com ela, enquanto vivesse: ao mesmo tempo não se sentia com a coragem necessária para ouvir tão tristes detalhes. Não querendo contudo retardar por mais tempo as explicações, que todos aguardavam, com ansiedade, levantou-se da cadeira onde era assentada; e repetindo de novo seus cumprimentos a Alinska, pelo seu restabelecimento, a deixou com o coronel, e com o doutor, a fim de ouvir suas declarações.

A húngara estremeceu involuntariamente, quando a tal respeito foi interrogada: poder-se-ia ler sobre seu rosto, quanto ela se sentia contrariada, de se ver constrangida a explicar-se sobre um objeto por certo tão desagradável.

Guardou, por alguns instantes, profundo silêncio, ou fosse para meditar, ou com a ideia de que talvez não fosse de novo interrogada. Enganou-se: Delmont, com balbuciante voz, o fez de novo. Alinska, cada vez mais comovida, voltando seus belos olhos (que neste momento tomaram uma expressão, à qual não estavam acostumados) sobre o coronel, mostrou-se resolvida a obedecer-lhe; e com efeito ela tomou a palavra nestes termos:

— *Madame* Delmont, oprimida pelo cansaço, tinha-me pedido de vigiar em seu lugar, o querido e desventurado menino, que perdeu...

Aqui, o desconsolado coronel não pôde reprimir um triste suspiro, que do

fundo do seu coração se exalava. Alinska, toda perturbada, calou-se ao mesmo tempo, e uma expressão dolorosa contraiu subitamente suas feições. Hesitou antes de continuar a narrativa; mas enfim, revestindo-se de resolução, prosseguiu por este modo:

— Eu nada podia recusar a esta generosa dama; e apesar da minha repugnância, cuja causa não podia compreender, mas que o resultado justificou plenamente, consenti em passar a noite junto do infeliz Eugénio. Pela volta da meia-noite, o sono, que desde muitos anos raras vezes fechava minhas pálpebras, veio então afagar-me por tal modo, que, lutando em vão contra ele, me vi obrigada a sucumbir. Inclinei a cabeça sobre a almofada de um sofá, e em breves momentos meus olhos se cerraram. Desde então nada mais posso dizer-vos, senão que me senti bruscamente acordar por um ruído bastante forte. Abri os olhos, e à claridade da lua vejo dentro do quarto, quatro homens armados, que caminham direitos a mim. O terror e o susto que de mim se apoderaram, não me permitiu gritar: um daqueles miseráveis me prende pelos braços; outro dirige-se ao leito onde o menino repousava: neste conflito abre-se de súbito a porta do quarto, e Raul se apresenta impávido. Dois tiros de pistola desfecharam... E

poderei eu dizer por quem? Ignoro-o... a segunda bala me fere o peito, e caio...

julgando nunca mais levantar-me. Não há dúvida que os salteadores se haviam introduzido pela janela, porquanto ouvi dizer depois à minha enfermeira, que se tinha achado uma escada de corda, a qual descia até ao fundo da parede.

Enquanto a mim, não o poderei afirmar; nada mais pude ver do que assassinos e a morte, que certamente me destinavam. Ser-me-ia

também impossível explicar-vos a verdadeira causa do trespassse de vosso filho. Acaso seria aquele o último instante de seus dias? ou então seria o susto o seu verdadeiro verdugo? Ai... o pobrezinho não poderá já explicá-lo, e a nenhum mortal é dado conhecer os segredos da morte!

Foi deste modo que Alinska referiu sua história, cuja veracidade ninguém podia contestar: era ela a única que sobrevivera; aqueles que poderiam desmenti-la, e talvez dá-la melhor a conhecer, eram para sempre exilados desta terra, em que o crime e a mentira triunfam tantas vezes da lealdade e da virtude! De tão fracos esclarecimentos nada se podia deduzir: não se havia descoberto o mais insignificante rasto dos assassinos, apesar das severas indagações a que se procedera; contudo eles tinham penetrado no castelo de R ***; as provas eram infelizmente mais que evidentes!... O assassinato do pobre Raul, e o ferimento da estrangeira confirmavam a presença destes malvados!... Uma pobre criancinha tinha sido também a deplorável vítima desta catástrofe! Delmont e

Mélervant perdiam-se em suas complicadas reflexões, ao passo que Alinska tornara a cair em sua habitual impassibilidade. Expressiu a seus interlocutores o desejo que havia de ficar sozinha por alguns momentos, a fim, dizia ela, de dar a suas faculdades enfraquecidas, o meio de se restabelecerem do abalo moral, que a sua narração lhes tinha ocasionado. Um tal desejo, era o mesmo que terminante ordem, à qual Delmont e o doutor deviam obedecer. Retiraram-se sem demora, e foram ambos comunicar a *madame* Delmont o que acabavam de ouvir. Esta narração apenas a comoveu; nada lhe declarava a respeito de seu filho; o mistério da sua morte continuava a ser-lhe oculto; o resto, pouco cuidado lhe causava: não via mais do que um ataque ordinário de salteadores, o qual, sem que tivesse o resultado que esses malvados esperavam, tinha sido contudo assaz sanguinolento.

Alinska, desde este momento principiou a adotar de novo o curso de sua vida ordinária. Encerrada quase sempre no seu quarto, apenas se patenteava às horas de comida; e depois de jantar muito poucas vezes tinha a condescendência de praticar alguns minutos com a família. A sua conversação tornava-se grave e melancólica, parecia haver inteiramente olvidado a paixão, que pelo coronel a devorava, assim como as poucas palavras que pronunciara na primeira entrevista que com ele tivera no castelo. Ente incompreensível! que era ao mesmo tempo arrastado pela mais delirante ternura, e que sabia afetar em seus gestos e feições a mais completa indiferença!

Delmont, observando esta singular conduta, tornava-se cada dia menos solícito em evitar um encontro, que a húngara afetava igualmente não apreciar.

Chegou a persuadir-se que o terrível abalo que Alinska sofrera em seus sentidos, e o sangue que perdera, reformando seus princípios de vida, teriam talvez apagado as labaredas, que seu coração abrasavam: um tal resultado, produzido por semelhante causa, houvera sido para ele assaz venturoso. Doutro lado, ele se esquecia algumas vezes a contemplar, com demasiado interesse, aquelas feições encantadoras, que outrora tinham sido gravadas pela mão de amor, na sua mente.

Comparava-as, a seu pesar, pela sua enérgica vivacidade, com as da virtuosa Helena, ainda que estas lhe pareciam mais plácidas, mais delicadas, e quiçá muito mais belas. Delmont era homem; e como tal, possuía uma porção dessa funesta tendência, que imperiosamente nos atrai menos para essas belezas doces e modestas, do que para aquelas que sabem desenrolar, para nos seduzir, a impetuosidade de um caráter firme e resoluto. O amor próprio, em tais circunstâncias, vem muitas vezes em socorro de um sentimento exagerado; lisonjeia-se dos esforços que fazemos para lhe comprazer; aprecia-os, talvez

muito além do seu valor; ao passo que desdenha quase sempre uma afeição simples, ingénua, e natural, que em nada se semelha a esses movimentos desordenados, que nascem de um coração fingido e perverso.

Alinska, para seguir Delmont, tinha abandonado seus parentes e sua pátria: tinha vencido, para o amar, os terríveis efeitos da cruel ausência; tinha esquecido finalmente o criminoso procedimento do seu amante!... Oferecia-se bela, radiosa de seus encantos e de sua paixão; enquanto Helena, havendo acolhido pacificamente as homenagens de seu esposo, lhe abandonara sua mão; e tanto que sua união se efetuar, ela se mostrava sem dúvida terna e amável; mas sem lhe oferecer esse arrebatamento amoroso, esse delírio incompreensível, que fazem as delícias de dois corações que se amam! Estas duas rivais combatiam ambas pela mesma causa; isto é, ambas disputavam o mesmo coração com armas desiguais. E poderia a vitória ser duvidosa? Não o acreditamos: os direitos do dever são muito fracos, quando não são auxiliados pela vivacidade de um amor ardente.

Nesta época achava-se o inverno no seu maior auge. Os caminhos, ora se tornavam intransitáveis pelas grossas chuvas que caíam, ora ressequidos pelo sopro enregelado do vento norte, ofereciam livre trânsito aos viandantes. O

coronel não deixava de aproveitar estas ocasiões para se entregar ao divertimento dos bravos: ia caçar a ligeira lebre, ou as aves do ar, que nesta estação inospitaleira não encontram facilmente guarida sobre as árvores despidas de seus ramos, nem o sustento que os fortes gelos lhes proíbem tirar dos campos.

Uma manhã, em que a terra se via amortalhada em vasto lençol de geadas, despontou o astro vivificador da natureza com aquela pompa e esplendor, que o acompanham. Pequenos nevoeiros, enovelados no fundo dos vales, se revolviam preguiçosos; subiam aos ares, e o vento que soprava com suavidade, era suficiente para os dissipar completamente. Foi então que Eduardo julgou ocasião oportuna para estreitar um famoso cão, que tinha comprado; e, sem prevenir nem *madame* Delmont nem Alinska, saiu antes de almoçar com a sua espingarda, dirigindo seus passos para o pequeno outeiro, que se elevava até Mervilla.

A caça, perseguida pertinazmente por encarniçados e numerosos inimigos, ia desaparecendo pouco a pouco daqueles sítios. Delmont, para encontrar alguma, teve que percorrer grande espaço de terreno. Atravessou sucessivamente os concelhos de Péchabou, de Pompertusat, de Deymes, de Montbrun, voltou por Coronsac; e cansado enfim de tão comprido giro, sem dele colher resultado

algum, desejou descansar um instante, antes de entrar no castelo, onde em breve soaria a hora de jantar. Pouco distante dele, no declive dum pequeno monte, havia formado a natureza, sobre certa planura, uma espécie de lago, que era alimentado por fonte fecunda, cuja nascente jamais se esgotava. Anosas árvores, alguns chorões, corpulentos carvalhos, salgueiros do Oriente, e uma multidão de lindos arbustos decoravam este lugar, que pela sua situação, pela sua frescura, e pela deliciosa sombra, que na primavera o abrigava, oferecia grato asilo ao caminhante fatigado; aos amigos que se aprazem de viver juntos; e aos amantes felizes, que desejam evadir-se às vistas escrutadoras da importuna sociedade. O

golpe de vista que dali se gozava era assaz encantador: ele se dilatava sobre férteis planícies e outeiros, animados de numerosas habitações que abrangiam, em seu vasto horizonte, os nevosos pináculos dos Pirenéus.

Naquela ocasião todos estes encantos da natureza tinham perdido uma grande parte de suas galas: o luto universal do inverno ali se ostentava tão pesado, como no resto dos campos: apenas algumas sarças vigorosas, e o verde musgo os guarneciam, com suas variadas

grinaldas. Diversos bancos, talhados em um rochedo, ofereciam a Delmont um cómodo assento. Ele se aproveitou de um deles; encostado à sua espingarda, se deixou mergulhar na mais profunda meditação, cuja doçura particular se tornava mais grata ao nosso caçador, pelo murmúrio monótono e continuado de um regato que, serpeando por entre um pequeno bosque, vinha também despenhar-se no tanque ou lago, de que já falámos.

Mil diversos pensamentos combatiam alternativamente Eduardo; mas no meio deste conflito, as recordações de sua primeira mocidade não tardaram em varrer de sua memória quaisquer outras, que porventura o ocupassem; julgava-se ainda nas fraldas das geladas montanhas da Hungria. Recordava-se que, durante os rigores de um comprido inverno, calcara muitas vezes aquelas campinas, cobertas de neve, na companhia de uma mulher, que então se lhe figurava um anjo! A sua memória lhe oferecia neste momento as palavras de um romance, que ele mesmo compusera para Alinska, nessas épocas de ventura, em que um passageiro ciúme perturba muitas vezes o coração do amante mais querido; e cedendo ao desejo de repetir o mesmo romance, alçou a voz, e quase insensivelmente o foi cantando.

Não, não, não sou mais amado,

Por mim não sentes ternura,

Do sonho por mim formado,

Me destruíste a ventura:

Traindo amor assustado,

Refusas à fé mais pura,

Não, não, não sou mais amado,

Por mim não sentes ternura.

De mim longe não compensas

Temores, filhos da ausência,

De mim perto a indiferenças

Dás vida, dás existência:

Sem amor sou nomeado,

Tua alma outro nome apura,
Não, não, não sou mais amado,
Por mim não sentes ternura.
Com teus olhos não me falas,
Um sorriso não me rendes,
Nem o coração abalas.
Quando a teus dotes me prendes:
De rigor teu peito armado,
Me negas meiga candura,
Não, não, não sou mais amado,
Por mim não sentes ternura.

Acabava de terminar a última copla; ainda parecia submergido em seu delírio, quando de súbito foi interrompido pelo ruído, que fizeram alguns pedaços de terra, que caíam sobre as águas do lago. Levantou a cabeça, para conhecer o motivo, e não foi sem viva comoção, que viu Alinska; aquela mesma, que naquele momento tão sensivelmente ocupava seu espírito! Descia uma pequena escada em espiral, que havia naquele sítio, guarneçada de uma grade de pau, toscamente construída, e que vinha dar junto ao lugar onde Delmont estava assentado. Este, só podia evitá-la, retirando-se através dos campos; o que não podia fazer, sem faltar a todas as regras da civilidade. Era incapaz de o fazer; contudo não estava satisfeito por uma entrevinda, cujos resultados lhe podiam ser muito fatais. Não podendo reprimir sua primeira surpresa, levantou-se de súbito, enquanto a jovem deidade sentindo talvez a mesma comoção que ele, se conservou imóvel no meio da escada; e encostando-se contra a frágil balaustrada, parecia ameaçada de perder suas faculdades.

Assim ficaram ambos por algum tempo, na presença um do outro, sem saberem o partido que deveriam tomar. Todavia, Alinska, fazendo um esforço, como quem de novo desejava recuperar sua coragem, continuou a descer, conseguindo finalmente chegar junto a Delmont.

Capítulo XVI

— Acaso vos inspirarei eu — lhe disse ela, um pouco oprimida, — tão

cruel antipatia? Não podereis encarar-me sem estremecer? E ser-me-ia necessário recorrer ao acaso para vos encontrar a sós?...

Eduardo, atacado por este modo, sentiu a necessidade de responder; mas ao mesmo tempo receava de não poder conter-se num justo meio, e esta posição tão desagradável o aterrava cruelmente.

— Ai!... — replicou ele — E convir-nos-á porventura de nos acharmos a sós? Os acontecimentos, que tantas vontades destruíram, não nos separaram (ainda mal!) para jamais nos reunirmos? Deveria eu, Alinska, esperar ver-vos nesta extremidade da França, quando os laços que nos uniam, foram para sempre despedaçados?...

— E quem os despedaçou, Eduardo? Qual de nós merece essa acusação? Só o tempo nos separou; meus insignificantes atractivos talvez desaparecessem; mas o meu coração é sempre o mesmo. Vós mesmo recebeis neste momento a triste prova: prova que deve esmagar-vos debaixo do seu peso!...

— Não careço, Alinska, da vossa presença, para me repreender a mim mesmo do mal que vos tenho causado. Os erros da minha mocidade se oferecem a meus olhos, revestidos com as cores mais hediondas; conheço até que ponto vos enganei; e a minha consciência me retraça a cada instante o quadro doloroso do passado. Mas que poderemos nós fazer? O presente não pode ser alterado; a nossa situação é penosa; apenas nos resta o lenitivo de a suportar com coragem e resignação: o destino assim o determina; cumpre obedecer-lhe!...

— Vós vos explicais, Eduardo, de um modo assaz obscuro. Falai-me com franqueza; respondi-me livre e desafogado; dissei-me pois quanto pensais, e eu me explicarei também com a mesma lealdade e candura.

— E como seria possível, que eu vos patenteasse quanto se passa em meu pobre coração? Deveria eu fazê-lo, ainda mesmo que me fosse possível? Não existem porventura laços imperiosos que a outra me prendem? Estes laços não são eles formados pelo dever, pela Providência, pela religião? Sede mais generosa do que eu, Alinska; fazei voluntariamente o sacrifício que se torna indispensável. Esquecei-vos de mim, se tanto vos é possível!...

— Tendes razão em duvidá-lo: como vós, também tenho as minhas fraquezas; os meus erros talvez! Vós não receastes abandonar-me, para oferecer a outra a fé que me havíeis jurado; e eu não posso triunfar de meus sentimentos, apesar mesmo da inutilidade desse triunfo! Conheço que a minha presença vos importuna, mas não posso retirar-

me; sei que me não resta a mínima esperança, e contudo apraz-me afagar uma vã quimera! E por que motivo serei eu mais forte do que vós? Esse dom que não soubestes reservar-me, não é dado às minhas forças usurpá-lo.

— Os vossos discursos, Alinska, duplicam o meu desespero. Daria de bom grado a minha vida para desfazer o que se acha realizado; para que fosseis feliz, para saboreardes em paz os doces frutos da existência.

— Existem votos, que não podem ser escutados, Eduardo — replicou Alinska com sinistra expressão. — Já para mim não pode haver, sobre a terra, nem descanso, nem ventura; e quando me reclinar na minha derradeira morada, ali mesmo só poderei encontrar enjoo, miséria, tormentos... exasperação!... E o causador de tantos males, de tantos infortúnios, sois vós Eduardo!... Daríeis a vossa vida para me fazer feliz, dizeis vós! Esse sacrifício não depende de vós: acaso não sois propriedade minha? Porventura não me fizestes a promessa sagrada de ser meu? Não foi ela escrita e selada com o vosso sangue?...

— Não nego que vos dei esse penhor da minha ternura; mas esse escrito fatal, anulado pela minha posterior conduta, de nada vos serve atualmente. As nossas leis não o reconhecem, e a união que contraí, é indissolúvel.

— As vossas leis!... Sempre as vossas leis!... Que me importam essas formalidades, que os homens quiseram sancionar? São fúteis, impotentes a meus olhos, apesar de sua gravidade aparente; sobretudo elas são volúveis e transitórias, como aqueles que as instituíram. Não me humilharei a acusar o vosso perjúrio perante os tribunais do vosso país; serei mais atendida perante o Ente Supremo, que não julga por palavras, mas sim pelos próprios factos. Foi ele

que vós reconhecestes por vosso juiz, quando selastes, na sua presença, a promessa solene de nunca vos esposardes senão com Alinska! Tremei, desgraçado, que ele não puna o vosso perjúrio! Sabeis acaso quais são os meios de que ele pode servir-se para vos despedaçar o coração?...

— Desafortunada Alinska, tranquilizai-vos, não vos arrebateis por tal modo. Se já me não é possível oferecer-vos a minha mão, consenti ao menos que vos consagre outro sentimento mais puro do que o amor. Já não podeis ser minha amante, embora; sede ao menos minha amiga; contentai-vos com este sagrado título; e que de novo ele nos ligue por uma cadeia, que sendo menos brilhante daquela que outrora

nos prendia, não deixará contudo de ser mais sólida e duradoura.

A húngara parecia desejosa de oferecer ao coronel poderosas objeções; mas de repente, dando à sua fisionomia uma expressão mais indiferente:

— Amizade!... Dizeis que a insípida amizade é tudo quanto podeis dar-me em prêmio de tantos anos de ternura e de sofrimento!... Deveria ausentar-me de vós, para receber de longe a longe algumas cartas insignificantes! Ou então continuar a residir no castelo de R ***, onde, testemunha da ventura de outra mulher, lutasse de contínuo com mil suplícios e angústias!... Oh! a alternativa é muito cruel! E contudo não me é possível exigir outra condição! Como sou insensata! Ainda há pouco escondida entre aquelas árvores, escutava com deleite melódiosos sons que pareciam ecoar no fundo da minha alma; esquecia-me do infortúnio, ao ouvir repetir essas doces palavras, que jamais se apagarão na minha memória!... Sou na verdade muito louca!...

— Essas palavras, Alinska; esses cânticos deviam provar-vos, que ocupais sempre a minha imaginação, e que me recordo com viva saudade desses tempos, que para mim tão venturosos foram. Mas, Alinska, eu vos conjuro, salvai-vos, e salvai-me também da desesperação que me rala; fazei um esforço sobre vós mesma, e não cogiteis vingar-vos como me haveis certificado na virulenta carta que há tempos me dirigistes...

— Tranquilizai-vos, Eduardo; desde o dia em que vos escrevi, as minhas ideias mudaram inteiramente o seu curso. Não será por certo por meios ordinários que busque essa vingança; devo aguardá-la de um poder superior ao dos homens; ela depende hoje menos da minha vontade, do que desse Ente Superior, que pune severamente aqueles que perjuram o seu nome. Quisera

mesmo que ele renunciasse a essa vingança; mas os votos que a este respeito formasse, seriam sem resultado: esse Deus de justiça não revogará decerto a sentença terrível que proferiu!...

A gravidade com que Alinska pronunciou estas palavras, produziu em Delmont súbito terror. Todavia, costumado a tratar (como alguns de seus semelhantes) esta sorte de negócios, com a mais excessiva ligeireza, sentia naquele momento, que se a Providência se não havia constituído positivamente protetora das amantes abandonadas, ela impunha ao menos a punição aos sedutores, por meio dos remorsos que de contínuo lhe carcomiam a consciência!...

Delmont esforçava-se para repelir esta horrível ideia; e dirigindo-se a Alinska com afabilidade, e estendendo-lhe a mão:

— Espero — lhe disse ele, — que o nosso Criador há de perdoar a ofensa que vos fiz, se fores assaz generosa para também a olvidares. Não rejeiteis com tanto desdém esta mão que vos ofereço. Assinemos entre ambos um tratado de paz. Provai-me que sereis fiel à vossa promessa, e que o sossego que ora desfruta minha mulher, não será por vós perturbado.

— E sois vós, Eduardo, que vos atreveis a pronunciar a palavra *fidelidade*!

Por que motivo deveria eu ser mais fiel do que vós? Depois de haver rompido os juramentos mais sagrados, vós, que talvez vos dizeis homem de honra, acreditaríeis acaso, que os outros vos devessem guardar lealdade? Ou, aviltar-vos-íeis a tal ponto, que chegásseis a formar melhor opinião dos outros, do que de vós mesmo? Além disso, que me importa a mim o sossego de vossa mulher?

Não destruístes vós para sempre aquele de que eu gozava? Esforçar-me-ei contudo em ser superior a vós; os meus tiros dirigir-se-ão unicamente ao vosso coração; se não puder vencer-me, serei inexorável a vosso respeito: vós também o fostes para comigo!...

O rigor desta resposta acabou de aterrar o coronel: parecia-lhe insuportável, e contudo nada tinha de exagerada.

No meio da sua exasperação, nem se lembrava da velocidade com que o tempo caminhava, nem que o sol principiava já a dourar os limites do horizonte, nem finalmente que eram horas de voltar ao castelo. Todo ocupado da situação do momento, nada podia distraí-lo. Alinska, apesar de tão agitada como ele, foi

quem primeiro lhe lembrou os seus deveres.

— Aproxima-se a hora de jantar — lhe disse ela; — a vossa caçada não poderia prolongar-se por mais tempo, sem causar pungentes cuidados àquela, cujo repouso vos é tão caro. Ide por este caminho; ele vos conduzirá diretamente ao castelo; por um atalho aí me dirigirei também. Adeus, Eduardo, nada mais me resta dizer-vos; mas quanto não receio por vós as iras do céu!

Ao pronunciar estas palavras, sem esperar outra resposta, subiu Alinska a pequena escada por onde descera, e em breves momentos sua rápida carreira a ocultou de todo aos olhos de Delmont, que tendo

subido após ela ao alto da colina, buscava com inquieto olhar o rasto de uma mulher, que havia nascido para deleite e para tormento da sua vida. Longa e demorada foi a sua marcha; o astro do dia já tinha completamente desaparecido; já o manto da noite principiava a desdobrar-se sobre a terra, quando o amargurado coronel chegou ao castelo. Já ali encontrou a húngara, assentada junto de Helena, prestando a mais viva atenção a um lenço que bordava.

O serão se passou silenciosamente: o tempo ainda não tinha podido martirizar a pungente dor de *madame* Delmont; conservava-se quase sempre em constante imobilidade, com um livro na mão, sem voltar uma só folha, deixando cair sobre ele de espaço a espaço uma furtiva lágrima: a mais profunda melancolia a dominava; e só por momentos, recuperando o exercício de seu espírito abatido, testemunhava a seu esposo a expressão da sua ternura. Não consentia que sua filha se desviasse jamais de seu lado. Se algumas vezes, arrebatada pelo seu ardor natural, Julieta se olvidava dos preceitos de sua mãe, esta saía precipitadamente do quarto, chamando-a em altos brados, e só se tranquilizava quando voltava em companhia da menina. Então por muito tempo ela se entretinha, contemplando a risonha fisionomia de Julieta; figurava-se-lhe, que já se achava impregnada da terrível enfermidade que lhe havia roubado o seu caro Eugénio. O seu desespero não tinha limites; em vão lhe dava o doutor a mais positiva segurança a respeito da saúde de sua filha; apenas conseguia minorar as angústias, que tornavam a renascer a cada instante.

Eduardo, entranhavelmente oprimido à vista de tão cruel tristura, sentindo aumentar sua própria melancolia, receava deixar sua mulher sozinha; mas por outro lado ele sofria, junto dela, todos os tormentos duma alma sensível e amargurada. Via que sua mulher, toda entregue a Julieta, não conhecia que ela mesma ia minando os princípios de sua existência, abandonando-se a tanto

extremo. Uma palidez sinistra se divisava já sobre suas faces; seus olhos se encovavam, e seu peito oprimido deixava escapar a espaços, rouquinhos sons, como se fosse atacada dessa terrível moléstia, que só termina às orlas do sepulcro!...

No seguinte dia veio ao castelo o facultativo. Entrou conjuntamente com o gentil-homem Bérneval. Este, dominado sempre por insaciável curiosidade, espreitava com impaciência o feliz momento de se encontrar com a misteriosa estrangeira, cuja história se lhe figurava tão interessante. Já tinha vindo muitas vezes, sem poder jamais satisfazer os seus desejos. Não se lisonjeava pois de a encontrar, quando, com a mais viva satisfação, a descobriu assentada ao lado da

chaminé, tendo Julieta sobre seus joelhos. Não era por certo o tato das conveniências, a qualidade que mais distinguia a pessoa de Bérneval. Costumado a viver no campo com pessoas a quem se julgava superior, não podia contrafazer seus hábitos: ignorava todas essas delicadezas, que são entre a sociedade o apanágio das pessoas bem educadas; e ufano de sua elevada prosápia, que talvez lhe pudessem contestar, ostentava-se afável para com aqueles, que supunha superiores a ele; grosseiro e austero para com os outros. Depois de haver tomado assento junto ao fogão, apressou-se logo em dirigir a *madame* Delmont os cumprimentos da etiqueta, e voltando-se para Alinska:

— *Madame!* — lhe disse ele — (ainda que este título talvez vos não pertença, porquanto ignoro se sois ou não casada): não é culpa minha se há mais tempo vos não rendi as minhas homenagens. Há dias que me apresentei à vossa porta, e vosso escudeiro (Deus o tenha em bom lugar!) se recusou grosseiramente a introduzir-me junto a vós. Na verdade, quase que deveria regozijar-me com o incêndio que devorou a vossa propriedade, porquanto é unicamente a este desastre que devo a honra de vos tributar os meus respeitos.

Este modo de explicar-se não podia agradar a nenhum dos circunstantes.

Alinska, a quem este discurso se endereçava, não vendo nele uma interrogação direta, continuou silenciosa, ao passo que o doutor, julgando obsequiá-la, se apressou a perguntar-lhe novas da sua saúde: agitou então os lábios e em breves palavras respondeu a esta pergunta. M. Bérneval, pouco desconcertado pelo enjoo, que poderia notar sobre todos os semblantes, se voltou para Mélérvant:

— Bofé, sapientíssimo doutor! vós possuíis um privilégio que eu por certo não gozo! Tivestes a ventura de obrigar a falar esta interessante dama!...

— Não há dúvida, senhor, que ela me fez a honra de responder; mas devo essa fineza à pergunta que lhe fiz, a única por certo, que uma pessoa bem educada tem direito a dirigir a qualquer indivíduo, com quem não tem relações de intimidade.

— Bem me haviam já dito, meu caro doutor — replicou o gentil-homem,

— que vós atiráveis furiosamente para o liberalismo: assim o acabais de provar...

Que pretendeis dizer, falando em pessoas bem educadas? Porventura

não me contaís vós no número delas?

Apesar da severa indiferença que se divisava no rosto de Alinska, e de sua ordinária impassibilidade, não pôde ele deixar de sorrir-se, ouvindo as impertinentes expressões de Bérneval: *madame* Delmont encolhia os ombros, e o coronel por mera prudência reprimia em seus lábios a exprobração prestes a escapar-lhe contra o grosseiro personagem. Este, observando o silêncio do cirurgião, julgou havê-lo derrotado completamente; continuou a dar largas ao curso de suas insignificantes palavras, referindo a nova contenda que travara com um de seus vizinhos, contra o qual já tinha enviado ao *prefeito* do departamento uma representação em forma, que esperava fosse atendida.

— E qual foi o crime que ele cometeu contra essa autoridade — perguntou Mélerant, — para que vos dirigísseis a ela, sobre uma questão de mera competência do juiz de paz?

— Bravo! Excelente questão! Sabei, sr. esculápio do distrito, que qualquer homem que se atrever a provocar-me, não pode ser senão um famoso jacobino!

Basta isso para conhecer quanto deve ser prejudicial à sociedade um semelhante biltre.

Delmont, ainda solícito de mudar de conversação, perguntou a M. Bérneval, se era verdade que a paróquia teria enfim um cura empregado unicamente no serviço dela.

— É verdade, coronel — lhe respondeu ele; — fui jantar domingo passado com o excelentíssimo bispo; e este científico prelado, que se digna honrar-me com sua particular benevolência, me assegurou que antes de pouco tempo terminaria a nossa igreja uma viuvez tão prolongada.

Madame Delmont, tomando então parte nesta conversação, perguntou ao nobre cavalheiro se sabia como se chamava o novo cura.

— Não, senhora, eu o ignoro — respondeu ele. — O que apenas posso dizer-vos é, que todos exaltam suas qualidades, o seu espírito conciliador, e a firmeza de seu caráter. Diz-se que tem muita instrução, e que ainda que estrangeiro, se torna muito digno do cargo que lhe é destinado. Já me tarda de o ver entre nós; espero que por meio de suas prédicas, consiga inspirar aos rústicos mais submissão, provando-lhes quanto lhes somos superiores; que, sobretudo, não deixará de esconjurar essas ridículas superstições que principiam a

tomar raízes entre o povo, ao mesmo passo, que a sua incredulidade vai tomando maior incremento.

— As vossas palavras me espantam, senhor — disse o doutor. — Vós inimigo dos supersticiosos, quando eu os julgava tão estreitamente ligados com a massa geral dos prejuízos!

— Ignoro o que pretendeis dizer, meu caro: pela minha parte detesto as superstições; porque elas desviam os aldeões de seus deveres. Desde que estes imbecis se persuadiram, que este distrito era infestado de *vampiros*, não se atrevem a dar um só passo, durante a noite, fora de seus tugúrios.

— *Vampiros!... Vampiros* entre nós!... Acaso se propagaria também em R

*** um tão miserável e ridículo embuste? Qual seria o louco, que se atrevesse a espalhar em França essas fábulas absurdas, que tanto têm desacreditado a Grécia e a Hungria?

Ao pronunciar estas últimas palavras, não pôde o coronel dispensar-se de lançar um olhar sobre Alinska. Ele a viu toda confusa e desconcertada: suas feições eram todas transtornadas, exprimindo singular horror; tinha aberta meia boca; seus olhos estavam imóveis, e por um rápido movimento, que súbito reprimiu, demonstrou desejos de se levantar, e de retirar-se. Talvez que uma pronta reflexão desse ao coronel a chave de ouro, que lhe patenteasse a verdadeira causa do penoso sobressalto que Alinska experimentara.

Era impossível que uma criatura da Hungria não acreditasse na realidade dos *vampiros*: muitas vezes ela havia falado ao coronel sobre a existência destes demónios. Havia-lhe contado grande número de histórias, as mais ridículas e extravagantes: só o nome de *vampiro* infundia naqueles povos o mais constante terror. Deveria Eduardo neste caso surpreender-se da comoção extraordinária que se apoderara de Alinska, ouvindo recordar tão inopinadamente uma superstição, cuja crença ela devia partilhar? Bem quisera ele dar novo curso à

conversação; mas não lhe foi possível obtê-lo. M. Bérneval, muito satisfeito de poder responder à questão que se lhe dirigia:

— É a um desgraçado — disse ele, — que já não existe, a quem devemos o susto que atualmente se acha espalhado nas aldeias. Foi o vosso criado Raul que contou a esses pobres habitantes dos campos a história desses malfazejos entes, ávidos de sangue humano, quando eles pasmados deploravam a trespassse singular duma camponesa vossa

vizinha. Desde então não tem sido possível desvanecer o pavor que deles se apoderou: não se enxerga uma só criatura, depois que o sol se esconde. As mulheres saem unicamente em pleno dia; e durante as trevas, raro é o homem que se aventura a percorrer os campos. Por Deus, senhora, continuou o falador, dirigindo-se a Alinska, não queirais imitar este povo rude e idiota em seus loucos receios; tendes elevado espírito para não acreditar semelhantes loucuras. Esses duendes feiticeiros ou *vampiros* só podem existir no cérebro do imbecil, que primeiro se atreveu a espalhar semelhante patranha.

Aqui lançou a húngara sobre M. de Bérneval um olhar tão lúgubre, acompanhado dum sorriso tão terrível, que apesar do seu denodo, ele ficou suspenso como interdito, no meio do seu discurso, perdendo com a palavra esse ávido desejo de falar, que dele era inseparável.

O doutor, que ignorava o que o coronel sabia a este respeito, julgou poder também praticar sobre esta matéria. Principiou a gracejar relativamente aos ridículos sonhos que só na Grécia e na Hungria podem inventar-se. Desafiou todos os *vampiros*, para que se atrevessem a vir perturbar o sono de um homem corajoso; e levaria mais longe este gracejo, se os reiterados e expressivos gestos do coronel o não interrompessem. Um instante de silêncio se seguiu; quando *madame Delmont*, falando depois:

— E por que motivo — disse ela, — rejeitaremos nós obstinadamente essas crenças misteriosas? Seja qual for a sua atrocidade, poderemos nós conhecer a fundo os meios de que a Providência se serve para nos flagelar? Podem existir esses *vampiros*, e talvez mesmo que seja a um desses monstros que eu deva a prematura morte do meu querido Eugénio!...

De repente, um grito agudo escapa do seio da estrangeira; levanta-se impetuosamente; quer dar um passo, e cai sobre o sobrado, privada do uso de seus sentidos!...

Capítulo XVII

A sociedade reunida no castelo de R ***, toda se mostrava consternada pelo incidente ocorrido à bela estrangeira, ao passo que o insensível Bérneval se perdia em várias conjeturas sobre a verdadeira causa que havia provocado o mesmo incidente. *Madame Delmont*, seu marido, e o doutor apressaram-se em socorrer Alinska. Por muito tempo ela se mostrou insensível aos seus desvelos: dir-se-ia que por efeito de violento abalo, havia sua alma abandonado a carnal mortalha. Delmont aproveitou este prolongado delíquio para

responder ao gentil-homem:

— Tenho — lhe disse ele — percorrido a Europa inteira, com os exércitos franceses; estudei os costumes e as diferentes linguagens dos povos que conquistámos; portanto, ou eu me engano, ou esta dama nasceu na Hungria; neste caso não admira que se ache impregnada de todos os prejuízos e superstições, de que a sua pátria tanto abunda. A conversação que ouvia sobre esses objetos, sempre espantosos para os seus compatriotas, recordar-lhe-ia sem dúvida algumas circunstâncias da sua infância; e este motivo, junto ao estado ainda tão melindroso de sua saúde, foi talvez a causa especial, que produziu a prostração em que a infeliz se acha.

Esta explicação pareceu convencer aqueles que a escutavam. Bérneval observou que uma húngara devia saber o modo de fabricar o vinho de Tockai, assentando desde logo de lhe pedir esclarecimentos a este respeito, a fim de tirar melhor partido, segundo dizia, de uma vinha que possuía, e cujo produto era excelente! Ninguém respondeu a tão ridícula ideia. Alinska continuava no seu delíquio, Mélérvant propôs que se transportasse ao seu quarto. Ele e o coronel, acompanhados de *madame* Delmont a conduziram ao seu leito, onde se conservou ainda por muito tempo no mesmo estado de imobilidade. Enfim, ela soltou um fundo suspiro, e lançando seus olhares sobre as pessoas que a rodeavam, fingindo ignorar o motivo do seu desfalecimento, lhes perguntou com voz desfalecida, qual tinha sido a causa que a levara a tão mísero estado.

— A extrema debilidade — replicou Mélérvant, — resultado infalível do muito sangue que tendes perdido, deve necessariamente privar-vos ainda algumas vezes do uso de vossas faculdades. Vós não poupais quanto é mister a vossa saúde, senhora; e talvez bastante temerária confiais no vosso temperamento: deveis ser mais circumspecta a este respeito, e tornar-vos daqui em diante mais dócil aos nossos conselhos.

— E julgais que foi esse o motivo do meu letargo, sr. doutor? Não falou alguém em *vampiros*, diante de mim? Quem se atreveu a levantar o misterioso véu com que o céu se apraz em cobrir o cumprimento de suas terríveis vontades?

— Não vos ocupeis mais, senhora — replicou o coronel, — dessas tristes ideias: a imprudência que as fez despertar, não tornará a repetir-se. Mudando de clima também deveis mudar de costumes; em França não se acredita aquilo que no vosso país causa de contínuo o maior espanto e receio. Gozai tranquila da pureza deste céu; esquecei-vos das tristes imagens que o vosso vos oferecia tantas vezes...

Perdoai-me se ousou falar-vos por este modo; se levantando o véu, com o qual pareceis cobrir-vos, eu vos falo da vossa pátria. Vós sois húngara; não o oculteis; respeitamos os motivos que vos movem a viver no meio de nós; mas não vos lisonjeeis de ocultar a vossa naturalidade a um desses antigos guerreiros, que seguiram por toda a Europa os gloriosos pendões da nação francesa.

Alinska nada respondeu ao discurso do coronel; o sombrio silêncio que guardava, convenceu Helena e o doutor, de que Delmont havia adivinhado a verdade: todos três se retiraram, desde que a húngara lhes manifestou a precisão que sentia de descansar por alguns momentos. Voltaram ao salão, onde encontraram ainda Bérneval, o qual sempre indiscreto, se não pejava de lhes dirigir as mais impertinentes perguntas, que todas ficavam sem a menor resposta: esta circunstância talvez o resolvesse a retirar-se, levando contudo a satisfação de saber qual era o país a que a estrangeira pertencia, bem resolvido a comunicar a todos os seus vizinhos esta importante descoberta.

Assim que ele se retirou, e passados alguns momentos de hesitação, dirigiu-se Méler vant aos dois esposos, e a *madame* Delmont mais particularmente:

— Não sei — lhes disse ele, — como deverei comunicar-vos o sentimento que tão poderosamente domina em minha alma. Mas a vossa extrema bondade, me anima a fazê-lo, lisonjeando-me desde já de que me haveis de auxiliar, para

poder conseguir o feliz resultado dos votos mais ardentes, que no decurso da minha vida tenho feito. Tenho trinta e quatro anos; possuo uma fortuna decente, e uma profissão que deve aumentar essa mesma fortuna. O celibato me aborrece, e sobretudo, depois que vi pela primeira vez essa mulher encantadora, a quem vos dignastes oferecer um asilo. Ela é estrangeira; desgraças certamente, ou quiçá alguma falta que cometeu, a obrigam a gemer num amargurado exílio.

Desejava suavizar a sua sorte, oferecendo-lhe a minha mão, se porventura se dignasse aceitá-la; mas antes de o tentar, julguei mais oportuno dirigir-me francamente a vós, esperando que *madame* Delmont, para me evitar a vergonha de uma repulsa, procurasse conhecer as intenções desta bela criatura, e sobretudo as disposições em que se acha a meu respeito.

Delmont estava extremamente comovido com uma confiança desta natureza, para poder logo responder-lhe. Deixou esse cuidado a sua

mulher, que ao mesmo tempo, benévola e prudente, sem deixar de aprovar a escolha que o doutor fazia, o engajou contudo a não se declarar positivamente, sem saber primeiro a história e origem desta estrangeira: observou-lhe, que a precipitação neste negócio poderia talvez dar-lhe motivo para se arrepender, quando a efervescência da paixão tivesse diminuído.

— Acreditai, senhora — replicou ele, — que já me ocorreram algumas dessas reflexões, que tendes a bondade de sugerir-me. Soube de um modo positivo, pelo antigo proprietário da casa incendiada, que a tinha vendido, assim como as terras da sua dependência, por uma soma de cinquenta e cinco mil francos. O edifício desapareceu, mas os campos ainda existem; e neste país, bem sabeis, que são estas as propriedades mais apreciáveis. Esta dama, segundo me dissestes, possui preciosas joias; salvou-se do incêndio uma considerável soma de ouro, do qual vós mesma fostes por muito tempo depositária. Estes recursos, os talentos que a estrangeira possui, suas maneiras nobres e distintas, ainda que um pouco extravagantes, anunciam que não pertence a essa indigna classe, que costuma traficar à sombra de seus encantos. Desde que aqui reside, tem sempre vivido na mais austera solidão; recusou-se obstinadamente a todas as demonstrações que lhe fizeram os vossos vizinhos; apesar das maiores instâncias, para que ela os visitasse, apenas conseguiram vê-la furtivamente no vosso castelo. Todavia não deixavam eles de reunir em suas casas uma numerosa e interessante sociedade, e se ela fosse uma aventureira, não se esquivaria por certo a apresentar-se nestes lugares, onde não deixaria talvez de colher alguma preia. Acaso será ela vítima de alguma paixão imprudente? Queria ela ocultar, longe da sua pátria, as consequências de algum erro da sua mocidade? A este

respeito nada poderei dizer; mas o tempo que tem decorrido desde esse momento, a austeridade de sua conduta atual, tudo é bastante para desculpá-la.

Não cuidarei do passado, contanto que ela vo-lo declare sem mistério; ainda irei mais longe: nada exijo que me declareis; basta, senhora, que ela vos instrua; e conduzi-la-ei satisfeito ao altar, uma vez que me assegureis que é digna de partilhar um nome honrado.

Madame Delmont, comovida da franqueza de *Mélervant*, e da confiança que parecia nela depositar, prometeu-lhe de nada negligenciar, para cumprir seus desejos. O coronel, sentindo a necessidade de dizer também alguma coisa, balbuciou a custo algumas palavras, voltando de novo ao mesmo silêncio, que até ali guardara. Já era tarde quando se terminou esta conversação. O doutor devia

partir no seguinte dia ao romper de alva para Clermont, aonde um doente reclamava seus serviços. Todos se separaram para se irem deitar. Delmont estava bem longe de reconciliar o sono; a sua agitação era demasiada, para poder entregar-se pacificamente ao descanso. Tinha quase a certeza de que Alinska rejeitaria a proposição, que deviam fazer-lhe; e receava ao mesmo tempo, que a impetuosidade da estrangeira o não compromettesse, soltando algumas palavras, que perturbassem a tranquilidade da família.

Enquanto se abandonava a estas dolorosas meditações, pareceu-lhe sentir no quarto de sua mulher, que era próximo ao seu, o rumorejar de alguns passos: presta primeiro, atento ouvido para se enganar; mas continuando o mesmo ruído, persuade-se, que Helena se acharia incomodada. Levanta-se logo, e corre direito à porta que separava as duas câmaras. Ia já para abri-la, quando sentiu de repente, sobre seu rosto, aplicar uma mão desconhecida e invisível, que cruelmente o molestou! A força do golpe o repeliu contra o seu leito, sobre o qual ficou reclinado por alguns momentos, atormentado com a violência do choque que recebera. Assim que tornou a si, precipitou-se com a maior vivacidade sobre a sua espada, que quase sempre o acompanhava, e acendendo uma vela, por meio de um fósforo, passou a examinar com o maior cuidado o interior do quarto, esperando deparar com o temerário que o tinha tão covardemente insultado, e que sem dúvida deveria ser algum furtivo salteador.

As indagações do coronel foram infrutuosas: a porta que comunicava com o exterior, estava cautelosamente fechada pela parte de dentro, assim como todas as janelas; nada encontrou de extraordinário, e quando penetrou no quarto de sua mulher, observou que ela desfrutava profundo sono, ainda que algum tanto oprimida. Receou despertá-la; procedeu contudo a examinar o aposento, e nada

descobriu: viu-se portanto obrigado a concluir, que se havia enganado, e que uma simples vertigem fora o único agente de um acontecimento, que tanto o afetara. Voltou para a sua câmara, onde adormeceu até que a aurora veio despertá-lo. O dia oferecia-se risonho, o que ele muito desejava: não podendo resolver-se a presenciar a conferência de sua mulher com Alinska, decidiu-se a sair para a caça, antes que pessoa alguma da família se levantasse.

Madame Delmont soube na ocasião do almoço, que seu marido não estava no castelo, o que não deixou de estimar: estava impaciente por conhecer a fundo o destino da húngara, resolvendo-se a tratar deste objeto logo que terminasse a refeição. Alinska compareceu à mesa ao sinal da campainha: reconcentrada tristura se divisava em seu

semblante, que contudo estava menos macilento do que de ordinário; agradeceu à sua generosa hospedadora os desvelos, com que na véspera a tratara.

— Devo — continuou ela, — envergonhar-me da fraqueza que ontem manifestei; mas há discussões que não posso ouvir, sem que de mim se apodere o horror mais violento. Não é fácil esquecer-nos das impressões que recebemos em nossa infância; e destas, o homem no curso da sua vida, é quase sempre escravo.

Madame Delmont não respondeu senão com essas civilidades que em tais casos costumam empregar-se; não quis na presença de Julieta, explicar-se a respeito do que desejava comunicar à estrangeira; mas assim que terminou o almoço, ordenou a Germana, com grande admiração de todos, que levasse consigo a menina, até que lhe mandasse aviso para lha reconduzir. As duas damas passaram em seguida ao salão. Alinska, aproximando ao fogão o seu bastidor, pôs-se logo a bordar; e Helena, para afetar uma continência que certo não podia ostentar, pegou no primeiro livro que encontrou, parecendo aplicar sobre ele toda a sua atenção.

Todavia, era mister uma explicação: o doutor devia voltar à hora de jantar, impaciente de conhecer a sorte que lhe era destinada; e era necessário dar-lhe uma resposta positiva.

— Então, querida Alinska — disse enfim *madame Delmont*, com alguma hesitação, — continuareis vós a ser a mais amável, mas ao mesmo tempo a mais incompreensível das criaturas? Não nos confiareis jamais esses poderosos motivos, que vos obrigaram a abandonar o vosso país natal? Guardareis sempre

a este respeito um silêncio, que tanto aflige os vossos amigos? Olhais para mim com admiração! Acaso vos ofenderei eu com estas questões? Acreditai, que elas só nascem do puro interesse, e da afeição, que sinceramente vos consagro.

— Não duvido, senhora, e eu as desculpo, porque julgo conhecer-vos; mas se até aqui vos tendes dignado de me honrar com a vossa benevolência, sem buscar conhecer quem eu seja, porque não vos merecerei a graça de me continuardes a vossa confiança? Acaso terei eu desmerecido essa consideração?

Viria a calúnia manchar com sua baba imunda o conceito que vos tenho merecido?... Ai!... a minha vida é bastante retirada para que a malignidade se atreva a abocanhá-la.

— Nesta minha curiosidade nada há que vos seja desagradável; ninguém falou em menoscabo da vossa conduta; mas julgais acaso, que a vossa beleza possa ser contemplada sem adoradores? Ninguém se ocuparia em indagar as circunstâncias de uma mulher ordinária; deixá-la-iam viver ao grado da natureza; mas vós, Alinska, não podeis ser olhada com essa indiferença; vós fazeis, decerto, palpitar mais de um coração, e nesse número algum existe, que muito deseja cativar o vosso. Aqueles que assim vos contemplam, não podem reprimir a íntima curiosidade de saberem quem sois, de se informarem se porventura ainda sois livre, se algum anterior engajamento vos prende, se finalmente podeis dispor da vossa mão.

Um melancólico sorriso se antecipou à resposta da húngara. Afetou medita-

la por um instante; depois, levantando a cabeça, que até ali conservara reclinada sobre o bastidor, e lançando sobre *madame* Delmont um olhar cheio da mais severa indiferença:

— Se o conhecimento da minha sorte se acha ligado à minha situação atual

— disse ela, — posso facilmente explicar-me sobre a última, sem que seja necessário ocupar-me da primeira. Eu sou livre, senhora, e contudo não posso dispor de mim! Já dei o meu coração, não me é possível dá-lo outra vez. Acho-me para sempre separada daquele que amo mais do que a mim mesma; não é possível unir-me jamais a ele com esses laços, que a igreja santifica. Minha alma oprimida, acha-se sob a dependência de um poder superior. Sou húngara, ou, para melhor dizer, pertenço hoje à terra, que a todos é comum! Não me pergunteis nada mais: tenho-vos declarado quanto me era possível dizer-vos; diligenciai mesmo, eu vos suplico, de os esquecer!

— Contentar-me-ia, sem dúvida, com a vossa explicação, conquanto seja obscura; mas não posso certificar-vos que outras pessoas fiquem com ela satisfeitas. Além disso consenti, que vos fale a linguagem da razão. Vós estais longe da vossa pátria, sois sozinha e independente; não podeis, segundo acabais de dizer, ligar-vos àquele que amais. Neste caso que pretendeis fazer num país estrangeiro? Não chegará um dia, em que, abandonada debaixo dos gelos da idade, lastimeis a falta de um amigo? Desejareis voltar ao vosso país? Os acontecimentos talvez vo-lo embaracem. Finalmente, vós vos arrependereis então da pertinácia que agora parece ofuscar-vos.

— Conheço, senhora, quanto a minha situação atual seria penosa para

uma mulher, que se achasse em uma das ordinárias posições da vida; mas a minha acha-se colocada numa classe particular; ela não se assemelha a nenhum desses casos, que tantas vezes se reproduzem. Julgais-me isolada neste mundo, pois bem! sabeis que a minha sorte futura me não inquieta. Ela se acha fixada há muitos anos; não é possível alterá-la. Vagueio sem cessar em torno de um círculo, traçado por mão poderosa, e do qual me é vedado separar-me. Julgais, que um apoio me seria necessário! Desenganai-vos; jamais me resignarei a aceitá-lo. Resolvi esse, por quem me falais, a esquecer-se de mim; que imagine até, que já não existo neste mundo; que perca essa esperança que o deslumbra; que sufoque, sobretudo, um amor que pode ser-lhe muito fatal!... Insensato!...

Ignora que aquele que me amar, será infalivelmente assassinado por esse amor...

Vós estremeceis, senhora; ah! que me não seja permitido de vos instruir da minha funesta história! Só assim poderíeis conhecer o horroroso quadro da minha situação; e contudo, perante esse Deus que receio, posso certificar-vos, que as minhas ações nada têm de criminosas; foram sempre dirigidas pela virtude mais acrisolada; e se acaso a mim própria ofendi, ao menos nenhum motivo violento, ou criminoso a tanto me induziu. Terminai, eu vos suplico, as vossas instâncias; deixai que continue a cobrir-me com o véu misterioso, que me não é dado rasgar. Nada peço aos homens; quisera encontrar unicamente sobre a terra a paz do sepulcro; e nem sequer esta *ventura* me é concedida!...

Depois destas últimas palavras, exprimindo Alinska o seu desespero, por meio de sinistro olhar, se levantou da cadeira aonde era assentada; e despedindo-se de *madame* Delmont, se retirou ao seu quarto.

— Singular criatura! — exclamou Helena, ao vê-la retirar — Inexplicável criatura!... Mas quem será ela? Que faria? Por que motivo veio ela a este país?

Que digo eu!... Acaso deverei criminá-la por não querer satisfazer a minha

curiosidade? Não são bastantes as suas pungentes mágoas?... A sua história deve contudo ser bem interessante; é impossível que esta desafortunada não tenha bebido a longos tragos pela pestífera taça da desgraça!

O monólogo de *madame* Delmont terminou neste lugar. Dedicou-se ao seu trabalho, depois de ordenar, que lhe trouxessem sua filha; e toda embevecida nas mais graves reflexões, assim se conservou até à chegada de seu esposo, e do doutor, que ambos entraram depois no castelo.

— Infeliz amigo! — disse a castelã — Quanto não sois para lastimar!

Recusam a vossa oferta; nem sequer vos deixam a mais pequena esperança! Não é por desconhecerem o vosso elevado mérito; mas sim pelo único motivo, que esse coração, que tanto desejáveis encadear ao vosso, se acha demasiadamente repassado de um sentimento desconhecido, para que lhe fosse possível admitir outro, que não fosse aquele em que se abrasa. Não vos repetirei a singular conversação que tive com a bela húngara; basta que vos diga que nada me declarou, e que não podereis alcançar jamais a felicidade por que tanto anelais.

O doutor, longe de ficar satisfeito com estas palavras, instou o mais que foi possível para que se lhe desse mais ampla explicação. Em vão *madame* Delmont pretendeu iludi-lo; foi-lhe mister dar exata conta de quanto passara, das mais simples expressões pronunciadas por Alinska; e não foi o coronel que escutou com menos interesse, a narração da prática que acima descrevemos.

— O meu amor-próprio — disse em seguida Mélérvant, — acha-se a coberto nesta circunstância; vejo que a cruel ressentida uma ternura que não pode satisfazer; algum despeito amoroso a obrigou a abandonar o seu país; este partido foi na verdade muito violento; crede que o não hei de imitar: uma vez que se obstina em não querer esposar-me, esforçar-me-ei para merecer ao menos a sua amizade.

— Eis aí — replicou o coronel, rompendo o silêncio que até ali guardara,

— eis aí o que é falar como homem razoável e cordato. Nada de suspiros; afetai antes a mais profunda indiferença; e talvez quando menos o pensardes, vereis tornar-se mais humana essa alma que tão altiva hoje se ostenta.

O doutor, ainda que vivamente magoado, dissimulou do melhor modo que lhe foi possível o estado em que seu coração estava. Não abandonava o sentimento que o inflamava, por isso que também não ignorava a influência que

tem o tempo para esta sorte de enfermidades: resolveu-se pois, a confiar a esse velho decrépito, que a tudo sabe inspirar uma nova face,

de vigiar solícito pelos seus mais caros interesses.

Capítulo XVIII

No dia seguinte, saindo Alinska do seu retiro, parecia não conservar a menor lembrança da conversação que tivera com *madame* Delmont. Mélerant ainda existia no castelo; ela o tratou como de ordinário, sem lhe dar a mais pequena demonstração do que se havia passado a seu respeito; porém se para o facultativo pôde ela mostrar-se indiferente, outro tanto lhe não acontecia para com Eduardo. Por muitas vezes fixava os olhos sobre ele, com uma expressão de descontentamento e de raiva, que quase o fazia estremecer de susto. Empregava para com ele certas maneiras, às vezes familiares, outras algum tanto bruscas!

Elas poderiam dar a conhecer que não eram estranhos um ao outro, se os dois circunstantes não tivessem a íntima convicção de que o raciocínio da húngara se patenteava às vezes confuso e enfraquecido.

O coronel, que pelo contrário conhecia a verdade, estremecia com aquele novo capricho. Quanto mais cara lhe era Alinska, menos desejava ele que o conhecessem; e receava sobretudo que sua esposa concebesse as mais leves suspeitas, que não deixariam de despertar em seu coração o mais terrível ciúme.

Pela sua parte, fazia todo o possível para também se fazer compreender: suplicava a Alinska por meio de seus gestos, de seu relancear de olhos, que o não compromettesse, e que desempenhasse a promessa que lhe fizera; porém seus esforços eram inúteis; nem por isso deixava ela de continuar o mesmo manejo.

Neste comenos chegou um mensageiro em busca do doutor, cuja presença era reclamada por um vizinho do castelo, que tinha sido acometido de um ataque apoplético; ao mesmo tempo, *madame* Delmont precisou retirar-se ao seu quarto; e os dois inimigos ficaram em presença um do outro.

— Então já vos não recordais da promessa que me fizestes? — disse logo o coronel à estrangeira.

— E vós esquecestes-vos — lhe replicou ela, — que o vosso coração me fora prometido? Ainda outra vez vos repito, ó dos homens o mais falsário!

Atrever-vos-eis a criminar a santidade de meus juramentos? Faço a vosso

respeito, aquilo que me apraz fazer; mas não é este o lugar oportuno para questionarmos. É necessário que vos fale em particular; assim o exijo.

— Quando?

— Hoje mesmo, à meia-noite.

— Aonde?

— Na grande sala; ali ninguém virá interromper-nos.

— Que me quereis dizer?

— Sabê-lo-eis.

— E se nos surpreenderem?

— Nada receeis.

— Isto não vai bem!

— Comparecereis?

— Receio!...

— Tremei, se acaso vos espero debalde!...

Madame Delmont, voltando neste momento, pôs termo a esta rápida conversação, que tinha lugar a meia voz. Ela chegou tão inopinadamente, que seu marido se perturbou, e não deixaria decerto de fazer algum reparo, se ela porventura se não achasse em perfeito sossego a respeito da conduta de seu esposo.

Desde que *Alinska* entrara no castelo, ainda até ali não havia ostentado tão excelente humor. Abandonou sua natural melancolia; quase que parecia alegre, e seus esforços conseguiram arrancar a *Helena* um meio sorriso, que era por certo o primeiro que havia agitado seus lábios, depois que deplorava a perda de seu filhinho.

Delmont, longe de partilhar a afetada alegria de *Alinska*, cada vez se tornava mais sombrio e taciturno, à medida que o sol declinava.
Apenas

pronunciou algumas insignificantes palavras durante o jantar; uma vaga inquietação o devorava; não se atrevia a lançar seus olhos, nem sobre *Alinska*, nem sobre sua mulher. A entrevista a que se havia

obrigado, agitava-o vivamente; ele receava que por algum acaso fortuito o não encontrassem praticando com a húngara; sabia quanto é difícil reprimir a indiscrição dos domésticos, e sabia também que desta circunstância dependia a tranquilidade e o sossego de sua família.

Enfim, cada qual se retirou ao seu domicílio. *Madame* Delmont, que havia dias se queixava de um quebrantamento geral em todos os seus membros, foi a primeira que se deitou. Despediu Germana, recomendando-lhe que fizesse outro tanto: Delmont que também se havia recolhido à sua câmara, em lugar de se despir, assentou-se sobre um sofá; e, trémulo como o criminoso que se acha prestes a cometer um novo flagício, ali aguardava, sem impaciência, que soasse a hora designada para o fatal encontro. Em tão cruel situação, tudo incomoda, tudo mortifica: a noite corria com demasiada rapidez, para os desejos do nosso herói; bem quisera ele suspender o tempo na sua carreira; mas este, regulado por infalível compasso, caminhava com igualdade, sem que nada fosse capaz de o prender. Na sua marcha descarregou sobre o bronze a última pancada da meia-noite, e foi caminhando avante, em demanda do seu giro. Ao ouvir aquele terrível sinal, levantou-se Delmont, e foi-se dirigindo às escuras para o sítio que lhe fora indicado.

A completa obscuridade que reinava nesta vasta sala; o agudo frio que penetrava pelas janelas, mal reparadas; o receio de ser descoberto; tudo se reunia para inspirar a Delmont um tal estremecimento, como ainda não tinha sentido; nem mesmo nessas ocasiões em que na frente de quinhentas bocas de fogo aguardava impávido a morte, na posição imóvel que o seu dever lhe havia prescrito! Mas então estava ele em profunda paz com o seu coração; nada o perturbava; a sua consciência era tranquila; mas ali ele se achava em contradição consigo mesmo; estava às ordens de uma mulher, que já não podia contribuir para a sua ventura, e que podia pelo contrário perdê-lo com um só gesto. Por outro lado poderia ele desobedecer-lhe? Não devia recear que incitada pelo seu caráter impetuoso, não revelasse publicamente o funesto segredo que lhes era comum?... Delmont julgava que a tudo deveria sacrificar-se para conter uma amante desorientada!

Ela não tardou a comparecer: penetrou pela porta da escada, vinha vestida de branco, e meia velada com um grande xaile preto, que lhe dava a sinistra

aparência de um espectro, que não sabe desmentir seu terrível olhar, nem a extrema palidez de seu rosto cadavérico. Trazia na mão uma lanterna que pousou precipitadamente sobre o chão, logo que reconheceu o coronel; e avançando para ele com aparência dum

contentamento melancólico, lhe exprimiu quanto se sentia satisfeita da sua exatidão.

— Sempre hei de ser solícito em obedecer a Alinska, logo que deseje verme, sobretudo depois de me haver assegurado...

— Eduardo, eu vos suplico não torneis a recordar-me uma promessa que me não é possível cumprir. Quê!... deveria eu disfarçar-me sem motivo? Não poderia lutar contra vós, com todos as vantagens que me oferece a minha situação, quando vejo que pretendeis empregar todos os meios para me desviar destes lugares; quando vejo que não receais auxiliar as loucas pretensões, que ainda esta manhã se atreveram a fazer-me?

— Acreditai, Alinska, que tanto como vós, eu sofri cruelmente, quando tive conhecimento dessas pretensões; a simples conjectura de que elas existiam, me era insuportável; mas que podia eu fazer? Calar-me, e deixar-vos operar livremente. Esperava... quero dizer, sabia que a vossa resposta seria negativa; e desde logo concebi a grata certeza que não tornariam a importunar-vos.

A estas últimas palavras, um raio de alegria se viu relampejar nos olhos de Alinska.

— Vós esperáveis! dizeis: ah! porque me não é dado conceber também alguma esperança? Vejo-me condenada a presenciar uma ventura, que me é odiosa, e que jamais gozarei! É mister que me arranque de um lugar que se torna para mim insuportável. Cheguei a ver-vos, consumiei a minha desventura; só me resta ausentar-me.

— Pois vós partireis, Alinska? vós!... Ah! isso seria fazer grande injúria à nossa amizade!

— A vossa amizade, Eduardo, pouco se me dá de a ofender! Não exijo de vós esse dom, ainda mesmo que mo oferecêsseis com sinceridade! Estou satisfeita com a minha sorte (continuou ela com um sorriso misturado de infernal malignidade). A minha partida, desembaraçando-vos da minha presença, vos restituirá o sossego de que vos tem privado. Não estremecereis mais, como fazíeis quando me oferecia aos vossos olhos, ou quando vos falava; não vos

distraíreis finalmente do amor que vos inspira aquela que a mim preferistes...

Aqui um golpe de vista lançado por Alinska, sobre a fisionomia daquele que a escutava, lhe provou que ela se queixava sem motivo;

todavia não quis dar a entender aquilo que conjecturava.

— Vós sois senhora de ficar, ou de partir; talvez devesse mesmo engajar-vos a tomar esta última resolução; mas persuadi-vos, que o meu coração não exige a vossa ausência: ele viveria satisfeito junto a vós, se porventura vos não temesse; sente mais que nunca, quanto sois sedutora, e de ora em diante vós sereis confundida em todos os seus projetos de prosperidade.

— E que lugar me daríeis vós nesse coração? Qual seria a consideração que me daríeis junto a vós?... Não me respondeis!... Que devo pois agourar do vosso silêncio?

— Ele vos explica a confusão em que me acho. Que poderei dizer-vos que possa satisfazer-vos? Os laços que me prendem, vós bem o sabeis, são indissolúveis.

— Sim, são indissolúveis, como tudo quanto pertence ao vosso sexo... como tudo quanto existe... até à morte!

Havia nestas últimas palavras uma expressão tão misteriosa, tão atroz e sinistra, que Delmont, estremecendo, recuou horrorizado, lançando logo seus olhos sobre os de Alinska; mas ajudado pela frouxa claridade da lanterna, ele os viu impregnados dessa particular indiferença, que quase sempre os animava.

Nenhum constrangimento se divisava no semblante daquela jovem criatura; tudo nela se achava em tanto desacordo com as suas palavras, que Delmont se viu quase obrigado a acreditar, que seus ouvidos o tinham iludido. Procurava mesmo alimentar esta grata ilusão, sem testemunhar de modo algum o descontentamento, que no íntimo da alma o torturava.

Seguiu-se um instante de silêncio. Alinska parecia pouco disposta a interrompê-lo; Eduardo continuava a meditar sobre o que se passava: ambos pareciam ter muito que dizer, para de novo se interrogarem. Contudo esta singular situação devia terminar: foi a húngara a primeira que tomou a palavra.

— Vós meditais bem profundamente, Eduardo! — disse ela — Acaso vos ocupais do passado, ou trabalhais porventura em formar planos sobre o porvir?

— Não; nem medito sobre o passado, nem sobre o futuro; só o presente me agita; só ele me pertence; só ele me lança num abismo de

dificuldades inexplicáveis, sem poder combinar tantos sentimentos opostos, que me agitam.

— Não vos enfadeis, se vos faço a confidência de que a vossa covardia me é conhecida. Sois incapaz de tomar um partido; apenas sabeis distinguir os vossos desejos; e ignoro por que motivo as nossas almas tão opostas puderam simpatizar, a vossa fraca e pusilânime; a minha, forte e corajosa, que nunca pôde sucumbir a quaisquer dificuldades da vida!

— Ah! Alinska, tudo vos é permitido; podeis humilhar-me a vosso bel-prazer; mas se vos fosse dado ver o que se passa em meu coração; se a vossa situação fosse a minha, talvez não escarnecesses do meu desespero.

— Depois de breves reflexões, pronta seria minha resolução: pesaria os diversos motivos que se me apresentassem; escolheria, e desde logo arrojaria-me corajosa pelo caminho que mais me agradasse.

— E se esse caminho vos desviasse da verdadeira senda; se ele vos conduzisse ao erro, ao crime, e ao opróbrio?

— Não deixaria de me enredar em todo esse labirinto, se porventura o tivesse preferido: a indecisão é o pior de todos os males! Mas na vossa situação, tendes porventura bem meditado nos obstáculos que vos rodeiam? Sabeis decerto de que lado se acha o mal, ou a virtude? Para vos guiar a qualquer destes pontos não se vos oferecem dois caminhos iguais? Não éreis vós todo meu, antes de pertencer a outra? Qual é a lei que, favorecendo direitos novamente adquiridos, condena a prioridade dos antigos?

— Alinska! Que dizeis vós? Que é o que de mim pretendeis?

— Ou tudo, ou nada, Eduardo!... Vós estremeceis!... Oh! conheço que nem sequer sois digno de escutar-me!

— Quê!... Pois eu abandonaria uma mulher, a quem não poderia endereçar a mais leve acusação! Separar-me-ia de uma criança... de uma filha!...

— Ou tudo, ou nada, torno a repetir-vos! De que vos queixais quando vos constituo o árbitro absoluto da vossa escolha? Quando vos deixo na mesma posição em que vos achais? Quando apenas me contento em vos indicar as duas

veredas que se vos oferecem para escolherdes?

— Mulher encantadora! em que pélagos pretendeis submergir-me? Não, Alinska; apesar de quanto sinto pela primeira mulher, que soube inspirar-me o mais ardente amor, não me aviltarei jamais aos olhos do mundo, abandonando esse ente virtuoso a quem de boa vontade entreguei todo o meu afeto e ternura.

Sou dela, e hei de ser dela, enquanto viver...

— É certo, que a não podeis abandonar, sem enxovalhar a vossa reputação: ela me é muito preciosa; mas quem vos ouvisse falar, diria que essa mulher é imortal, ou então que algum pacto existe entre ela e a eternidade!...

— Alinska, vós me horrorizais! Não quero mais escutar-vos; talvez que vós mesma não compreendais a força de vossas expressões!

Um sorriso diabólico foi a única resposta da húngara; e em seus olhos, que pareciam fulminar os do coronel, se exprimia a horrível ideia, que na sua mente borbulhava.

— Não!... nunca!... — exclamou Delmont — Aos erros que cometi, não serei tão infame, que lhe associe um tão nefando crime!... Bárbara e desumana mulher; oh! vós me horrorizais!...

— Sim!... é verdade!... quando vós envenenastes meu coração, por certo que não éreis tão criminoso! Quando guiastes o punhal que me trespassou o peito, com a leitura da vossa infame carta, éreis sem dúvida menos bárbaro do que eu não é verdade?... (Dizendo estas palavras, ela descobriu seu peito, e mostrou uma ferida sobre o coração, ainda ensanguentada!...) Quando meus pobres pais, ralados de desgosto, exalaram o último suspiro; o monstro que causou a sua morte, não era certamente mais culpado do que eu: não é assim?...

Não, nada disto merece ser vingado! Eduardo sempre foi, e ainda é, o mais inocente, e o mais virtuoso dos homens!... Só eu é que sou a mais vil das criaturas; mas o inferno acha-se colocado entre nós; e há de ser o tribunal dos demónios que nos há de julgar!...

— Oh! desesperação! Oh! terrível extremo de frenesim! A que criminosos excessos vos não abandonais, Alinska!... Quê! A vossa mão homicida teve o arrojo de derramar o vosso próprio sangue?... Ah! foi certamente esta ação abominável que abreviou a vida de vossos desgraçados pais!...

— Não, Eduardo; não fui eu o seu verdugo: não tive culpa nessa fatal catástrofe. Fostes vós; unicamente vós, que os assassinastes!... Eu fui

apenas o instrumento de que vos servistes, para me privar dos seus carinhos. Eles desapareceram da terra, enquanto vós dormíeis no remanso da paz e da ventura, e onde o vosso sono não seria perturbado, se porventura eu não viesse interrompê-lo. Adeus, único fautor de todas as minhas misérias; encarniçado inimigo, que me haveis privado, para sempre, do lugar que o céu me reservava; que tendes consumado a minha condenação eterna!

— Vós me esmagais com o peso de vossas iras: sinto-me aniquilado; apenas conheço que ainda pertenço ao número dos viventes!... Mas por que motivo desesperais? Os meus erros foram grandes, sem dúvida, e contudo espero, cheio de confiança, a sua remissão; e vós, a quem o delírio duma paixão funesta tem desorientado, julgais acaso que por meio de sincero arrependimento...

— Arrependimento!... — exclamou a húngara, soltando ao mesmo tempo infernal risada. — O arrependimento, dizeis vós! É coisa que em mim não pode existir: deixei-o na minha cabana, com o resto de meus humanos sentimentos.

Tomei a minha carreira; ser-me-ia impossível colher de novo aquilo, que abandonei após de mim. Só me resta prosseguir o meu caminho; já sei a recompensa que me aguarda ao cabo desta viagem; já saboreei até uma porção das suas delícias!...

A acre e melancólica ironia, que transluzia neste discurso, o modo indefinível com que era pronunciado, lançaram o coronel na maior ansiedade.

Via diante de si uma mulher enfeitada com todos os encantos da mocidade e da formosura, que podendo ser ainda ornamento da sociedade, estava prestes a sucumbir sob o peso dos mais terríveis remorsos. A sua razão, enfraquecida por infortúnios, pelos prejuízos da sua infância, não lhe vaticinava no futuro, mais do que tormentos, estragos, e a morte. Ela exagerava o número de suas faltas; parecia-lhe que essa conta que todos nós devemos à Providência, seria por certo mais terrível do que realmente era: todavia, nem por isso deixava ela de ser menos desditosa, porquanto, não é sobre o número determinado de nossos infortúnios, que o vulgo deve julgar de nossos sofrimentos, mas sim sobre a maneira como nós os consideramos. O nosso maior inimigo existe em nós mesmos: uma brilhante imaginação alivia-nos das penas violentas; uma imaginação melancólica torna positivamente terríveis e irreparáveis os desgostos, que aos outros parecem suportáveis!

Foi por meio desta base que Delmont apreciava o amarume que repassava o coração da sua vítima. Comovido de pura compaixão, debaixo da qual se escondia ainda outro sentimento mais grato, um pensamento único o ocupava, que era de consolar Alinska, de a tranquilizar, e de a fazer enfim venturosa.

Aproximou-se a ela, e quis tocar-lhe a mão, que ela tinha sempre escondida. Este gesto, cujo fim lhe foi patente, fez estremecê-la, obrigando-a a desviar-se.

— Não, Eduardo; não me experimenteis mais; tenho-vos manifestado toda a minha fraqueza; sucumbi até (quando vos falava) a um transporte de delírio, que neste momento me faz corar de pejo. Só me resta terminar esta conversação, explicando-vos o motivo, que me obrigou a solicitar-vos esta entrevista. Por mais tempo não devo demorar-me em vossa casa; é mister que me ausente sem demora. Não tenteis combater a minha resolução; ela é invariável. Sairei do castelo ao primeiro alvor do dia; já me ocupei em fazer reedificar a casa que as chamas tinham consumido; fui prevenida antes de ontem, que já se achava em estado de ser habitada. Entrarei nela para, talvez, não tornar a sair: enquanto a vós, ficai sem o menor receio a meu respeito. Foi para me evitar, que abandonastes os prazeres da capital da França; ide novamente saboreá-los; tende a certeza, que a minha pessoa vos não incomodará; ela vos deixa em plena liberdade; e desde este momento vos alivio de todos os sustos e terrores que poderia causar-vos.

— Não devo consentir no que pretendeis fazer. Esperai ainda mais algum tempo antes de nos deixar. Seria conveniente ir habitar uma casa, construída de novo, e no rigor do inverno? Ignorais acaso, quanto é prejudicial a humidade que ela oferece?

— Para vós, não duvido; para mim certo que não. Maior humidade do que essa de que falais, já eu senti noutra morada, e contudo ainda aqui me vedes. O

meu partido está tomado: um plausível motivo, que farei acreditar, não deixará a mais leve suspeita sobre a verdadeira causa da minha resolução. Afetarei recluir os importunos galanteios do doutor; de me ser absolutamente necessária a mais profunda solidão; e passados os primeiros dias ninguém mais se lembrará de mim.

O coronel, mortificado com esta determinação, sem curar das funestas ideias, que algumas palavras indiscretas da húngara haviam sugerido em seu espírito atribulado, ainda pretendeu aplacá-la; mas ela

continuou a mostrar-se inexorável. Cansada de tantas solicitações, lançou mão da lâmpada, ausentando-

se subitamente, sem escutar as fervorosas instâncias, que ainda lhe eram dirigidas.

O coronel, depois, voltou também ao seu quarto; e não foram decerto os favores de Morfeu, que em seu leito o aguardavam.

Capítulo XIX

Ao almoço compareceu Alinska, como de ordinário. A placidez de seu rosto, a expressão indiferente de seus olhares, não deram lugar a *madame* Delmont, a conjecturar a resolução que a sua hóspede havia tomado. O mesmo coronel quase se chegou a iludir: a chegada de Alinska causou-lhe a mais grata surpresa. Receava que tivesse realizado já a sua retirada, e concebeu a esperança, que talvez ela a tivesse procrastinado, se porventura a não houvesse renunciado completamente. Parecia sempre a mesma; falou de algumas obras, que pretendia fazer; ninguém imaginaria a conversação que tivera com Delmont na noite antecedente. Entrou depois para o salão, assentou-se ao bastidor, e trabalhou, segundo seu costume, com a maior atenção. Neste comenos, apresentando-se no castelo um aldeão em procura de Mr. Delmont, este teve que retirar-se ao seu quarto, onde costumava tratar os seus negócios. Assim que se retirou, levantou-se Alinska, e saiu também do salão, como dirigindo-se à sua câmara. *Madame* Delmont sabia quanto lhe eram desagradáveis as mais insignificantes questões, que se lhe dirigiam; e por isso nada se atreveu a perguntar-lhe.

Decorreu uma hora, sem que a húngara voltasse. Quando Eduardo tornou, perguntou a sua mulher, aonde ela tinha ido.

— Saiu logo que vos retirastes, meu amigo: julguei que iria buscar alguns romances de lã, que lhe faltassem para o seu bordado; mas se assim fosse, há muito que teria voltado.

Esta simples, e tão natural resposta, causou vivo sobressalto àquele que a escutava. Pareceu-lhe que o projeto se tinha realizado; convenceu-se de quanto era néscio, em acreditar que Alinska tivesse adiado esse mesmo projeto; porquanto não duvidava, que ela tivesse saído do castelo. Contudo, querendo simular a sua comoção, julgou oportuno afetar uma indiferença, que seu coração decerto não gozava. A confirmação do que tanto receava, não tardou muito tempo! Depois dum breve intervalo, o novo criado que substituíra o infeliz Raul, se

apresentou no salão, trazendo uma carta, que entregou a *madame* Delmont:

era de Alinska, e era aquela a primeira vez que se viam letras suas! Eis aqui o conteúdo desta carta:

«É meu dever, senhora, pedir-vos desculpa pela maneira, talvez incivil, com que me separo de vós. Voltei a ocupar a minha primeira habitação, envergonhada de vos ter incomodado tanto tempo, e cheia de reconhecimento pela suma bondade, com que sempre me tratastes. Porque me não será possível poder dar-vos irrefragáveis provas da minha gratidão? Uma fatalidade, sem exemplo, me impele sempre a operar contra a minha própria vontade: esta circunstância é para mim um constante, um terrível suplício! Não encontrei em vós senão a mais perfeita e acrisolada bondade; e contudo será necessário... perdoai o meu desvario, que me não deixa pleno exercício às minhas faculdades morais. Ignoro quais sejam meus desejos; mas mortifica-me o conhecimento do poder que tenho! Bem quisera continuar a residir no vosso castelo; mas seria necessário resignar-me a ver continuamente um homem, cujos sentimentos, a meu respeito, me obrigavam a evitar. Seria injusto pretender privar-vos de suas visitas: era portanto necessário, que eu tomasse o meu partido. Eis-me pois em minha casa; nela tornei a entrar, com a mesma tendência, que antes tinha, para gozar da mais profunda solidão: não interromperei decerto esta solidão, sem que me seja permitido, livre de importunos, ir pessoalmente manifestar-vos os sentimentos de estima e de gratidão, que por este modo hoje vos envio.»

Em seguida das frases, que acabamos de transcrever, e que eram assinadas pelo simples nome de Alinska, liam-se também algumas palavras de civilidade para o coronel.

— Na verdade — disse *madame* Delmont, — depois de haver lido esta carta em voz alta; eis aqui um modo bem singular de se despedir de nós! Tudo que diz respeito a esta mulher, é com efeito assaz extraordinário e misterioso!

Quem poderá compreender, que no meio do inverno, numa casa de novo construída, cujo estuque ainda conserva suas emanções maléficas, vá uma mulher isolar-se, unicamente para evitar um homem, a quem uma simples palavra bastaria, para nunca mais a importunar!?

Delmont quis balbuciar uma resposta que parecesse indiferente, e muito lhe custou a consegui-lo. *Madame* Delmont, preocupada com a

sua primeira ideia, não reparou no desconcerto de seu marido; tocou a campainha para chamar Germana. Quando esta chegou, apressou-se logo em lhe comunicar o que ela mesma já sabia: acrescentou contudo, que conjuntamente com a carta tinha

chegado ao castelo uma carreta, para conduzir os objetos pertencentes à estrangeira. O coronel determinou que os entregassem sem demora; e satisfeito de achar um pretexto para se restabelecer do abalo que sentia, saiu da sala com o fim de ir presidir à entrega dos objetos que a húngara reclamava. Então pôde respirar mais livremente, e enquanto seu corpo ali existia, sua alma e seus pensamentos vagueavam pelos espaços imaginários.

A inopinada partida de Alinska tornou-se um novo alimento para a curiosidade dos habitantes do distrito. M. Bérneval, que por certo não amava aquela *bela* criatura, foi o primeiro a espalhar malignos boatos sobre o motivo que ocasionara esta separação. A maldade dos homens, quando ela se dirige a um fim determinado, bate a tantas portas, até que descobre o verdadeiro motivo que até ali vagamente designara! Foi em consequência desta marcha regular de todas as coisas, que os faladores da vizinhança atribuíam o acontecimento que acabámos de referir, a um ciúme de *madame* Delmont, que se houvesse declarado. Estes rumores não passavam dos criados do castelo; felizmente não chegaram aos ouvidos dos amos: apenas o doutor teve deles conhecimento, e conquanto favoravelmente disposto a julgar o coronel, ainda se achava muito possuído do seu amor próprio, para acolher com indiferença uma tal comunicação. Recordava-se de grande número de particularidades, às quais pouco reparo tinha dado, e que naquela ocasião lhe ministravam grande fusão de esclarecimentos; mas como homem, ele se eximia de os franquear aos indiscretos; preferia antes explicar-se francamente com o coronel, na primeira ocasião oportuna que se lhe oferecesse.

Nesta mesma época, a saúde de *madame* Delmont parecia alterar-se sensivelmente. O seu coração, sempre despedaçado pela morte do infeliz Eugénio, havia sem dúvida reconcentrado em seu seio a mais forte porção da sua dor. Esta cruel circunstância, corrompendo as fontes da sua existência, ia definhando visivelmente aquele todo: experimentava sobretudo uma extrema dificuldade em respirar; perdia as suas forças, e caía num marasmo, que deveria conduzi-la ao sepulcro.

O doutor, na verdade homem de elevado mérito, estudava com perspicácia os sintomas duma enfermidade, que se apresentava debaixo do mesmo aspeto, que aquela, cujos resultados fizeram

sucumbir o filho de *madame* Delmont. Um extremo desalento, uma contínua carência de sustento; ligeiros e contínuos suores; tudo isto se reproduzia nela de igual maneira. Helena, sem conhecer o perigo de que era ameaçada, tornava-se triste e melancólica; buscava cada vez

mais a companhia de seu esposo; parecia amá-lo com mais veemência, nesse mesmo momento em que pressentia que ia para sempre separar-se dele!...

Delmont, pela sua parte, estava bem longe de acreditar um perigo iminente.

Preocupado pelo procedimento de Alinska, sentindo com horror que esta jovem criatura tomava de novo sobre ele um ascendente, cujas consequências tanto receava, bem desejava esquivar-se a si mesmo, e não profundar tudo quanto em sua alma se passava.

Umaz vezes ele se regozijava com a ausência de Alinska, lisonjeando-se, que por este modo lhe assegurasse a sua tranquilidade; outras desejava com ardor, que ela voltasse: afigurava-se-lhe, que desde o dia da sua partida se havia tornado aquele castelo na mais vasta e medonha solidão. Entrava amiúde no aposento que a estrangeira havia ocupado; imaginava que ainda a via; assentava-se no mesmo sofá onde ela se assentava; agitava as cortinas do leito que lhe servia de repouso; e lançando melancólico olhar sobre todos os móveis que guarneciam aquele saudoso asilo, parecia contemplar ainda na sua imaginação aquela que o habitara!... Vãs quimeras por certo eram estas que seu coração, tão vivamente torturado, lhe suscitava!

Mais de uma vez um nobre sentimento despertava neste homem fascinado as verdadeiras conveniências de seus deveres. Então, envergonhando-se de sua fraqueza, repelindo um delírio que o desonrava, ia buscar junto de sua esposa e de sua filha, outras ideias mais puras e mais razoáveis. Interrogava-se a si mesmo, se porventura não era Helena a mesma mulher, que pelo espaço de tantos anos havia feito a sua ventura; esquadrihava na sua consciência qual era a falta que ela cometera; mas nada encontrava em sua conduta, que desmentisse as belas qualidades que possuía. Ainda ostentava os mesmos atrativos que outrora o seduziram, e de cujo triunfo tanto se orgulhava. Nestas ocasiões, a imagem de Alinska diminuía o seu prestígio; ela desaparecia quase de todo da sua presença; apenas se lhe oferecia como nuvem vaporosa, que gradualmente se ia dissolvendo; mas estes momentos em que a razão lhe bradava, eram muito raros, e rapidamente substituídos por essas ideias extravagantes e criminosas que quase sempre o embriagavam! Alinska, revestida desse mágico

prestígio, que sempre descobrimos em qualquer objeto que desejamos, vinha de novo vitoriar-se, sobre um coração que, mau grado seu, a tinha banido. Eduardo, para se desculpar com a sua consciência, observava que aquela *bela* criatura fora o seu primeiro amor; que tinha sido por um juramento anterior e solene, que se havia abandonado a ela; que laços indissolúveis os haviam prendido, e que aqueles, contraídos depois, não podiam ser tão fortes como os primeiros! Cedendo então

ao impulso de sua paixão renascente, reforçada pela impetuosidade que lhe davam os obstáculos que a combatiam, bradava o louco por Alinska; chamava-lhe a sua querida amante, e depois caía gradualmente numa espécie de apatia e de quebrantamento, dos quais não podia triunfar sem se cobrir de pejo e de vergonha!

Estes combates, mil vezes repetidos, iam carcomendo sua alma pusilânime.

Estava em permanente oposição consigo mesmo, e procurava dissimular esta perturbação interior; mas no remanso da noite, ou quando se desviava para longe do castelo, e se via sozinho no meio de ressequido bosque, era então que ele se abandonava às suas meditações, e que experimentava a violência de seus pensamentos! Dir-se-ia, vendo-o em tão crua lida, que, a maneira do Lúcifer de Milton, se arrojava a insultar a majestade do mesmo sol.

Alguns dias deslizaram nesta cruel Alternativa. *Madame* Delmont sofria cada vez mais: não tinha podido, como tanto desejava, ir visitar a estrangeira; e esta sempre solitária também não tinha voltado ao castelo: contentava-se de se informar de tempos a tempos do estado de saúde da sua amiga. Mélerant pelo contrário comparecia frequentes vezes: procurava a ocasião, como já dissemos, de se entreter com o coronel, e ao mesmo tempo prestava todos os desvelos da sua arte a *madame* Delmont, que parecia declinar duma maneira espantosa; multiplicava as suas perguntas, a fim de conhecer a causa originária do seu mal; e as respostas que recebia, estavam longe, por sua ambiguidade, de o satisfazerem. Delmont, perfeitamente de acordo a este respeito, instava com sua mulher para que se recordasse bem de quanto havia feito, que pudesse deteriorar a sua saúde.

— De nada me recordo — disse ela. — Ignoro o verdadeiro motivo do meu padecer. Vereis, meu amigo, que hei de sucumbir do mesmo modo que meu filho sucumbiu, e no meio de alguma catástrofe igual à sua...

— Que dizeis, senhora? — exclamou o doutor, interrompendo-a — O mal que sofreis não tem relação alguma com o de vosso filho. Guardai-vos sobretudo de vos familiarizardes com tão terrível ideia; ela seria bastante para vos perder.

Madame Delmont, longe de parecer desiludida, respondeu com melancólico sorriso, que era suficiente para inculcar quanto se achava afetado o seu moral:

— Conheço que desejais iludir-me; pareceria louca se quisesse explicar-vos

quanto sinto; todavia, posso assegurar-vos que me não engano; conheço o que sou, e sei qual é o mal que me oprime.

— Esse discurso, senhora — replicou *Mélervant*, — nos adverte que ocultais alguma causa de que pretendeis fazer-nos mistério. Não fazeis bem: uma tal resolução pode trazer consigo terríveis consequências. Que nada vos contenha, senhora; persuadi-vos que a fraqueza humana, tendo subido ao seu maior auge, não deve parecer ridícula nas combinações extravagantes que nos oferece, sobretudo quando as enfermidades enfraquecem nossa alma, e a despojam de toda a sua energia. Qualquer que seja a ideia que vos aterra, a ilusão que vos ofusca, vós fareis um grande serviço a vós mesma, declarando-nos toda a verdade; talvez me ministreis os meios de poder restituir-vos a saúde: que saibamos enfim se é o vosso corpo que sofre, ou a vossa imaginação.

Helena recusou-se por muito tempo a dar a conhecer a opinião que formava do estado em que se sentia. *Delmont*, profundamente comovido, observando que ela cada vez mais se deteriorava, juntou suas instâncias às do doutor; e tão eficazes foram elas, que não se atrevendo Helena a resistir-lhes por mais tempo, lhes declarou, que uma singular ideia a mortificava sem cessar; protestando ao mesmo tempo, que jamais lhe seria possível explicar-se senão a seu marido; e assim mesmo, debaixo da expressa condição, que ele não zombasse da sua singeleza.

Ainda que este *mezzo-termine*, não satisfizesse muito a *M. Mélervant*, forçoso lhe foi resignar-se. Retirou-se logo, prometendo ao mesmo tempo que jamais questionaria o coronel sobre o que *madame Delmont* lhe ia confiar, e que só viria no seguinte dia.

Quando Helena ficou a sós com seu marido, cobriu o rosto com suas mãos, parecendo temer a interrogação que ele lhe faria: ele também

parecia vacilante, receando que sua mulher lhe declarasse que tinha conhecimento, ou de seus passados amores com a húngara, ou da chama desgraçada, que circunstâncias fatais tinham de novo acendido. Era contudo necessário que ele tomasse a palavra; e exprimindo-se com voz alterada, perguntou a sua esposa, se com efeito queria depositar em seu seio a confiança prometida.

— Ah Delmont! — lhe disse ela — Como poderei decidir-me a confiar-vos tão extravagante objeto? De que modo me tratareis vós, quando ouvirdes o segredo da minha loucura?

— Sempre com a mesma amizade, querida minha; porquanto não posso acreditar, que no meio de vossas mágoas duvideis um só momento da minha ternura e inteira devoção.

— E por que motivo duvidaria eu no vosso afeto, Eduardo? Não, os meus desgostos não nascem de semelhante dúvida; seria eu muito injusta, se o pudesse conceber. Vejo-me perseguida por uma visão odiosa!... Oh! quanto não vou parecer ridícula a vossos olhos!

— Não, não, Helena, não o receeis — lhe respondeu Delmont, possuído de entranhável satisfação, com a certeza de que não era a respeito da sua conduta que ela ia tratar.

— Pois bem! meu amigo; ou seja fraqueza ou superstição, ou qualquer outra coisa, afigura-se-me, que no decurso da noite um terrível demónio me persegue; um monstro, que deitado sobre o meu coração, aspira com sua boca infernal o sangue que circula em minhas veias; um *vampiro* finalmente é quem me atormenta!... Não o duvideis; sim, foi ele que causou também a morte de meu filho, assim como de uma jovem camponesa deste distrito!...

— Falais seriamente, Helena? Acaso pretendeis gracejar comigo?

— Já sabia, Delmont, que me havíeis escarnecer; que assim responderíeis à minha confiança; mas pouco me importa o que podeis pensar, quando tenho a fatal certeza da obsessão de que me queixo. Não é um sonho periódico que me oprime todas as noites; o agudo farpão que sinto trespassar-me as entranhas, o peso do ente que parece esmagar-me, perturbam sem cessar o meu repouso; mas uma potência superior reprime todos os meus movimentos, fecha as minhas pálpebras, e resiste aos esforços que faço para lhe escapar. Grito debalde; as vozes expiram antes de chegar a meus lábios; sinto-me desfalecer; a substância da minha vida desaparece gradualmente: terríveis pesadelos me atormentam, depois que o espírito maligno me

abandona; conheço quanto me haveis de lastimar, o conceito que formareis da minha razão; a tudo isso responderei apenas o seguinte: tenho a convicção daquilo que digo; a minha enfermidade continua a ser desconhecida, ao passo que vai fazendo rápidos progressos.

— Quanto mais me falais, Helena, tanto mais recresce a minha admiração.

Não sei que possa dizer-vos sobre tão extraordinário objeto. Não vedes, que sois o juguete duma triste ilusão? O vosso sangue agitado vos referve nas veias; as

vossas digestões são penosas; os pesadelos, cujos efeitos conheceis, são o principal motor da vossa languidez; eis aqui tudo! Não ajunteis aos pesares verdadeiros que sofreis, os de uma imaginação enferma, mil vezes mais terríveis.

Não me cansarei em vos provar a impossibilidade, de que os vossos receios se realizem. A Providência jamais permitiu, que as leis da natureza fossem invertidas de um modo tão absurdo: quase que é blasfemar contra ela, o acreditar em semelhantes horrores. Careceis de distrações; estes lugares já vos não convêm; é mister partirmos mesmo amanhã para Tolosa, onde nos fixaremos até que se verifique o vosso completo restabelecimento.

— Não, Eduardo, não consentirei em abandonar este castelo. Peço-vos que continueis a residir nele: uma coisa, muito cara ao meu coração, a ele me prende.

— Ele só pode recordar-vos o mais fatal acontecimento; não foi o vosso berço; vamos antes viver em Lyon, na vossa pátria, enfim onde vós mesma escolherdes. É mister que o espetáculo de novos objetos vos faça olvidar aqueles que vos inspiram a mais fera melancolia.

— Não sairei daqui; se fosse para outra terra, não poderiam depositar meus restos mortais junto aos do meu pobre Eugénio!...

Esta enternecedora réplica, que foi acompanhada de abundantes lágrimas, despedaçou o coração de Delmont. Vivamente comovido, também o seu pranto veio misturar-se ao de sua esposa! Mas nem por isso se rendeu aos seus desejos: alegou os motivos mais poderosos para a decidir a sair do castelo; e à força de rogos, obteve enfim o seu consentimento, para irem passar quinze dias a Tolosa.

Ela o obrigou a prometer-lhe, que a essa época, fosse qual fosse o estado em que se achasse, ele a reconduziria àquela habitação. O

coronel a isso se obrigou sem dificuldade, bem persuadido, que no caso que a moléstia se agravasse, não reclamaria ela a execução literal daquele tratado.

Delmont, apesar do pendor que o arrastava para o lado de sua paixão criminosa, não deixava de consagrar a sua mulher um verdadeiro e sincero amor.

Ela se tornava, naquele momento, mais cara ao seu coração, julgando que seu espírito se achava tão vivamente afetado. Ele também possuía um caráter um pouco exaltado; e todo entregue aos seus deveres, esquecia-se até, que ia ausentar-se de Alinska; mas esta ideia, quando se ofereceu ao seu espírito, não foi capaz de mudar sua resolução: considerava-se como obrigado a fazer este cruel sacrifício. Talvez se lembrasse, de que aquela, cujo amor a tinha obrigado a

percorrer tão longo espaço, a vencer tantos sacrifícios, para de novo se reunir a ele, não deixaria de o ir procurar a uma distância tão diminuta, e que podia vencer-se em duas horas. Não afirmaremos, que fosse realmente esta a sua ideia; mas o coração do homem é de tal modo construído, que seria loucura lisonjear-mo-nos de levar a verdadeira luz aos seus mais íntimos recônditos.

Capítulo XX

No seguinte dia, quando *madame* Delmont viu fazer os primeiros preparativos para a jornada, demonstrou arrepender-se do engajamento, que havia feito na véspera. Renovando suas instâncias, bem quisera ela que seu marido renunciasse ao seu projeto; mas estes rogos foram inúteis; quaisquer que fossem os secretos sentimentos de Delmont, sabia perfeitamente qual era o seu dever, para se deixar vencer em semelhante crise; mostrou-se portanto inexorável, como as circunstâncias o exigiam; e as solicitações de uma mulher, já defecada pela enfermidade, foram inteiramente infrutuosas.

Madame Delmont, antes de partir, escreveu um bilhete a Alinska, para lhe participar, que, na companhia de seu marido e de sua filha, ia passar duas semanas em Tolosa; que esta resolução fora tomada precipitadamente, e que por isso lha não tinha podido comunicar com antecipação; mas, que no caso de lhe ser possível, ela teria a maior satisfação em que fosse visitá-la, e que desde já lhe oferecia uma câmara no edifício onde iam habitar.

O doutor, a quem tinham mandado prevenir de madrugada, chegou na mesma ocasião em que a família ia entrar na sege de posta. Apenas o

coronel, chamando-o à parte, pôde dizer-lhe, sem entrar em maiores detalhes, que a imaginação de *madame* Delmont, achado-se possuída de assustadoras ilusões, ele julgara necessário distraí-la, a fim de dissipar esses supersticiosos vapores; e que para o conseguir, a conduzia por algum tempo ao meio do tumulto de uma grande cidade. Apesar da pena, que o doutor sentia pela ausência dos seus amigos, e do desejo de conferenciar com o coronel a respeito da estrangeira, não pôde desaprovar a resolução tomada; prometeu-lhes, que iria vê-los muitas vezes a Tolosa, e todos se despediram com afeto e saudade.

Os grandes gelos tinham tornado praticáveis os caminhos daquele distrito.

Os viajantes puderam seguir a estrada, que, subindo até Mervilla, atravessa o concelho de Auzerville, vindo juntar-se à que segue em pouca distância de Saint-Agne. Dois fortes cavalos os conduziram rapidamente à hospedaria do *Grand*

Soleil, em Tolosa; ali tomaram um momentâneo aposento, até que o coronel concluísse o arrendamento de uma casa, onde fossem definitivamente residir.

Esta casa era situada na rua dos Cordoeiros, quase em frente da igreja do ex-mosteiro do mesmo nome. Pertencia-lhe um vasto jardim; e a serenidade e pureza do ar era de tal modo, que a família Delmont nada perdera com a mudança que fizera.

Naquela mesma noite foram dormir à sua nova habitação. O coronel fez colocar o seu leito no mesmo quarto, que fora destinado para sua mulher.

— Bem vedes — lhe disse ele gracejando, — que venho colocar-me numa posição vantajosa para vos socorrer em caso de ataque: eis-me aqui ao pé de vós, com a minha espada, com as minhas pistolas; enfim com todo o meu arsenal de guerra, para combater com vantagem o demónio que pretende maltratar-vos.

Espero contudo, que não será necessário oferecer-lhe batalha, porquanto, estou certo que nos não seguiria a estes lugares: os espetros, ou espíritos malignos não têm licença de vaguear pelas cidades; só lhes é permitido penetrarem nos velhos castelos.

Estes gracejos não colheram resultado algum: *madame* Delmont continuava tristonha e pensativa; o seu silêncio parecia inalterável; o mal que a oprimia era terrível; ele lhe estorcia cruamente o magoado coração! Deitou-se cedo; o coronel ainda se demorou algum tempo

levantado; e quando, depois, se reclinou também sobre o seu leito, ficou surpreso do extremo quebrantamento que sentia; e tão depressa pousou a cabeça sobre o travesseiro, para logo veio Morfeu fechar-lhe as pálpebras. Despertou ao alvorecer do seguinte dia; e como percebeu que sua mulher se voltava a cada momento para escolher melhor posição, resolveu-se a perguntar-lhe como havia passado a noite.

— Sempre do mesmo modo! — lhe respondeu ela — É verdade que mudei de habitação, mas não de suplício!... Continuai a escarnecer-me; mas o cruel *vampiro* ainda me não abandonou; pelo contrário, pareceu-me esta noite mais atroz, mais ávido do meu sangue!

Esta resposta consternou Eduardo, dando-lhe a triste convicção, que o espírito de sua mulher se achava de tal modo enfraquecido, que difícil seria inspirar-lhe algum alento. Assaz instruído, para acreditar nos desvarios de Helena, via-se contudo obrigado a convencer-se, que ela sucumbia ao rigor de uma alucinação fatal, que desorganizava sua razão. Assentou que nada devia

negligenciar para distraí-la; queria até obrigá-la a frequentar as sociedades, a ir ao teatro, esperando vencer (com o pretexto de lhe restituir a saúde) todas as objeções, que lhe oferecia uma mãe inconsolável pela morte de seu filho.

Naquele momento, julgando mais oportuno guardar silêncio, nada replicou aos queixumes que acabava de lhe fazer. Levantaram-se ambos; e como o tempo corria magnífico, Delmont lhe perguntou se não desejaria dar um passeio pela cidade; não a pé, pelo estado de debilidade em que se achava, mas sim de sege, o que decerto a não fatigaria.

Madame Delmont já tinha chegado a esse estado de marasmo e de hipocondria, que nos torna indiferentes a tudo quanto pode deleitar-nos quando nos achamos em perfeito estado normal. Viu contudo o prazer que o seu consentimento causaria a seu marido; anuiu com efeito ao seu convite, ainda que muito pouco curiosa se sentia de gozar dessa distração. Partiram ambos depois de almoçar, acompanhados de sua querida filha. Foram primeiro visitar a casa municipal, pomposamente decorada com o nome de Capitólio: viram com o maior interesse as salas, onde estavam reunidos os bustos dos homens mais ilustres de Tolosa; aquela, onde a academia dos jogos florais [1], celebra as suas assembleias particulares, e onde preside a estátua de Clemence Isaure, restauradora daquela célebre instituição, esculpida em mármore branco. Os nossos viajantes foram depois

lançar um golpe de vista sobre a nova alameda de Angulême, e magníficas construções do castelo de água, situado numa das extremidades da cidade, e que devia proporcionar-lhe os chafarizes e fontes que até ali lhe faltavam: trabalhos na verdade admiráveis, e devidos ao zelo de M. de Bellegarde, *maire* de Tolosa, que, com sua administração económica e paternal, mereceu sempre o reconhecimento de seus concidadãos.

O museu também foi um dos objetos que suscitou a curiosidade de *monsieur* e de *madame* Delmont. Ambos tinham nascido em cidades, onde as artes eram apreciáveis, e cultivadas com feliz resultado: eram conhecedores da pintura e do desenho, para poderem apreciar dignamente os excelentes quadros, que lhes eram patentes. Ficaram sobretudo maravilhados à vista daqueles, cuja existência era devida ao delicado pincel de um artista tolosano, pouco conhecido no resto da França, e que pela vivacidade do seu engenho, pelo fogo de suas composições, se achava colocado a par dos mais abalizados autores. António Rivals, superior à fama que deixou, enriqueceu a sua pátria com primores que para sempre farão seu nome imortal.

A parte do museu, que era consagrada às antiguidades, como aos

monumentos da idade média, atraiu a atenção de Delmont, que era muito curioso deste ramo de ciência. Admirou o excelente arranjo de grande número de objetos curiosos, que cingiam por todos os lados um vasto claustro, no centro do qual se via um jardim elísio. Informou-se do nome daquele que fora encarregado deste arranjo, e sua admiração cessou, quando ouviu nomear M. Alexandre du Mege, sábio arqueólogo, e literato muito distinto.

A hora de jantar reconduziu ao seu novo aposento a família Delmont.

Helena não podia ocultar que se havia distraído bastante com a variedade de objetos, que alternativamente tinha contemplado. Achava-se melhor; comeu com apetite; e até sobre suas faces macilentas se enxergava um vislumbre de carmim, que parecia querer despontar furtivamente do meio daquele rosto de neve. A este aspeto consolador sentia-se o coronel cheio de esperança; todo entregue aos seus deveres, repelia essas ideias, que decerto se lhe figuravam criminosas; esforçava-se até para banir um sentimento imperioso, que triunfava de seus esforços, quando pretendia repeli-lo com maior energia. A noite convidou-os de novo a entregarem-se ao descanso. Delmont, querendo inspirar maior coragem a sua mulher, pediu-lhe licença para se deitar ao lado dela. Helena consentiu; prometendo-lhe ele, que vigiaria enquanto pudesse, a fim de afugentar com sua

presença o monstro que ela tanto receava. Mas temerária era por certo esta promessa! Pouco tempo depois que se deitou, veio o sono atacá-lo com todas as suas doçuras. Lutou em vão com a influência desse fagueiro deus: teve que ceder-lhe a vitória, e seus olhos se fecharam a seu pesar.

Quando acordou, sentiu uma dor bastante aguda, que parecia nascer de seu coração. Apalpou esta parte do corpo; sentiu-a igualmente dolorosa. Voltou-se para o lado da lâmpada, que ainda era acesa, e o seu pasmo não foi medíocre, reconhecendo sobre a cútis o sinal de cinco dedos, marcados com traços amarelos e denegridos!... Persuadiu-se primeiro que esta pressão fora feita pela mão de Helena; mas lembrava-se ao mesmo tempo, que muito profundo havia de ser o seu sono, para que não despertasse com a terrível dor que deveria causar-lhe essa mesma pressão.

Helena despertou também do seu letargo; nada disse a seu marido, a respeito de quanto ela ressentira durante a noite; mas este silêncio assaz explicava, que o seu sofrimento continuava a ser o mesmo, e que ainda vivia sob a influência da terrível fascinação que a definhava. Era portanto necessário, mais do que nunca, tratar seriamente de tão grave objeto. Tornaram a sair à hora costumada: visitaram as igrejas, os monumentos públicos, dirigindo-se depois a

casa de dois médicos, a quem pretendiam consultar. Um deles, membro de várias sociedades científicas, podia, melhor que qualquer outro, empreender uma cura que dependesse da ciência humana: seus talentos inspiravam uma confiança, que muito realçavam as graças pessoais de que era dotado, o seu espírito cultivado, e a facilidade de sua elocução. Já conhecido dos dois cônjuges, que o haviam encontrado em R *** em casa de um de seus vizinhos, eles imploraram fervorosamente os seus socorros, recebendo dele a certeza que nada negligenciaria, para satisfazer aos seus desejos. Mas ao pronunciar estas palavras consoladoras, já ele tinha reconhecido que as forças humanas eram ineficazes, para reanimar um corpo, cuja vida se extinguiu; a sua ciência não o ofuscava; não queria porém pronunciar, naquela primeira conferência uma condenação fatal.

Delmont, iludido pelo que acabava de ouvir, concebeu uma esperança, que conquanto lisonjeira, em breve deveria desvanecer-se. No seguinte dia sentiu-se Helena incapaz de sair do seu quarto; ali mesmo recebeu a visita de Mélerant, que viera de propósito a Tolosa passar o dia com os seus amigos. Um perspicaz olhar que lançou sobre a doente, lhe deu logo a convicção, que a infeliz se aproximava ao último período da sua existência, e que de um para outro momento podia

expirar! Meditava pois sobre o que devia obrar, quando seu hábil colega, de quem já falámos, se apresentou: conduziu-o logo junto da enferma; ambos observaram por muito tempo os sintomas da moléstia, que crescia com tanta rapidez, e a sua conclusão foi a mesma. Conheceram que *madame* Delmont, o mais que poderia viver, seria uma semana, e decidiram ao mesmo tempo, que era útil prevenir o marido, do terrível golpe que estava prestes a sofrer.

Esta desagradável missão devia recair sobre Mélérvant, pela intimidade que o ligava com o coronel: pediu-lhe pois um momento de audiência, e foi então que lhe descobriu a terrível verdade! Esta triste revelação trespassou Delmont de pungente dor. Quis ainda opor a dúvida às mais positivas probabilidades; e quase no momento de se separar para sempre de sua mulher, sentia renascer por ela todo o afeto que noutro tempo lhe inspirava. Oprimido pelo seu desespero, encarava com horror a tarefa de patentear a Helena a sua situação. Não podendo tomar alguma deliberação em tão cruel aperto, conduziu o doutor junto a ela; e colocando-se de modo que o não pudesse ver, abandonou-se sem reserva à crua mágoa que o sufocava.

Madame Delmont, com voz desfalecida, perguntou ao doutor, se tinha visto

a húngara, ou se havia notícias dela.

— Enquanto a vê-la, *madame*, isso seria impossível, porquanto não sai nunca de sua casa, onde pessoa alguma pode penetrar: apesar deste rigor, não receou M. Bérneval dali se apresentar de novo, apesar da experiência que deveria tê-lo desenganado.

— E então, nessa segunda tentativa não foi mais feliz do que na primeira?

— Do mesmo modo, senhora; e de tal sorte ficou desapontado, que encontrando-me ontem sobre o caminho de Falgarde, me assegurou que *esta mulher* (assim a qualificava ele), não era digna de frequentar a boa sociedade, por isso mesmo que não tinha sabido apreciar a dele!

Este discurso pareceu distrair um pouco *madame* Delmont.

— Enquanto a nós — disse ela, — temos sido mais felizes do que M.

Bérneval alguns emissários têm enviado para se informar de nós. Singular criatura na verdade! Jovem e bela; que sistema tão singular que adotou! E de feito, ela deve achar-se melhor no meio do seu retiro, do que na sociedade.

Sempre melancólica e indiferente, raras vezes se enternece; e mesmo nessas raras ocasiões mais parece um autômato com movimento artificial, do que uma criatura humana. Todavia não posso explicar o ascendente que sobre mim tomou.

Mas confesso-vos que a sua ausência me deixou saudades; afigura-se-me, que nas últimas horas da minha vida me seja agradável ter ao pé de mim uma pessoa do meu sexo, que pudesse ouvir-me, e que quisesse depois da minha morte encarregar-se de minha pobre filha.

Este discurso, pronunciado com voz alterada, petrificou os circunstantes.

Delmont, por um movimento que não pôde reprimir, se levantou com impetuosidade, para se apoderar da mão de sua esposa, no mesmo momento que balbuciava algumas palavras de esperança, que eram desmentidas pelo aspeto sombrio de seu rosto. Mélerant, mais costumado a estas cenas, apesar da viva comoção que sentia, julgou oportuno aproveitar a circunstância, para engajar *madame* Delmont a pedir os socorros da religião. Ela era piedosa; mas desde que chegara a Tolosa, nunca mais cogitou em cumprir estes deveres, julgando que teria tempo de os reclamar quando voltasse a R ***.

— Vós agravais o vosso mal — lhe disse ele, — enchendo a vossa imaginação de tão lúgubres ideias. Quisera que tivésseis assaz confiança em

mim, para me facilitardes os meios de mudar a vossa opinião, a respeito do estado de vossa saúde; mas já que vos obstinais em me não acreditar, porque não consultais um desses dignos eclesiásticos costumados a auxiliar os enfermos em tais ocasiões? Talvez que ele possa melhor tranquilizar-vos, e estou certo que teríeis grande satisfação de praticar com ele.

Um doloroso sorriso se antecipou à resposta de Helena.

— Vós prevenis os meus desejos — lhe disse ela. — Estava para pedir a meu marido que me chamasse um desses ministros do Senhor; sinto que daqui em diante terei mais precisão de seus socorros, do que daqueles que a vossa amizade poderia ministrar-me: a ciência deles deve começar quando se conhece que a da arte é ineficaz. Mas ao mesmo tempo insisto pelo meu primeiro desejo: quisera tornar a ver a jovem estrangeira, e que ela consentisse em ficar alguns dias na minha companhia.

Este desejo, manifestado por um modo que bem demonstrava quanto

Helena seria satisfeita que ele se realizasse, surpreendeu vivamente os dois circunstantes. Delmont, mais do que o doutor, devia ressentir-se. Conhecia o perigo que correria de se achar a sós com Alinska num momento tão solene, em que talvez a sua presença lhe fizesse olvidar seus mais sagrados deveres: por outro lado, não sabia como poderia recusá-lo a sua mulher, quase agonizante, que sozinha, e como perdida num país que não era o seu, devia necessariamente ver-se privada desses cuidados e serviços particulares, que só poderiam ser-lhe prestados por uma pessoa do seu sexo, e cujos hábitos se achassem familiarizados com os dela. O seu embaraço e indecisão não lhe permitiram responder logo: *madame* Delmont, admirada deste silêncio, lhe perguntou se o pedido que lhe fazia era porventura repreensível, e se antevia grandes obstáculos para se realizar.

Esta questão despertou o coronel, das meditações em que parecia submergido: apressou-se em responder, que se acaso se não havia logo explicado, era pelo receio de que a húngara se não recusasse a ceder às solicitações que lhe fizessem.

— Todavia — ajuntou ele, — como quereis absolutamente que ela venha, vede se podeis escrever-lhe duas linhas; a elas juntarei também as minhas súplicas, e enviaremos sem demora o nosso criado, com uma sege para a conduzir.

Delmont, falando por este modo, esforçava-se para conter as inflexões que poderiam denunciar o estado em que sua alma se achava; temia sobretudo a perspicácia do doutor, e em tais circunstâncias não quisera ele, a troco de todas as venturas da terra, que seu segredo fosse surpreendido por olhos já prevenidos.

Apesar de seus esforços, não pôde dissimular inteiramente a sua emoção; mas esta, nem por isso surpreendeu o doutor: ele a atribuía ao estado de perturbação em que o seu infeliz amigo devia encontrar-se.

Madame Delmont tentou traçar um pequeno bilhete, para exprimir a Alinska quanto ficaria satisfeita de a tornar a ver. Foi-lhe mister mais de uma hora, para escrever algumas linhas, cedendo depois a pena a seu marido, para ajuntar as seguintes frases:

«Sim, senhora, nós reclamamos este ato da vossa bondade. Sejam quais forem as resoluções por vós tomadas, elas devem ceder às vivas instâncias que vos dirigimos. Voltai para a nossa companhia. *Madame* Delmont deseja com ardor a vossa presença; eu a invoco igualmente: como existem na vida circunstâncias que devem obrigar-nos a

renunciar nossos projetos, eu vos peço que vos não demoreis um momento em ceder benigna às nossas instâncias. Dai-nos mais esta prova da vossa benevolência. Uma escusa da vossa parte provar-nos-ia, que desejais absolutamente romper a nossa amizade; e por que motivo mereceria minha pobre mulher tanto rigor?...»

Enquanto Delmont acabava de escrever, e dar as convenientes ordens ao criado, o doutor que conhecia Tolosa, tinha saído com o desígnio de ir buscar um ministro de paz e de consolação, que pudesse confortar *madame* Delmont no penoso caminho que ainda lhe restava para se desviar deste mundo. Encontrou com efeito um eclesiástico, que melhor do que outro qualquer, era capaz de preencher o fim para que o chamavam: era o pastor de uma das grandes paróquias daquela cidade. Este venerável cura, ainda que avançado em anos, possuía o fogo ardente da caridade cristã. Amável no seu rigor piedoso, indulgente com as faltas que só eram fruto de involuntários erros, não se comprazia em mostrar a Divindade, sempre terrível, sempre irritada; ele a representava pelo contrário acessível ao arrependimento, e misericordiosa para com os desvios do coração. A sua eloquência cheia de unção, e sumamente persuasiva, tinha um atrativo particular; falava com autoridade, quando numa cerimónia anual benzia as flores de ouro e de prata que os poetas alcançavam como galardão de suas produções; falava como pai, ou fosse sobre a cadeira da verdade, ou fosse no tribunal da penitência. Foi pois a este digno varão que o

doutor se dirigiu. Descreveu-lhe a crítica situação de *madame* Delmont, a carência que tinha das luzes de um sacerdote esclarecido; e por meio de reiteradas instâncias conseguiu vencer a repugnância que o digno pastor mostrara, em ir buscar uma ovelha que não pertencia ao seu rebanho. Prometeu-lhe que iria vê-la no seguinte dia; e o doutor correu a levar esta consoladora nova àqueles que ansiosamente o aguardavam.

Helena desde este momento parecia mais resignada. Não era possível conceber qual fosse o sentimento particular que parecia atraí-la para Alinska; a misteriosa simpatia que existia entre estas duas criaturas, que, segundo a diferença de caracteres deveriam viver sempre separadas. Mas pelo contrário *madame* Delmont desejava tornar a vê-la; esta fantasia, levada até à exaltação, era decerto uma das consequências de sua doença tão extraordinária. Não chamava ela para junto de si a serpente que devia devorá-la?!...

Capítulo XXI

A ansiedade da família Delmont havia chegado ao seu maior auge: ignorava-se se Alinska, apesar das vivas solicitações que lhe eram dirigidas, viria a Tolosa: o doutor, a quem as suas ocupações chamavam a outros lugares, teve que pôr-se a caminho ao pôr do sol, sem que visse chegar a bela indiferente.

Eram oito horas da noite, quando a sege, que tinha partido ao meio-dia, parou à porta da residência de Delmont. Ao ruído que fez, levantou-se o coronel; e tomando uma vela, desceu rapidamente, menos para ir ao encontro da estrangeira, se porventura tivesse chegado, do que para evitar aos olhos de sua esposa a agitação em que se achava. Ao chegar ao fundo da escada, deparou com uma mulher envolvida numa grande roupagem negra, que caminhava gravemente para ele de tal modo, que no primeiro momento se poderia tomar por uma aparição sobrenatural. Mas quanto não foi maior o seu sobressalto, quando viu à claridade da luz que levava, a grande palidez que cobria o rosto de Alinska!

Era com efeito ela, ou para melhor dizer, era um espectro! Parecia naquele momento achar-se mais perto do túmulo, do que a mesma *madame* Delmont, cuja vida tocava (ainda mal!) o seu último extremo!

O coronel, confuso à vista de tão estranho espetáculo, não pôde sequer pronunciar essas palavras que a civilidade exigia dele. Ficou imóvel, contemplando os estragos que um tão pequeno espaço de tempo havia produzido sobre as feições de Alinska. Esta, com feroz sorriso, e havendo observado ao mesmo tempo a sua confusão:

— Eis-me aqui — lhe disse ela; — haveis me chamado; mas não vos lisonjeeis de me obrigar a partir, quando o desejardes.

Estas rudes palavras, pronunciadas com vivacidade, só puderam ser ouvidas por aquele a quem se dirigiam. Ele estremeceu; mas esforçando-se enfim para recuperar sua coragem, balbuciou algumas palavras, com aparência de galanteio, as quais lhe adquiriram em resposta o mais terrível e fulminante olhar.

Chegando ambos ao quarto de *madame* Delmont; esta, ao ver a húngara, que lhe pareceu moribunda como ela, deixou escapar algumas lágrimas, estendendo-lhe ao mesmo tempo a mão com amizade.

— Quanta bondade não tendes — lhe disse ela, — de haver cedido aos meus rogos! Mas permiti-me, que vos pergunte, porque não tendes solicitado também alguns socorros, de que me parece carecer o estado

de vossa saúde?

— O estado exterior da minha pessoa vos ilude! — replicou a estrangeira.

— Não me sinto em pior situação do que aquela em que me haveis conhecido; ser-me-ia até muito difícil de passar melhor ou pior do que passo: minhas feições vos parecem alteradas, a minha palidez vos aflige; tudo isto, senhora, nasce do estado em que me deixou a vossa carta, e as ordens que continha. Sabeis quanto a solidão me apraz; custa-me muito deixá-la; mas quando se me pede com tal extremo, não seria possível recusar-me. Quereis-me ao pé de vós; aqui me tendes: estais certa de encontrar em mim o auxílio de que careceis?

Estas palavras, tão pouco graciosas, afetaram desagradavelmente *madame* Delmont, que não podia compreender o verdadeiro sentido delas. Uma pequena reflexão lhe fez recordar o caráter de Alinska; recordou-se também da extravagância de suas maneiras, e concluiu, que nada havia de que se admirar a seu respeito.

Helena precisava uma companhia; tinha-se costumado àquela; deveria queixar-se de a encontrar de novo, ostentando sempre seus modos extravagantes, e suas maneiras selvagens?

Contudo, Alinska, apesar do seu mau humor aparente, acarinhou a menina Julieta, que antes de se ir deitar, quis dar-lhe a seu modo as boas vindas. Alinska inclinou-se para a beijar, e o fez com tanto afeto, que para logo ficou reconciliada com a extremosa mãe. Enquanto a Delmont, incapaz de proferir uma só palavra, ele se sentia absorvido na mais profunda meditação: encarava com susto o futuro, o qual não via senão envolvido nos mais sinistros vapores!

No seguinte dia, *madame* Delmont declarou, que havia passado uma noite muito mais terrível do que as antecedentes. Era fácil acreditá-la à vista do cansaço, e do sofrimento que se divisava em seu descarnado rosto: via-se que sua debilidade aumentava, e que os últimos fios de sua vida estavam por momentos a quebrar-se! Parecia inquieta de não ver chegar o eclesiástico, que

com tanta ansiedade aguardava. Neste momento Germana o anunciou; o coronel dirigiu-se ao salão para o receber, e Alinska, soltando espantoso grito, saiu subitamente por uma porta secreta, retirando-se ao quarto que já lhe haviam designado.

Se existe entre os homens algum objeto digno de admiração, é sem dúvida o interessante quadro de um venerável sacerdote, dirigindo

consolações religiosas a um desgraçado, prestes na hora extrema a ver dissipadas todas as ilusões mundanas! Não representa então um frágil mortal; é o mesmo Deus, revestido de seu poder infinito. Faz que as vistas do infeliz se dirijam para essa esperança, nunca enganadora, de um mundo, onde tudo é igualdade, onde a virtude, que nesta vida se cobre com os andrajos da miséria, se assenta ali sobre um trono igual àqueles, que são destinados aos mesmos reis, quando eles só tem curado de fazer a ventura de seus povos. Muito se enganam aqueles, cujos prejuízos lhes fazem encarar a morte com indiferença! Qual será aquele, cuja energia seja assaz veemente, que não sinta algum terror, algum receio pelo futuro, nesse instante solene, em que a alma vai comparecer perante o seu Criador? Esse terrível momento acaso se agravará ele mais, quando prestamos ouvidos à voz consoladora, que acalmando nossa agonia, nos afiança uma ventura eterna, comprada unicamente pelo preço de um sincero arrependimento? Não será pelo contrário maior satisfação terminar a vida, completamente tranquila, sobre o descanso que nos espera na nova existência, à qual a imortalidade de nossa alma nos não permite submeter? Se os socorros da religião têm este poder, junto daquele, cujos remorsos lhe corroem a consciência, quanto se não tornam eles mais saudáveis para aquele, que jamais se afastou do caminho da virtude?

Madame Delmont, cuja carreira jamais havia deslizado do exercício dessa mesma virtude, não tinha outros pesares, ao aproximar-se do termo fatal, senão aqueles, que podiam suscitar-lhe a lembrança dos caros objetos que neste mundo deixava: o porvir certo, que não a atemorizava! Se por um lado, lhe era doloroso separar-se de seu esposo e de sua filha, por outro conservava a bem fundada esperança, de que um dia tornariam todos a reunir-se; recordando-se ao mesmo tempo, de que o seu caro Eugénio a aguardava risonho, e que em breve iria abraçá-lo. Depositou no seio do venerável eclesiástico as ligeiras faltas, de que se acusava; elas lhe foram perdoadas sem a menor dificuldade; e as mais doces e eficazes palavras, reconciliando-a com o Criador do universo, lhe davam a grata certeza de que em breve iria assentar-se ao lado dos eleitos do Senhor.

Todavia, o digno ministro, ao mesmo tempo que a entretinha de sua

felicidade futura, não deixava de lhe inspirar ainda alguma consoladora esperança, persuadindo-a, que não devia renunciar de todo a este mundo: dizia-lhe que a sua cura não seria impossível, se a Providência a julgasse necessária; representou-lhe tantos enfermos, restituídos à saúde, no momento em que a porta do túmulo se abria para os receber; tantos milagres de igual natureza, que *madame Delmont*, sem se persuadir inteiramente do seu restabelecimento, se

sentia contudo mais sossegada, no momento de se despedir dela, e de lhe prometer que voltaria naquela mesma noite.

Depois que o padre saíra, entrou o coronel no quarto de sua mulher. Tentou igualmente tranquilizar o seu espírito abatido; mas neste momento, *madame* Delmont, ainda possuída do santo fervor da oração, só parecia ocupar-se de objetos celestiais. Foi a visita de um dos facultativos de Tolosa, que veio arrancá-la de tão grata meditação. Não a encontrou em pior estado do que na sua última visita; ordenou-lhe uma bebida fortificante, da qual esperava o melhor resultado. Delmont, admirado que Alinska não tivesse voltado, correu ao seu quarto, e bateu ligeiramente à sua porta.

— Quem é? — perguntou ela — Que pretendem de mim?

— Vinha pedir-vos — lhe respondeu uma voz que lhe era muito conhecida,

— que viésseis ver *madame* Delmont.

— Está ela sozinha? Já se retirou esse homem terrível, cuja vista me não é dado suportar? — disse ela abrindo a porta.

— De quem falais? — replicou o coronel.

— De quem falo! Falo do padre; sim dele: desde que saí da Hungria, não me é possível tolerar a presença de um indivíduo da sua classe. Uma etérea barreira nos separa: já nada tenho a pedir-lhes sobre a terra.

Enternecido com estas superstições, que atribuía ao atentado que sua amante havia cometido contra a sua própria existência, não quis o coronel prolongar esta conversação. Limitou-se a assegurar-lhe, que *madame* Delmont se achava só.

— Nesse caso — replicou Alinska, — eu vos sigo; mas, Eduardo, eu vos conjuro; prometei-me, se acaso não quereis presenciar o mais espantoso espetáculo, de não consentir que eu me ache jamais na presença de um dos

ministros do Senhor; que tomeis as devidas precauções, para que eu saia do quarto de vossa mulher, antes que volte o seu confessor. Ai! é este o único favor que ousou suplicar-vos!...

Este discurso, pronunciado com voz balbuciante, deu nova consistência à compaixão do coronel. Prometeu sem custo, que Alinska

seria satisfeita, e voltou na companhia dela ao quarto de sua esposa, a qual pareceu satisfeita de os ver juntos; sorriu-se com graciosa bondade; e depois de alguns instantes de silêncio:

— Escutai-me ambos — lhes disse ela. — Pretendem iludir-me a respeito da situação em que me acho; enganar-me-ia a mim mesma, enquanto resplandece o claro dia; mas a cruel noite em breve me aniquilará para sempre!

— Aqui estremeceu Alinska involuntariamente. — Sei qual é o destino que me aguarda; ainda mais alguns momentos, e a minha carreira mortal chegará ao seu termo. Nada tenho que determinar; só me cumpre dirigir a Deus algumas preces.

Fazei atenção àquelas que também vos dirijo; cumprias, eu vos suplico; e que no momento da minha morte possa levar ao menos a certeza, de que os meus últimos desejos foram benignamente acolhidos.

— Ah! minha amiga — replicou o coronel com vivacidade, sem que a presença de Alinska o contivesse, — não vos deixeis sucumbir por esse modo!

Vós vivereis ainda para felicidade da vossa família, e vós mesma satisfareis os desejos que ora possuís.

— Um deles, Eduardo, não pode ser por mim cumprido, por isso que tem relação com meus despojos mortais: é a vós que eu o recomendo; não deixareis decerto de o cumprir. Depois da minha morte, quero repousar no mesmo lugar, onde meu filho me precedeu; há de ser no cemitério de R ***, que meu corpo deve ser sepultado; outra qualquer terra parecer-me-ia estrangeira; é-me necessário aquela; eu a quero absolutamente!

Lágrimas sinceras, e fundos suspiros privaram a Delmont de responder; mas apertando a mão de sua infeliz mulher, ele lhe dava com este mudo sinal, a certeza, que se conformaria à sua vontade. Ela não insistiu mais; e voltando-se para Alinska, que pálida e desorientada escutava e via, com hórrido silêncio, quanto se passava:

— Enquanto a vós, senhora, consenti por algum tempo em vigiar sobre minha querida filha; tendes-lhe mostrado alguma amizade; prestai-lhe pois os

vossos cuidados, até ao momento em que vossos interesses vos obriguem a deixar este país; que me reste ao menos, ao deixá-la, a

doce convicção, de que ela não passará da vigilância de uma boa mãe, senão para a de uma verdadeira amiga...

Um penetrante grito, um grito de inexplicável agonia, escapou neste momento do peito de Alinska. Cobrindo o rosto com suas mãos, ela se deixou cair sobre um sofá, parecendo sucumbir ao peso de uma dor secreta. Longe de protestar a Helena, que satisfaria seus desejos, ela se calou, sentindo-se incapaz de se explicar, e de manifestar o terrível mal, que naquele momento a atormentava. Delmont, assustado de a ver em semelhante situação, nem sequer se atrevia a correr em seu socorro; tal era o receio de que ela deixasse escapar uma porção de seus sentimentos: e ele mesmo, que profundo golpe não vinha de receber, ouvindo Helena ordenar à sua rival (ainda que oculta) de a substituir nos seus mais sagrados deveres? Em tudo quanto se passava, não podia deixar de ver um encadeamento de circunstâncias misteriosas, que apesar de suas resoluções, o atraíam invencivelmente para Alinska. Não se atrevia a penetrar nos abismos do futuro; só cogitava em se reconcentrar na profunda dor que então o magoava.

Continuando Alinska a guardar silêncio, julgou *madame* Delmont conveniente repetir a mesma súplica. Então a húngara, levantando-se subitamente, e alçando para o céu seus sombrios olhos:

— Tu assim o queres, ó Providência divina! — exclamou ela. — Poderei acaso, eu que já não existo, lutar contra teus decretos? Sim, aceito a missão, que me fizeste propor por esta desgraçada; eu juro pois, que até à morte serei a vigilante guarda de sua filha.

Apesar do vivo contentamento que esta promessa devia causar a *madame* Delmont, não pôde ela deixar de estremecer secretamente, à vista do modo sinistro com que foi pronunciada. A palavra *morte* parecia vaticinar-lhe alguma terrível catástrofe; mas não se atrevia a dar a conhecer a perturbação que sentia; só se abalançou a dizer, como quem pretendia esconjurar o vaticínio:

— Ao menos não abandoneis a minha Julieta, senão para a entregardes ao esposo que seu pai lhe destinar.

Um desdenhoso sorriso foi tudo quanto Alinska pôde exprimir para manifestar a sua condescendência; nada mais pronunciou! Dali a pouco pediu

licença para se retirar, e a sua ausência se prolongou até depois da segunda visita, que o piedoso cura havia prometido a *madame* Delmont.

Cinco ou seis dias se passaram, durante os quais a infeliz Helena se definhava progressivamente. Em vão lhe eram prodigalizados todos os socorros da arte; mas não puderam lutar por mais tempo contra uma causa terrível e secreta, que devia infalivelmente arrastá-la ao sepulcro! Seu esposo vigiava-a todas as noites, acompanhado de uma enfermeira; e por uma circunstância, na verdade bem singular, em todas essas noites, à mesma hora, sucumbindo ao cansaço e à fadiga, ambos caíam no mais profundo e letárgico sono. Todas as manhãs se queixava a infeliz de maior debilidade, e particularmente a seu esposo, ela continuava a acusar o insaciável demônio, que sorvia, gota a gota, todo o seu sangue! Delmont, desesperado de ver que a razão de sua mulher cada vez mais se desorientava, nem sequer podia já combater a sua fantasia; só lhe respondia pois com lágrimas e com suspiros.

Durante este tempo, não se atreveu Alinska a patentear ao seu amante, quer por um gesto, quer por um olhar, os sentimentos, que de sua alma eram inseparáveis: estava com ele, como se jamais o houvera conhecido! Ele prodigalizava os cuidados mais assíduos a *madame* Delmont; Alinska poucas vezes saía do quarto da enferma, mas ao aproximar-se a noite, ela se retirava ao seu aposento, sem que ninguém mais a visse até ao seguinte dia. Nunca se oferecera para vigiar de noite ao pé da sua amiga; parecia que esta demonstração de amizade era superior às suas forças: Delmont respeitava os seus caprichos; e ele mesmo, reconcentrado na sua dor, só se empregava em dar a Helena as provas mais enérgicas do seu afeto, sem lhe importar que estes testemunhos do seu amor despedaçassem ou não o coração da húngara!

O seu amigo doutor, vinha de vez em quando a Tolosa; tão pouco importunava a intratável estrangeira com seus galanteios; applicava todo o seu desvelo sobre a doença de Helena, cujo momento fatal prognosticou na última visita que lhe fez. A sua presciência não o enganou: os sacramentos da igreja já tinham purificado a alma da infeliz, quando se extinguiu completamente, no momento em que despontava o dia, cuja carreira não vira terminar!... O coronel não se achava naquela ocasião ao lado dela; tinha-se retirado momentaneamente ao seu quarto, onde o eclesiástico, que tinha passado a noite em oração junto da moribunda, o veio dispor para a cruel separação que acabava de efetuar-se!

Não buscaremos descrever as dolorosas comoções, que de tropel se apoderaram do coração de Delmont, quando a verdade lhe foi patenteada.

Arrancado por muitas vezes do inanimado corpo de sua mulher, pelo seu amigo.

Mélervant, que dele se não separava; só quando recebeu em seus braços sua lacrimosa filha, é que o infeliz pôde escutar, não importunas consolações, mas a voz da necessidade, que lhe ordenava submeter-se a um infortúnio irremediável.

Enquanto durou este funesto dia não apareceu Alinska; ninguém a viu em parte alguma; nem junto ao esposo inconsolável, nem junto à menina, a quem havia prometido de servir de mãe. O doutor julgou-se autorizado a procurá-la próximo da noite, no seu aposento, onde talvez carecesse de seus serviços: bateu à porta, e com a permissão que lhe foi dada, penetrou no quarto.

Alinska, embrulhada em seu negro xaile, estava assentada junto da chaminé. Tinha a cabeça encostada sobre uma mesa, e toda a sua figura coberta de longas vestes. Ouviu as palavras de Mélervant, sem procurar encará-lo.

Respondeu-lhe com voz desfalecida e sossegada, que de nada carecia; que não saía do seu quarto, porque em tão grave momento, só a solidão lhe aprazia; que havia de desempenhar a obrigação que contraíra; e que partiria no seguinte dia para o castelo de R ***, onde esperaria por Julieta, para tomar conta dela.

O doutor que esperava receber outra resposta, mostrou alguma admiração, vendo que Alinska não queria acompanhar os restos mortais da sua amiga; mas reconcentrando em sua alma o que pensava a este respeito, limitou-se em perguntar-lhe, se queria que lhe aprontassem uma sege para fazer a jornada.

— Também vos agradeço esse obséquio, senhor — respondeu Alinska, sempre sem olhar para ele. — Já tomei as medidas necessárias para me transportar ao castelo; hei de partir de madrugada; ser-me-ia impossível assistir à cerimónia dolorosa do enterro...

Calou-se: sua constante imobilidade parecia ordenar ao doutor que se retirasse; assim o praticou, admirando sempre as extravagâncias desta jovem criatura! Transmitiu a Delmont o que ela lhe havia dito; este ficou satisfeito que a presença de Alinska não viesse distraí-lo dos sentimentos, que naquela amargurada ocasião deviam ocupá-lo. Dois dias se passaram antes que as autoridades civis e religiosas permitissem, que o corpo da desgraçada Helena se transportasse ao cemitério do distrito de R ***.

Durante este tempo não saiu o coronel do quarto da sua defunta.

Abandonava-se ali à mais profunda melancolia; era em vão que pretendiam

arrancá-lo à sua dor. Informaram-no de que uma sege viera buscar Alinska ao despontar do dia, a qual imediatamente se pusera a caminho. Esta partida o consolou de algum modo, porquanto o aspeto da húngara lhe causava uma comoção tão particular, que quase lhe tirava a faculdade de se entregar livremente a seus pesares. Finalmente, ele mesmo conseguiu sair de Tolosa; conduziu consigo sua filha, seguindo ambos o fúnebre cortejo, cujos melancólicos cânticos lhes inspiravam a mais pungente amargura. O novo cura de R *** concluiu a triste cerimónia, e a desafortunada mãe foi encontrar seu derradeiro asilo junto do caro filho, cuja morte talvez fosse a causa principal do seu fim.

Corramos denso véu sobre as circunstâncias deste sinistro acontecimento!...

Capítulo XXII

Delmont, a quem foi mister a mais heroica coragem para suportar as fúnebres cerimónias, que a igreja costuma celebrar nesse momento fatal, em que se lança no fundo de uma cova um corpo, cujos elementos materiais são formados da mesma terra, se retirou da igreja paroquial, amparado pelo seu amigo doutor. Não quis meter-se de novo na sege para vencer a pequena distância que tinha a percorrer até ao castelo; e abismado na mais entranhável dor, ocultava seu rosto aos curiosos olhares da multidão, atraída por uma pompa tão extraordinária, fúnebre e ao mesmo tempo magnífica. Cada passo que dava, lhe suscitava uma recordação daquela que para sempre havia perdido! A sua comoção aumentou-se ainda mais, quando penetrou na morada, onde por tanto tempo havia gozado a ventura do sossego e da completa satisfação de sua alma.

Subiu rapidamente a escada, como quem queria evadir-se a novas recordações, e abraçando-se com sua filha, quase que ia para lhe perguntar onde estava sua mãe: tal era a perturbação em que seu amargurado espírito se achava!

O doutor, que pela sua qualidade de facultativo tinha ocasião de presenciar muitas vezes cenas de igual natureza, tentou pôr um termo àquela que tinha diante dos olhos, engajando Germana a conduzir Julieta à câmara que lhe era destinada, e onde provavelmente a dama

estrangeira a estaria esperando. O nome de Alinska, inopinadamente pronunciado, despertou um novo sentimento no coração do coronel. Mélerant, que não obrara sem desígnio premeditado, bem quisera conhecer o efeito que suas palavras produziriam sobre o seu amigo; mas uma rápida reflexão salvou Delmont da espécie de laço que lhe era armado: reconheceu, que em tais circunstâncias valia mais não se explicar claramente; e fazendo um esforço sobre si mesmo, parecia escutar com indiferença aquilo que fazia vibrar uma das fibras da sua sensibilidade.

Não colhendo resultado algum deste simulado ataque, não quis o doutor tentar segundo: receava empregar mal o seu tempo, e decidiu-se a reservar esta nova guerra para ocasião que lhe oferecesse maior vantagem. Havia na verdade muito pouca generosidade neste procedimento; mas qual é o homem que seja

superior a si mesmo, quando conhece iminente perigo em suas mais doces afeições? Mélerant estava enamorado; receava com vislumbres de razão, que um rival mais feliz do que ele, se colocasse entre o seu amor, e a mulher a quem adorava.

Qual seria o homem, que nas suas circunstâncias impusesse silêncio ao tumultuar de seus sentimentos, para não faltar às conveniências sociais? Seria difícil de o encontrar; essa maneira de pensar não se acha na natureza humana, que de ordinário se abandona, com mais facilidade ao pendor que as paixões lhe inspiram. O doutor era incapaz de atraiçoar o coronel, de lhe inspirar ciúmes, de lhe causar desconfiança; mas sem se julgar criminoso, não deixava de querer profundar os arcanos de seu coração. Tinha-lhe prometido ficar com ele durante aquele dia; assim o cumpriu. À hora da ceia mandou Alinska prevenir o coronel, que não podia sair do seu quarto, nem tão pouco fixar o dia em que o estado da sua saúde lhe permitisse comparecer.

Esta participação, conquanto desagradável fosse para o doutor, que muito desejava ter ocasião de ver a sua ingrata beldade, não deixava de satisfazer o coronel, que sabia mais que ninguém, até onde poderia levá-lo a sua indomável fraqueza: receava a presença de Alinska, principalmente naquela ocasião, em que a dura morte tinha despedaçado a barreira de bronze que até ali separava os dois amantes. Conhecia que na situação em que se achava, seria muito pouco sensata qualquer expressão que não fosse a do sentimento e da saudade; e cheio de respeito pelas conveniências do dever, e da terna amizade que consagrava à digna mulher que perdera, desejava evitar todas as ocasiões que pudessem obrigá-lo a mostrar-se inferior aos

seus deveres.

A primavera reanimava então a natureza, oferecendo-lhe dias serenos, que tanto contrastavam com a tristura do coronel. Com a seiva uma nova vida parecia renascer por toda a parte; as árvores revestiam-se de verdes folhas, os prados esmaltavam-se de radiosas flores; o ar respirava o mais agradável perfume: os ternos passarinhos, chamando-se reciprocamente por entre as selvas, encetavam seus amores; e o rouxinol com melodioso gorjeio, deleitava os ouvidos do viajante fatigado, e do intrépido caçador, que escondido por entre as brenhas, aguardava paciente a carreira de alguma lebre, que atento espreitava junto do ligeiro galgo. Neste momento em que tudo se reanima, o mesmo homem parece ressentir uma nova existência; seu sangue circula com mais velocidade em suas veias; uma secreta languidez, uma carência imperiosa o impelem às mais gratas e ternas afeições: ele ama, é verdade, em todas as

estações do ano, mas na primavera, ele cede menos ao impulso de sua alma do que aos poderosos desejos de seus sentidos. Delmont sentia, a seu pesar, todas estas agitações inseparáveis do homem, e que ele talvez mais que ninguém, tanto sabia apreciar.

Um mês já era decorrido, e ainda Alinska continuava a guardar no castelo de R *** a mesma solidão, que observava na casa isolada em que habitara. Seu quarto, a exceção dos domésticos que a serviam, era inacessível a todas as pessoas da família. Só Julieta era por ela recebida; mas esta menina, cujo caráter se não conformava com a melancolia, preferia antes correr pelos campos em companhia de Germana e de outras crianças da sua idade, que o acaso lhe deparava: deste modo, à exceção das horas em que Julieta era obrigada a estudar, conservava-se Alinska encerrada, parecendo sempre disposta a não quebrar os votos que provavelmente houvera feito.

Delmont mais de uma vez se sentia disposto a censurar este singular procedimento. Ao princípio receava encontrar-se em presença da sua amante; maldizia depois a pertinácia e obstinação que ela empregava em fugir-lhe; e tanto mais parecia querer evitá-la, quanto mais por um efeito contrário sentia ele a maior impaciência de a ver. Todavia, fossem quais fossem seus desejos a este respeito, não se atrevia ainda a manifestá-los. Passava tristemente os dias; umas vezes entregue à leitura, outras a percorrer os campos: estas digressões o conduziam muitas vezes ao seu passeio favorito, o qual se estendia até à aldeia de Lacroix, sobre as margens do Arriége. Deleitava-se em subir à crista de um pequeno outeiro, que oferecia de todos os lados o golpe de vista mais encantador, vendo desenrolar para a parte do poente imensa

perspetiva, que os olhos se não cansavam de admirar. Muitas vezes folgava Delmont de repousar à porta da antiga e desmoronada igreja de Falgarde. Assentado sobre uma pedra que noutro tempo pertencera a algum sepulcro, dali admirava as riquezas das belas campinas que o cercavam, verdadeiro contraste das ruínas do santo edifício, a cuja sombra se albergava, e que se achavam em completa oposição com a vida animada, que lhe ofereciam as vizinhas cabanas. Ali tudo era triste e silencioso; os sinos que outrora chamavam os fieis a oração, jaziam mudos e despedaçados! A foice do tempo tinha ferido igualmente as paredes da igreja; achavam-se de todo arruinadas, distinguindo-se contudo no meio de tantos estragos, um funéreo escudo, que testemunhava o orgulho assaz impotente, para se perpetuar, quer nos mármore mais duros, quer nos bronzes mais compactos!

Ali, os cultivadores, a quem o amor do interesse ou a precisão de suas famílias tornavam laboriosos, se ocupavam sem descanso, ou na cultura das terras, ou em

vigiar seus numerosos rebanhos: mil brados, canções alegres, anunciavam a presença do homem; por toda a parte admirava-se a maior atividade. Os plainos longínquos viam-se cobertos de bois, arrastando a charrua; e bandos de camponeses, semeando milho, completavam o brilhante colorido daquele quadro. Mas ao passo que o coronel aproximava sua imaginação de tão deliciosa perspetiva, esses mesmos sons, tão gratos a seus ouvidos, pareciam desvanecer-se insensivelmente: profundo silêncio reinava então no cemitério, onde se achava; e esse lúgubre silêncio, que só as aves não sabem respeitar, inspirava em sua alma melancólicas emoções, despertando nela novas e cruéis saudades, pela perda da sua infeliz Helena! Quando estas recordações o magoaram com maior vivacidade, levantou-se precipitadamente; e continuando a sua digressão, ia procurando distrair-se na contemplação de novos objetos, que a natureza lhe oferecia.

Mélervant, enjoado também por não ver a húngara, concebeu enfim a resolução de se explicar francamente com o coronel, cujos sentimentos, a este respeito (como já dissemos) lhe eram suspeitos. Queria saber a inteligência secreta, que poderia existir entre ele, e a estrangeira, para poder deste modo dirigir no futuro a sua conduta: mas muitas vezes viu seus desígnios contrariados por ocorrências particulares, que lhe não permitiam ir ao castelo, quando queria, ou que o encontravam, nesse lugar, com algumas pessoas, diante das quais não lhe era dado encetar com o coronel as conferências que desejava.

Delmont, sem conjecturar esta resolução, também não tinha com o seu amigo a mesma liberdade com que noutro tempo se tratavam.

O doutor, em consequência da morte de *madame* Delmont, tornava-se para ele um rival... seu rival!... era este um nome que ele se envergonhava de pronunciar! E contudo o seu coração, bem a seu pesar, assim o considerava. Um vago pressentimento lhe fazia reear as instâncias que Mélervant podia fazer-lhe: pejava-se a sua delicadeza, do mistério, com o qual era necessário que ele ocultasse os seus sentimentos, se porventura a tanto o constrangessem; e sem dúvida assim aconteceria tão depressa o doutor lhe falasse da constante paixão que o devorava por Alinska.

Delmont, torturado por este modo, raras vezes podia entregar-se ao descanso do sono. Muitas vezes, depois que os moradores do castelo gozavam as doçuras desse deus benfazejo, velava ele no seu aposento, procurando escapar, por meio de suas leituras, ao pesar que suas cruéis reflexões lhe procuravam.

Mas debalde empregava ele esse meio para o conseguir: a imagem de Alinska, a lembrança de Helena, absorviam a sua atenção, e era maquinalmente, que seus olhos se espraíavam sobre palavras, que não era possível gravar em sua memória!

Uma noite, que mais que nunca se achava horripelantemente atormentado por essas penosas recordações, sentiu-se de repente, como fatigado de tanta inação; e para acalmar a efervescência de seu sangue, se resolveu a sair do quarto com o desígnio de se encaminhar ao salão do castelo, e buscar ali algum refrigério.

Tomou a sua lâmpada; e atravessando diferentes salas, chegou finalmente àquela aonde se destinava. Pousou a luz sobre a chaminé; e ajudado pela frouxa claridade, que ela espargia, principiou a passear agitado, no meio duma obscuridade apenas dissipada. Havia já algum tempo que ali se achava, quando sentiu agitar a porta que dava saída para a escada... Para sobressaltado... dali a pouco, essa mesma porta, com força impelida, volta sobre seus eixos, e Alinska se apresenta!... Apenas o coronel pôde reconhecê-la! As negras vestes que a cobriam, confundiam-na com as trevas, que a lâmpada mal podia penetrar! Mas nem por isso a palidez de seu rosto deixava de sobressair com maior expressão: não parecia criatura humana, mas sim uma aparição horrível, caminhando só pelo meio do espaço! A impetuosa imaginação do coronel até lha representou, por um momento, coberta de sangue, e ajudada de denegridas asas! Esta visão desapareceu com a rapidez do relâmpago, não deixando de aterrar e confundir aquele

que a ancorava. Alinska, sem testemunhar a menor surpresa à vista do seu amante, que ao primeiro olhar reconhecera, suspendeu a sua marcha, encostando-se a um velho canapé, como se houvera sentido súbito deslumbramento.

Delmont, pela sua parte, ainda que talvez mais comovido, se aproximou logo da jovem húngara.

— Finalmente — lhe disse ele, — pude com efeito tornar-vos a ver! E o que é mais singular, no mesmo lugar, e à mesma hora, onde me anunciastes a nossa separação! Quanto não é singular semelhante encontro! Devê-lo-ei porventura a um simples acaso?

— É provável que o acaso aqui vos conduzisse — respondeu Alinska, sempre com aquele modo melancólico, que lhe era ordinário. — Mas quanto a mim, que venho respirar todas as noites nesta sala, não vejo mais do que um encontro, que mais cedo ou mais tarde deveria realizar-se.

— Como! pois era este lugar onde vínheis todas as noites? — replicou Delmont. — Quais são os atractivos, que pode oferecer-vos uma sala, que por sua extensão e mau arranjo, só pode inspirar ideias desagradáveis, principalmente quando os raios do dia nela não penetram?

— Pouco me importam, Eduardo, os resplendores do sol, ou o fúnebre aspeto das mais densas trevas. Rio-me de tudo quanto pode intimidar o meu sexo; o susto é para mim um brinquedo, e tal é a fatalidade do meu destino, que só me apraz a solidão, e tudo aquilo, que a massa dos homens mais receia.

— Ai!... Será possível, que nunca mudeis de linguagem? Não abandonareis por uma vez tão sombrias ideias? O passado, cuja recordação é na verdade muito dolorosa, já vai longe; muitas vezes, a mesma marcha dos acontecimentos nos traz consolações forçadas, que devem suavizar as penas, que ao primeiro olhar nos pareciam intermináveis. Não ressentirá o vosso coração estes efeitos?...

— Não: esses efeitos de que falais, apenas resvalam sobre o meu coração; mas sem acharem nele a menor presa. Falais-me do passado; já o desconheço; o presente é unicamente quem me ocupa; acha-se fixado sobre a minha frente; não posso recuar diante dele, e não me é dado encarar o porvir! Sou estacionária no meio das revoluções humanas; e a esperança do miserável, aquela que lhe promete um termo a seus males, é para mim sem prestígio. Que lhe haveis de fazer,

Delmont? Sois vós que tendes designado a sorte da infeliz Alinska; não vos admireis se essa sorte é invariável.

— Quanto mais vos escuto, cruel, tanto mais vossas palavras inexplicáveis dilaceram meu coração. A que terrível desespero vos abandonais! Sereis porventura a única criatura, que não tenha confiança no futuro? Ah! entrai em vós mesma; lisonjeai-vos, de que ainda a vossa situação possa mudar... de que a fortuna nem sempre vos será adversa...

— Poderá ela, Eduardo — replicou Alinska com vivacidade, — arrancar do túmulo a promessa que me fizestes, e que eu ali sepultei?

— A minha promessa! dizeis vós?

— Sim, aquela que assinastes com vosso sangue; aquela que para sempre nos encadeou.

— E é este o momento de me recordar? E quaisquer que fossem meus sentimentos, não vedes acaso o lúgubre vestido que me cobre? Já vos não lembrais do triste acontecimento, que ainda há pouco teve lugar?

— O que eu sei, é que, afetando vós desejar a minha ventura, nunca hesitastes em me cravar no coração um novo punhal; sei que me enganastes indignamente; que sois um covarde... eis aqui quanto me lembra do passado; o que deve esmagar a vossa consciência, e cujos remorsos vos hão de atormentar até à morte.

— Desejei, Alinska, tornar a ver-vos; julguei que me não apresentaria diante de vós, para ouvir vossas cruéis repreensões. Quanto não sois injusta, e quão mal me conheceis!...

Um raio de luz pareceu animar os amortecidos olhos da húngara; seus lábios reprimiram a custo algumas palavras, prestes a escapar-lhes. Seguiu-se um instante de silêncio; e este silêncio não deixava de oferecer-lhe alguns atractivos.

Uma serenidade, que em seu rosto havia muito tempo se não divisava, parecia querer de novo reanimá-lo, quando uma terrível ideia veio destruir de todo este prazer momentâneo. O olhar de Alinska tomou uma expressão medonha e sinistra; pousou a mão sobre o peito, como querendo reprimir as dolorosas palpitações que em seu coração sentia.

— Também eu, Eduardo — disse ela. — Também eu tinha uma imperiosa necessidade de vos tornar a ver. Afigurava-se-me ao ver-vos,

que nos seria fácil voltar a essa época saudosa e abençoada porque ambos hemos passado; e poderei dizer-vos-lo?... Vós poderíeis ainda apresentar-vos a meus olhos, tal qual éreis nessa mesma época; mas a vossa desventurada amante já nada possui de quanto vos deleitava...

— Nesse tempo, Alinska, tão caras me eram as virtudes, que adornavam vosso espírito, como os atrativos sedutores, que aformoseavam a vossa pessoa. O

tempo poderia talvez arrebatara uma pequena porção de vossos encantos; mas teria ele poder para destruir as preciosas qualidades, contra as quais sua foice devastadora se embotaria?

— Nada posso responder-vos; a minha voz seria impotente para o fazer; só posso dizer-vos, que o meu corpo é o mesmo que então era: que só vós ocupastes todas as faculdades da minha alma; e que o vácuo em que me vejo atualmente, nada tem de terrestre. O enjoo em que vivo; este aborrecimento de mim mesma,

provém da eternidade!... Adeus; é necessário que me retire. Não prolonguemos por mais tempo uma entrevista, que só nos deve produzir pesares. Esclarecidos mutuamente, sobre nossos sentimentos, esperemos que a Providência resolva os nossos destinos. Oh! quanto não é pesada a tarefa, de que a sua cólera me encarregou!...

— Sim, como vós, também eu julgo que nada mais nos resta que dizer.

Deixemos correr o tempo; nós nos encontraremos um dia, em que nos possamos regozijar livremente, e então...

— E então ambos marcharemos em linha reta para o sepulcro, único tálamo nupcial que nos aguarda...

— Que horrível predição! Alinska, sois na verdade a mais cruel das mulheres! Acaso não enxergareis no futuro mais do que a morte... um ataúde?...

Alinska nada mais replicou; retirou-se apressadamente; e quando chegou à próxima escada, soltou uma risada tão diabólica, que inspirando a Delmont o mais profundo pavor, lhe pareceu ouvir as gargalhadas de alguma potência infernal!

— Pobre criatura! — disse ele. — Os grandes infortúnios que tem sofrido, transtornaram

suas

faculdades

intelectuais!

As

suas

extravagâncias

desnaturalizaram um caráter tão amável; mas ela se torna mais interessante por suas desventuras, do que outra qualquer, por suas prosperidades. Talvez que ela volte a outras ideias mais justas e razoáveis; talvez que o principal motivo que a reduziu a tão mísero estado, seja o mesmo que restabeleça inteiramente a sua razão...

Ao terminar estas palavras, que no meio da sua agitação havia pronunciado em voz alta, julgou sentir junto a si um fundo suspiro. Voltou-se subitamente para aquele lado, e no canto mais obscuro da sala, apenas enxergou uma figura, vestida de branco, conduzindo uma criança pela mão, com a qual entrara para o salão de visitas...

Delmont, apesar da sua coragem, não pôde deixar de estremecer à vista de tão estranha aparição! A sua mesma imaginação lhe havia desenhado sobre o fantasma, certas feições, que nunca em seu coração se haviam apagado! Hesitou primeiro sobre o que faria; mas lançando mão da lâmpada, se dirigiu logo ao salão... Estava solitário! Só o eco de seus passos precipitados perturbavam o silêncio daquele vasto recinto!... Contudo seus olhos não o

tinham iludido... Voltou ao seu quarto, banhado em suor, e com o coração despedaçado de remorsos!...

Capítulo XXIII

Não era o sono, sem dúvida, que Delmont ia buscar; as mais cruéis ideias o preocupavam, e durante o resto da noite não fez mais do que passear aceleradamente, admirando a espaços, por uma janela, o efeito produzido pela lua sobre a vasta paisagem, que se desenrolava em torno a ele. Em vão pretendia duvidar da realidade da visão, que havia deslumbrado seus olhos; todas as circunstâncias se reuniam, para o convencer de que se não tinha iludido. O

primeiro alvor do dia veio enfim surpreendê-lo em sua fadiga: então menos agitado, sentiu diminuir em seu espírito esse horror, quase invencível, que nos oprime, enquanto reinam as sombras da noite; seu sangue mais refrigerado corria com menos dificuldade, e o seu coração

já não palpitava com essa violência, com que até ali nem sequer lhe permitia resfolegar.

Todas as manhãs vinha Julieta abraçar seu pai: estas carícias, eram para ele uma satisfação misturada de amargura; mas que de modo algum queria dispensar. Naquele mesmo dia veio a menina visitá-lo à hora costumada: porém a sua fisionomia, de ordinário risonha, estava melancólica; e a mais extraordinária palidez se via espalhada sobre suas feições!

— Estás doente, minha filha? — lhe perguntou Delmont, cheio de inquietação.

— Não, meu pai — respondeu ela. — Mas não passei muito bem a noite.

— E porque não dormiste? Segundo as informações de Germana, é esse um dever que cumpres sempre maravilhosamente.

— Oh! papá; de boa vontade vo-lo diria, se ela mesma mo não proibisse.

— Talvez fosse melhor não te questionar; contudo tenho viva curiosidade de saber a causa da tua insónia. Deve ser decerto muito importante, porque teu lindo rosto não se vê hoje adornado das rubras cores, que lhe são tão familiares.

— E prometeis-me de não chorar, se vos disser a verdade?

— Espero ter a força necessária para resistir ao primeiro movimento, no caso de ser trágica a tua narração — replicou Delmont com afetado sorriso, apesar de sentir já em sua alma um certo abalo de susto que o mortificava.

— Pois bem! Sabei que minha querida mãe, e o meu Eugénio, vieram visitar-me!... Demoraram-se comigo quase toda a noite junto ao meu leito, para me defenderem, segundo me diziam, da ferocidade do demónio, que a eles mesmos assassinara, e que devia também ressaciar-se de meu sangue! Tive grande medo quando os vi; mas depois fiquei muito contente e sossegada.

Eugénio parecia tão satisfeito! Minha mãe olhava para mim com tanta ternura!

Prometeram que me não perderiam de vista; e partiram ao romper da manhã, assegurando-me que dali em diante nada tinha que recear.

Falaram-me de muitas coisas; mas acreditareis vós, que nem uma só vez pronunciaram o vosso nome, apesar de lhes dizer quanto vós os pranteáveis?... Quereis saber o que então fizeram? Abanaram ambos a cabeça, e sorriram-se, sem nada me responderem!...

A menina poderia prolongar por muito tempo a sua triste narração, sem que o consternado pai se atrevesse a interrompê-la. Cheio de confusão, atormentado por tudo quanto há de mais terrível e pavoroso, estava mudo, imóvel, petrificado, como se um golpe mortal lhe houvera repassado as entranhas! A incompreensível coincidência que achava no relatório de sua filha, com a visão que havia presenciado, o mergulhava num pélago de reflexões, de onde não podia arrancar-se. Surpreendido pela primeira vez, de um terror supersticioso, para logo se sentiu dominado pelo poder dos prejuízos. Todavia o tempo se passava; Julieta continuava em pé diante dele, esperando que lhe dissesse alguma coisa. Alfim, ele se resolveu a romper o silêncio, e com voz enternecida agradeceu à menina quanto acabava de dizer-lhe.

— Deves, minha filha — lhe disse ele, — considerar este sonho como um benefício do nosso Deus. Foi ele que quis dar-te a conhecer, que tua mãe e teu irmão te vigiam constantemente do alto do céu, para te defenderem contra o demónio, ou para melhor dizer, contra o pecado: eis aqui a explicação dessas palavras que pretendes ter-lhe ouvido.

— Oh! papá; quando eles vieram eu não dormia. Entraram pela porta do meu quarto, que conduz ao salão de visitas. Não me falaram do pecado, mas sim dum espírito maligno, que nos quer perder a todos, e ao qual chamaram um

vampiro. Eu bem sei o que isso é, porque o pobre Raul, antes de morrer, muitas vezes nos contava a história dessa maldita raça: ainda posso repetir-vo-la palavra por palavra... Os *vampiros*, ou duendes...

— Eu a sei melhor do que tu, minha querida — interrompeu Delmont.
—

Foram justamente esses contos, que deveriam ocultar-vos, que albergados ainda na tua imaginação vieram esta noite perturbar o teu descanso. Acredita-me, minha filha; esquece-te do teu sonho, zombariam de ti, se acaso o repetisses; passarias por uma menina medrosa; e se porventura quisesses afirmar que não dormias, chamarte-iam até mentirosa. Enquanto a mim, não duvido da veracidade do que dizes; pareceu-te ver o que realmente não era mais do que uma ilusão: eis aqui tudo. O que te peço é que nada digas a *madame*

Alinska: causar-lhe-ias grande mágoa, e a mim igualmente se acaso me desobedecesses.

— Ficai sossegado a esse respeito, papá; já estava prevenida para que nada lhe dissesse. Eugénio mo recomendou com eficácia; pretende que essa dama é a minha maior inimiga!

Este novo golpe feriu justamente o alvo onde parecia destinado. Delmont, levantando-se logo para recuperar algum alento, despediu sua filha, para que nada mais lhe dissesse que aumentasse o seu penar. Não podia conceber por que singular motivo se haviam reunido no mesmo local tantas circunstâncias extraordinárias; por que fatalidade os erros de um sonho se viam revestidos com as mais brilhantes cores da verdade. Ai!... ele bem sabia que uma madrasta é quase sempre a inimiga declarada dos filhos que não gerara. Seu pai tinha-se casado em segundas núpcias, e a mocidade do coronel foi sempre envenenada por meio de querelas continuadas, de acusações injustas, de tentativas forjadas para o enredar com o autor de seus dias, ou para lhe arrebatara a mais bela porção de seus bens. Pela primeira vez a ideia de dar a sua filha uma madrasta, lhe causou medo! Lembrava-se do prejuízo que causaria a esta inocente, se se ligasse a outra mulher; e a ternura paternal combatia neste momento aquele coração, já por tantos modos torturado!

Foi com a maior surpresa que o coronel viu entrar Alinska à hora de jantar, na sala destinada para aquele fim. Ela afetava contentamento, mas nem por isso deixava de transluzir através dessa forçada alegria o mais reconcentrado despeito. Lançou seus olhares sobre Julieta, com a sombria expressão dum ódio comprimido; mas só se abandonava a este transporte, quando os olhos de Delmont se despregavam de seu rosto. Gracejou a respeito da solidão que até ali

guardara, prometendo que dali avante, longe de afagar seus pesares, buscaria pelo contrário dissipá-los. Fez brilhar por tal arte o seu espírito, reunia naquela ocasião tantas graças e atrativos, que o coronel ao princípio receoso, pouco tardou em ceder à influência que ela desejava exercer sobre ele. O passado, se porventura não pudesse de todo esquecer-se, era pelo menos repellido. Eduardo parecia-lhe ver Alinska nos primeiros dias de sua paixão recíproca: o seu delírio não teve limites, quando ela, tomando a sua harpa que há tanto tempo não tinha interrogado, principiou a cantar com esquisito gosto o seguinte romance, que Delmont outrora tinha ouvido, e que era a expressão dos sentimentos que a húngara se não atrevia a manifestar: patenteava igualmente o embaraço em que se achava na presença de um belo oficial, que colocado pela fortuna em uma situação muito superior à

dela, não parecia destinado a humilhar-se a corresponder ao seu amor.
Eis aqui o

ROMANCE.

Diz-se que uma vez na vida

Sentir-se deve a ternura,

Que ao prazer se segue a pena,

Que há de sorrir-se a ventura.

Jovem da Hungria

Em ti confia...

O mal receio que aprecias tanto

Nesta morada

'Stou descansada:

Mais vale a paz do que de amor o pranto!

É pois verdade que a ternura amante

Ao coração involuntária desce?...

De mim se apossa embriaguez constante,

Nobre francês meu vencedor se oferece.

Jovem da Hungria

Minha alma esfria:

Se me entrego a tão grato sentimento,

Seduz nossa alma,

Mas sua palma

Causar-nos deve enfim cruel tormento.

Amo, e de amar não posso defender-me,

Perco o repouso, perco a alegria:

À fé que inculcas poderei render-me;

Ao teu olhar que é todo simpatia?...

Minha beleza,

Duma francesa,

Não tem o encanto que os mortais enlaça;

Sua ternura,

Sua fé pura,

Ou dão ventura, ou cruel desgraça!

Quando a *bela* estrangeira terminava a última copla do seu romance, o doutor que ninguém aguardava, apresentou-se no castelo.

Surpreendido em ouvir tão harmoniosos cânticos, que porventura não deveriam ressoar debaixo daquelas abóbadas, que o luto não tinha ainda de todo abandonado, suspendeu seus passos no momento de entrar na sala, e um espelho colocado em frente da porta, lhe deu a faculdade de observar quanto ali se passava. Mélervant vinha com a intenção de se explicar com o coronel, a respeito de Alinska; e o que observava naquele momento o dispensava de encetar uma conversação que julgava inútil. Os transportes de Delmont, o relancear de olhos da húngara, aquele acordo tão visível entre dois corações, que partilhavam os mesmos sentimentos; tudo lhe oferecia incontestável prova de que um amor mais antigo, que até ali não acreditava, unia desde muito aqueles dois personagens.

As mais horríveis conjecturas desabrocharam de súbito em seu coração; mas ele as repelia indignado; envergonhava-se delas!... Não lhe era possível duvidar da lealdade do coronel, contudo a fera e sombria Alinska já lhe não inspirava a mesma confiança que até ali. Seus olhos penetravam naquele momento profundos martírios, que o faziam estremecer horrorizado! Entretanto, julgou conveniente apresentar-se, entrando na sala na mesma ocasião em que o coronel, todo transportado de satisfação, pedia a Alinska que cantasse segundo romance.

A sua presença pareceu contrariar a húngara, que passados os primeiros cumprimentos, abandonou a sociedade, retirando-se ao seu quarto.

Delmont, mortificado pela sua retirada, que por assim dizer, o deixava

entregue ao poder do doutor, bem desejara que alguma visita viesse interrompê-

los; nenhuma se apresentou; nem o mesmo Bérneval, que tinha por costume vir todos os dias jogar uma partida de xadrez com o coronel.

O desmancho deste último era visível; inspirava uma espécie de compaixão àquele que o causara: por isso, para de algum modo o terminar, ele mesmo se resolveu a principiar o ataque.

— M. Delmont — lhe disse ele, — sei que sois um homem honrado, e julgo-me com algum direito à vossa estima. Dignai-vos responder com franqueza a uma única frase que vou dirigir-vos: ela nada terá de hostil; servirá apenas para eu regular a minha posterior conduta. Conheceíeis vós a bela

estrangeira, que agita há tanto tempo o meu coração, antes de vir a este distrito?

— Doutor — respondeu o coronel com profunda comoção, — se outro qualquer me interrogasse, responder-lhe-ia com o mais obstinado silêncio; mas conheço quanto sou culpado a vosso respeito; só posso reparar o meu erro, respondendo-vos com a maior lealdade. Alinska foi a primeira mulher que soube inspirar-me verdadeiro amor. Achava-me então na sua pátria; não me foi possível triunfar da sua virtude, e contudo pude esquecer-me dela, apesar de me achar comprometido por meio das mais solenes promessas! Ela nunca renunciou à posse do meu coração; veio procurar-me a França; soube que eu vivia retirado neste distrito; apresentou-se em minha casa sem me prevenir; e enquanto existiu minha infeliz consorte, nunca eu quis alimentar a paixão que tão violentamente a devorava. Eis aqui toda a verdade; juro pelas condecorações dos bravos, que me adornam, a realidade dos factos que acabo de descrever-vos.

— Basta, coronel, não pretendo saber mais; só me pesa que vos não dignásseis de me haver feito há mais tempo esta confidência.

— E podia eu fazê-lo, meu amigo? O segredo dos outros acaso nos pertence? Deveria divulgar o de Alinska? Agora mesmo só a vós o tenho revelado, e a mais ninguém o transmitirei.

— Adeus, M. Delmont, sede feliz, quanto sinceramente vos desejo! Que o futuro possa fazer-vos olvidar todas as desventuras do passado!

Depois destas palavras, retirou-se Mélervant a despeito das vivas instâncias do coronel para o engajar a jantar com ele.

— Não: permiti-me que me ausente; não devo perturbar com a minha presença os sentimentos da estrangeira. Ela estaria constrangida; e eu mesmo não seria satisfeito diante dela. Ainda outra vez, adeus, coronel; recebei, ainda o repito, os sinceros votos que formo pela vossa completa prosperidade.

Tudo era sem dúvida muito natural e conveniente, de quanto dizia o doutor; mas Delmont, apesar disso, julgou surpreender em suas palavras o tipo da mais severa repreensão. Não obstante, ele soube conter-se, repelindo para longe de si quanto o procedimento de seu amigo podia inculcar de ofensivo.

Algumas semanas se passaram depois deste incidente, durante as quais, abandonando-se Delmont gradualmente ao pendor de sua alma, se deixou

dominar de novo pela virgem da Hungria! Esta, ora parecia venturosa deste sentimento, ora se entregava à sua habitual melancolia. Quanto maior era a preponderância que tomava sobre seu antigo amante, mais ela se abandonava aos mais extravagantes caprichos. Sobretudo testemunhava à pobre Julieta a mais extraordinária aversão! Dir-se-ia que a presença desta infeliz menina lhe despertava entranhável pesar. Era em vão que procurava vencer ou dissimular esta singular antipatia; não o podia conseguir; manifestava-se em todas as suas ações; transluzia em todos os seus olhares! Delmont não pôde dissimulá-lo por muito tempo; testemunhou a sua surpresa; não pôde ocultar até o dissabor que esta circunstância lhe causava.

— Oh! Eduardo — lhe dizia a estrangeira; — eu mesma me acuso deste procedimento mais do que podeis imaginar. Conheço quanto é injusto o ódio que consagro a esta amável criatura; mas pode alguém reprimir os impulsos do seu coração? Só eu deveria ser árbitro absoluto daquele que possuis, e tudo quanto pode recordar-me, que outra mulher o dominou, me é aborrecível e insuportável.

O tempo, eu to asseguro, há de tornar-me mais razoável; mas por enquanto não me é dado triunfar de mim mesma. Amando-te mais que nunca, tornei a revestir-me da minha fraqueza humana. Tem compaixão de mim; releva algumas das penas que me atormentam desde o fatal momento em que me abandonaste.

Este discurso entrecortado de suspiros e acompanhado de abundantes lágrimas arteiramente derramadas, acalmaram consideravelmente a agitação do coronel. Julgou necessário desviar para longe daquela que tanto o fascinava, um objeto que se tornava involuntário motivo de

mil desgostos e dissabores; e sem prevenir Alinska, conduziu uma manhã a Tolosa a sua Julieta, metendo-a como pensionista no convento das religiosas de Malta, e lisonjeando-se ao mesmo tempo que esta separação seria momentânea; mas a Providência havia ordenado de outro modo.

A inexplicável Alinska ressentiu viva mágoa pela partida da menina.

— Obrigá-la a sair de vossa casa — disse ela ao coronel, — é o mesmo que violentar-me a sair igualmente. Era por causa dela que aqui me demorava; e uma vez que se separe da vossa companhia, com que pretexto poderei eu continuar a residir junto a vós?

— Com aquele que seria para mim o mais apreciável, Alinska — replicou com ternura o seu amante. — Com aquele que há muito tempo desejava

oferecer-vos, se porventura as leis da civilidade e das conveniências sociais mo não vedassem. Vós já éreis minha quando tive a loucura de levantar entre nós barreira invencível; mas a Providência dignou-se destruí-la... negar-me-eis acaso o cumprimento de um ato que noutro tempo vos teria talvez aditado?

Alinska devia esperar sem dúvida esta declaração; mas ela não pôde ouvi-la sem manifestar a mais viva comoção; parecia como interdita enquanto Delmont lhe falava. Mil diversos sentimentos tumultuavam em sua alma, experimentava ao mesmo tempo a influência da ventura e do desespero; via aproximar o momento em que devia decidir-se a sua existência; conhecia até que ponto deveria levá-la a missão que se lhe oferecia; em seu coração só devia existir o sentimento da vingança; mas o amor que triunfa de tudo quanto vegeta sobre a terra, suprimia uma parte dessas palpitações que o inferno excitava! Pálida e oprimida, assustava-se Alinska com a resposta que ia dar. Era em vão que esse poder absoluto, que a dominava, pretendia impor-lhe silêncio: seus sentidos constituíam-na ainda uma criatura terrestre, dando-lhe por consequência a energia necessária de entrar com pertinácia numa luta tão singular. Portanto, fazendo um esforço sobre si mesma, exclamou por este modo:

— Não, Eduardo, não me faleis de uma cerimónia, à qual noutro tempo ligava toda a felicidade da minha existência. Posso porventura ser hoje vossa, quando não pertenço a mim mesma? Além disso, quais são as vossas preterições? Insensato! que união vos atreveis a desejar? Quereis que vá prostrar-me aos pés dos altares, que para sempre me repeliram? Já vos disse, que banida do templo do Senhor, por uma

terrível maldição, não me é dado penetrar jamais nesse augusto Santuário. Vós julgaríeis que ele nos seria franqueado; mas eu não deixaria de ver sobre o limiar desse majestoso alcáçar, um anjo exterminador, que vossos olhos mortais não poderiam enxergar! Vós me amais, dizeis vós?

Pois bem! dai-me a prova, não me importunando por mais tempo. Acredito na vossa ternura; tanto deve bastar-vos; pela vossa parte não podeis duvidar da minha.

— É porque essa ternura brada ao meu coração, que eu pretendo apossar-me dela. Cruel amante, é tempo de recuperar a vossa razão: não forjeis na vossa imaginação novas quimeras. O suicídio, ainda que não realizado, é aos olhos da Divindade um crime atroz; mas, sendo certo, que todas as faltas são perdoáveis por meio de sincero arrependimento, por que motivo seria a vossa perseguida com inflexível rigor?

— Eis aí como são os homens! Acusam de insensatos todos aqueles que lhe falam daquilo que não compreendem, ou que lhes anunciam verdades, que não podem penetrar! Sabeis porventura, se o momento em que julgais realizar a nossa recíproca felicidade, não seja aquele da nossa eterna separação?... E esta separação, acreditai-o, cobre-me de susto e de horror!... Aqui ainda podemos viver juntos; além (continuou ela, baixando a voz) marcharemos ambos por caminhos diametralmente opostos. Que diria o levita, perante o qual eu fosse ajoelhar?...

— Possuiria ele o dom de adivinhar? — replicou Delmont. — Instruí-lo-iam do crime, que amor vos obrigou a cometer na Hungria?

— Eduardo, Deus marcou com terrível sinal a fronte do fraticida Caim; eu também trago sobre a minha um sinal igualmente formidável; vós não o vedes, é verdade; mas vê-lo-ia o ministro de Deus; e então seria mister separarmo-nos para sempre: tanto aqui como na Hungria, existe uma porção de terra, sempre consagrada e pronta para receber os corpos condenados a dissolverem-se!...

— Pobre criatura! Quanto vos não lastimo! Desse modo vos alucinam os prejuízos da vossa educação; desse modo vos opondes definitivamente à nossa comum felicidade? Mas se tanto receais os rigores da igreja, receareis acaso a união consagrada pelas leis civis?

— Oh! enquanto a essa, pouco se me dá: uma mão sagrada não tocaria a minha...

A estas palavras, que Delmont ouvira com alguma satisfação, nem por isso deixara de lançar um furtivo olhar sobre a luva preta, que constantemente cobria a mão de Alinska: esta extravagância inspirou-lhe súbita curiosidade; mas julgou não o demonstrar; guardou para melhor ocasião satisfazê-la.

— Desse modo consentis em ser minha? Nada mais vos pedirei; mais tarde acabareis de condescender aos meus votos, e então...

Um sorriso melancólico, um balancear de cabeça, que anunciava persistência no que havia dito, foram a única resposta da húngara! Delmont afetou não lhe dar atenção: tudo esperava do tempo, e da força irresistível da sua ternura.

Capítulo XXIV

Antes de conduzir Alinska à presença do administrador civil, quis Delmont deixar decorrer ainda mais alguns meses. Debalde a sua primeira paixão, ateadada de novo com a maior violência, lhe não permitia apreciar a inconveniência de um passo tão precipitado. Um confuso sentimento de seus deveres, ainda o continha, mau grado seu: as virtudes de sua mulher tinham inspirado aos habitantes do distrito a mais completa admiração; as extravagâncias da húngara, por um efeito contrário, não podiam atrair as simpatias desses mesmos habitantes; e era para recluir, que conhecedores das novas núpcias do coronel, se não dessem a esses insultos, disfarçados com o nome de divertimento, com os quais se costuma, nas vilas e aldeias de França, enxovalhar o dia de um segundo noivado [2]. Apesar disso, era necessário que estas considerações tivessem um termo; era mister que o coronel tomasse um partido, e ele se resolveu portanto a falar particularmente ao administrador do distrito. Este cavalheiro, ainda que admirado à vista de tão estranha confidência, nem por isso testemunhou o pesar que ela lhe causava. Em tais ocasiões limitava-se o seu dever em desempenhar as formalidades exigidas pelas leis: a elas se resignou, prometendo a Delmont, que para evitar maior escândalo, ele mesmo iria ao castelo, para celebrar o ato nupcial.

Preenchida esta formalidade, pretendia Delmont, instigado cada vez mais pelo seu amor, que Alinska se constituísse definitivamente sua esposa; e sem nada lhe comunicar, sem mesmo lhe dar motivo para que ela o conjecturasse, passou a entender-se com o cura da paróquia, o qual lhe prometeu, que de bom grado se prestaria a quanto fosse mister para facilitar a união religiosa dos dois amantes. O coronel, cheio de franqueza e de lealdade, não duvidou fazer-lhe ampla confidência de quanto se passava. Declarou o atentado violento, que

Alinska tinha praticado sobre si mesma; os receios religiosos, que por tal motivo a torturavam; o medo que tinha de entrar em uma igreja, de onde lhe parecia, que a cólera divina a expulsava; o susto que lhe causava um ministro da religião, e a necessidade que havia de empregar a maior circunspeção para com uma mulher, cujo espírito se achava enfraquecido pelas desgraças que havia suportado, e pelos prejuízos com que fora educada.

O cura não era felizmente desses homens, que, colocados por suas mesquinhas ideias no centro de um pequeno círculo, nem sabem sequer o meio de sair daquele enredo. Mais esclarecido e conhecedor de quanto lhe cumpria fazer, sabia muito bem que para evitar um escândalo, lhe seria permitido afastar-se das regras ordinárias. Considerava o susto da jovem húngara; os remorsos que sentia, como suficientes holocaustos, para modificar o rigor das leis canónicas: no seu arrependimento via ele quanto era necessário para substituir, ao menos momentaneamente, a revelação exigida no tribunal da penitência. Não fez portanto dificuldade alguma em comprometer-se a ir à meia-noite abençoar, na capela do castelo, o casamento de Alinska com o coronel, uma vez que o administrador civil tivesse cumprido já o seu dever.

Satisfeito, por ter vencido esta dificuldade, voltou Delmont para o lado da sua amante, e aproximando-se dela com ternura, lhe participou, que naquela mesma noite seriam irrevogavelmente unidos. Súbito rubor cobriu sem demora as pálidas faces da *bela* estrangeira; mas ao mesmo tempo tristonha nuvem parecia ofuscar-lhe os olhos: seu corpo tremia convulsamente; viu-se obrigada a encostar-se a uma mesa, que se achava junto a ela!

— Pois já, Eduardo! — exclamou ela. — Já! Sois na verdade muito apressado! Porque não preferistes antes que a nossa ventura se prolongasse por mais algum tempo?

— Acaso pretendo eu destruí-la? Não quero antes assegurá-la para sempre?

A nossa união aprovada solenemente, acaso se não tornará mais doce, mais duradoura?

— Vós assim o julgais, insensato! Semelhais-vos a todos os mortais! Não vedes mais do que o presente; o futuro não vos assusta, porque a vossa imaginação vo-lo apresenta semeado de flores.

— Não há dúvida; assim se me afigura. E por que motivo vos

conservareis sempre mergulhada nessa melancolia, que absorve as faculdades de vossa alma?

Para que viestes procurar-me, sem a esperança de para sempre nos unirmos? Não dizíeis vós que eu vos pertencia? Reconheço agora esses direitos; entrego-me a meu senhor; e vós rejeitareis o que é vosso?

— Oh! enquanto a seres meu, ninguém pode contestá-lo. A promessa traçada com vosso sangue, é mais sólida garantia do que todas essas cerimónias,

que me são indiferentes. Porém satisfeita de vos ver, não posso deixar de encarar com horror a hora, que me dará sobre vós terríveis direitos. Ah! Eduardo, se me acreditas, vai pedir ao magistrado, que não se apresente no castelo: tu não podes imaginar as desgraças que te aguardam, se definitivamente te ligas a mim.

Disse, retirando-se aceleradamente da presença de Delmont, e indo procurar no fundo do seu quarto uma solidão que ninguém se atrevesse a perturbar. O

coronel ficou como interdito, à vista do que acabava de ouvir. Receava o excesso de Alinska, quando se visse em presença do ministro do altar; mas já não era tempo de tomar novo partido; a pedra já se havia soltado; era mister deixá-la terminar a sua carreira.

Eram necessárias duas testemunhas para contratar legítimo matrimónio, quer fosse na presença do administrador civil, quer do cura da paróquia.

Delmont escolheu para esse fim o seu criado, e o mordomo do castelo: como não estavam longe dele, tinha a certeza de os achar prontos no momento em que os precisasse; e por isso, não havia o risco, de que fossem, com indiscreta revelação, despertar a malignidade pública, que já desconfiada, soltava terríveis ameaças, que faziam estremecer o coronel. Este estava resolvido, assim que efetuasse o seu casamento, a dirigir-se logo a Tolosa, com sua nova esposa, e dali a Paris, onde fixaria de novo a sua residência. A habitação de R *** era-lhe já insuportável; trazia-lhe à lembrança terríveis recordações, as quais se tornavam para ele um abismo de tormentos.

Chegou finalmente a noite. Alinska, sempre encerrada no seu quarto, havia testemunhado o desejo de não sair dali, senão no último momento. Delmont, agitado por todas as comoções, capazes de comover o coração humano, vagueava por toda a parte: impetuoso vento soprava horripelmente; penetrava por todos os lados no castelo,

imitando, com seu diverso sibilar, umas vezes os gemidos de um ente sofredor, outras as infernais risadas dos demónios; açoitava com violência as mal reparadas janelas; fazia ranger as portas interiores, que pareciam produzir um lúgubre murmúrio: o seu furor era tão desmedido, que a intrépida alma do coronel ressentia uma espécie de terror. Sentia uma certa opressão, que sem dúvida não era a de alegria; e mais de uma vez, quase se ia convencendo, de que a hora de uma união tão desejada, podia não ser talvez a da ventura!

Em um dos passeios que o coronel dava ao acaso pelo interior do castelo, aproximou-se maquinalmente da sala, onde, naquele momento, se achavam os

seus domésticos em companhia de alguns dos trabalhadores da granja. Falavam entre si da ordem que seu amo lhes havia dado, para que lhe aprontassem a sege à meia-noite. Uns, admiravam-se que ele quisesse sair tão tarde; outros procuravam adivinhar o fim de uma saída tão inopinada.

— Isso não me admira — dizia um dos trabalhadores. — Todos nós sabemos que o coronel há muito tempo que passa as noites em cuidados; e por isso, talvez prefira antes ir passear a estas horas, do que deitar-se na sua cama, para ser ali molestado por sonhos terríveis e por visitas desagradáveis...

— Que é o que dizeis, Pedro? — exclamou Janeta, com voz medrosa.
—

Quais são essas visitas de que falais?

— Falo daquelas, que sua mulher lhe faz todas as noites, depois que morreu. Aí tendes o sineiro da paróquia, o mesmo cura, segundo dizem, e a tia Pernot, que publicamente declaram, que muitas vezes tem visto surgir do sepulcro nossa antiga senhora e ama, chamar por seu filho, que igualmente se levanta do mesmo jazigo, e caminharem ambos direitos ao castelo...

— Isso é uma falsidade abominável — exclamou o criado do coronel, o qual tendo nascido numa grande cidade, não acreditava em semelhantes superstições.

— Não vos enfadeis, sr. Gervásio; não tomeis tanto calor: talvez que antes de pouco vejais também aquilo que os outros têm visto. Estou persuadido de que esta noite também há de ter as suas maravilhas, como as precedentes, porquanto, segundo todos os indícios, julgo que a tal aparição há de ter lugar mais cedo do que de ordinário. Ao voltar

de Souterréne, onde fui buscar alguns pombos, encontrei no caminho a tia Pernot, a qual me disse:

«Pedro, se vais para o castelo, não te esqueças de rezar as tuas orações noturnas; junta-lhe também um *De profundis*, e dois *Pater*, porquanto coisas muito extraordinárias devem ter lugar esta noite. Aqueles que giram pelo meio das trevas, sem medo dos malfeitores, ou das feras danadas, acordaram mais cedo do que era seu costume; o vento que assopra, como jamais ouvi assoprar, os despertou sem dúvida; ainda há pouco os vi passar; caminhavam mais apressados do que de ordinário, como se receassem não chegar a tempo!»

Seria mister a Delmont uma força de alma mais que humana, para que se não aterrorizasse, ouvindo tão estranha narrativa. Seus sentidos consternados lhe

absorviam grande parte da sua energia; e receando ouvir o final da conversação, retirou-se vagarosamente, subindo as escadas. Achava-se já no último degrau, quando sentiu em um dos intervalos de silêncio, que o vento, a espaços, lhe concedia, um pequeno sussurro junto a ele, que parecia emanar de uma respiração difícil. Para subitamente, volta-se... duas figuras brancas passam velozes a seu lado, e com a mesma velocidade ambas se perdem na escuridão das trevas!... Ele as viu distintamente, julgara reconhecê-las; seus joelhos se dobraram; foi-lhe impossível reprimir o seu terror; e caindo sobre o degrau, ficou por muito tempo na mais completa imobilidade. Um grande tumultuar de vozes veio despertá-lo da espécie de quebrantamento em que ficara: reconheceu a fala do administrador municipal. Levantou-se com a maior prontidão, procurando disfarçar o sobressalto em que se achava; adiantou-se para receber aquele que, alguns momentos antes, esperava com tanta ansiedade. A primeira palavra que o administrador lhe dirigiu, foi para lhe perguntar se sentia algum incômodo; tão alteradas haviam ficado suas feições! Delmont respondeu com evasivas, conduzindo logo o magistrado à sala de visitas, onde o deixou um instante, para ir anunciá-lo a Alinska.

Era necessário atravessar toda a parte do castelo, que se estendia para o lado do norte, para chegar ao aposento da húngara; e conquanto tivesse mandado alumiar as diferentes peças que ali conduziam, apenas ao percorrê-las, se atrevia Delmont a levantar os olhos: tal era o receio que tinha de deparar com alguma sinistra aparição!

Alinska estremeceu ao vê-lo, e mais ainda quando ele se explicou. Lançou sobre ele um olhar, no qual se desenhavam tão diversas sensações, que fora impossível descrevê-las. Ela tinha deixado seus

trajos de luto; um vestido branco, sem guarnição alguma, adornava seu talhe majestoso; um simples colar de pérolas, um ramo de flores de laranjeira, entrelaçado em seus cabelos, eram os únicos adornos que trajava. Era na verdade bela, se porventura o pudesse ser; quando suas feições, tomavam ao mesmo tempo, muitas e diversas expressões, e todas elas penosas e repugnantes, quando se contemplavam. Sua boca se contraía, para não oferecer o aspeto de um sorrir sardónico, que nela se divisava a cada momento; seus olhos, quase sempre gelados, brilhavam naquela ocasião de um modo que, decerto, não inculcava nem o prazer, nem o contentamento; mas nada obscurecia a riqueza de suas formas, a elegância de seu talhe, a majestade do seu porte. Alinska era na verdade própria para inspirar os mais vivos desejos; sobretudo, quando a obscuridade do lugar onde se achava, não permitia senão ver furtivamente sua fisionomia, sempre triste e melancólica.

Foi necessário que Delmont lhe repetisse muitas vezes as suas instâncias, para que ela se decidisse a segui-lo. Hesitava de contínuo; queria demorar quanto lhe fosse possível o momento que tanto receava. Suas palavras eram inconsequentes; elas exprimiam um receio continuado de perder a ventura, no mesmo instante em que julgavam para sempre adquiri-la. Contudo a sua resistência teve que ceder: pareceu fazer um esforço sobre si mesma, e alçando ao céu seus olhos e seus braços, ela parecia inculcar, ou que era constrangida a um sacrifício, ou que implorava um perdão, que não esperava alcançar. As testemunhas já esperavam no salão, quando os dois amantes ali entraram. À vista delas e do magistrado, ficou Alinska muito mais perturbada; mas nem por isso deixou de responder, com modéstia, aos cumprimentos que lhe eram dirigidos.

Principiou-se logo a cerimónia; pouco tempo durou, e Delmont viu-se unido irrevogavelmente à sua húngara!...

Todavia o furacão continuava enraivecido, açoitando com fúria insana as paredes e as vidraças do castelo. O magistrado, que desejava retirar-se quanto antes, escusou-se aos rogos de Delmont, que queria que ele se demorasse até ao seguinte dia. Dirigiu à nova esposa insignificantes emboras, que silenciosa os recebeu, retirando-se depois acompanhado das duas testemunhas, que iam esperar numa sala particular, até que de novo fossem chamadas. Gervásio tinha recebido as necessárias instruções de seu amo: devia introduzir na capela não só o cura, mas também o mordomo; e prevenir depois o coronel (com o pretexto de ir receber as suas ordens), de que tudo se achava pronto para a bênção nupcial.

Alinska, que tinha ficado a sós com o coronel, nem por isso se achava menos alterada. Seu seio agitado arfava com violência; seus movimentos eram constrangidos; lançava ao acaso seus olhares; mas sobretudo, cada vez que seu esposo se aproximava dela, um convulsivo tremor a oprimia; aumentava-se a sua palidez, e estendia seus braços como quem pretendia repelir aquele, pelo qual seu coração tanto palpitava. Delmont observava os terríveis combates, que pareciam despedaçar o coração de sua amante. Partilhava os seus males; mas esperava também que o tempo, e a intimidade que dali em diante os ligaria, a restituíriam finalmente ao seu estado natural. Tentava, por meio das mais doces palavras, diminuir o terror que a dominava; porém os seus esforços eram sem resultado; a perturbação da húngara continuava do mesmo modo; proferia palavras incoerentes; ora exprimiam o delírio de um amor violento; ora vaticinavam as mais sinistras vinganças; invocavam a clemência do céu; repeliam finalmente os castigos do inferno!

Esta situação era demasiado penosa, para que durasse muito tempo. Ela recordava ao coronel, de um modo assaz importuno, o que tanto o havia atemorizado quando meia-noite soara; e foi nesta ocasião que Germano se apresentou na sala. Ao seu aspeto, Delmont se dirigiu ao pé de Alinska, para lhe dizer:

— Vamos, querida amiga; mais um bocadinho de coragem, e tudo será terminado; vinde; é mister que partamos antes da uma hora; ainda nos resta um dever a cumprir. É necessário que passemos a outra sala.

— E haverá alguma — respondeu Alinska com voz sinistra; — Haverá alguma, Delmont, onde me seja possível encontrar o repouso? Podereis vós indicar-me um só lugar, onde essa fatal mulher me não persiga?

— Que mulher! — exclamou o coronel com vivacidade. — De quem falais vós?

— E acaso pretendeis ignorá-lo? Não se ofereceu ela também a vossos olhos? Que me querará ela, sempre acompanhada dessa criança, que caminha de contínuo a seu lado?... Acaso será culpa minha se uma terceira criatura a não acompanha? Por que razão se opôs ela a que eu cumprisse completamente a minha missão? Ela bem sabe que não devemos encontrar-nos mais; ela há de habitar lá em cima; eu hei de sofrer cá em baixo!...

— Em nome do nosso amor, Alinska, recuperai as vossas faculdades; vós me constituís o mais desgraçado dos homens. Que pretendeis vós?

Que é o que tendes?

— Tenho sede... grande sede!!

— É muito fácil contentar-vos.

— Não são refrescos que pretendo! Careço de sangue!... de sangue, Eduardo!... do teu sangue!!...

— Oh! desventurada mulher! Acaso ter-vos-á abandonado a vossa razão?

Entrai em vós mesma; esquecei-vos do passado; lembrai-vos que somos um do outro, que uma carreira de ventura se abre diante de nós...

— Três passos são apenas suficientes, para interpor essa carreira, que tão

ditosa vos parece; e ao cabo dela, não encontrarei eu o frio ataúde onde já repousei?

— Não quero mais escutar-vos; vinde; resta-nos a cumprir o último dever.

Disse, e cingindo-lhe a cintura com um de seus braços, a conduziu rapidamente à capela, sem poder vedar os retumbantes gritos que ela soltava, que pareciam harmonizar perfeitamente com o bramido da tempestade.

— Eduardo! Eduardo! Acaso me quererás assassinar duas vezes? Já estás fatigado da tua pobre companheira? Nem sequer a deixas respirar a alva matutina? Queres separar-te dela para sempre?

— Não é esse o meu desígnio, Alinska; quero ao contrário, tornar indissolúveis os laços que já nos prendem; quero que ninguém, neste mundo, possa separar-nos.

— A morte!... A morte!... Oh! quanto ela é dolorosa!... E tu, meu Eduardo, deverás também morrer? Sim, tu me pertences; entregaste-te de novo ao meu domínio, e a minha terrível missão está prestes a terminar...

No meio das fúrias deste inexplicável delírio, conseguiu o coronel arrastá-la até à capela, onde chegou quase sem sentidos. Um grito ainda mais terrível lhe escapou do peito, quando o altar iluminado, e

o padre com hábitos sacerdotais, se ofereceram a seus olhos!

— Oh! Providência! Oh! destino! — exclamou ela, debulhada em lágrimas.

— Pela vez primeira me vejo obrigada a ceder ao vosso ascendente... a minha ruína é inevitável!...

Delmont, apesar do estado de exasperação em que via Alinska, quase a obrigou a força a ajoelhar. Ela não resistiu; soluçava, derramava copioso pranto; suas feições, já tão alteradas, acabaram de decompor-se; e as palpitações violentas de seu seio cessaram inopinadamente! Um delgado fio parecia sustentar ainda aquela existência, prestes a evaporar-se. Continuava a cerimónia; acabava de benzer-se o anel nupcial; o padre o entrega ao esposo, para que o passe ao dedo de sua mulher: a mão desta achava-se calçada com uma luva, como já dissemos; o coronel, por um rápido movimento, arranca-lhe a luva, sem que ela pudesse preveni-lo; e a hedionda e descarnada mão de um esqueleto se oferece aos espavoridos olhos do coronel e do padre!...

As testemunhas deste horrível espetáculo soltam ao mesmo tempo uma exclamação de pavor. O ministro do altar recua cheio de assombro e de confusão!

— Demónio! — bradou ele. — Em nome do Deus Criador, eu te conjuro que te dês a conhecer...

Esta ordem já não podia ser executada; o cadáver da húngara tinha caído sobre o pavimento; e de três feridas, novamente abertas, se extravasavam torrentes de um sangue negro, impuro, e corrompido!...

FIM

Notas

[1] Jogos em honra de Flora.

[2] *Charivari*; é o nome que dão a estes divertimentos, que consistem em concorrer de noite à porta dos noivos, onde lhes dão uma estrepitosa serenata de chocalhos, trombetas desafinadas caçarolas, tangidas por martelos, assobios, etc, etc.

(O tradutor).

Ficha técnica

Título: *A virgem da Hungria, ou a mulher vampiro.*

Título Original: *Le vampire, ou la Vierge de Hongrie* **Autor:** Étienne Léon de Lamothe-Langon (1824).

Capa: Pormenor do «Retrato da senhora Mazet» de József Rippl-Rónai.

Edição digital: (zero papel), 2.^a edição, novembro de 2012.

Ortografia usada: Variante europeia. Em conformidade com o acordo ortográfico da língua portuguesa de 16 de dezembro de 1990.

Table of Contents

Folha de Rosto

Dedicatória

Introdução

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

Capítulo IV

Capítulo V

Capítulo VI

Capítulo VII

Capítulo VIII

Capítulo IX

Capítulo X

Capítulo XI

Capítulo XII

Capítulo XIII

Capítulo XIV

Capítulo XV

Capítulo XVI

Capítulo XVII

Capítulo XVIII

Capítulo XIX

Capítulo XX

Capítulo XXI

Capítulo XXII

Capítulo XXIII

Capítulo XXIV

Document Outline

- [Folha de Rosto](#)
- [Dedicatória](#)
- [Introdução](#)
- [Capítulo I](#)
- [Capítulo II](#)
- [Capítulo III](#)
- [Capítulo IV](#)
- [Capítulo V](#)
- [Capítulo VI](#)
- [Capítulo VII](#)
- [Capítulo VIII](#)
- [Capítulo IX](#)
- [Capítulo X](#)
- [Capítulo XI](#)
- [Capítulo XII](#)
- [Capítulo XIII](#)
- [Capítulo XIV](#)
- [Capítulo XV](#)
- [Capítulo XVI](#)
- [Capítulo XVII](#)
- [Capítulo XVIII](#)
- [Capítulo XIX](#)
- [Capítulo XX](#)
- [Capítulo XXI](#)
- [Capítulo XXII](#)
- [Capítulo XXIII](#)
- [Capítulo XXIV](#)